

51802

4p

MOD. 36540

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

O IMAGINÁRIO DAS ÁGUAS, EROS E A CRIANÇA

Autora:

Cláudia Maria Ribeiro Andrade

Orientadora:

Profa. Dra. Ana Maria Faccioli de Camargo

Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida por *Cláudia Maria Ribeiro Andrade* e aprovada pela Comissão Julgadora

Data: 13/02/2001

Assinatura:

Dra. Ana Maria Faccioli de Camargo

Comissão Julgadora:

Ana Lucia S. de Faria

Luiz Roberto de Lencastre



Campinas
2001

BIBLIOTECA CENTRAL

UFLA
N.º CLAS. T. 155.31

AND

ima

N.º REGISTRO 51802

CAT. 28 / 06 / 01

**CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP
Bibliotecário**

An24i Andrade, Cláudia Maria Ribeiro.
O Imaginário da Água, Eros e a Criança / Cláudia Maria Ribeiro
Andrade. -- Campinas, SP : [s.n.], 2001.

Orientador : Ana Maria Faccioli de Camargo.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Educação.

1. Infância. 2. Crianças - Erotismo. 3. Imaginário. 4. Crianças
Sexo (Psicologia). I. Camargo, Ana Maria Faccioli de. II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

*A Geraldo Ribeiro e Terezinha – pai e mãe,
intensamente presentes na ausência.
Ataulpa, Régis e Talita,
presenças queridas
em diferentes dimensões.
Tina, Sandra e Tatinha
– presenças irmãs.*

AGRADECIMENTOS

A você que compartilhou conosco sua proximidade com a água na infância.

À minha orientadora, pela flexibilidade e competência com que orientou todo o processo de constituição deste trabalho.

Ao Professor Joaquim Brasil Fontes que, com tanta sabedoria, acolheu minhas dúvidas e possibilitou profundos mergulhos nas águas imaginantes e no decifrar de enigmas.

Às professoras Margareth Rago, Ana Goulart de Faria, Ana Luiza Smolka pelos valiosos momentos de interlocução.

A você que facilitou as inúmeras dificuldades no decorrer desse percurso e que foram decisivas para entretecer estudos (leia-se: borbulhar de idéias), cama, mesa, banho e transporte: Carol, Vânia, Paulinho, Liliane, Fabiano, Duda, Tina, Sandra, Tata, Telma, Dinara, Lucinha, Marta, Alaíde, Bete Cruz, Sheyla, Maeve, Nina, Denise, Waldir, as moças da Gardênia, equipe da Fundação Pró-Defesa Ambiental (especialmente Paulinho e Hélder), Ivonilde, Walderez, Renata, Todinha.

A Maria Helena (Lena) pelo competente trabalho de revisão do texto.

A Nadir e Rita pela atenção e auxílio nos procedimentos burocráticos do programa.

*“Aproveitar todas as profundidades,
compreender que a perspectiva é solidária de uma dinâmica do olho,
que nada é fixo para aquele que alternadamente
pensa e sonha”*
Bachelard

RESUMO

Ao mergulhar no Imaginário das Águas – nas representações, nas crenças e nos desejos, borbulhantes na cultura ocidental, problematizei o enigma que se constitui o desejo erótico da criança.

As águas persistem na imaginação das pessoas e perpassam temas tais como fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência; sagrado e profano, pureza e impureza, agitação e calma, prazer e mortificação, feminino e masculino, úmido e seco, vida e morte, criação e destruição. Estes são temas pertinentes à História das Civilizações e das Religiões, à Lingüística, à Antropologia, à Psicologia, à Medicina, dentre outras, que buscam estudar as estruturas do imaginário.

Na dinâmica da intertextualidade constituí um itinerário temático que nomeia os capítulos da tese: Polifonia de Sentidos. O Mito de Proteu; Purificação; Os Banhos; Água - Cúmplice no Aprendizado Erótico do Corpo; Crianceria; Iniciação; O Imaginário das Águas e o Enigma da Sexualidade da Criança.

Para compor esse itinerário entreteci as idéias do filósofo Bachelard e vários textos acadêmicos contendo contribuições de historiadores, de estudiosos da infância, de mitos, e obras de pintores; também filmes que trazem personagens/crianças e seus desejos eróticos e depoimentos de adolescentes e adultos recordando sua proximidade com a água na infância.

O adulto ainda exercita a violência de um poderoso olhar diante do desejo erótico da criança que dribla esse poder constituindo suas linhas de fuga. A proximidade com a água pode favorecer o olhar da criança para si mesma e para o outro, facilitando suas descobertas sexuais, propiciando brincadeiras e prazer sensual.

ABSTRACT

By diving into the Waters of the Imaginary – representations, beliefs, and desires, bubbling around the western culture, I questioned the enigma that forms the child erotic desire.

The waters keep on the people's imaginary and go by themes such as the water being the source of life, a form of purification, regenerative center; sacred and profane, purity and impurity, turmoil and lull, pleasure and mortification, feminine and masculine, damp and dry, life and death, creation and destruction. These are themes concerning to the History of Civilizations and Religions, Linguistics, Anthropology, Psychology, Medicine, among others, that seek to study the structures of the imaginary.

The dynamic of interweaving texts forms the thematic itinerary that names the thesis chapters: Polyphony of the Senses. The Myth of Proteus; Purification; The Baths; Water – Accomplice in the Erotic Learning of the Body; Childhood; Initiation, the Imaginary of the Waters and the Enigma of Child Sexuality.

To compose this itinerary I interwove the ideas of philosopher Bachelard and various academic texts including contributions from historians, studios of the infant period, myths, and painters' work of art; as well as films that bring along child/characters and their erotic desires, and depositions of adolescents and adults recollecting their nearness to water during childhood.

The adult still exercises the violence of a powerful look before the erotic desire of the child that dribbles this power by building up its routes of escape. The nearness to the water might favor the look of the child at itself and the other, making easier its sexual findings, propitiating lark and sensual pleasure.

SUMÁRIO

Introdução - Polifonia de Sentidos. O Mito de Proteu.....	01
O princípio-água.....	04
Os quatro elementos: hormônios da imaginação.....	08
O imaginário das águas.....	15
Capítulo I – Purificação.....	19
“A água lava as mazelas do mundo”.....	30
A água lustral.....	33
Capítulo II - Os banhos.....	36
Nudez festiva.....	37
Libido e castidade.....	42
Segredo e violação.....	46
A esfera do íntimo.....	78
(Des)prazer dos sentidos.....	96
Capítulo III - Água: cúmplice no aprendizado erótico do corpo.....	102
Capítulo IV – Crianceria.....	130
As crianças e as brincadeiras sexuais dos adultos.....	135
A pedagogização do sexo da criança.....	140
Devir-criança.....	145
Capítulo V – Iniciação.....	152
O despertar sexual no encontro das crianças.....	157
Sentimento de Vergonha.....	171
Segredo.....	175
Abundância/escassez de sentimentos e de água.....	177
Transgressão.....	188
Diferentes desejos.....	192
Intensidade.....	200
As descobertas na dinâmica interativa.....	206
(In)conclusão - O imaginário das águas e o enigma da sexualidade da criança.....	213
Bibliografia.....	219

FIGURAS

Figura 1 - <i>À Beira da Água</i> – Claude Monet (1868).....	13
Figura 2 - <i>O Baptismo de Cristo</i> - Piero della Francesca (1440-45).....	25
Figura 3 - <i>Batismo dos Reconvertidos</i> - Masaccio (1425).....	27
Figura 4 – <i>Susana no Banho Surpreendida por Dois Velhos</i> - Rembrandt (1647).....	51
Figura 5 – <i>Susana no Banho</i> - Tintoretto	53
Figura 6 – <i>Susana no Banho</i> - Leandro Bassano (1592).....	55
Figura 7 – <i>Betsabá e a Carta do Rei David</i> – Rembrandt (1654).....	57
Figura 8 – <i>Uma Mulher no Banho</i> – Jean-Baptiste Pater	59
Figura 9 – <i>Diferentes Maneiras de Banhar-se</i> – Johannes Stumpf (1586).....	70
Figura 10 – <i>Desenho em Manuscrito do fim do século XV</i>.....	72
Figura 11 – <i>Jardim das Delícias</i> – Bosch.....	76
Figura 12 – <i>Raparigas Banhando-se</i> - Bernardo Luini (1518).....	82
Figura 13 – <i>O Banho das Ninfas</i> - Palma il Vecchio (1525).....	84
Figura 14 – <i>Mulher na Toaleta</i> – Benjamim-Eugène Fichel (1891).....	86
Figura 15 - <i>A Banheira</i> – Alfred Stevens.....	92
Figura 16 – <i>Mulher no Banho</i> (Paris – Biblioteca Nacional).....	94
Figura 17 – <i>La Grenouillère</i> – Claude Monet (1869).....	111
Figura 18 – <i>La Grenouillère</i> – Miranda.....	113
Figura 19 – <i>La Grenouillère</i> – Antony Morlon (1880-90).....	115
Figura 20 – <i>A Confissão</i> – Vicente Palmaroli.....	117
Figura 21 – <i>Vamos Alegremente</i> – Jules Scalbert (1892).....	119
Figura 22 – <i>A Toaleta ou Nu no Espelho</i> – Pierre Bonnard.....	127
Figura 23 – <i>Hendrickje Banhando-se num Rio</i> – Rembrandt (1654).....	150
Figura 24 – <i>O Nascimento de Vênus</i> – Sandro Botticelli (1485).....	184

Introdução

POLIFONIA DE SENTIDOS. O MITO DE PROTEU

*Método, Método, que queres de mim?
Bem sabes que comi do fruto do inconsciente*
Jules Laforgue,
Moralités légendaires,
Mercure de France, p. 24

Proteu, um dos deuses secundários do mar, era, na Odisséia, o encarregado de conduzir rebanhos de focas, tendo a propriedade de transformar-se naquilo que desejasse; não só em um animal como também nos elementos, tais como a água e o fogo, tornou-se o símbolo do inconsciente, que se manifesta sob milhares de formas, sem jamais responder com precisão exprimindo-se apenas por enigmas. Possuindo o dom da profecia, recusava-se a aconselhar os mortais que o interrogavam. A ninfa Idótea assim o descreve a Menelau:

“esta ilha é freqüentada por um dos Velhos do Mar: o imortal Proteu, o profeta do Egito, que conhece, de todo o mar, os abismos; vassalo de Posêidon, ele é, dizem, meu pai, aquele que me gerou... Ah! Se pudesses pegá-lo em uma emboscada: ... ele te diria o caminho, o comprimento dos trajetos e como retornar pelo mar dos peixes; se tu o desejas, ele te dirá ainda, ó filho de Zeus, tudo aquilo que em teu lar possa ter acontecido de males e de felicidades... Ele vai querer escapar, tomar todas as formas; transformar-se-á em tudo o que se arrasta pela terra, em água, em fogo divino... (Odisséia, IV, v. 384-418. In: CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 747: 1998)

O Imaginário das Águas, Eros e Criança também pressupõe diversidade de formas de se expressar; polifonia de vozes. Nascentes que se misturam para constituir intensos percursos, borbulhando enigmas de olhares, inscritos numa intertextualidade

feita de cesuras e passagens, possuindo liquidez, escorrendo como água itinerante de significações.

As águas persistem na imaginação das pessoas e perpassam temas dominantes e contraditórios: fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência; sagrado e profano, pureza e impureza, agitação e calma, prazer e mortificação, feminino e masculino, úmido e seco, vida e morte, criação e destruição.

Estes são temas pertinentes à História das Civilizações e das Religiões, à Linguística, à Antropologia, à Psicologia, à Medicina, dentre outras, que buscam estudar as estruturas do imaginário e a função simbolizante da imaginação.

Mares, oceanos, lagos, lagoas, fontes, cachoeiras, poços, córregos, ondas, rios, chuvas, nascentes... a água inspira a imaginação. Ao escolher um itinerário temático – Polifonia de Sentidos. O Mito de Proteu, Purificação, Os Banhos, Água: cúmplice no aprendizado erótico do corpo, Crianceria, Iniciação, O Imaginário das Águas e o Enigma da Sexualidade da Criança – tudo isso transversalizado por Eros, não pude dizer todas as riquezas do imaginário das águas nem do desejo erótico da criança. Para compor esse itinerário entreteci parte do referencial de Bachelard contido nos livros *A Filosofia do Não e a Poética do Espaço* (1978), *O Direito de Sonhar* (1985), *A Poética do Devaneio* (1988), *O Ar e os Sonhos. Ensaio sobre a Imaginação do Movimento* (1990), *A Terra e os Devaneios da Vontade. Ensaio sobre a Imaginação das Forças* (1991), *A Dialética da Duração* (1994), *A Formação do Espírito Científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento* (1996), *O Novo Espírito Científico* (1996), *A Água e os Sonhos: ensaio sobre a Imaginação da Matéria* (1998) e *A Psicanálise do Fogo* (1999). Entreteci essas idéias, as de Mircea Eliade (1996, 1999), Gilbert Durand (1997) e muitos outros textos acadêmicos que possibilitaram navegar em meio às contradições do Imaginário das Águas e do Erotismo da Criança. Pesquisei a obra de pintores tais como Rembrandt, Tintoretto, Bassano, Botticelli, Bosch, Monet, dentre outros que, como também em filmes pesquisados, estão encharcados de metáforas líquidas. Nos filmes: *Minha Vida em Cor de Rosa* (Alain Berliner), *A Ostra e o Vento* (Walter Lima Jr.), *A Teta e a Lua* (Bigas Lunas), *Inocente Malícia* (Hrafn Gunnlaugsson) borbulham o erotismo das crianças, emergindo seus desejos sensuais.

Entreteci, então, esses textos com depoimentos de adolescentes e adultos¹ recordando sua proximidade com água na infância.

Nesta dinâmica de diferentes formas textuais que se entrecruzam a água brota como um símbolo de contradições². Pensá-la para além das oposições, problematizando³ o erotismo da criança fez-me mergulhar numa catadupa de perguntas: no processo de civilização ocidental de que forma a água perpassou as transformações da relação dos seres humanos com o seu corpo? Existe uma relação entre água e Eros? A água inspira o aprendizado erótico do corpo? A espontaneidade da sensualidade é possibilitada pelo contato com a água? O contato com esse elemento permite que se desfrute com mais intensidade os sentidos? A proximidade com a água possibilita a

¹ Adolescentes e adultos pertencentes ao MAB – Movimento de Adolescentes Brasileiros. O MAB é uma rede formada por grupos de adolescentes, jovens, educadores e educadoras, de diversas áreas de atuação profissional, comprometidos com a cidadania através de projetos, programas e/ou ações na comunidade. O MAB organiza encontros entre os grupos que compõem a rede e grupos convidados. Os depoimentos foram colhidos no transcorrer do IX Encontro Nacional de Adolescentes realizado em Porto Alegre - RS, no período de 29/10 à 02/11/1999 e na reunião prévia ao X Encontro Nacional de Adolescentes realizada em Salvador – Ba, no período de 8 a 12/3/2000. Depoimentos de professores e professoras alfabetizadores do Programa “Alfabetização Solidária”. Convênio Universidade Federal de Lavras/Programa Alfabetização Solidária/Prefeituras dos municípios de Marcação, Lucena, Serra Redonda, Mataraca, Caiçara (Paraíba). Depoimentos colhidos em fevereiro de 2000.

² Cf. FONTES, Joaquim Brasil. *A Musa Adolescente*. São Paulo: Iluminuras, 1998. “São duas criaturas numa tina de madeira quadrada. A menina, que parece ter uns dez anos de idade, pousa obliquamente nos braços da mulher, nas águas e no retângulo da foto: é um monstruoso bebê, uma coisa entre o humano e o habitante das profundezas marinhas, um anfíbio disforme, torto, confuso; um peixe derivando para o vegetal; um vegetal entregue à podridão que lhe ramifica os membros. Os olhos da criança se voltam para o alto: para um deus funesto, surdo, impotente como ela mesma. “Tomoko no banho” é a legenda. Alguns amigos do fotógrafo W. Eugene Smith o levaram até uma aldeia situada junto a águas marítimas devastadas pela poluição mercurial, no Japão; ali ele conheceu as vítimas da peste industrial; fotografou ali – ele nos conta ter chorado no momento – a menina nascida da espuma maléfica; e colheu sua imagem no momento em que a mãe lhe dava um banho: “ela amparou a filha e lavou-a primeiramente fora da banheira, como de hábito entre os japoneses; depois colocou-a na água”. Colocou-a na água. Colocou-a também na trama dos sentidos, esse quinto *elemento* que nos enreda: a água é a vida; Mãe e Filha encenam para nós uma *Pietà*: e existe algo de sinistro no teu choro, amigo. [...] O banho mercurial! Há algo de sinistro no teu choro, amigo. *Solue et coagula*, dizem os textos antigos; mas o mercúrio desta história só dispõe da força que dissolve e desagrega; é o *dragão monstruoso* que tudo devora, a água que dá arrepios, o pressentimento do fim. O mercúrio da história contada pela imagem fotográfica gerou uma Vênus demoníaca e estéril, um ser que nasceu para nada; e a Mãe a deposita em águas lustrais – em vão. Em vão! Nada nos pode lavar do malefício criado pelo próprio homem”. (p. 179/180).

³ Cf. DIAS, Souza. *Lógica do Acontecimento. Deleuze e a Filosofia*. Porto, Portugal. Edições Afrontamento. 1995. “Pensar é criar e criar é problematizar, mas problematizar não significa responder a uma questão, mas determinar e co-adaptar os dados e as incógnitas do problema, desenvolver o mais completamente possível esses elementos em vias de determinação, encontrar os casos de solução correspondentes a esse desenvolvimento (...) redistribuir os dados, forçar sempre novos lances, o relançamento sucessivo de hipóteses mais livres, mais alegres, de existência” (p. 79; 152).

transgressão? As fantasias são liberadas no contato com o elemento água? A água ultrapassa a racionalidade envolvendo inconscientemente pensamentos eróticos, fantasias, borbulhando nos mitos sexuais, nas lendas, nas artes?

O princípio-água

Tales⁴ de Mileto considerou a existência de um princípio único, causa de todas as coisas – a água. Para ele o princípio-água contrapunha-se ao caos hesiodiano e a qualquer princípio mítico. Para o autor, tal princípio não se atinha a representações extraídas da imaginação, ou a figurações fantástico-poéticas tais como Oceano, Tétis e Estige. As proposições de Tales fundavam-se sobre o *lógos* pressupondo o nascimento da própria filosofia. Aristóteles fala do significado de “princípio”:

“a) fonte ou origem das coisas, b) foz ou termo último das coisas, c) permanente sustento (substância, diremos com um termo posterior) das coisas. Em suma, o “princípio” é aquilo do qual as coisas vêm, aquilo pelo que são, aquilo no qual terminam. Tal princípio foi denominado com propriedade por esses primeiros filósofos (senão pelo próprio Tales) de physis, palavra que não significa “natureza” no sentido moderno do termo, mas realidade primeira, originária e fundamental; significa, como foi bem assinalado, “que é primário, fundamental e persistente, em oposição ao que é secundário, derivado e transitório” (in: REALE, 1993: p. 48).

Para Tales, o princípio-água contrapunha-se ao princípio mítico no entanto as águas imaginárias transbordaram de significações e simbologias no universo cultural do ser humano:

“Nessa época de convulsões sociais e mudanças drásticas é importante sabermos mais a respeito do ser humano, pois muito depende das suas qualidades mentais e morais. Para observarmos as coisas na sua justa perspectiva precisamos, porém, entender tanto o passado do homem quanto o seu

⁴ Cf. REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga. Vol. I: Das Origens a Sócrates*. Tradução: Marcelo Perini, 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola. 1993. “Provavelmente não nos enganamos situando a atividade de Tales na primeira metade do século VI. Foi, além de filósofo e cientista, destacado político” (p. 47).

presente. Daí a importância essencial de compreendermos mitos e símbolos” (JUNG, [s.d.]: p. 58).

As imagens, os símbolos e os mitos revelam o mais íntimo das pessoas. O pensamento simbólico é consubstancial ao ser humano precedendo a linguagem e a razão discursiva (ELIADE, 1996).

Tudo pode assumir uma significação simbólica representando sentimentos e emoções, juntando Matéria e Sentido: pedras, plantas, animais, lua, sol, vento, água... O ato humano de olhar com os olhos de uma determinada cultura torna o rio, a lagoa, o mar, a cachoeira algo mais do que uma paisagem:

“esta relação do self com a natureza à sua volta e mesmo com o cosmos vem, provavelmente, do fato de o “átomo nuclear” da nossa psique estar, de certo modo, interligado ao mundo inteiro, tanto interior como exteriormente [...] De um modo que foge completamente à nossa compreensão, o nosso inconsciente também está sintonizado com o nosso meio ambiente – nosso grupo, a sociedade em geral e, além de tudo, com o contínuo espaço-tempo e a natureza no seu todo” (JUNG et al., [s.d.]: p. 207/208).

Os elementos água, terra, ar e fogo constituem as quatro raízes ou elementos primordiais que Empédocles⁵ de Agrigento apontava como as quatro grandes províncias-matrizes do cosmos:

*“Saiba, pois, primeiramente que quatro são as raízes de todas as coisas,
Zeus candente, Hera vivificadora e Aidoneus
E Netis que de suas lágrimas destina a fonte mortal” (In: REALE, 1993: p. 134).*

⁵ Cf. REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga. Vol. I: Das Origens a Sócrates*. Tradução: Marcelo Perini, 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola. 1993. Empédocles “acolhe a água de Tales, o ar de Anaxímenes, o fogo de Heráclito e, em certo sentido, a terra de Xenófanos, mas muda substancialmente as precedentes concepções do princípio. De fato, o princípio dos jônicos transformava-se qualitativamente, tornando-se todas as coisas; enquanto, em Empédocles, água, ar, terra e fogo permanecem qualitativamente inalteráveis e intransformáveis. Nasce assim a noção de “elemento”, como algo originário e qualitativamente imutável, capaz apenas de unir-se e separar-se espacial e mecanicamente de outro: trata-se de uma noção que só podia nascer depois da experiência eleata e em vista de superá-la. E nasce também a assim chamada concepção pluralista, que supera definitivamente a monística visão dos jônicos: a raiz ou o princípio das coisas não é único, mas estruturalmente múltiplo; e também o pluralismo é uma

Nos mitos transbordam estes quatro elementos. Exemplifico com o mito Eros e Psiqué, de origem grega, apresentado no romance *Metamorfose* do escritor latino Apuleio. Eros significa “o desejo dos sentidos”. Psiqué significa tanto “sopro” quanto “princípio vital”. As provas pelas quais tem que passar representam um rito iniciático envolvendo os quatro elementos: as formigas, que pertencem à *terra*; o caniço, que pertence à *água*; a águia de Zeus, que pertence ao *ar* e a ígnea e celestial figura do próprio Eros redentor, o próprio *fogo*, sendo este o principal elemento do mito Eros e Psiqué.

O tema do mito é o conflito entre Afrodite e Psiqué. A deusa, “que surgiu das profundezas azuis do mar e nasceu do borriço das ondas espumantes” vivia entre os povos da terra. Entretanto, por causa de uma princesa mortal, a belíssima Psiqué, seus templos foram abandonados e de todas as partes surgiam forasteiros, não mais para reverenciar a mãe do Amor, mas Psiqué.

Afrodite pediu a seu filho Eros para vingá-la, destruindo a jovem princesa mortal fazendo-a casar-se com o mais repulsivo dos homens. Psiqué, porém levada pelo vento Zéfiro para um palácio, vive um amor maravilhoso com Eros, que permanece invisível. As duas irmãs de Psiqué infelizes em seus casamentos, sabendo da ventura da irmã caçula, resolvem aconselhá-la considerando seu marido um monstro, por isso, invisível. Insistem, então, para que a caçula surpreenda o monstro dormindo e o mate. Deflagra-se então a catástrofe:

“executado o plano diabólico, Psiqué vê a seu lado o próprio Eros, por quem se apaixona loucamente. Uma gota de azeite fervente, porém, lhe cai no ombro. O deus desperta e, sem dizer palavra, abandona a amante. Segue-se a busca de psiqué, sua luta contra a ira de Afrodite e a execução de quatro tarefas que a deusa lhe impõe. Abrindo a caixinha que lhe entregara Perséfone, a esposa do filho de Afrodite mergulha num sono letárgico. Eros a salva, e, imortalizada por Zeus, é festejada no Olimpo como esposa do eterno Amor” (in: BRANDÃO, 1988: p. 221).

perspectiva que só podia afirmar-se , no nível da consciência crítica, depois do monismo radical dos eleatas e em vista de superá-lo” (p. 134).

NEUMANN (apud BRANDRÃO, 1988) analisa as cinco partes do mito: a introdução, as núpcias da morte, a tentação de Psiqué e sua paixão, as quatro provas e o desfecho feliz com a imortalização da heroína considerando, dentre várias outras análises, que:

“a vida de Psiqué no Éden sombrio de Eros é muito semelhante ao mito do herói engolido pela baleia-dragão-monstro. É bem verdade que a prisão de Psiqué nas trevas é superada, de certa forma, pelo prazer “mas também esta situação é arquetípica e não excepcional”. Como no percurso da viagem marítima noturna o herói solar masculino acende uma luz no bojo do monstro e livra-se das trevas; igualmente Psiqué liberta-se da “noite”, por estar equipada com luz e punhal. No mito solar masculino, todavia, a ação do herói é violenta, porque sua função principal é matar o monstro. Mesmo que se trate de aquisição de “conhecimento”, o herói coloca em primeiro plano a morte e o desmembramento da baleia-dragão-monstro. Na variante feminina, a necessidade de “saber” permanece vinculada à outra maior, a necessidade de amar. Se bem que Psiqué seja compelida a ferir, ela continua a manter um nexo ainda mais forte com o seu amante, a quem jamais deixou de conciliar e transformar” (p. 228).

O drama de Psiqué, a busca de sua individuação, tem grande profundidade e poder: a mulher emergindo de seu inconsciente e da clausura de seu aprisionamento – uma existência nas trevas não pode satisfazê-la.

Eros, um menino, um jovem, o filho-amante de sua Grande Mãe, transgrediu e amou Psiqué. Seu objetivo era que tudo se passasse em segredo, às ocultas de Afrodite. O oculto e egoístico paraíso sensual de Eros foi rompido por Psiqué e lançou os dois no destino da separação, que é a consciência.

Inicia-se, então, a parte mais dolorosa da iniciação de Psiqué: as quatro tarefas preparadas por Afrodite. No início de cada trabalho acomete-se de desespero e vê no suicídio a única saída. Sua viagem ao mundo ctônio significa que a morte deverá ser olhada de frente. No final de seu desenvolvimento, ela enfrentará a situação mortal como alguém transformado:

“Essa viagem extrema tornar-se-á possível para Psiqué somente quando, através das tarefas, ela adquirir o conhecimento que de

longe transcenderá seu mero conhecimento intuitivo inicial. Mercê de sua união com as formigas, o junco e a água, a amante de Eros será capaz de adotar a atitude de conhecimento que é representado pela “Torre que vê longe” (BRANDÃO, 1988: p. 237)

A cada tarefa cumprida, Psiqué transforma-se e transforma Eros. O final feliz, deve-se a Eros, que desperta a amada do sono da morte. Do enlace de Eros-Psiqué nasceu Volúpia – algo superior à sensualidade.

Os quatro elementos: hormônios da imaginação

Os quatro elementos permanecem princípios da criação artística. Bachelard⁶ estuda esse imaginário e passa a valorizá-lo como uma forma própria de apreensão e criação da realidade, imaginando incessantemente e enriquecendo-se com novas imagens. Os quatro elementos são os hormônios da imaginação. A primeira obra dedicada à imaginação dos elementos foi publicada em 1938 intitulada “*A Psicanálise do Fogo*” (1999). Este livro é uma ilustração das teses gerais defendidas na obra “*A Formação do Espírito Científico*” (1937, 1996). Bachelard diz que não seria difícil refazer para a água, dentre outros elementos, o que esboça para o fogo, recusando o plano histórico, mas buscando exemplos na História:

⁶ Cf. BACHELARD, Gaston. *Os Pensadores. Vida e Obra*. São Paulo: Abril Cultural. 1978. Bachelard trilhou dois sendeiros paralelos em sua obra: ciência e poesia. Buscou fazer não apenas a “psicanálise do conhecimento objetivo” como também a “psicanálise dos elementos”. (terra, ar, água e fogo). Teceu considerações tanto em relação à filosofia científica quanto à pedagogia científica. “A filosofia científica deve ser essencialmente uma pedagogia científica”. Sua preocupação com os fundamentos e os requisitos para o desenvolvimento de um “novo espírito científico” levaram-no a combater as formas tradicionais de ensino e a propor para a ciência nova uma pedagogia nova (...) Bachelard formulou seu lema de inconformismo intelectual através do que denominou de “filosofia do não”. Para ele, a história das idéias não se faz por evolução ou continuísmo, mas através de rupturas, revoluções, “cortes epistemológicos”. Num de seus livros escreveu: “A verdade é filha da discussão, não da simpatia”. Aplicando ele próprio esse preceito, revestiu toda sua obra de caráter polêmico, fazendo reiteradas críticas à nociva influência da metafísica tradicional (particularmente a cartesiana) sobre o desenvolvimento da epistemologia científica. Em 1937 Bachelard publica uma de suas obras mais importantes, *La Formación de l’Esprit Scientifique* (*A Formação do Espírito Científico*), na qual analisa os mais diversos “obstáculos epistemológicos” que devem ser superados para que se estabeleça e se desenvolva uma mentalidade verdadeiramente científica” (p. VI, VII).

“Talvez se possa perceber aqui um exemplo do método que pretendemos seguir para uma psicanálise do conhecimento objetivo. Trata-se, com efeito, de encontrar a ação dos valores inconscientes na própria base do conhecimento empírico e científico. Cumpre-nos, pois, mostrar a luz recíproca que vai constantemente dos conhecimentos objetivos e sociais aos conhecimentos subjetivos e pessoais, e vice-versa. Cumpre mostrar, na experiência científica, os vestígios da experiência infantil. Deste modo estaremos autorizados a falar de um inconsciente do espírito científico, do caráter heterogêneo de certas evidências, e veremos convergir, sobre o estudo de um fenômeno particular, convicções formadas nos mais variados domínios” (BACHELARD, 1999: p. 15).

Inicia-se, dessa forma, a longa série que comporá sobre o imaginário artístico e sobre o sonho acordado – o devaneio. O autor propõe que:

“se considere a imaginação como um poder maior da natureza humana (...) a imaginação, em suas ações vivas, nos desliga ao mesmo tempo do passado e da realidade. Aponta para o futuro. À função do real, instruída pelo passado, tal como é destacada pela psicologia clássica, é preciso juntar uma função do irreal, também positiva, como tentamos estabelecer em obras anteriores. Uma enfermidade por parte da função do irreal entrava o psiquismo produtor. Como prever sem imaginar?” (BACHELARD, 1978: p. 195).

A imaginação, dessa forma, é dinamismo organizador, potência dinâmica que “deforma” as cópias pragmáticas fornecidas pela percepção. As estruturas do imaginário⁷, segundo o autor, são portanto conteúdos dinâmicos como meio fundamental para a compreensão das bases míticas do pensamento humano. Visto das mil janelas do imaginário, o mundo é mutável. BACHELARD (1985) insiste em marcar a autonomia da imaginação criadora em relação à percepção (visual):

“a imagem percebida e a imagem criada são duas instâncias psíquicas muito diversas e seria necessária uma palavra especial para designar a imagem imaginada. Tudo que é dito

⁷ Cf. DURAN, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. (1997) Imaginário é o “conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens; aparece-nos como um grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano” (p. 18).

nos manuais sobre a imaginação reprodutora deve ser creditado à percepção e à memória. A imaginação criadora tem funções completamente diversas da imaginação reprodutora. A ela pertence essa função do irreal que é psicologicamente tão útil quanto a função do real, evocada com tanta freqüência pelos psicólogos para caracterizar a adaptação de um espírito à realidade etiquetada por valores sociais.” (p. xxii).

Dessa forma a concepção bachelardiana de imaginação distingue a imaginação formal⁸ e a imaginação material⁹. BACHELARD (1985, 1996) não perde de vista o fato de que a imaginação torna-se fundamental na criação científica considerando a razão uma atividade psicológica que procura revirar os problemas, variá-los, ligar uns aos outros, fazê-los proliferar:

“aproveitar todas as profundidades, compreender que a perspectiva é solidária de uma dinâmica do olho, que nada é fixo para aquele que alternadamente pensa e sonha”
(BACHELARD, 1985: p. 95).

O novo espírito científico não é fruto de mera contemplação. Ao romper com a tradição intelectualista, cartesiana, o autor não apenas distingue imaginação reprodutora e imaginação criadora; imaginação formal e imaginação material mas considera que a primeira corresponde ao império da visão, que chama de vício da ocularidade; o novo espírito científico busca o pormenor, evidenciando a intervenção do sujeito na configuração do objeto do conhecimento.

Dessa forma, Bachelard não foi apenas o filósofo do novo espírito científico mas soube extrair novos significados das obras de arte. No ensaio que

⁸ Cf. BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. São Paulo: DIFEL, 1985. “A imaginação formal, que nutre a formalização, resulta de uma operação desmaterializadora, que intencionalmente “sutiliza” a matéria ao torná-la apenas objeto de visão, ao vê-la apenas enquanto figuração, formas e feixes de relações entre formas e grandezas, como uma fantasmática incorpórea, clarificada mas intangível. E é, na verdade, resultado da postura do homem como mero espectador do mundo, do mundo-teatro, do mundo-espetáculo, do mundo-panorama, exposto à contemplação ociosa e passiva” (p. xv).

⁹ Op. cit. “A imaginação material recupera o mundo como provocação concreta e como resistência, a solicitar a intervenção ativa e modificadora do homem: do homem-demiurgo, artesão, manipulador, criador, fenomenotécnico, obreiro – tanto na ciência quanto na arte. Mais: foi na linhagem do filósofo-voyeur que se desenvolveu toda a tradição intelectualista que concebe a imagem como simples simulacro sem vida e essencialidade próprias – apenas o duplo ou fantasma de um objeto já percebido – e cujo significado deve sempre ser traduzido em conceito”. (p. xv, xvi).

escreveu sobre Monet¹⁰ (1985) intitulado *As Ninféias ou as Surpresas de uma Alvorada de Verão* escreveu: “*Não se sonha junto à água sem formular uma dialética do reflexo e da profundidade*”

Monet pintou "a pintura" das águas, reproduzindo incessantemente os quadros líquidos da natureza. Escreveu a um amigo: “*Essas paisagens de água e de reflexos tornaram-se uma obsessão*”. PESSANHA (1988) analisa esse infindável caminho da reflexão:

“O duplo que a água constrói é duplicado na tela do artista, criando enigmas de espelhamento, ecos visuais sem fim. Sobretudo quando a paisagem se reflete numa água tranqüila sob a luz mortiça do amanhecer, o olhar capta e a mão logo reproduz imagens fantásticas que pedem decifração, que testam o intérprete” (p. 161).

No quadro *À Beira da Água*, Bennecourt, 1868 (figura 1) percebe-se que a água, para Monet é um meio para a abstração. O espelho d’água confunde as regras do jogo da pintura paisagista. Monet continuará a aplicar este princípio sempre que pinta a água, as falésias e particularmente seus famosos nenúfares.

¹⁰ Claude Monet (1840-1926) Monet reúne em sua obra o sol, o mar, as flores e as personagens numa composição muito ousada para a época. Pintou elegantes regatas e cidades balneárias na moda e as águas em seus diferentes estados.

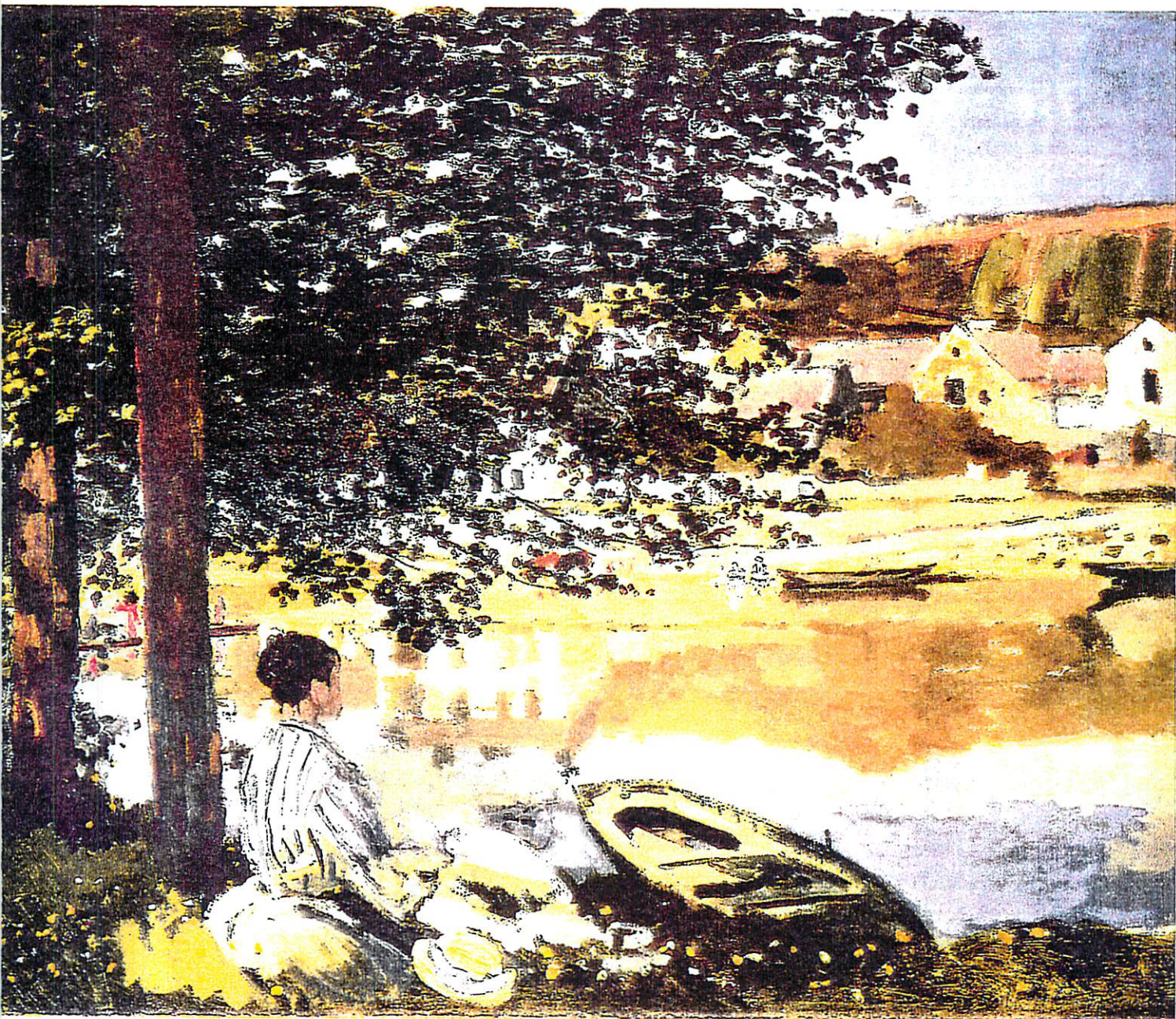


Figura 1 – À Beira da Água. Claude Monet (1868)

O imaginário das águas

As águas imaginárias são tema de BACHELARD (1998), em “*A Água e os Sonhos*”, ensaio de estética literária, em que a maioria dos exemplos são tirados da poesia e da mitologia, objetivando determinar a substância das imagens poéticas. Para tanto o autor evoca imagens superficiais do elemento água dedicando-se às águas claras, às águas brilhantes que fornecem imagens fugidias e fáceis¹¹.

Evoca também características profundas da água imaginária – as águas dormentes, as águas mortas, as águas pesadas no devaneio de Edgar Alan Poe¹². Estuda a composição da água com outros elementos da imaginação material, principalmente a terra e o fogo¹³. Discorre sobre as imagens impregnadas de mitologia que animam as obras poéticas na maternidade das águas, na sua pureza e também nas águas masculinas, violentas. As artes banham-se nos símbolos:

*“É preciso seguir essas imagens que nascem em nós mesmos,
que vivem em nossos sonhos, essas imagens carregadas de uma*

¹¹ Cf BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. “*Estudaremos as imagens substanciais da água, onde faremos a psicologia da “imaginação material” da água – elemento mais feminino e mais uniforme que o fogo, elemento mais constante que simboliza com as forças humanas mais escondidas, mais simples, mais simplificantes (...) Os documentos poéticos são bem menos numerosos e pobres. Os poetas e sonhadores são por vezes mais divertidos que seduzidos pelos jogos superficiais das águas. A água é, então, um ornamento de suas paisagens; não é verdadeiramente “substância” de seus devaneios (...) se pudermos convencer nosso leitor de que existe, sob as imagens superficiais da água, uma série de imagens cada vez mais profundas, cada vez mais tenazes, ele não tardará a sentir, em suas próprias contemplações, uma simpatia por esse aprofundamento (...) Reconhecerá na água, na substância da água, um tipo de intimidade (...) Deverá reconhecer que a imaginação material da água é um tipo particular de imaginação. Fortalecido com esse conhecimento de uma profundidade num elemento material, o leitor compreenderá enfim que a água é também um tipo de destino, não mais apenas o vão destino das imagens fugazes, o vão destino essencial que metamorfoseia incessantemente a substância do ser. Por isso o leitor compreenderá com mais simpatia, mais dolorosamente, uma das características do heraclitismo. Verá que o mobilismo heraclitiano é uma filosofia concreta, uma filosofia total. Não nos banhamos duas vezes no mesmo rio, porque, já em sua profundidade, o ser humano tem o destino da água que corre. A água é realmente o elemento transitório”* (p. 6, 7).

¹² Cf. BACHELARD, Gaston op. cit. “*Toda água primitivamente clara é para Edgar Poe uma água que deve escurecer, uma água que vai absorver o negro sentimento (...) Lendo Poe, compreendemos mais intimamente a estranha vida das águas mortas, e a linguagem ensina a mais terrível das sintaxes, a sintaxe das coisas que morrem, a vida que morre”* (p. 49, 13).

¹³ Cf. BACHELARD, Gaston. Op. cit. “*Certas formas poéticas se nutrem de uma dupla matéria; que um duplo materialismo trabalha frequentemente a imaginação material. Em certos devaneios, parece que todo elemento busca um casamento ou um combate, aventuras que o apaziguem ou o excitem. Em outros devaneios, a água imaginária nos aparecerá como o elemento das transações, como o esquema fundamental das misturas”* (p. 14).

matéria onírica rica e densa que é um alimento inesgotável para a imaginação material” (BACHELARD, 1998: p. 20).

ELIADE (1996) considera que as águas simbolizam a soma universal das virtualidades; elas são *fons* e *origo*, e reservatório de todas as possibilidades de existência; elas precedem toda forma e sustentam toda criação. A água é a origem da vida e o elemento de regeneração corporal e espiritual, o símbolo da fertilidade, da pureza, da sabedoria e da virtude.

Hesíodo (apud CHEVALIER & GHEERBRANT, 1998), distinguiu, na Teogonia, água estéril e água fecundante, intimamente ligadas à intervenção do amor. A água feminina, a água doce, a água lacustre, a água estagnada diferenciadas das águas do oceano, espumante, fecundante, masculina.

A valorização feminina, sensual e maternal da água foi cantada pelos poetas românticos alemães. É a água do lago, noturna, leitosa e lunar onde a libido desperta:

“A água, essa filha primeira, nascida da fusão aérea, não pode renegar sua origem voluptuosa e, na terra, ela se mostra com uma celeste onipotência como o elemento do amor e da união... Não é em vão que os sábios antigos procuram nela a origem de todas as coisas ... E as nossas sensações, agradáveis ou não, não são mais, afinal, que as diversas maneiras de escoar em nós dessa água original que existe em nosso ser. O próprio sono não passa do fluxo desse mar invisível, universal, e o despertar é o começo do seu refluxo” (Novalis, 1939 apud CHEVALIER & GHEERBRANT, 1998: p. 21)

Nas tradições judaica e cristã, a água simboliza, primeiramente a origem da criação: fonte de todas as coisas ela é mãe e matriz; é útero. Mas, como é fonte de vida, é também fonte de morte. É criadora e é destruidora. Todo o Antigo Testamento celebra a magnificência da água. Na Bíblia os poços, as fontes, os rios são agentes de fertilização de origem divina, trazendo consigo a fecundidade e manifestando a benevolência divina. Os poços são lugares sagrados e perto deles nasce o amor e os casamentos principiam. É também símbolo de segredo, de dissimulação da verdade.

As fontes são o símbolo da maternidade. Sua sacralização é universal pois constituem a água virgem e, em muitas culturas são protegidas por tabus. Na América Central os Maias proibem a pesca nas fontes ou poda de árvores à sua volta. A água da fonte é a substância da pureza.

O simbolismo do rio é, ao mesmo tempo, o da fertilidade, da morte e da renovação. Entre os gregos os rios eram objeto de culto, quase divinizados, como filhos do Oceano e pais das Ninfas. Não se podia atravessá-los senão após cumpridos os ritos da purificação e da prece:

“Não deves atravessar jamais as águas dos rios de eterno curso, antes de ter pronunciado uma prece, com os olhos fixos em suas correntes magníficas, e antes de ter mergulhado vossas mãos nas águas agradáveis e límpidas. Aquele que atravessar um rio sem purificar as mãos do mal que as macula, atrairá sobre si a cólera dos deuses, que lhe enviarão, depois, castigos terríveis”(Hesíodo, apud CHEVALIER & GHEERBRANT, 1998: p. 781).

Na China antiga a travessia do rio era realizada pelos jovens casais no equinócio da primavera: era a purificação preparatória à fecundidade.

Patri (1953 apud CHEVALIER & GHEERBRANT, 1998), em sua Nota sobre a simbólica heraclitiana¹⁴ da água e do fogo observa que

“a palavra rios, no plural, não significa a pluralidade dos braços de um rio; existe um rio para cada homem que mergulhar em suas águas. No sentido simbólico do termo, penetrar (ou mergulhar) num rio significa, para a alma, entrar num corpo. O rio tomou o significado do corpo. A alma seca é

¹⁴ Cf. COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia. Ser, Saber e Fazer*. 12ª edição. São Paulo: Editora Saraiva, 1996. Heráclito nasceu em Éfeso, cidade da região jônica e é considerado um dos mais importantes filósofos pré-socráticos. Viveu por volta dos 500 a.C. “Heráclito é considerado o primeiro grande representante do pensamento dialético. Concebia a realidade do mundo como algo dinâmico, em permanente transformação. Daí sua escola filosófica ser chamada de mobilista (de movimento). Para ele, a vida era um fluxo constante, impulsionado pela luta de forças contrárias: a ordem e a desordem, o bem e o mal, o belo e o feio, a construção e a destruição, a justiça e a injustiça, o racional e o irracional, a alegria e a tristeza, etc. Assim, afirmava que a “luta (guerra) é a mãe, rainha e princípio de todas as coisas”. E pela luta das forças opostas que o mundo se modifica e evolui. Atribuem-se a Heráclito, frases marcantes, de sentido simbólico, utilizadas para ilustrar sua concepção sobre o fluxo e movimentação das coisas, o constante vir-a-ser, a eterna mudança também chamada devir: *Não podemos entrar duas vezes no mesmo rio, pois suas águas se renovam a cada instante. Não tocamos duas vezes o mesmo ser, pois este modifica continuamente sua condição. Assim Heráclito imaginava a realidade dinâmica do mundo sob a forma de fogo, com chamas vivas e eternas, governando o constante movimento dos seres*”. (p. 89, 90).

aspirada pelo fogo; a alma úmida é sepultada no corpo. O corpo tem uma existência precária; escoá-se como a água, e cada alma possui seu corpo particular, a parte efêmera de sua existência – seu rio próprio” (p. 781).

A alma aparece, desde o Antigo Testamento, como a terra seca e sedenta, orientada para a água. Aguarda a manifestação de Deus como a terra ressecada espera pelas chuvas para encharcá-la.

A água era símbolo de vida no Antigo Testamento e torna-se também símbolo da Sabedoria no Novo Testamento. No coração do sábio reside a água e, ao homem privado de sabedoria, seu coração é comparável a um vaso rachado que deixa escapar o conhecimento.

Enfim, mil janelas do imaginário das águas abrem-se neste texto contendo informações que evidenciam enigmas, sugerindo desatar a imaginação criadora, num convite à entrega ao devaneio e à reflexão.

Capítulo I

PURIFICAÇÃO

*Mergulhar nas águas, para delas sair sem se dissolver totalmente,
salvo por uma morte simbólica,
é retornar às origens, carregar-se, de novo,
num imenso reservatório de energia e nela beber uma força nova*
Chevalier & Gheerbrant, 1998: p. 15

Por sua virtude, a água apaga todas as infrações e toda a mácula¹⁵:

*“água lustral tem um valor moral: não atua por lavagem
quantitativa mas torna-se a própria substância da pureza,
algumas gotas de água chegam para purificar um mundo
inteiro”* (Durand, 1997: p. 172).

A água do batismo¹⁶ lava os pecados e faz o homem aceder ao estado de homem novo. Os ritos de batismo incluem a imersão e a emersão; indica o

¹⁵ Cf DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes. 1997. “para Bachelard é a aspersão que é a primitiva operação purificadora, a grande e arquetípica imagem psicológica de que a lavagem não passa da grosseira e exotérica duplicação. Assiste-se mesmo à passagem de uma substância a uma força “irradiante”, porque a água não só contém a pureza como “irradia a pureza”. Não é a pureza, na sua quintessência, raio, relâmpago e deslumbramento espontâneo? O segundo aspecto, que equivale sensorialmente à limpeza da água lustral e lhe reforça a pureza é o frescor. Este frescor funciona em oposição com a tepidez cotidiana. A queimadura do fogo também é purificadora, pois o que se exige da purificação é que, pelos seus excessos, rompa com a tepidez carnal do mesmo modo que com a penumbra da confusão mental (...) Bachelard também nota que, antes de tudo, a água de juventude “acorda” o organismo. A água lustral é a água que faz viver para além do pecado a carne e a condição mortal. A história das religiões vem uma vez mais completar a análise psicológica: “a água viva”, a “água celeste” encontra-se tanto nos *Upanixades* como na *Bíblia* e nas tradições célticas e romanas” (p. 172, 173)

¹⁶ Cf. GIBIN, Maucyr. *A Nova Liturgia da Semana Santa*. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1971. Benção da água: Ó Deus, pelos sinais visíveis dos sacramentos realizais maravilhas invisíveis. Ao longo da história da salvação, vós vos servistes da água para fazer-nos conhecer a graça do batismo. Já na origem do mundo, vosso espírito pairava sobre as águas para que fossem capazes de gerar a vida. Nas águas do dilúvio pusestes fim aos vícios e, ao mesmo tempo, fizestes surgir para a humanidade um novo começo. Concedestes aos filhos de Abraão atravessar o mar Vermelho a pé enxuto, para que prefigurassem, livres da escravidão, o povo nascido da água batismal. Ao ser batizado nas águas do Jordão, é que o vosso Filho foi ungido pelo Espírito Santo. Pendente da cruz, do seu coração aberto pela

desaparecimento do pecador nas águas da morte e o retorno às fontes de origem da vida. A emersão revela a aparição do ser purificado.

Simboliza a supressão do pecado, uma integração à Igreja, à sociedade, à cristandade e uma promessa de salvação. A aspersion substituiu a imersão. O simbolismo da água regeneradora toma então o lugar da água fonte de vida, passagem da morte à ressurreição. O batismo¹⁷, banho de regeneração, sepulta o pecado na água.

Até o começo do século VIII, homens e mulheres eram batizados nus na piscina na noite do Sábado Santo. Nus como Adão e Eva na Criação, saíam da água mortos para o pecado e ressuscitados para a vida eterna:

“A nudez constituía então uma afirmação de sua condição de criatura boa mas dependente de deus, antes do pecado ou sem este. O nu cristão representa um ser criado; o nu pagão, um ser procriador. O desaparecimento do batismo por imersão na época carolíngia suscitou a retomada, podemos dizer, do simbolismo pagão e deu à nudez um significado sexual e genital que ela não tinha. Já no século VI foi preciso desaparecer com os crucifixos em que Cristo figurava nu como todos os escravos condenados ao mesmo suplício” (ROUCHE, 1990: p. 439).

lança fez correrem sangue e água. Após sua ressurreição, ordenou aos discípulos: “Ide, ensinai a todos os povos, e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Olhai agora, ó Pai, a vossa Igreja, e fazei brotar para ela a água do batismo. Conceda-nos o Espírito Santo, por esta água, a graça do Cristo, a fim de que o homem, criado a vossa imagem, seja lavado da antiga culpa e renasça pela água e pelo espírito para uma vida nova” (p. 157, 158).

¹⁷ Cf. Gregório, bispo de Nazianzo, Capadócia. In: FRANGIOTTI, Roque. Justino de Roma. *O Batismo: iluminação e regeneração*, SP, Paulus, 1995.

*“O Batismo é o mais belo e o
Mais magnífico Dom de Deus (...)
Chamamo-lo de Dom, graça, iluminação,
Veste de incorruptibilidade,
Banho de regeneração,
Selo, e tudo que existe de mais precioso.
Dom, porque é conferido àqueles que nada trazem;
Graça, porque é dado até a culpados;
Batismo, porque o pecado é sepultado na água;
Unção, porque é sagrado e régio (tais são os ungidos);
Iluminação, porque é luz resplandecente;
Veste, porque cobre a nossa vergonha;
Banho, porque lava;
Selo, porque nos guarda e
É o sinal do senhorio de Deus”*

O rito do batismo era uma forma de atender ao adágio bíblico “despir o velho humano e colocar o novo humano, Cristo”. Os cristãos esbarravam nas regulamentações sociais vigentes, colocando em xeque o banho coletivo, uma das mais importantes experiências cívicas pagãs. Para eles a imersão religiosa era mais pessoal do que cívica. (SENNETT, 1997):

“O batismo significava que o indivíduo sentia-se suficientemente distanciado do desejo corporal e em condições de assumir o compromisso da fé, válido para toda a vida. Quem se reputava pronto para o ritual, despia-se completamente e mergulhava na banheira, colocada em um cômodo separado daquele em que se davam os encontros habituais. Saindo d’água o neófito vestia roupas inteiramente novas, indicativas de que se tornara uma outra pessoa. “O banho [tornou-se] um marco permanente entre o grupo “limpo” e o mundo “sujo” (MEEKS, Wayne A. apud SENNETT, 1997: p. 123).

Nos primeiros tempos da Igreja as crianças não eram batizadas pois o batismo implicava a decisão mais séria que se podia tomar em vida e exigia o discernimento do adulto. O batismo rompeu com o preceito que regia a Roma pagã de “olhar e acreditar”. O cristão batizado era portador de um segredo, incognoscível. Não deixava marca como a circuncisão. Uma passagem do Novo Testamento refere-se ao batismo como a “circuncisão de Cristo”. O pênis não sofria nenhuma alteração e, portanto, os judeus do sexo masculino não poderiam ser identificados e perseguidos (Ibid.).

Muitas são as tradições concordantes em valorizar positivamente o banho, mas a exagerada pudicícia cristã inverteu o símbolo, condenando o uso do banho como um atentado à castidade. Na Idade Média os banhos públicos eram considerados como lugares de libertinagem e, dessa forma, proibidos aos cristãos.

O corpo iluminado pelo prazer dos sentidos inspirava uma reforma espiritual. A água da salvação inspirou o poeta de Estrasburgo Thomas Murner sua *Badenfahrt*, publicada em 1514; alegoria da conversão ao apelo de Cristo, embocando a trombeta do mestre do banho:

*“Então Deus, apiedando-se de nós/ Começou a nos ensinar/
Como se deve ir para o banho/ Lavar-se, purificar-se, perder*

toda a vergonha/ Na força e poder de Seu santo nome./ Ele o fez tão publicamente/ Que o mundo inteiro o viu./ Ninguém poderia dizer na verdade,/ Nem dizer nem se lamentar/ De não ter sabido/ Como deve banhar-se, purificar-se,/ Purificar-se novamente em Deus/ Erguer-se como um novo Adão/ Que o batismo ressuscita./ Pois Deus nos concede em Sua Graça/ Que nenhum pecado original nos esmague mais./ Isso foi realizado por Deus tão abertamente/ Que o mundo inteiro o viu./ Foi o próprio Deus quem nos chamou para o banho ao som da trombeta". (BRAUNSTEIN, 1990: p. 598).

O convite ao banho era um convite a deixar de lado os pecados, os vícios. A conversão não era uma busca distante mas um caminhar cotidiano iluminado pelo sentido. A vida do corpo, dessa forma, era uma demonstração de vida espiritual. Amor sagrado; amor profano: o corpo e a água eram símbolo e receptáculo do espírito:

O banho da alma

<i>a cura termal</i>	<i>a purificação</i>
<i>convidar ao banho</i>	<i>a revelação</i>
<i>reconhecer-se justo</i>	<i>a confissão</i>
<i>despir-se</i>	<i>depor seus vícios</i>
<i>apresentar-se nu diante de Deus</i>	<i>a vergonha</i>
<i>lavar os pés</i>	<i>a humildade</i>
<i>esfregar seu corpo</i>	<i>escutar a confissão</i>
<i>limpar sua pele</i>	<i>a penitência</i>
<i>fustigar-se com galhos</i>	<i>despertar o ardor</i>
<i>o roupão</i>	<i>a mortalha</i>
<i>o banho de óleo</i>	<i>batismo e extrema-unção</i>
<i>o banho cotidiano</i>	<i>a missa</i>
<i>o banho termal</i>	<i>a conversão antes da morte</i>
<i>agradecer ao mestre do banho</i>	<i>ação de graças</i>

(BRAUNSTEIN, 1990: p. 599).

A multidão anônima dos corpos nos banhos públicos fez o homem recear a perda da identidade. Os trajes eram ligados ao íntimo e suscitavam as imagens de si no final da Idade Média. Sem eles perdia-se a identidade. O homem social era o homem

vestido. A Renascença não era apenas visão espacial da felicidade, era também visão profunda de uma caminhada interior.

A figura do Cristo nu parecia indecente e perigosa pois corria-se o risco da adoração, pelas mulheres, de um deus da fertilidade. O corpo tinha que ser vestido, banhado, penteado e enfeitado. São Bento, em sua regra, recomendou que os monges dormissem vestidos e quando soasse o sinal, levantassem sem demora a fim de consagrar-se à obra de Deus (ROUCHE, 1990).

Na iconografia do século XV a figura do Cristo não aparece nua (figura 2 – O Baptismo de Cristo, Piero della Francesca (1440-45). Na figura 3 - Baptismo dos Reconvertidos, Masaccio (1425) também não pinta o nu no ritual do batismo.

A água, além de purificadora e regeneradora é também fertilizante. Por tal razão os banhos rituais de noivos e a imersão de mulheres estéreis em variados lagos ou bacias formados por fontes sagradas.

A imersão por água virgem é reencontrada nas tradições de numerosos povos associada a ritos de passagem tanto em relação ao nascimento, quanto à morte. A imersão é uma imagem de regressão uterina que infunde calma, segurança, ternura, de retorno à fonte da vida e lhe confere o valor de um ritual de iniciação. Muitos são os mitos, crenças e costumes, por exemplo, num ritual da África Central, para a entrada em uma sociedade secreta, extremamente fechada, de feiticeiras

“a noviça, drogada, é sepultada durante vinte e quatro horas numa cavidade estanque preparada por baixo do leito de um riacho, no coração da floresta equatorial: os símbolos da floresta-ventre, da água-mãe, e do tempo a fluir como a água dos rios, associados ao do esconderijo uterino formam, neste caso, um complexo simbólico de tamanha força que os iniciados dessa confraria praticamente se esquecem do curso de sua vida anterior” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1998: p. 119).

Entre os gregos, estátuas das deusas como as de Atena e Hera eram ritualmente mergulhadas em banhos purificadores. Na Idade Média fazia-se a mesma coisa antes da sagração dos cavaleiros.

A água se torna símbolo de vida espiritual e do Espírito, oferecidos por Deus. Jesus retoma esse simbolismo no seu diálogo com a samaritana: *Aquele que beber*



Figura 2 – O Baptismo de Cristo – Piero della Francesca (1440 – 1445)

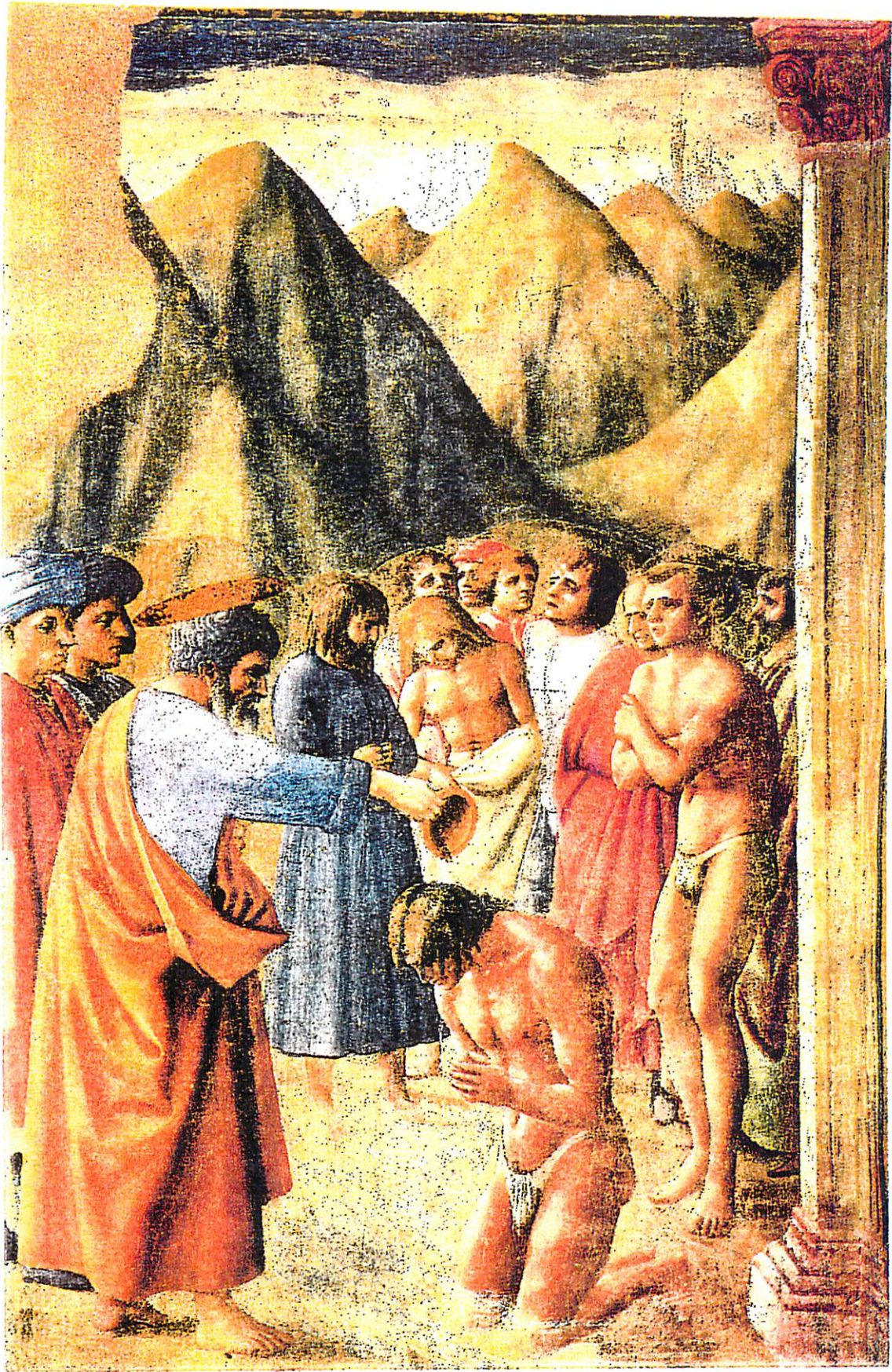


Figura 3 – Baptismo dos Reconvertidos – Masaccio (1425)

da água que eu lhe darei não terá mais sede... A água que eu lhe darei se tornará nele fonte de água a jorrar em vida eterna (João, 4, versículo 4). Jesus Cristo se revela Senhor da água viva à samaritana (João 4, versículo 10).

O Rig Veda exalta as Águas que trazem vida, força e pureza, no plano espiritual e no corporal:

*“Vós, as Águas, que reconfortais,
trazei-nos a força,
a grandeza, a alegria, a visão!
... Soberanas das maravilhas,
regentes dos povos, as Águas!
... Vós, as Águas, dai sua plenitude ao remédio,
a fim de que ele seja uma couraça para o meu corpo,
e que assim eu veja por muito tempo o sol!
... Vós, as Águas, levai daqui esta coisa,
este pecado, qualquer que ele seja, que cometi,
esse malfeito que fiz, a quem quer que seja,
essa jura mentirosa que jurei”*

(Da tradução francesa de Jean Verenne apud CHEVALIER & GHEERBRANT, 1998: p. 15)

A água sagrada estava presente no exercício das devoções, não somente no batismo. Para se alcançar uma graça havia peregrinações até um lugar consagrado, geralmente, uma capela isolada nas cercanias de uma fonte onde os peregrinos banhavam-se, além de fazer as orações rituais, beijarem a estátua ou relicário do santo. Na impossibilidade da realização da peregrinação, outra pessoa molhava um pedaço de tecido na água e, na volta, colocava sobre o enfermo.

Nos Catecismos do século XVII, dentre outras prescrições, na realização da oração individual matinal e a noturna, havia a sugestão da ingestão da água benta.

A água purificadora continua apagando infrações e máculas?

“A água lava as mazelas do mundo”

O filme *Ma vie en rose (Minha Vida em Cor de Rosa)*¹⁸ permite-nos mergulhar na história de uma família francesa composta de pai, mãe, três filhos homens e uma mulher sendo que, um deles, pensa e age contra a lei tida como “natural” e que dirige o sexo: a verdade sexual da homossexualidade. No decorrer do filme penetramos no seio dessa família que não está preparada para acolher o desvio desse código sexual vigente e, as surpresas daí decorrentes, o que causa consternação, espanto, horror e mostra o despreparo e ignorância das pessoas diante do homoerotismo.

Uma das primeiras cenas do filme remete-nos à água purificadora. Ludovic, menino de 7 anos veste-se de mulher para espanto da vizinhança e, estranhamento geral em relação ao seu comportamento. A mãe, desconsertada, leva-o a lavar sua boca pintada de batom: “a água lava as mazelas do mundo”!

Ludovic, vestia-se de mulher e a mãe considerava “normal” que um menino, até a idade de 7 anos, brincasse dessa forma, conforme informações do artigo de uma psicóloga que lera: até 7 anos pode! O desenvolvimento sexual e afetivo do ser humano não tem datas marcadas, etapas cronológicas definidas. O tempo psicológico que rege esse desenvolvimento é diferente do tempo cronológico.

A orientação dada ao sexo ao qual pertencemos nada tem a ver com o sexo biológico. Nasce-se homem ou mulher e ninguém deixa de sê-lo quando a orientação é homossexual. Uma somatória de fatores que diferem de pessoa para pessoa decidem a orientação homo ou hetero: as experiências afetivas quando crianças; a qualidade do contato com pessoas do mesmo sexo e do outro; as decepções e gratificações encontradas nesses contatos, dentre outras.

¹⁸ Ficha técnica:

Elenco: Michèle Laroque, Hélène Vincent, Jean-Philippe Ecoffey e Georges Du Fresne.
Direção: Alain Berliner; roteiro: Chris Vander Stappen e Alain Berliner; produção: Carole Scotta; direção de produção: Daniel Delume; imagem: Ives Cape; som: Ludovic Renault; direção de arte: Véronique Melery; maquiagem: Kaatje Van Damme; figurino: Karen Muller Serreau; montagem: Sandrine Deegen; mixagem: Phillippe Baudhuim e Thomas Gauder; efeitos especiais: Sparx; música: Dominique Dalcan; supervisão musical: Eric Michon; co-produção: John McGrath e Jacqueline Pierreux; produção associada C.A.B.: Jean Louis Porchet Gérard Ruey.

Em “*Minha vida em cor-de-rosa*”, a família, pressionada pela vizinhança quer “endireitar” Ludovic. Várias são as hipóteses sobre o motivo que leva o menino a vestir-se de mulher e a desejar casar-se com o seu amigo Jerôme - a mãe teria desejado uma menina e nasceu um menino; a mãe decide tudo em casa sendo o pai ausente; Deus é o responsável pelo X ou Y na composição cromossômica. Para tentar compreender a sua vida de menino-menina Ludovic entregava-se à imaginação aérea dinâmica¹⁹ e, com isso, fazia-se leve e vibrante, numa continuidade do devaneio que une o desejo de crescer ao desejo de voar.

No dia-a-dia do menino são muitas as cenas em que a diferença é censurada: os tipos de brinquedos e brincadeiras de Ludovic, em casa e na escola; o cabelo comprido; o abaixo-assinado para tirá-lo da escola; a porta da garagem de sua casa pixada com a palavra “veado”.

A homossexualidade não é doença, crime e nem desvio de conduta e isso é reconhecido pela medicina, psiquiatria e pela legislação que proíbe a discriminação por orientação sexual. Mas, o personagem do filme “*Minha vida em cor de rosa*”, sofre com a “homofobia” que impera em nossa sociedade: preconceito, malícia, desrespeito, olhares curiosos. No banheiro o menino era alvo de insultos e humilhação por parte de seus colegas. No depoimento de nossos entrevistados as brincadeiras e explorações com o mesmo sexo aconteciam através de jogos como o “troca-troca” no qual os meninos se revezavam:

“A “pelada” na praia a gente ia brincar quando tava próximo ao banho, principalmente nas tardes de inverno. Vinha aquele friozinho prá gente tomar banho, a gente dava uma carreirinha prá suá e podê tomar o banho.

O abastecimento d’água nas residências com torneira, com tudo, só veio chegar por volta de 1982/80... Eu sou de 67, até 78/77 tinha uma lavanderia pública, as mães de família iam prá lá lavar a roupa, tinha um poço artesiano que servia prá esse fim mesmo, e nos finais de tarde, depois dessa pelada que eu lhe falei ainda há pouco, nós íamos tomar banho lá na lavanderia. Era só homens. E brincando... e lavando... todos nus... aquela coisa toda... aqui e acolá, um deixava a desejar para o lado

¹⁹ Cf. BACHELARD, Gaston. *O Ar e os Sonhos. Ensaio sobre a Imaginação do Movimento*. São Paulo: Livaria Martins Fontes Editora Ltda, 1990.

masculino, desejar para o lado feminino. Eram dois banheiros e quando terminava a pelada era 15/20 meninos que vinha aí, como era só 2 banheiros, todo mundo entrava de uma vez só. Todo mundo ia prali, todo mundo nu. A impressão no chuveiro, ralava um no outro, aquela coisa toda...”

♂ (R) – 32 a – Lucena – PB

Tais brincadeiras não faziam parte das vivências de Ludovic e, muito pior, ele não entendia por quê seu pai estava tão bravo com ele! A princípio a mãe o acolhia, mas com a pressão da escola e da vizinhança, também ela ficou desnorteada e passou a querer “consertar” o filho. Ludovic sentia que apenas sua avó o escutava, deixava pulsar suas idéias e não recriminava sua maneira de ser.

Numa das cenas do filme, a mãe, extremamente consternada com a situação de seu filho – um homossexual não tem direito nem à carona para ir para a escola – senta-se no ponto de ônibus; um cartaz, fixado atrás dela, faz propaganda de “streap-tease”. Que comportamentos sexuais cabem dentro das estruturas sociais, culturais e históricas de nossa sociedade? Corpos expostos e explorados em propagandas, nas danças, na internet, nas piadas, nas manifestações de gracejo; crianças abusadas sexualmente, estupradas, tudo com aparências de “normalidade”, confundindo, padronizando, reprimindo e ameaçando o ser humano em detrimento da compreensão das diferenças, da abertura ao inesperado.

Ao vestir-se com roupas de mulher, preferir as brincadeiras socialmente tidas como “de menina” e sentir atração afetiva e/ou sexual por pessoas do mesmo sexo Ludovic teve a compreensão de sua professora – que começaria a falar de “diferença”, quando o menino foi expulso da escola que freqüentava vencendo, mais uma vez, a sociedade ditatorial heterossexista. Com a mudança de escola e de bairro vieram as surpresas! No outro bairro Ludovic encontra uma menina que pratica brincadeiras ditas “de menino” e veste-se com roupas ditas “de menino”. Em meio às tristezas e incertezas pelas experiências anteriores, outras experiências têm início... A menina com aparência de menino suscita também delírios homofóbicos?

A água lustral

Outros delírios perpassam os mitos inseridos nas contradições da água purificadora. No culto de Diana, deusa que simboliza a virgindade e a fecundidade, as autoridades cristãs reagiram negativamente na tentativa de demonstrar a imoralidade dos deuses da tradição pagã. As versões do mito de Diana, sobretudo a partir do século IV, revelam uma nuance e intenção cada vez mais eróticas:

“é a castidade, mas também a sedução dos atractivos da deusa – que Homero e Eurípedes, e depois Virgílio e Ovídio, não se esqueceram de exaltar -, que fornecem o alimento da aventura. Depois, os baixos relevos e a pintura, como sabemos, deram desta cena visões prestigiosas. Não obstante, o motivo de Diana nua surpreendida por Actéon, umas vezes é explicado pela fatalidade, e outras por uma deliberada intenção de violação” (KLOSSOWSKI, 1989: p. 78/79).

Diana corre através dos montes com as ninfas suas companheiras e com a sua matilha pronta a atirar com o seu arco. Após as caçadas Diana lava-se não para se limpar da poeira que cobre o seu corpo e nem da transpiração mas para purificar-se no contato com a água.

KLOSSOWSKI (1989) fala do Banho de Diana²⁰, filha de Zeus e de Latona e irmã gêmea de Apolo. Na mitologia, Diana é o oposto de Afrodite mostrando-se impiedosa sobretudo com as mulheres que cedem à atração do amor ao mesmo tempo que é protetora das mulheres grávidas por causa das criaturas esperadas. Apesar de ser virgem é a deusa dos partos, agindo como princípio fecundante.

Em um desses momentos Actéon – filho do pastor Aristeu e de Autónoe, filha de Cádmo, iniciado na caça pelo centauro Quíron - surpreende Diana desarmada e nua e a profana com o olhar. O perigo e o risco não são só o da caçada, mas também o

²⁰ Cf DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. “Acteão surpreende a toilette da deusa, que, com os cabelos soltos, se banha e se mira nas águas profundas de uma gruta. Assustada pelos clamores das Ninfas, Ártemis, a deusa lunar, metamorfoseia Acteão em animal, em veado, e senhora dos cães lança a matilha para a carniça. Acteão é despedaçado, lacerado, e os seus restos dispersos sem sepultura fazem nascer lastimosas sombras que andam pelas sarças. Este mito reúne e resume todos os elementos simbólicos da constelação que estamos estudando. Nada lhe falta: teriomorfia, na sua forma fugaz devorante, água profunda, cabeleira, toilette feminina, gritos, dramatização negativa, tudo envolto numa atmosfera de terror e catástrofe” (p. 101).

do banho após a caça: a mulher revela um corpo que afaga e vai confiar à água o seu segredo. Ao depor das suas armas seus dedos brincam sobre o umbigo e os mamilos endurecidos e as suas mãos

“que lavaram seu corpo, têm agora um gesto imprevisto de pudor, e revelando o que escondem, traem um ventre fecundável abaixo do qual a sua palma cobre o púbis saliente; mas a vulva escorrega-lhe por entre os dedos: ardil do demônio que lhe empresta estes visíveis encantos como o véu mais opaco da sua divindade. Impassível no ser onde ela habita um corpo inefável, feito de silêncio, mas sujeita, na sua teofania, às emoções de um corpo no qual ela se sabe desejada, Diana casta entrega-se à vergonha de oferecer encantos; e porque impassível, Diana cora aos olhos de Actéon; Diana cora da sua castidade” (Ibid., p. 61).

O outro gesto de suas mãos desarmadas é o de atirar água e com ela aspergir o rosto de Actéon. Esse gesto ritual e consagratório transforma o caçador em veado.

Por causa da metamorfose era impossível para Actéon descrever a nudez de Diana, os seus atrativos: *se puderes, di-lo!* A deusa afagava o côncavo de suas coxas e mostrava a sua vulva vermelha e os lábios secretos:

“Actéon vê abrirem-se esses lábios infernais no preciso momento em que o jacto d’água lhe molha os olhos, o cega e o faz endireitar-se; o seu pensamento encontra o seu termo nas hastes que lhe nascem na testa, e o choque de um tal feito empurra-o para a frente; não se admira ele de ver os seus braços tornados pernas, as mãos tornadas pés fendidos, apoiar-se, num abrir e fechar de olhos, sobre os divinos ombros e todo o seu peludo ventre tremer contra a deslumbrante epiderme dos flancos molhados da deusa; e eis que este tremor é o da própria Diana desde que um homem ouse tocá-la, o tremor de Diana quando a sua mão, que ela sabe ser tão mortífera como bela, agarra pelo focinho um animal lascivo que lhe lambe a palma da mão; a água agitada pelo pisar do homem-veado, pelo movimento das longas pernas da deusa, que se fecham e se abrem; o arquejar da criatura cornuda, o gemido da caçadora desarmada; ela uiva pela voz de suas ninfas, e no seu uivo, ri-se; ele, com a sua falta de jeito de animal neófito, dá-lhe empurrões, ela liberta-se, e escapa-se, e ele volta a cair sobre ela e nela; ah!, estar tão perto do objetivo, e tão longe – este

poço de silêncio que contraria a sua necessidade de falar deixa-o em fogo” (Ibid., p. 65).

Astuciosamente Diana não completa a metamorfose. As pernas, o tronco e a cabeça de Actéon são de veado; o braço e a mão esquerda são conservados intactos:

“a pata dianteira que fora a mão direita, deslizando do ombro da deusa ao longo das costas viradas para ele, procura apoiar-se na anca com pequenos puxões, contornando o flanco e passando sobre o ventre, tenta em vão alcançar o púbis, quando ela própria, de olhos baixos, com um sorriso que arrepanha um pouco os seus lábios cerrados, o consente por momentos; e com efeito, com a mão esquerda ainda intacta, ele agarra, com terror, o seio que não pode impedir-se de afagar; ela, virando-se, mas como se o observasse pelo canto do olho, levanta o braço, descobrindo o sovaco onde ele introduz o seu focinho com avidez apavorada, quando a sua língua, por fim, lhe lambe o mamilo; no mais magnífico corpo de que até hoje se revestiu, Diana estreme...” (Ibid., p. 66).

No mito de Diana perpassam os temas da purificação, do sagrado e do profano, da pureza e da impureza, do feminino e do masculino, da vida e da morte. A violação inscrita no olhar de Actéon, profanando a Deusa no momento da purificação com a água do banho, faz com que também essa água cumpra um ritual de transformação: de caçador em veado. A metamorfose impede a fala: torna-se impossível descrever a nudez e os atrativos de Diana.

Os mitos constituíram uma ameaça para a Igreja que se levantou muitas vezes contra o culto prestado ao profano. A devoção popular considerou o valor sagrado e sacralizante das águas. Um dos exemplos, nos âmbitos do sagrado e do profano, pelos seus usos entre todos os povos, lugares e tempo é o banho.

Capítulo II

OS BANHOS

*O imaginário cria imagens,
mas apresenta-se sempre como algo além de suas imagens,
é sempre um pouco mais que suas imagens*
Bachelard

Os concílios e os padres da Igreja proibiam terminantemente os banhos quentes, que julgavam imoral. Eram considerados como uma busca da sensualidade e, dessa forma, os cristãos deveriam manter-se afastados deles. As mulheres estavam autorizadas a fazer uso do banho com a condição que fosse pouco freqüente. Santo Agostinho, em sua “Regra” autorizava o banho quente uma vez por mês. Já a imersão em água fria era recomendada como mortificação, que aumentava na medida em que a água fosse mais gelada. Alguns monges ocidentais excluía não apenas os banhos mas recusavam o uso da água.

Santo Agostinho relata, em suas Confissões, as descobertas sexuais realizadas por ele e incitadas por seu pai durante os banhos:

“Ora nesta idade dos dezesseis anos, ocorrendo um intervalo de ociosidade por me ver livre de todas as aulas devido a dificuldades domésticas, comecei a viver com meus pais. Foi então que os espinhos das paixões me sobrepujaram a cabeça, sem haver mão que os arrancasse. Bem pelo contrário: meu pai, durante o banho, vendo-me entrar já na puberdade e revestido da adolescência inquieta, contou-o, todo alegre, a minha mãe, como se tal verificação o fizesse saltar de prazer com a idéia de ter netos. Era uma alegria, aliás, proveniente da embriaguez produzida pelo vinho invisível da sua vontade perversa e inclinada às coisas baixas – embriaguez com que este mundo esquece o Criador, para em vez de Vós, Senhor, amar as criaturas. Porém já tínheis começado a edificar em minha mãe o Vosso templo e os fundamentos da Vossa santa habitação. Meu pai era simples catecúmeno, recente ainda. Por isso minha mãe, com tal nova, agitou-se levada de piedosa perturbação e

temor. Apesar de eu ainda ser batizado, receou que enveredasse por caminhos tortuosos por onde andam os que Vos voltam as costas e não o rosto” (SANTO AGOSTINHO, 1987: p. 48).

A literatura monástica escrita pelos homens do deserto apresentava o impulso sexual como mal mas, do lado de fora das igrejas e das casas cristãs, a cidade era profana e sexualmente indisciplinada. As moças nuas faziam as delícias dos cidadãos de Constantinopla dentre as polêmicas em torno dos banhos públicos²¹.

Nudez festiva

Os dois ou três primeiros séculos do Império Romano foram feitos de urbanidade e de urbanismo constituindo-se num dever de bem viver. Os urbanos apreciavam a natureza em parques e jardins e também as comodidades materiais tais como os banhos públicos. Homens livres, escravos, mulheres, crianças, todos tinham acesso aos banhos, inclusive os estrangeiros. O banho não era uma prática de higiene e sim um prazer complexo. O prazer era tão legítimo, quanto a virtude. Tanto o banho quanto o vinho consumiam o corpo, mas representavam a verdadeira vida (VEYNE, 1990).

Sêneca (apud SENNETT, 1997) desprezava a terma considerando-a um espaço de auto-exibição barulhenta devido às conversações e gritos constantes.

Toda cidade tinha um banho público e, se necessário, um aqueduto para alimentá-lo e alimentar as fontes públicas, pois a água a domicílio constituía uma contravenção. Diariamente o gongo anunciava a abertura dos banhos públicos e Cícero dizia que esse som era mais doce aos ouvidos que a voz dos filósofos (VEYNE, 1990).

²¹ Cf. BROWN, Peter. *Antiguidade Tardia*. In: *História da Vida Privada*. Vol. I: *Do Império Romano ao Ano Mil*. São Paulo: Cia. Das Letras. 1990, p. 292 “uma estátua de Vênus nua ergue-se diante dos banhos públicos de Alexandria; diz-se que faz o vestido das adúlteras levantar-se acima da cabeça; finalmente será retirada não por um bispo, mas pelo governador muçulmano, no fim do século VII. Ainda em 630, em Palermo, trezentas prostitutas provocam um motim contra o governador bizantino quando ele entra nos banhos públicos; conhecemos esse incidente porque o governador, um bom bizantino que esperava do clero que cumprisse seu dever para com a cidade, satisfizera seu pedido nomeando o bispo para o cargo de inspetor imperial dos bordéis, o que lhe valeu uma reprimenda do papa ocidental, chocado”

O banho pagão tinha um ritual²² e os pobres tinham acesso a esse ambiente luxuoso, desde que pagassem alguns cêntimos. No local encontravam-se, também, campos de esporte ou de jogo. A evolução desses estabelecimentos pôde ser acompanhada pelas escavações de Olímpia. Primeiramente eram constituídos de modestos edifícios, contendo piscinas frias, banheiras para banhos quentes e banho de vapor e, posteriormente, transformaram-se em estabelecimentos de prazer, em catedrais do paganismo. Esculturas, mosaicos, pinturas, arquiteturas suntuosas ofereciam o esplendor de um ambiente real. Sua função era, não apenas possibilitar a higiene, mas abrir espaços para conversar, escutar conversas, saber de casos curiosos e exibir os corpos. Os banhos eram o lugar aonde se ia buscar calor:

“A grande novidade (por volta do ano 100 antes de nossa era em Olímpia, antes ainda em Gortys na Arcádia) foi o aquecimento do subsolo e até das paredes: já não bastava aquecer a água das banheiras e de uma piscina; proporcionava-se à multidão um local fechado e quente. Nessa época em que não importava a intensidade do frio, mal havia braseiros e as pessoas ficavam em casa tão agasalhadas como na rua, os banhos eram o lugar aonde se ia em busca de calor. Nas termas de Caracala isso levará a uma “climatização” de todo o prédio por convexão do ar” (Ibid., p. 194).

Os pensadores e os cristãos recusavam o prazer do banho; não tinham a fraqueza de ser limpos e só se banhavam uma ou duas vezes por mês; a barba suja de um filósofo constituía prova de austeridade e era motivo de orgulho.

Para reverenciar esse prazer complexo, a referência aos banhos aparecia também nos sarcófagos. Os arqueólogos encontraram uma centena de milhares de epitáfios que derivavam não de uma idéia elementar da morte, mas de um reinado da palavra pública, por isso deixava-se ao vivente alguma mensagem tanto no epitáfio quanto no testamento:

²² Cf. SENNET, Richard. *Carne e Pedra. O Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 122. “após pagar taxa irrisória e tirar a roupa, em uma sala comum chamada apodyterium, o banhista dirigia-se ao caldarium, uma grande piscina de água quente, onde esfregava a pele suada com escovas de osso; depois, passava à piscina de água morna, tepidarium; o último mergulho era no frigidarium, de água fria. Descansava-se como num moderno parque aquático, conversando, flertando ou apenas se expondo”

“Vivi avaramente o tanto que me foi dado viver, por isso vos aconselho a gozar os prazeres mais do que eu. Assim é a vida: chegamos aqui, e não mais longe. Amar, beber, ir aos banhos, essa é a verdadeira vida: depois não há mais nada. Nunca segui os conselhos de um filósofo. Desconfiai dos médicos, foram eles que me mataram”. (Ibid., p. 170).

Também na decoração dos sarcófagos representavam-se os mais diversos mitos. Dentre eles a nudez de Diana surpreendida no banho pelo caçador Actéon. Ártemis ou Diana – cujo nome é associado ao amor casto – se protegeu transformando Actéon em um veado, de forma que seus próprios cães o mataram, conforme referência anterior.

Em quatro séculos o mundo mediterrâneo passou por grandes mudanças que afetaram os ritmos de vida, as sensibilidades morais e o sentimento do eu dos habitantes das cidades e dos campos. Seja qual for a cidade, o fato fundamental da sociedade do Império Romano era a convicção de que existia uma distância intransponível entre as elites e seus inferiores e o corpo era a sede fisiológica do código moral dos “bem-nascidos”. O corpo era o indicador mais sensível e evidente de um comportamento correto e seu controle harmonioso era mantido pelos métodos gregos tradicionais: exercício, regime alimentar e banhos.

As relações sexuais eram regulamentadas por um exigente código de comportamento público e os escrúpulos não eram em relação à sexualidade, mas ao medo da sujeição social a um inferior. O medo da efeminação e da dependência emocional, fundamentado na necessidade de manter a imagem pública de um homem realmente integrado à classe superior. As restrições morais existiam apenas para as classes superiores.

Havia indiferença em relação à nudez na vida pública romana. A nudez do atleta era um indício de posição para os “bem-nascidos”. A nudez, entre os pares e diante dos inferiores, nos banhos públicos, ponto de reunião da vida cívica, era uma experiência inevitável (BROWN, 1990).

A postura de um homem, nu ou vestido, era a verdadeira marca de sua condição. Para as mulheres:

“a vergonha social que haveria em se exhibir de modo inconveniente constitui uma preocupação, não o simples fato de se mostrar nua: a nudez diante dos escravos é moralmente tão insignificante quanto a nudez diante dos animais; e a exibição física das mulheres das classes inferiores constitui outro sinal de sua desregrada inferioridade em relação aos poderosos”.
(Ibid., p. 236).

As mulheres dos homens públicos eram tratadas como seres periféricos que pouco ou nada contribuíam para o papel público de seus maridos, mundo esse exclusivamente masculino. Os homens incorriam no risco de ter o seu caráter minado pela sensualidade das mulheres, embora muitas vezes elas representassem fonte de coragem e bons conselhos em momentos difíceis. (Ibid.).

O mundo do judaísmo tardio, a partir do século II a.C., constituiu um modelo diferente de pessoa humana que mobilizava todo o eu a serviço de uma lei religiosa e tinha como ponto de partida o coração – núcleo de motivações, reflexões e objetivos imaginários; simples e transparente às exigências de Deus e do próximo. Dessa forma o coração era público ao olhar de Deus e dos anjos. Nada se fazia em segredo. Tudo era visível ao olhar divino.

Ao longo dos séculos o rabinato aceitou o casamento como critério quase obrigatório de sabedoria e os dirigentes das comunidades cristãs se orientaram no sentido oposto: o acesso aos cargos de direção nessas comunidades identificava-se com o celibato quase obrigatório.

O sexo, segundo o judaísmo, constituía um complemento da personalidade, impulsiva mas suscetível de moderação, assim como as mulheres, que eram necessárias à existência de Israel mas não podiam opinar em assuntos masculinos. Entre os cristãos o sexo contém forte carga simbólica considerando-se que a retirada da sexualidade significava a disponibilidade para Deus e para o outro, ligado ao ideal da pessoa de “coração simples” (Ibid.).

Hermas era um profeta obsecado pelo desejo de preservar a solidariedade do “coração simples” entre os crentes. Ele próprio, porém, não o era. Escravo próspero e corrompido de uma residência cidadina, testemunhou devastações provocadas pelas ardilosas relações dos “corações divididos” entre os ricos protetores cristãos, os padres e

os profetas rivais. Ele experimentou uma atração sexual por sua senhora que, apesar de boa cristã, sempre esperava que ele a ajudasse a sair nua de seu banho no Tibre.

A estrutura do casamento e da disciplina sexual para as famílias cristãs nos séculos II e III indicavam a extensão das mudanças nos ideais morais ocorridos na Igreja. O médico Galeno surpreendia-se com tanta austeridade (Ibid.).

A prática dessa austeridade sexual pelos cristãos também aceita pelos pagãos, constava de renúncia sexual completa para alguns, ênfase na harmonia conjugal e severa desaprovação de um segundo casamento. Os jovens púberes deveriam casar-se o mais cedo possível a fim de controlar, graças a uma vida conjugal lícita, as tensões explosivas da atração sexual.

Não havia um segundo casamento e a comunidade tinha uma reserva de viúvos e viúvas que dedicavam seu tempo para a Igreja:

“menos expostos que os notáveis às tensões ligadas ao exercício do verdadeiro poder – corrupção, perjúrio, hipocrisia, violência e furor-, esses tranqüilos cidadãos de “condição mediana” poderiam testemunhar sua preocupação com ordem e coesão na esfera mais doméstica da autodisciplina sexual” (Ibid., p. 255).

O paradigma monástico, então, impôs uma carga ligada ao casamento e às relações sexuais no casamento. A história da queda da humanidade representada por Adão e Eva:

“é um espelho fiel da alma dos ascetas da época: tremendo diante do envolvimento com as obrigações desastrosas da vida “do mundo”, ele resolve optar pela vida “angélica” do monge. Pois no mundo rígido das aldeias do Oriente Próximo como nas famílias austeras dos cristãos citadinos, a entrada “no mundo” começa na prática por um casamento que os pais arranjam para os jovens casais desde o início da adolescência” (Ibid., p. 285).

Dessa forma o paraíso só seria conquistado pelos que adotassem abstinência sexual. O sexo foi transformado então em algo temível, constituindo-se num grande medo do mundo oriental do século IV. Desde os chefes de família das classes sociais superiores até os heróicos “homens do deserto”, todos deviam partilhar um

código de abstenção sexual, independente de classe ou profissão. Os banhos públicos, ponto de reunião social e prazer foram atacados. Em Antióquia, João Crisóstomo:

“critica o hábito das mulheres da aristocracia de exibirem a uma multidão de servos suas carnes bem nutridas, cobertas apenas de pesadas jóias que constituem a marca de sua elevada posição. Em Alexandria os farrapos dos pobres devem provocar no crente visões perturbadoras: medo inconcebível nos séculos anteriores, em que essa nudez parcial era tida como indigna, mas dificilmente como fonte de inelutável perigo moral” (Ibid., p. 287).

O sexo do casal cristão dessa época foi interpretado por Santo Agostinho que desvendou aspectos do ato sexual que pareciam trair uma profunda ruptura entre a vontade e o instinto. A ereção e o orgasmo prenderam-lhe a atenção, considerando que a vontade não atuava sobre ambos. Isto significava que todos os seres humanos sofriam a cólera de Deus a partir de Adão e Eva – uma concupiscência da carne que é o sinal da ruptura entre Deus e o homem. Essas idéias tornaram-se parte integrante do universo mental da cristandade ocidental e impuseram um rigor e uma consciência ascéticas da fraqueza moral do homem aos humildes chefes de família – todos participavam de uma fraqueza universal e primitiva – uma natureza sexual herdada de Adão e Eva.

De todas as batalhas dos cristãos, a maior delas era preservar a castidade. Muitos lutavam e poucos venciam.

Libido e castidade

Os banhos mantiveram-se durante algum tempo até nos mosteiros, mas reservando-se, cada vez mais, aos enfermos. A nudez só existia durante o banho e na hora de dormir. O lugar do corpo era definido pela dupla oposição – celibato contra casamento, libido exigente contra ternura casta. Nos rios e nas piscinas das estações termiais, como a de Aix, Carlos Magno nadava com seus convidados, muitas vezes mais de cem pessoas.

Não havia água corrente nas casas, exceto para raríssimos privilegiados; as fontes e os banhos públicos eram alimentados pelos aquedutos. Iniciava-se, então, a inserção de moradias no tecido urbano. O funcionamento da casa dependia de arranjos coletivos que mudaram, consideravelmente, a partir da existência de uma rede de distribuição de água graças à instalação de condutores sob pressão e a presença, também, de esgotos.

O mapa das ruínas da Basílica privada de Bulla Regia atestou a presença de banhos privados nas casas. Em meados do século IV, nas modificações dos planos de moradia anexavam-se lotes e permitia-se a criação de termas, o que constituiu a remodelagem da trama urbana. Introduzia-se, no centro da moradia, uma natureza privatizada: água e vegetação permaneciam e eram privilegiados – o pátio se transformava em jardim ornado de fontes e tanques ou em piscinas decoradas com plantas. Às vezes o proprietário optava por tanques e plantas em vasos e, outras vezes usava todo o espaço como um jardim adornado de fontes. Os tanques eram adornados com temas marinhos, o que constituía uma forma de introduzir artificialmente na casa os prazeres do mar. Às vezes existiam peixes vivos numa piscina. Uma hierarquização social cada vez mais codificada e o crescimento do conforto privado remeteu ao fenômeno de privatização dos banhos e a multiplicação das termas privadas nas nobres residências africanas (THÉBERT, 1990).

Todas as cidades da África eram equipadas de banhos públicos que ocupavam um grande lugar na vida cotidiana dos habitantes. Não havia apenas um complexo programa balneário como também atividades físicas e intelectuais. Era um lugar para o exercício de diversas formas de sociabilidade e por sua amplitude era possível acolher numerosos usuários em ambientes variados:

“Ao lado desses vastos monumentos tendem a multiplicar-se as pequenas termas de bairro, talvez mais acessíveis e sem dúvida adequadas a um banho mais rápido. A causa poderia ser uma evolução dos costumes, ao menos se acreditarmos no autor gaulês tardio Sidônio Apolinário, cuja observação parece possível transpor para a África. Ele nos informa que depois das reuniões entre amigos em casa de uns e outros, todos se dirigiam aos banhos, não nas grandes termas públicas, mas nos estabelecimentos concebidos de modo a proteger o pudor de cada

um (Carmen, XXIII, versos 495-9). Parece, pois, que essa atitude associa a necessidade aristocrática de se manter à distância da multidão e uma nova forma de apreender o próprio corpo caracterizada pela afirmação do pudor” (Ibid., p. 367).

O fenômeno da privatização do banho remeteu à hierarquização social. Quem recebia seus dependentes pela manhã já não sentia ser favorável juntar-se à eles, à tarde, numa piscina coletiva e, ainda mais, nus.

As elites, então, tornaram-se mais atentas, além da nudez, aos odores e às sujeiras, inclusive das termas públicas, inaugurando uma nova relação com o corpo redundando em maior distanciamento e uma hierarquização crescente das relações sociais. Difundem-se, nessa medida, os banhos e as latrinas domésticas resultando na privatização de um certo número de atos, na ampliação do papel do espaço doméstico (Ibid.).

O corpo feminino constituía-se um tabu. O homem e a mulher só podiam ficar nus no leito, onde eles procriavam. O nu era sagrado. Se um homem livre tocasse uma mulher devia pagar multas em soldos:

“Os textos de alguns penitenciais revelam que durante cerimônias pagãs a moça ou a mulher se desnudava completamente a fim de provocar a fecundidade dos campos, a chuva, etc. Tocar uma mulher significava, portanto, atentar contra o processo da vida” (ROUCHE, 1990: p. 438).

A mulher só era levada em consideração enquanto mãe. Quando acontecia de uma criança nascer com deficiência, esta era considerada resultado da cólera dos deuses, pois a mulher tinha tido relações, por exemplo, numa noite de Domingo em dia consagrado.

O parto representava a feminilidade e o homicídio a virilidade. A educação do menino passava pelo esporte e pela caça e seu início dava-se após o primeiro barbear do rapaz. O crescimento do pêlo era a prova de que, uma das qualidades fundamentais do homem, a agressividade, podia ser cultivada. A caça era o treinamento mais importante e criava um elo com a morte²³.

²³ Cf. ROUCHE, Michel. *Alta Idade Média Ocidental*. In: *História da Vida Privada. Vol. I: Do Império Romano ao Ano Mil*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990, 468-9 “instaurava-se uma dupla relação de

Enquanto a caça criava um elo com a morte, a pesca era ligada à vida e simbolizava o alimento de paz, dos homens sem armas – os monges²⁴. Isso em decorrência de suas origens aquáticas, fonte da vida e também ligada ao mundo feminino. A pesca era tida como anticaça e a nobreza julgava tal atividade aviltante (Ibid.).

O peso da violência, o medo do sexo e da morte criavam uma culpa surda. Embora rigorosamente proibida a magia tornou-se o domínio ideal do sagrado:

“A relação individual com a esfera divina torna-se, com efeito, preeminente quando o cristianismo triunfa sobre o paganismo. A intimidade e a interioridade transformam-se em categorias mentais de conteúdo novo. O sagrado pagão - nas mãos da Igreja – a escritura, o clero e o escriba tornam-se agentes fundamentais desses novos comportamentos interiores e mediadores entre o homem e Deus, portadores ou reveladores dos segredos de cada um numa ambigüidade pesada de contínuos questionamentos” (Ibid., p. 501).

Os homens estavam convencidos de que as mulheres detinham os segredos do amor – essa loucura e as chaves da vida – esse tesouro. Faziam poções mágicas para suscitar o desejo utilizando-se de sangue menstrual, esperma do homem, urina de ambos os sexos, cujo princípio era captar as forças vitais por tudo que adviesse

familiaridade e amizade com os animais domésticos que ajudam a caçar, de hostilidade e agressividade em relação ao mundo selvagem, inculto ou não cultivado. Esse mundo misterioso e vazio de homens desde o século VII era chamado *for-etis*, termo do que deriva o francês *forêt* [floresta], que no sentido primitivo designa natureza selvagem exterior à dominação humana. Na mente dos francos essa natureza só pode ser domada pela violência no momento em que se encontra mais descoberta, no outono, quando a vegetação enfraquece e os jovens já não precisam da mãe. Então se estabelece essa rivalidade entre o homem e o animal que permite saber se a lei do mais forte é a da natureza ou a da cultura, a do instinto ou a inteligência. A finalidade da caça não consiste apenas em abastecer as cozinhas, mas também em treinar para a guerra, para a arte de matar”.

²⁴ JUNG, C.G. *Aion. Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Petrópolis: Vozes, 1982. “O símbolo do peixe constitui uma representação espontânea da figura do Cristo do Evangelho e também um sintoma que mostra de que modo e com que significado ele foi assumido pelo inconsciente. Sob esse aspecto, a alegoria patrística da captura do Leviatã (a cruz entendida como anzol e o Cristo preso a ela como isca) é sumamente característica: Capturou-se um conteúdo (peixe), do fundo do inconsciente (mar), que ficou preso à figura de Cristo. Daí provém, provavelmente, a expressão característica de Agostinho: “de profundo levatus” (tirado das profundezas), que se aplica ao peixe. E também a Cristo? A figura do peixe surge das profundezas do inconsciente, ao encontro de Cristo, e quando Cristo era invocado como *Ichthys* [peixe], tal designação dizia respeito àquilo que fora arrancado das profundezas do inconsciente. O símbolo peixe representa, portanto, uma ponte entre a figura histórica de Cristo e a natureza psíquica do homem na qual repousa o arquétipo do Redentor. Por esta via, Cristo se converteu na experiência interna, no “Cristo em nós”. (p. 172, 173).

do ser vivo. Uma das magias para provocar ou conservar o desejo do marido consistia em introduzir um peixe vivo na vagina e deixá-lo morrer ali. Carregado com a força geradora e afrodisíaca o peixe era temperado, cozido e oferecido ao esposo. Para a mulher o objetivo era a procriação mais do que o prazer, sendo a água sua cúmplice:

“Pois bem sabemos que a vida nasce da água, que o peixe foi a primeira forma de vida e que o feto tem brânquias no começo do primeiro mês, Misteriosa convência, surpreendente predição dessa mentalidade religiosa pagã!” (Ibid., p. 505).

O grande segredo dos adivinhos, feiticeiros, mulheres era aprisionar o sagrado: *“aproximar-se de sua perigosa radiação”* freqüentando os bosques sagrados, realizando danças rituais destinadas a provocar a fecundidade e a prosperidade e afastando os mortos.

A força divina era algo exterior. As mentalidades teriam que passar do sagrado ao sacramento. Foram então construídos santuários e basílicas para o culto dos santos; procissões e celebrações litúrgicas para tornar a fé pública.

Toda a magia foi considerada como demoníaca²⁵. O imaginário cristão integrou o diabo em sua visão do além e integrou-o também à sua vida cotidiana.

Segredo e violação

Uma progressão do conforto privado tanto dos olhos quanto da boca foi facilitada pela melhoria no abastecimento de água²⁶ que se encontrava ao alcance da

²⁵ Cf. ROUCHE, 1990: p. 507) “os Concílios de Agde (506) e Orléans (501) condenaram os adivinhos e as pitonisas, “possuídas pelo demônio”. Apresentados como ilusões, seres reais incorpóreos, simbolizados pelo leão ou pelas serpentes, os demônios tinham a vantagem de personalizar as forças obscuras oriundas do cosmo que os antigos pagãos temiam. O adversário tinha um nome, e isso já mudava a relação de forças. Capaz de todas as metamorfoses, o demônio consegue, como diz Gregório de Tours, “macular a cadeira do bispo, na qual se senta por zombaria, vestido de mulher”. Ele também se liga aos fracos: “As mulheres, criaturas medrosas, devem sempre temê-lo”. Ele se infiltra nos maus sentimentos, na astúcia, no ciúme, e torna-se também inimigo interior. O medo do diabo passa a designar a angústia ante as forças malvadas do mundo, porém a proximidade dos santos e o poder de sua proteção ali estavam para aniquilá-lo. A ameaçadora imensidão de uma natureza indomada deixava lugar a uma relação dual, a um combate, e não mais a um contrato legal cheio de astúcias.”

mão. Os domésticos, servidores e as criadas traziam-na para os banhos e assistiam aos patrões nesses momentos mais íntimos. Nos séculos XIV e XV a nudez vista pelos criados era indiferente aos patrões, pois os segredos que importavam eram os das famílias burguesas e das fortunas.

O preparo dos banhos pelos criados era uma prática dos nobres e ilustres; era sinal de *status* e motivo de ostentação. Era como se a água fosse sinal de riqueza. Também em comemorações e recepções o banho para os convidados ilustrava a prodigalidade do anfitrião:

“As contas de Filipe, o Bom, registrando não apenas as despesas, como também as ações do duque, permitem verificar os “banhos tomados em seu palácio”. Eles sempre supõem um acréscimo de alimentos, e particularmente de carnes. São oportunidades para convites, banquetes, agitações muito especiais de coisas e de pessoas: “Em 30 de dezembro de 1462, o duque fez festa nos banhos de seu palácio, onde estavam o sr. De Rovestaing, o sr. Jacques de Bourbon, filho do conde de Russye, e muitos outros grandes senhores, cavaleiros e escudeiros”. A prática, portanto, é prestigiosa. Em certo sentido, ela até enobrece o banho proporcionando um excedente de prazer e refinamento: “O duque recebeu festivamente ao jantar os embaixadores do rico duque da Baviera e do conde de Württemberg e mandou fazer um suplemento de cinco pratos de carne, para festejar-se nos banhos”. Uma tal ceia pode ser, enfim, agrado real” (GACHARD apud VIGARELLO, 1996, 26 p.)

“A recepção oferecida em 10 de setembro de 1467 por J. Dauvet, primeiro presidente do Parlamento, à rainha Carlota da Savóia seguida de “várias outras damas de companhia” assemelha-se em todos os aspectos àquelas evocadas pelas contas do duque de Borgonha: “Elas foram recebidas e festejadas muito nobremente e com grande largueza, e foram

²⁶ Cf. RONCIÈRE, Charles de la. *A Vida Privada dos Notáveis Toscanos no Limiar da Renascença*. In: *História da Vida Privada. Vol. II Da Europa Feudal à Renascença*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990, p. 203, 204. “o poço público cavado nas encruzilhadas e nas praças, e mantido à custa dos vizinhos, é de uso comum em Bolonha, em Piacenza, em Florença e em muitas cidades no século XIII. Mas a água que daí se tira nem sempre é suficiente, nem sempre boa, e a água do rio, quando existe um, não é melhor. Preocupadas em mudar as coisas, comunas tomaram a questão nas mãos, criando, como em Veneza, um conjunto de cinquenta cisternas públicas suplementares ou organizando, como em Siena, uma ambiciosa rede de canalizações subterrâneas e de fontes públicas. Em outras partes, são antes os habitantes que vemos agir. Em Florença, por exemplo, nos novos loteamentos traçados em 1320-1380 ao norte de San Lorenzo, poços privados são freqüentemente construídos com os edifícios (...) quanto mais as ruas são belas e as construções caras, mais os poços são numerosos”

feitos quatro belos banhos e ricamente preparados” (TROYES apud VIGARELLO, 1996, 26 p.)

Não apenas em comemorações e recepções havia a prática do banho. Também no espaço do gineceu, célula íntima das mulheres, o mesmo era praticado de outra forma.

O gineceu, especificamente feminino, constituía-se de um espaço privado separando o mundo interior do espaço exterior para que as mulheres executassem: canções de fiar²⁷, canções de gesta, romances e mesmo serões de mulheres na literatura mais tardia.

A organização do gineceu considerava uma presidenta eleita em rotação e um auditório feminino que aumentava dia-a-dia. Esse agrupamento de mulheres era depositário de saberes secretos que eram difundidos apenas entre as mulheres. No *“Roman de la Violette”* há a violação desse espaço fechado:

“a ama-de-leite encarna a quebra da solidariedade em relação à célula íntima das mulheres: ela espreita o desejo nascente do homem, intromete-se, arranca à moça o segredo do sinal íntimo – a violeta -, depois transpassa a barreira simbólica cuja fragilidade assinala uma fenda nos valores utópicos do gineceu, o harmonioso plural das mulheres” (RÉGNIER-BOHLER, 1990: p. 346-7).

O momento da intimidade do banho propiciou, através da espionagem possibilitada pela ama, a violação do espaço do gineceu. O banho ofereceu ocasião de intrusão do olhar masculino.

Esse tema é freqüente na iconografia ocidental das “toilettes” das deusas ou de simples mortais. Rembrandt (figura 4), por quatro vezes, retoma o tema de *Susana e os Velhos*. Também Tintoretto (figura 5) e Leandro Bassano (figura 6) aliam em suas pinturas o ornamento feminino, a carne, a cabeleira preciosa, o espelho originário

²⁷ Cf. RÉGNIER-BOHLER, Danielle. *Exploração de uma Literatura*. In: *História da Vida Privada. Vol. II: Da Europa Feudal à Renascença*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990, p. 344 “nas canções de fiar a noção de fronteira se delimita por uma situação de dependência da mulher e uma revolta virtual diante da instituição de um casamento temido e consumado: o tempo é o da espera, e o acento está colocado em uma temporalidade desesperadamente interna”

constituído pela água e o tema de *Susana e os Velhos*²⁸. A força dessas imagens são retratadas por Rembrandt no quadro *Betsabá e a Carta do Rei Davi*²⁹ (figura 7). O homem escondido atrás das cortinas ou da janela suscita a surpresa da mulher que se banha (figura 8 – *Uma Mulher no Banho* – Jean-Baptiste Pater).

O corpo não era apenas o signo de uma exaltação da pessoa como gozo em relação ao Eu e ao Outro, mas também a sede de um bom ou de um mau uso de si. Convenções ditavam seu estatuto e seus gestos. Os textos medievais apresentavam um código específico que fixava para o corpo feminino uma beleza canônica incluindo a brancura da face, os cabelos louros e a harmonia dos traços (Ibid.).

O corpo masculino era representado pela excelência muscular e a tez tinha grande importância para a aparência do corpo. Aos cuidados estéticos faziam intervir os cuidados médicos: conselhos referentes ao código de sociabilidade, anotações sobre a higiene e valorização do corpo.

As saunas e os banhos públicos passaram a ser objeto de regulamentação e vigilância tentando-se evitar a promiscuidade sexual alternando os horários para homens e mulheres. Esses espaços se propunham a serem terapêuticos e, um letreiro

²⁸ *Susana no Banho, Surpreendida por Dois Velhos*. Rembrandt, 1647 (Berlim, Gemäldegalerie, Staatliche Museen zu Berlin – PreuBischer Kulturbesitz). Um texto apócrifo de Daniel relata a história de Joaquim e de sua esposa Susana. Na época do cativo do povo de Israel, Joaquim possuía em Babilônia uma rica residência cercada por um jardim onde os judeus tinham o costume de se encontrar. Dois anciãos, escolhidos para juizes, exerciam aí as suas funções. Inflamando-se de paixão pela bela Susana, atacaram-na no dia em que ela se banhava no jardim. “As portas do jardim estão fechadas, ninguém nos vê, e nós ardemos de paixão por vós: rendei-vos ao nosso desejo, e fazei o que desejamos. Se não o desejais, testemunharemos contra vós e diremos que havia aqui um homem jovem convosco, sendo essa a causa da expulsão das criadas.” Susana soltou um suspiro profundo e respondeu-lhes: “Só vejo perigo e angústia por todos os lados. Porque se fizer o que desejais, serei morta, e se não fizer nada, não escaparei das vossas mãos. Mas para mim é melhor cair nas vossas mãos sem ter cometido mal que peca na presença do Senhor”. Assim, por recusar os seus avanços, Susana foi acusada injustamente e condenada à morte. Mas um rapaz novo interveio e pediu que os velhos fossem ouvidos separadamente. Dessa maneira foram desmascarados e Susana salvou-se. A criança não era outra senão Daniel.

²⁹ *Betsabá e a Carta do rei David* Rembrandt, 1654 (Paris, Musée du Louvre). Betsabá foi uma das mulheres mais poderosas do velho testamento e viveu uma história de amor com David, o herói judeu que matou o gigante Golias. “David foi o rei mais popular e mais bem-sucedido que Israel jamais teve, rei e governante arquetípicos, de sorte que, por mais de 2000 anos depois de sua morte, os judeus viram o seu reino como uma idade de ouro.” Calcula-se que David reinou por volta de 1000 a.C. (Paul Johnson, historiador inglês). O Velho Testamento conta que David, depois de tirar uma sesta, avistou de seu palácio uma mulher tomando banho. Era Betsabá. Betsabá segura pensativamente a carta, na qual o rei David lhe pede que vá ter consigo, colocando-a assim na perspectiva de cometer adultério.



Figura 4 - Susana no Banho Surpreendida por Dois Velhos – Rembrandt (1647)

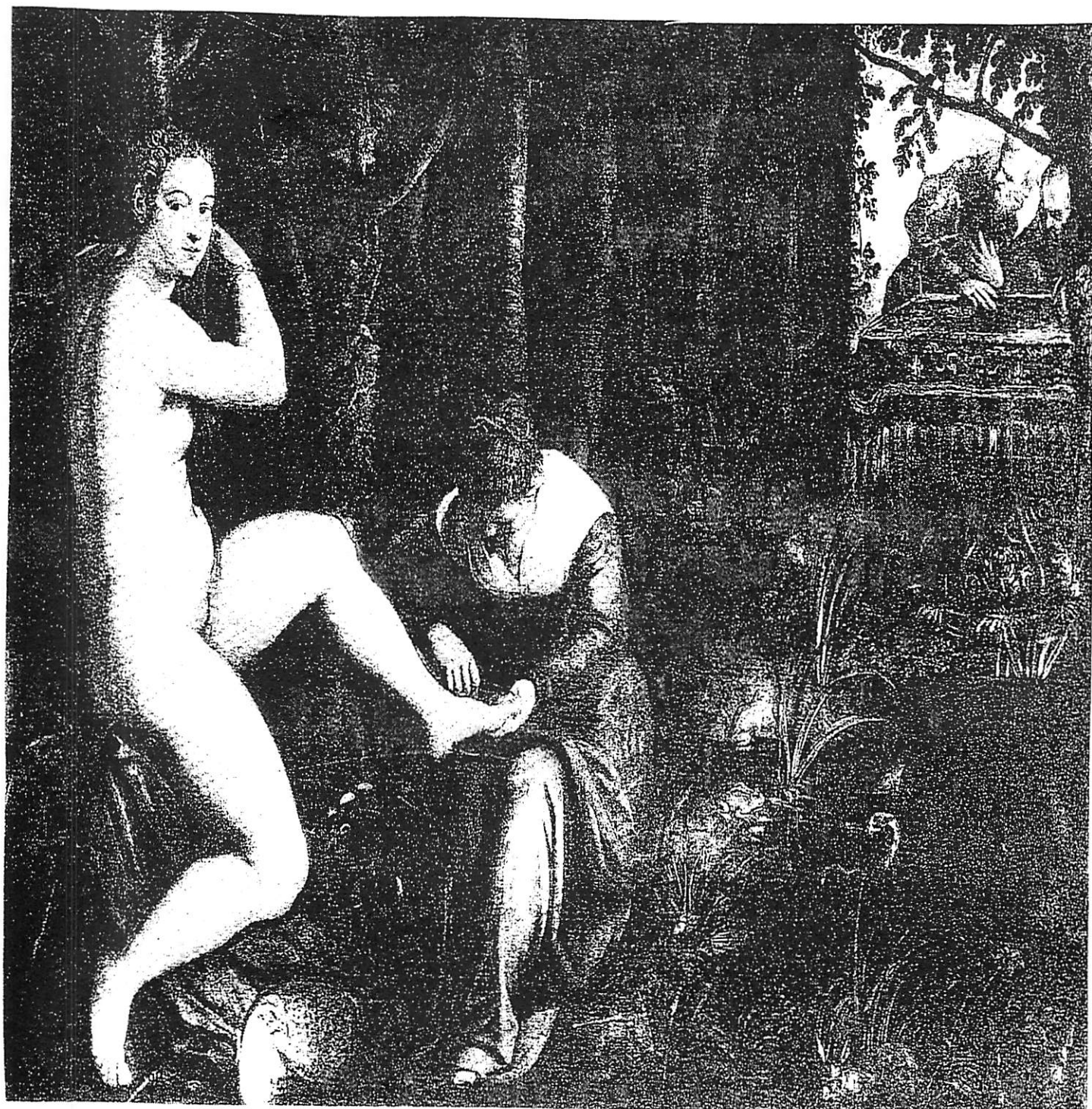


Figura 5 – Susana no Banho. Tintoretto



Figura 6 - Susana no Banho - Leandro Bassano (1592)

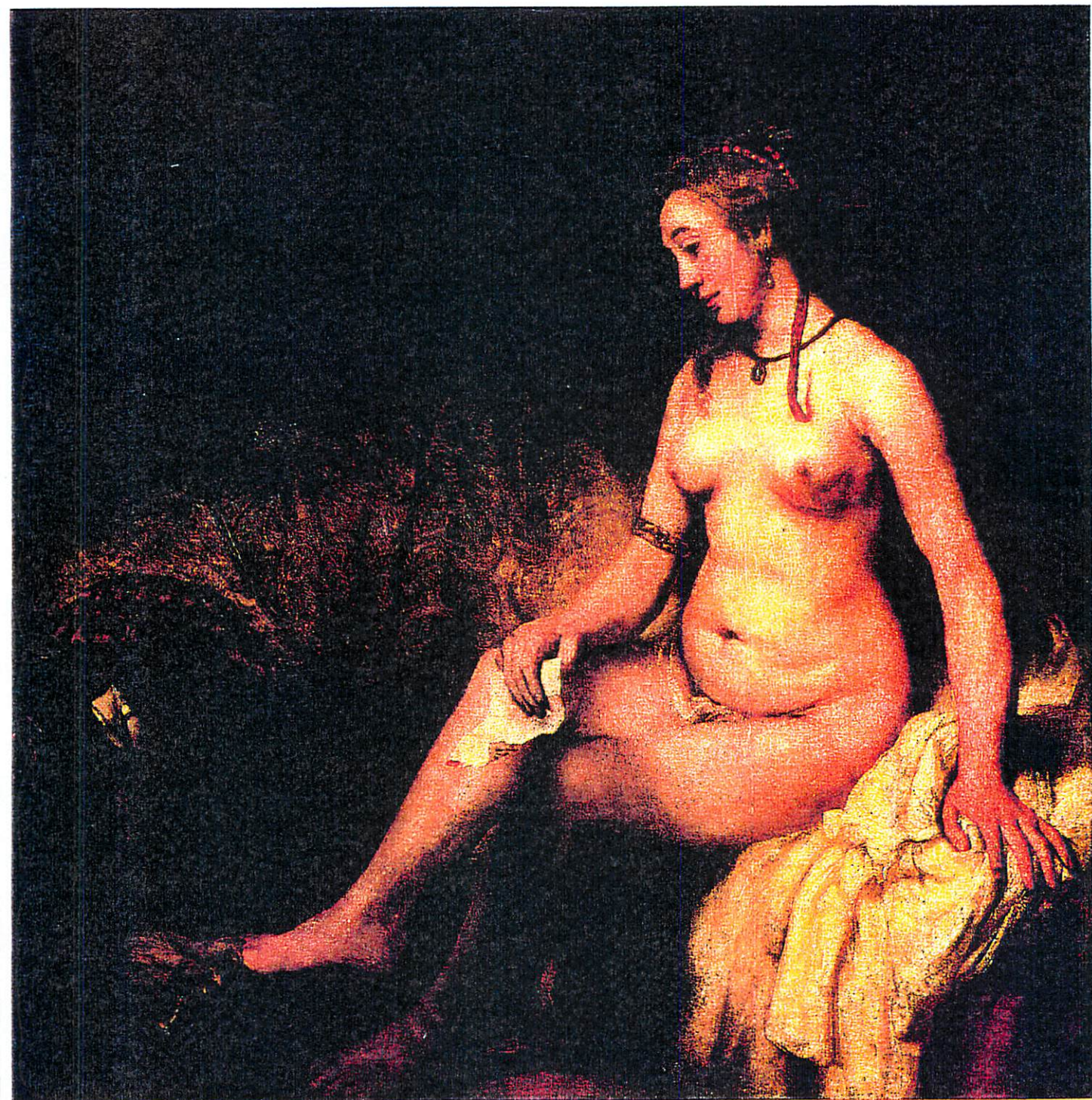


Figura 7 - Betsabá e a carta do Rei Davi – Rembrandt (1654)

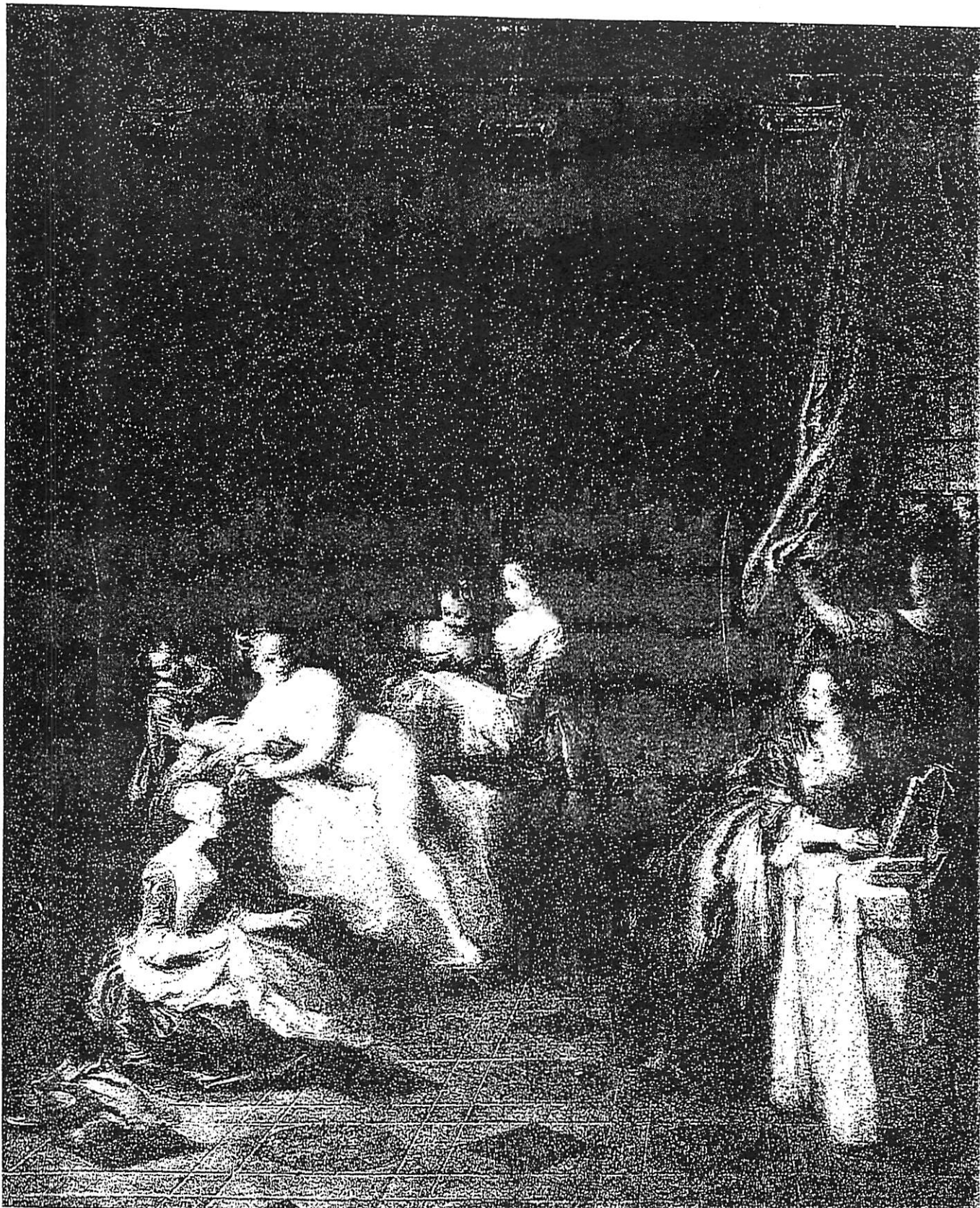


Figura 8 – Uma mulher no banho – Jean-Baptiste Pater

colocado em cada banho, esclarecia as suas virtudes. Eram freqüentados por doentes, coxos e aleijados de todas as regiões. Em cada banho existia uma fonte de água fervendo e água fria para resfriar a quente. Cada banho era fechado e isolado e, quartos contíguos possibilitavam repousar após o tratamento. Essas saunas comuns despertavam ciúmes nos maridos pois o banho deixava eclodir o erotismo. Cada vez mais eram instaladas as saunas privadas.

Vários são os romances que abordam o banho e sua importante função simbólica constituindo-se no espaço e no tempo da intimidade.

No “*Roman de la Rose*”, apud RÉGNIER-BOHLER (1990) o erotismo aparece ligado à umidade feminina sugerida pelo vapor, nas palavras da personagem da Velha:

“Estais ainda na infância e não sabeis o que fareis, mas eu bem sei que em um momento qualquer, cedo ou tarde, passareis pela chama que queima tudo, e vos banhareis na tina em que Vênus aquece as damas. Bem o sei, sentireis o fogo! Assim, aconselho-vos a preparar-vos, antes de irdes ali vos banhar, como me ouvireis ensiná-lo, pois toma um banho perigoso o jovem que não tem ninguém para instruí-lo” (p. 364).

Nesse romance a freqüência à estufa, faz com que rapazes e moças encontrem prazeres não só nos banhos em comum como também são mencionados quarto, camas, festins:

*“Lá vão rapazes e senhoritas
unidos por velhas proxenetas
percorrendo prados, jardins e bosques
mais alegres do que papagaios
depois voltam a entrar nas estufas
e banham-se juntos em tinas [...]*

(LORRIS E MEUNG apud VIGARELLO, 1996: p. 32).

No romance “*Flamenca*” a esposa consegue encontrar-se com o amante na sauna apesar deste trancá-la no local. Para sair ela precisava tocar uma sirene. Flamenca diz-se doente e marca com o amante o encontro. Convida seu círculo feminino para banhar-se mas escolhe as fontes vulcânicas cujo odor não é agradável. Dessa forma

as outras mulheres desistem do banho e a esposa evidencia um erotismo temido pelos maridos. (RÉGNIER-BOHLER, 1990).

Os banhos e massagens eram utilizados nos rituais de acolhida ao visitante. Eram também terapia e erotismo. Em geral era o homem que constituía o objeto desses cuidados atentos e dessa proximidade corporal. Após a realização dos torneios os combatentes voltavam para casa e apreciavam a água quente que lhes era oferecida para banhar os pescoços feridos.

O tema decora o portal da Catedral de Auxerre representando uma estufa onde o filho pródigo é massageado e enxugado por mulheres e uma criada despeja água na tina. Para realçar a sedução sereias e serpentes cercam a cena (ENLART apud VIGARELLO, 1996).

Em muitos outros lugares são retratados corpos que se banham na mesma tina; convivas e serviçais circulando no momento do banho; mistura de sexos, de idades e de nudezes que remetem a uma outra forma de sociabilidade.

A prática dos banhos está ligada ao segredo e à violação, ao tempo lúdico e festivo, aos prazeres e ao jogo; a ilegalidade e à transgressão:

“Quando, em 29 de agosto de 1466, Jehannotte Saignant, dona de estufas, é colocada sob uma grade, antes de ser embrulhada num saco e afogada nas águas do Ouche pelo carrasco de Dijon, seus crimes são os mais variados, mas nem sempre gravíssimos. Antes de tudo, turbulência em torno de seu estabelecimento: ela teria favorecido o arrombamento, por um de seus clientes, da casa do sr. De Molène, secretário do Duque de Borgonha. A agressão visava à mulher desse último e nunca foi totalmente esclarecida. Em seguida, prostituição ilícita: a estufa de Jehannotte era provida de “jovens camareiras de grande graça, muito complacentes e bem induzidas”, a serviço da casa. Finalmente, envenenamento: a dona de estufas teria utilizado uma erva “especial” para preparar o vinho e a refeição de uma cliente à qual então “queria mal”. O resultado foi “trágico” para a banhista: “Parecia que se tornara louca [...] A qual esteve doente desde então, por muito tempo, sempre até sua morte, e, finalmente, sem recuperar a saúde, ela morreu” (GARNIER apud VIGARELLO, 1996: p. 35).

Os olhos estavam, então, voltados para o que acontecia nas estufas: ouvia-se gritos, berros, saltava-se tanto que o autor considera que era de se espantar que os vizinhos o tolerassem, a justiça o dissimulasse e a terra o suportasse. Enfim nesses locais de prazer a motivação dos banhistas, dos encontros, das comemorações e dos festins mantinha uma cumplicidade com a transgressão. Nessa medida fazia-se o recenseamento das violências ocorridas nas saunas bem como dos “desvios” ocorridos ali :

“É como se algumas espontaneidades, algumas impulsividades, até então vagamente integradas ou até mesmo julgadas normais, fossem agora vividas como excessos. Mais do que em qualquer outro lugar, decerto aqui estão próximos os comportamentos “mal” dominados, os gestos abruptos, as atividades “demasiado” impulsivas, todas as “palavras contenciosas”, enfim, que levam a “sacar o punhal”, relatadas, no século XV, pelos processos surgidos em torno das estufas” (VIGARELLO, 1996: p. 35/36).

As estufas pertenciam ao mundo do prazer e não estavam a serviço da ordem. A água era tida como um suplemento de prazer e aumentava o sentimento de desregramento. Esses estabelecimentos foram então comparados a bordéis, a tabernas e o moralismo da Igreja reforçava as normas sociais e urbanas que invocavam o seu desaparecimento. Os fatores que influenciaram a recriminação dessa prática dos banhos tinham uma dupla lógica: intolerância com um ambiente turbulento e violento e medo referente à fragilidade dos corpos gerando as pestes.

Nos palácios e casas dos nobres não havia violências e nem se estabeleciam relações com a delinquência urbana. O seu desaparecimento deveu-se mais ao imaginário da água – dos fluxos perigosos – e, às representações do corpo. Mas, tanto nos palácios quanto nos banhos públicos, seu contexto era o do divertimento. O banho era, de fato, um palco de diversão social; a água permite que se desfrutem melhor os sentidos. Ela é calor e comunicação mais ou menos sensual (Ibid.).

Na classe dominante não se iniciava uma refeição oferecida na sala da sociedade sem que fossem apresentados aos convivas os jarros com água para as abluções. A toailete conduzia ao banho onde reencontrava-se o corpo nu. Antes de lavá-

lo também era preciso desembaraçá-lo dos piolhos e insetos. Era preciso fazer recuar o imundo preservando das epidemias.

A água corria abundantemente também pelos corpos dos cavaleiros errantes, que eram friccionados, esfregados à noite, pelas filhas dos hoteleiros. Esses cuidados eram vistos com desconfiança pelos moralistas pois o banho conduzia à procedimentos indignos. O banho quente era prelúdio obrigatório dos jogos amorosos. Os homens e mulheres na Idade Média lavavam-se e massageavam-se mais comumente que seus descendentes.

A lavagem do corpo não provocava, no final da Idade Média, as prevenções do moralismo monástico; a prática do banho e da sauna era geral. Em todos os meios não havia reservas quanto à lavagem completa do corpo. Hospitalidade e sociabilidade favoreciam os rituais:

“Quando o Senhor Barnabá Visconti, no relato de Petro Azario cumpre as promessas que fizera incógnito ao camponês que o ajudou a reencontrar seu caminho, ele o faz lavar-se na água tépida antes de oferecer-lhe o leito mais suntuoso que o infeliz jamais vira. Na rica morada burguesa do final da Idade Média, as pessoas se despem e se banham em seu privado. Na casa de Anton Tucher, de Nuremberg, por volta de 1500, o dono da casa passa de seu quarto para uma pequena peça onde se despe, e onde uma tina está instalada perto de um aquecedor de latão sobre um piso lajeado recoberto por um ripado de madeira. Deixam-se em infusão na água plantas odoríferas, segundo uma receita de Galeno, rega-se o banhista com pétalas de rosa: “Lançaram tantas sobre mim”, diz o herói cortês de uma epopéia austriaca escrita no final do século XIII por Ulrich von Lichtenstein, “que já nem sequer se via a água do banho”. No campo, se se julga a partir dos Fabliaux, a prática do banho não é menos difundida que na cidade; na casa ou fora, as pessoas se agacham em uma tina de água quente, debaixo de um pano estendido que conserva o vapor e acrescenta ao banho a sauna” (BRAUNSTEIN, 1990: p.592).

Às vésperas das bodas, o noivo e seus companheiros e, a noiva e suas companheiras tomavam banho juntos, num ritual anterior ao casamento.

Na cidade ou no campo as pessoas se dirigiam aos estabelecimentos públicos de banho, muitas vezes gerenciados pela comunidade. Seguiam quase nus, a

correr pelas ruas. Além dos banhos havia também a cura termal que se torna um fenômeno mundano.

Os prazeres da água foram amplamente partilhados no final da Idade Média:

“No Norte dos Alpes, a prática da sauna é muito antiga e corrente; o Tratado Italiano De Ornatu, sobre a toaleta feminina, esclarece que o banho de vapor, ou stuphis, era uma receita germânica. Efetivamente, a sauna – da qual uma das mais antigas descrições foi transmitida pelo geógrafo e diplomata Ibrahim ben Yacub, visitando a Saxônia e a Boêmia em 973 – é uma instituição muito difundida no mundo eslavo e germânico; na maior parte das aldeias, a sauna, assinalada pela insígnia de um feixe de galhos folhosos, funcionava alguns dias por semana”. (Ibid., p. 592/93).

O austríaco Siegfried Helbling, poeta épico do final do século XIII, descreveu com grande luxo os detalhes de todas as fases do banho de vapor que tomavam juntos um cavaleiro e seu criado. O banho e a sauna eram lugares de relaxamento e limpeza do corpo, onde se podia discutir, recuperar-se, divertir-se:

“A partir do momento em que o mestre de banho toca a trompa, as pessoas afluem, descalças e sem cinto, camisa de banho ou roupão no braço, deitam-se sobre os bancos de madeira, na obscuridade do vapor, em torno das pedras aquecidas regadas regularmente, deixam-se massagear as costas, os braços, as pernas por massagistas, ativa-se a sudação com golpes de feixes de ramos, esfrega-se o corpo com cinzas e sabão; depois vem o cabelereiro, que apara a barba e os cabelos; enfim, veste-se o roupão para repousar em um leito numa peça vizinha” (Ibid., p. 593).

Poggio, autor da moda em 1416, dirige-se aos banhos de Baden, perto de Zurique. Baden significa banhos e é situada em um vale com altíssimas montanhas, perto de um grande rio de corrente rápida que deságua no Reno a 6 mil passos da cidade. Perto da cidade foi construído um estabelecimento sobre o rio para uso dos banhos. No centro do estabelecimento havia uma praça imensa e, à sua volta, edifícios onde cabiam multidões. Em cada edifício havia os seus banhos, alguns públicos, outros privados. Poggio descreveu o local:

“Nesses tanques, uma espécie de paliçada foi construída entre pessoas pacíficas: ela separa os homens das mulheres. É realmente risível ver velhas decrépitas, ao mesmo tempo que jovens, entrar na água completamente nuas sob os olhos dos homens, mostrando aos homens suas partes naturais e suas nádegas; eu ri muitas vezes desse gênero de espetáculo pitoresco, evocando por contraste os jogos florais, e em mim mesmo eu admirava a inocência daquelas pessoas, que não prendem seus olhos a esses detalhes e não imaginam nem dizem nada de mal.

(...) Quanto aos banhos que estão nas casas privadas, são muito chiques e, eles também, comuns aos homens e às mulheres. Simples telas os separam, nas quais inúmeras pequenas janelas são recortadas, e graças a elas pode-se beber junto, conversar, ver-se de um lado ao outro e mesmo se tocar, como é o hábito. Acima dos tanques correm galerias onde os homens se instalam para observar e discutir. Pois é permitido a todos ir aos banhos dos outros, para contemplar, tagarelar, jogar, descansar o espírito, e permanecer ali de maneira que, quando saem da água ou quando nela entram, as mulheres são submetidas ao olhar quase inteiramente nuas.

(...) Nenhuma guarda observa as entradas, nenhuma porta as proíbe, nenhuma suspeita de licenciosidade. Na maior parte dos casos, é a mesma entrada que serve aos homens e às mulheres, e os homens encontram mulheres seminuas, e as mulheres, homens nus. Os homens usam no máximo uma espécie de ceroulas, as mulheres estão vestidas com túnicas de tela, aberta no alto ou do lado, que não cobrem nem o pescoço, nem o peito, nem os braços, nem os ombros. É na água que muitas vezes se faz uma refeição pagando com seu bilhete de entrada, sendo as mesas postas sobre a água, e os espectadores têm o hábito de assistir a essas refeições.

(...) De minha parte, era da galeria que eu devorava tudo com os olhos, os costumes, o uso, os prazeres da sociabilidade, a liberdade, até mesmo a licença dos modos de vida. É realmente espantoso ver com que inocência, com que verdade eles vivem. Maridos viam sua própria mulher tocada por estranhos e não se perturbavam, não prestavam atenção a isso, tomavam tudo pelo lado bom. Não há nada de tão delicado que não se torne fácil graças a seus hábitos de vida. Teriam facilmente se acomodado ao Político de Platão, tornando qualquer coisa comum a todos, já que, sem se basear em suas teorias, se classificariam de

imediatamente entre seus seguidores. Em certos banhos, os homens se misturam diretamente às mulheres, quer sejam seus próximos pelo sangue ou por outras cumplicidades; a cada dia, entram no banho três ou quatro vezes, passando assim a maior parte do dia, cantando, bebendo ou dançando. Com efeito, cantam na água ao som da cítara, agachando-se um pouco; e é um espetáculo encantador ver moças, já maduras para o casamento, na plenitude de suas formas núbéis, o rosto brilhante de nobreza, manter-se e mover-se como deusas; enquanto cantam, suas roupas formam uma cauda flutuante à superfície das águas, de modo que as tomaríamos por Vênus aladas” (Ibid., p. 594-96).

Poggio descreveu também os jogos de dardos e apresentação de danças realizadas num grande prado plantado de árvores ao longo do rio:

“Esses lugares creio realmente que viram nascer o primeiro homem, esses lugares que os judeus chamam Éden; é bem isso, o jardim da volúpia. Pois se a volúpia pode tornar a vida feliz, não vejo o que falta aqui para atingir a perfeição de uma volúpia sob todos os aspectos consumada”. (Ibid., p. 596).

Poggio questionava-se se era possível que o corpo fosse a uma só vez oferecido e puro. Naqueles banhos misturavam-se as idades e os sexos: a velha não escondia as suas formas e os jovens que se olhavam quase nus não tinham os olhos acesos de desejo. Os corpos se tocavam e as mulheres não escondiam seu pescoço, seu colo, seus ombros, seus braços. Em seus questionamentos, Poggio, humanista, considerava que era ele que as despia com o olhar e tinha pensamentos e palavras impúdicas. A inconveniência estava em seu olhar pois, segundo ele, o espetáculo era de simplicidade e saúde mental. Ele era um *voyeur* diante dessa comunidade de corpos reconciliados, alegres e sem desejos; seu sentimento era de dor frente a uma plenitude da qual não participava: nada de guardas nas portas, nada de maridos ciumentos. Essa assembléia de corpos felizes anunciavam a Renascença, os atletas de Michelangelo atrás da Virgem musculosa e as festas despidas, de Primaticcio a Cranach.

Na figura 9 Johannes Stumpf, Schhweizer Chronik, 1586, mostra as diferentes maneiras de banhar-se: em uma grande cuba com várias pessoas; nos célebres banhos de Baden perto de Zurique, jovens e velhos, homens e mulheres, são e doentes

entram juntos na piscina pública, sob os olhos de alguns espectadores; em um poço d'água em pleno campo; é cura termal dita natural ou selvagem.

Na figura 10 – Das Mittelalterliche Hausbuch – manuscrito do fim do século XV (Coleção dos príncipes Waldburg-Wolfegg), o desenho a pena reúne em torno de um banho voluptuoso, entre íntimos, todos os ingredientes do prazer: a música de diversão, o vinho posto para refrescar, o jardim fechado povoado de animais, onde se passeia conversando.

As fontes de juventude dos quadros flamengos do século XV foram inspirados, parcialmente, em homens e mulheres jovens, em corpos graciosos, nadando nus. O “*Jardim das Delícias*” de Hieronymus Bosch ilustra um paraíso perdido (figura 11).

O Jardim das Delícias descreve o prazer dos sentidos quer seja ao representar o casal dentro de uma bolha embaixo à esquerda ou o casal dentro da concha. Muitas figuras representam jogos de amor: o homem que mergulha primeiro com a cabeça na água e que tapa seu sexo com as mãos ou, embaixo, à direita, o jovem que introduz flores no ânus do seu companheiro. Bosch retratou o prazer carnal e inúmeras figuras metafóricas ou simbólicas tais como os morangos que são insistentemente evidenciados. Os Espanhóis, ao invés de denominar o quadro de *Jardins das Delícias*, chamam-no de o *Jardim dos Morangos*.



Figura 9 – Diferentes maneiras de banhar-se. Johannes Stumpf (1586)

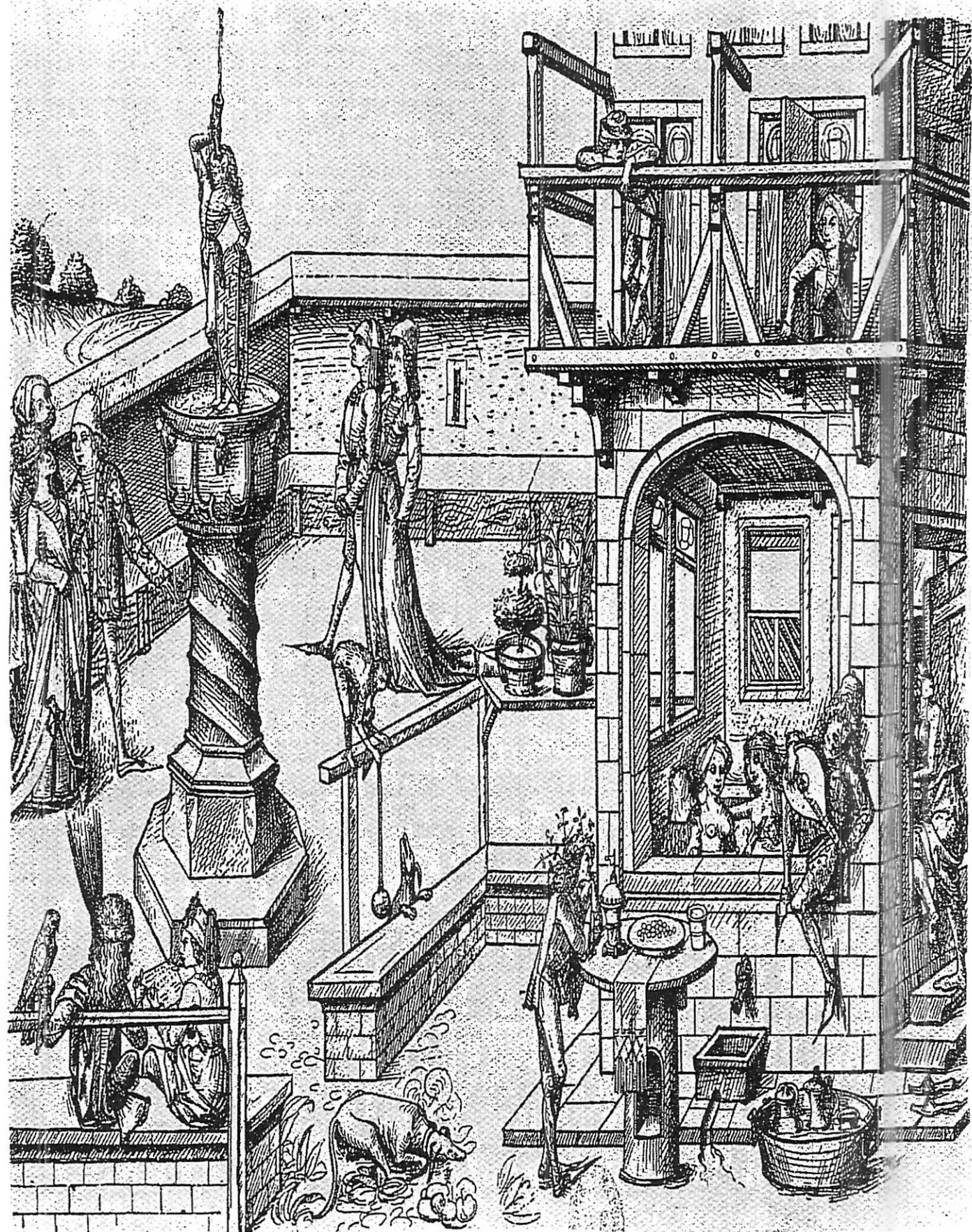


Figura 10 - Manuscrito fim do século XV

O investigador flamengo Dirk Bax (apud BOSING, 1991) fez

“um cuidadoso estudo do Jardim das Delícias e devido ao seu profundo conhecimento da literatura holandesa mais antiga, conseguiu identificar muitas das formas do painel central – frutos, animais ou as estruturas minerais exóticas – com símbolos eróticos influenciados por canções, provérbios e obscenidades do tempo de Bosch. Por exemplo, muitos dos frutos mordiscados pelos amantes no jardim são metáforas dos órgãos sexuais; os peixes que aparecem duas vezes no primeiro plano constituem o símbolo fálico de antigos provérbios holandeses. O grupo de rapazes e raparigas a apanhar frutos, à direita do plano do meio, exerce uma actividade menos inocente: “apanhar frutos” (ou flores) era um eufemismo para o acto sexual. Os mais interessantes são, talvez, os grandes frutos ocos e as cascas de frutos para dentro dos quais algumas das figuras mergulharam. Bax vê nisso um trocadilho da palavra chel ou schil que tanto significa a casca de um fruto como um raspanete ou discussão: por conseguinte, aquele que estava sentado num schel estava a discutir com o outro e isto também pode incluir a divertida luta do leito do amor” (p. 53).

Parece significativo Bosch conceber a imagem dos prazeres carnavais como a de um grande parque ou uma paisagem de jardim. Durante séculos, o jardim foi considerado o ambiente por excelência para os amantes e os prazeres amorosos. Nos jardins de amor havia sempre flores bonitas, pássaros a cantarem ternamente e, no meio, uma fonte onde os amantes se divertiam e se dedicavam à boa comida e à música. No *Jardim das Delícias* Bosch agregou elementos da iconografia tradicional dos jardins de amor, entre eles, a fonte e as casas de prazer dominando o lago ao fundo.

Embora o *Jardim das Delícias*, se assemelhe aos jardins de amor, os seus habitantes são muito mais discretos. Raramente saltitam nus ou fazem jogos de amor na água sendo, no entanto, a associação entre amor e jogos amorosos com a água já freqüente nos tempos de Bosch. Assim, por exemplo, nas representações dos meses em calendários, o mês de maio, o tempo do amor, é ilustrado por um par amoroso que se abraça em pé dentro de uma cuba. As próprias representações da Fonte da Juventude são consideradas sob o ponto de vista erótico. O quadro de Bosch não mostra nenhuma Fonte da Juventude mas, tais representações inspiraram, sem dúvida, a sua imagem dos prazeres do banho no *Jardim das Delícias*.



Figura 11 - Jardim das Delicias - Bosch

No lago ao fundo, homens e mulheres tomam banho em conjunto, mas no plano do meio, os mesmos estão cuidadosamente separados uns dos outros. No pequeno lago redondo só existem mulheres e os homens montam diversos tipos de animais à sua volta. Os jogos dos cavaleiros acrobáticos – um saltando sobre as costas de sua montada – sugerem que estão excitados pela presença das mulheres, uma das quais está saindo da água. Bosch serve-se deste meio para demonstrar a atração sexual entre homens e mulheres, e não é por acaso que o pequeno lago e a cavalgada circulante ocupam o centro do jardim, como fonte e início dos jogos de amor que têm lugar nas restantes áreas. Para os moralistas medievais, que nunca se mostraram muito cavalheirescos neste aspecto, era sempre a mulher que seduzia o homem para o pecado e para a concupiscência, seguindo o exemplo de Eva. Este poder maligno da mulher foi muitas vezes representado, mostrando uma mulher no centro de admiradores masculinos. Mas nos quadros de Bosch, os homens em vez de dançarem, montam a cavalo. Os animais costumam simbolizar as apetências baixas ou animaiscaas do homem e as representações físicas do pecado foram muitas vezes mostradas em cima dos variados tipos de animais. No fundo, tanto naquela altura, como agora, montar um animal servia ocasionalmente como metáfora para o ato sexual (Ibid., p. 52 a 56).

Aos poucos, as atitudes em relação aos corpos foram se transformando: o corpo nu feminino ficou reservado à clausura, à solidão, ao olhar de um círculo restrito, sendo fonte de embaraço, de vergonha, de fragilidade.

As atitudes em relação ao corpo relacionavam-se com a concepção dualista de que a pessoa era formada de um corpo e de uma alma, de carne e espírito. O corpo era o lugar das tentações; de um lado o que deve voltar a ser pó e, de outro, o imortal.

A esfera do íntimo

As sociedades européias do século XVI ao XVIII sufocaram o indivíduo sob o peso dos comportamentos familiares, comunitários, cívicos e rurais. O quê

pertencia à esfera do íntimo? Que lugares pertenciam a alguém único no tempo e no espaço? – o jardim fechado, o quarto, a ruelle³⁰, o gabinete ou o oratório e as lembranças-objeto: o livro, a flor, a roupa, o anel, a fita, o retrato, a carta.

O jardim fechado era um local propício aos encontros amorosos, cortesões ou religiosos. Tinha flores, fontes e tanques e seu ar não era o mesmo da rua ou do campo. Era impregnado de odores de rosa, água pura e santidade. Dessa forma era capaz de curar o corpo e a alma. A sociabilidade do jardim fechado era sempre íntima.

O quarto também era um espaço íntimo. Os pintores dedicavam-se a representar as atividades que só se realizavam no quarto. Watteau, Boucher e Greuze pintavam temas íntimos e eróticos já representados pelos pintores holandeses do século anterior tornando-os mais explícitos:

“Watteau vai além das convenções em A Toaile Íntima. Uma jovem de camisola aberta está sentada na cama preparando-se para o banho. Uma criada segura uma bacia e passa-lhe uma esponja. O tema é banal, porém o quadro é tão explícito que o observador – mesmo no século XX – sente-se um intruso. Com efeito, toda a educação contemporânea nos leva a desviar o olhar desses atos privados. As dimensões do quadro são bastante reduzidas; para vê-lo bem é preciso aproximar-se, transformar-se imediatamente em voyeur. A mulher banhada nada faz de indecente, mas o espectador que contempla o quadro é levado à indecência. As estatuetas e quadros de belas mulheres nuas brincando com um cão que se esconde entre suas pernas obrigam a deixar de lado a civilidade: quem vê essas obras sempre resvala no impudor do privado” (RANUM, 1991: p. 226).

O voyeurismo decorria, já no século XV, dos cuidados com o corpo feminino que tornaram-se lugar comum do erotismo. Esses cuidados passavam-se em público, no momento dos banhos públicos. Também as damas no banho nos próprios quartos foram pintadas rodeadas de criadas, de lareiras, de móveis. Os pintores da Escola de Fontainebleau representaram essas damas nuas parecendo felizes em seu autoerotismo; representavam-nas também posando como Vênus ou Diana, tendo por cenário um bosque com um curso d'água para o banho ou em um montículo de terra. Os quadros

³⁰ Espaço entre a parede e o leito.

da figura 12 – *Raparigas Banhando-se*, Bernardo Luini, 1518 e figura 13 – *O Banho das Ninfas*, Palma il Vecchio, 1525 têm essas características.

As fontes e lavadouros eram locais privilegiados de contatos e censuras que se transformavam em rumores. Lugar freqüentado por mulheres. A vizinhança era o tribunal da reputação. Não só a vizinhança intervinha na intimidade da família burguesa mas também os criados realizavam uma espionagem doméstica – viam e ouviam pelo buraco da fechadura – mas, eram negados como pessoa e tidos como assexuados:

“A marquesa de Châtelet, no século XVIII, podia ser banhada com a maior indiferença por seu criado de quarto Longchamp, de cuja virilidade, porém, tinha consciência suficiente para fazê-lo sentir-se embaraçado, como confessa em suas Mémoires. Cento e cinquenta anos depois, a sala de banho, transformada em santuário, fecha-se sobre a nudez dos senhores que já não toleram ser vistos por seus criados” (PERROT, 1991: p. 182).

A mão que servia não era considerada a de uma pessoa. O criado, diligente e atento, dentre muitas outras tarefas, mantinha o calor da água, controlava a caldeira, derramava água diretamente na tina com o devido cuidado para não queimar a marquesa. Longchamp confessa seu constrangimento, a mão trêmula ao despejar a água do banho (LONGCHAMP et MAGNIÈRE apud VIGARELLO, 1996).

O banho integrava-se ao cotidiano e transformava, também, além das práticas da água, a das decências privadas. No final do século só banhistas mulheres serviram as grandes damas. E, muito lentamente, o banho, por volta dos meados do século XVIII, começa a mudar de *status* (figura 14 – *Mulher na Toaleta*, Benjamim-Eugène Fichel, 1891).

Nessa época, a imersão na água continha efeitos que dominavam a imaginação; correspondiam a uma sucessão de ações cuja influência sobre o corpo estava longe de ser apenas limpeza. A água quente tida como a mais penetrante, a morna moderava os aquecimentos e a fria suscitava contrações que reforçavam os músculos e os vigores (VIGARELLO, 1996).

O novo interesse pelo banho fez com que inúmeras monografias médicas, em meados do século XVIII, discorressem sobre o assunto. A Academia de Dijon, em

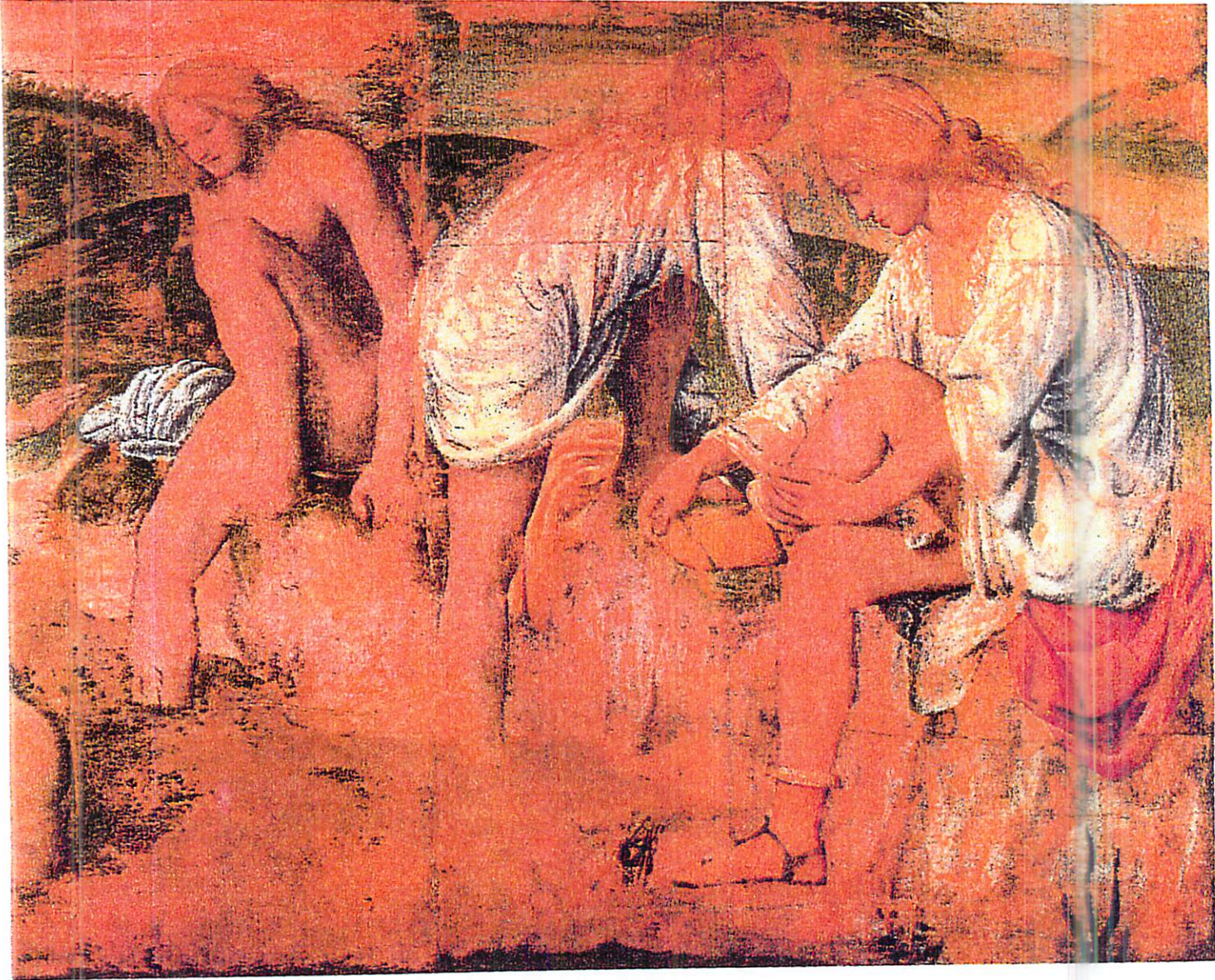


Figura 12 - Raparigas Banhando-se - Bernardino Luini (1518)

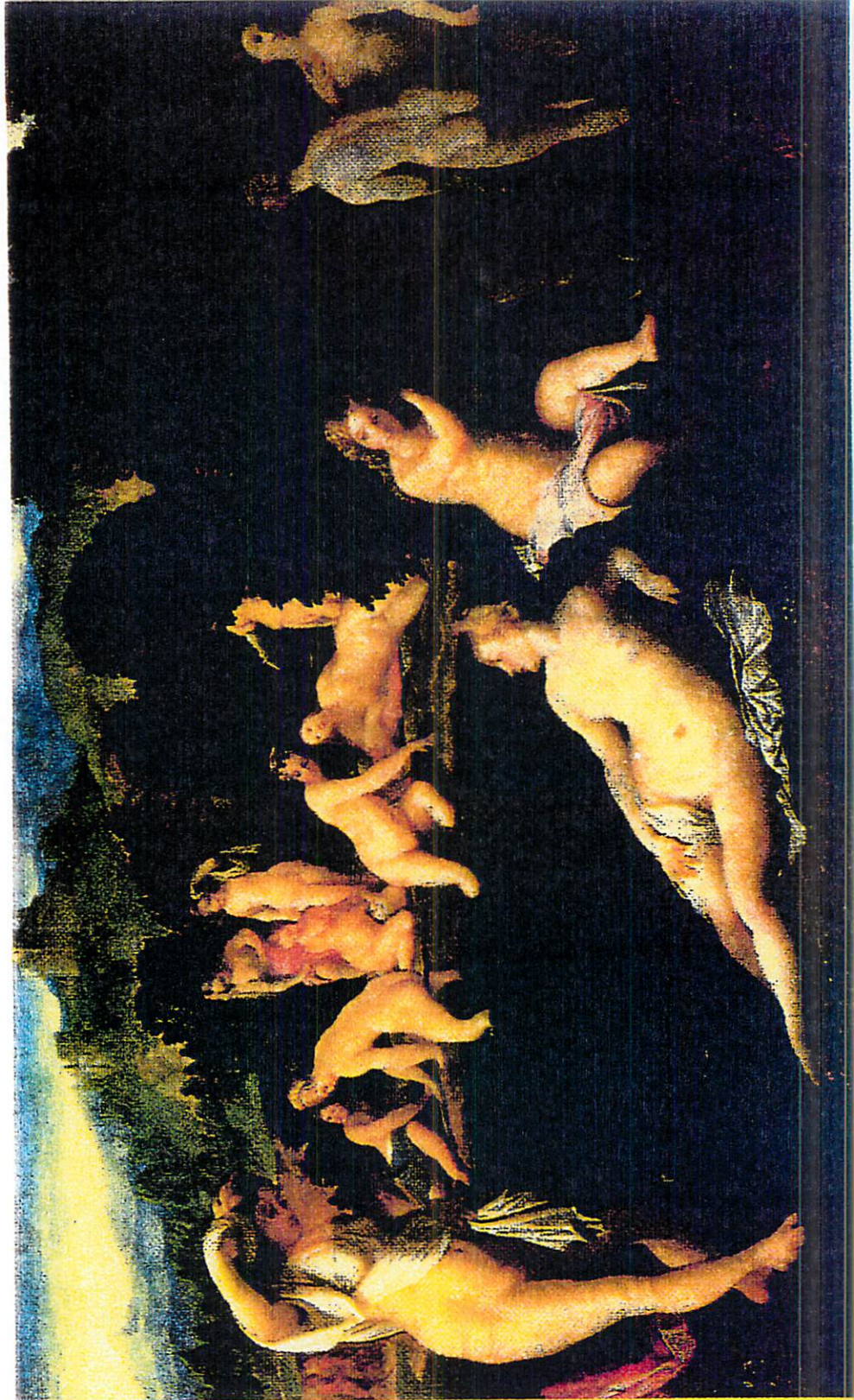


Figura 13 - O Banho das Ninfas - Palma il Vecchio (1525)

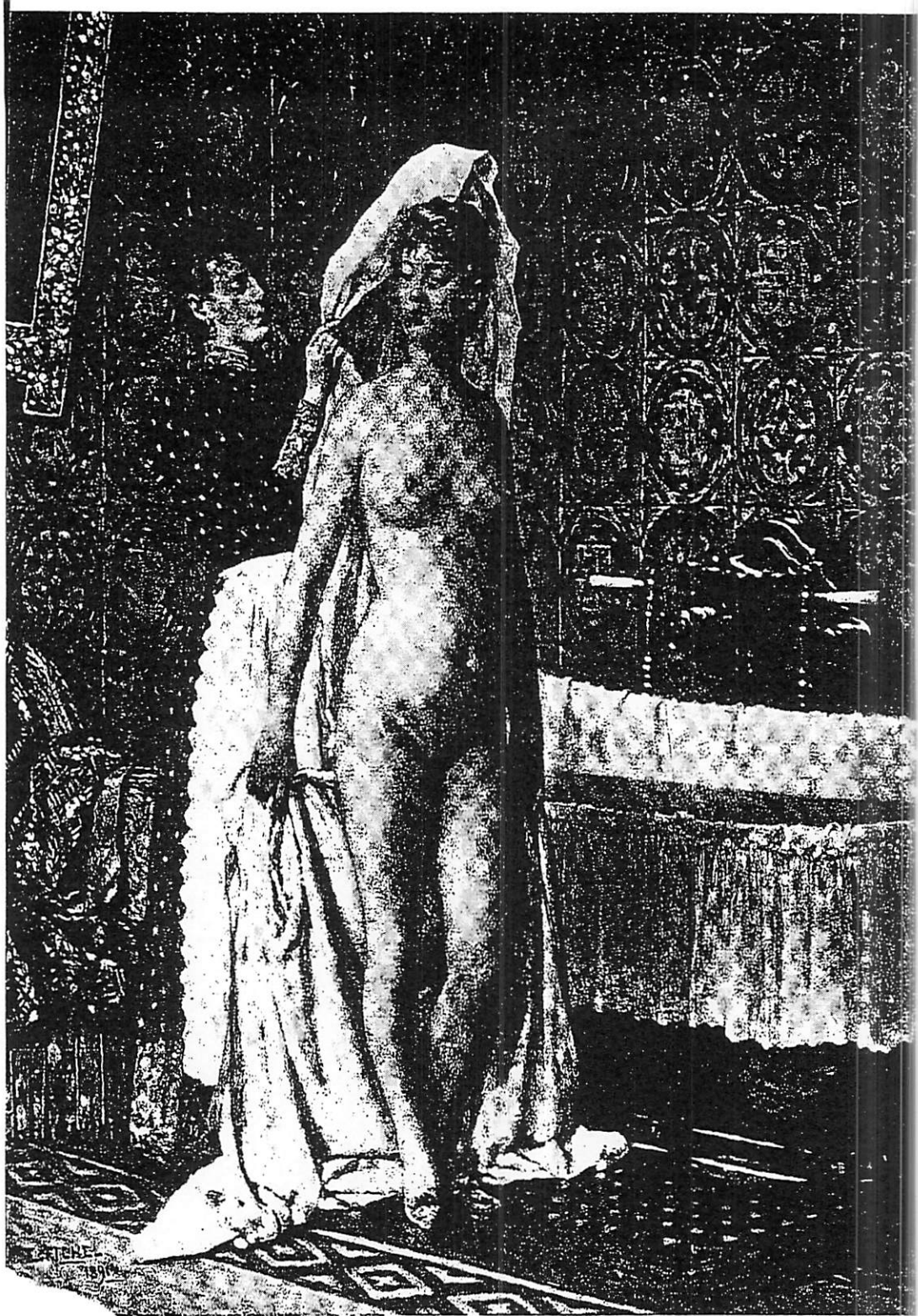


Figura 14 – Mulher na toaleta – Benjamin-Eugène Fichel (1891)

1755, propôs o seguinte tema: *“As virtudes do banho aquoso simples”*. A teorização médica discutia a influência dos abalos produzidos no interior dos órgãos e os fenômenos de sensibilidade. Tratava-se portanto de descrever e reconstituir um estado de deleite que o banho quente provocava, atingindo os sentidos por sua própria substância que não é neutra, causando deleite, tornando o banho calmante, incitando o sono.

“Le Médecin des Dames” em 1772 prescreve os banhos como uma prática sazonal indicando a primavera e o verão como as estações mais favoráveis.

Mas essa é uma prática de luxo e os primeiros a se entregarem a essa “moleza” aristocrática em meados do século XVIII não serão os mesmos que um ou dois decênios depois descobrem as virtudes do banho frio coadunados com o ascetismo: lascívia opondo-se a uma prática austera.

Os gabinetes de banho eram raros, existindo apenas nas residências dos nobres, consistindo então em locais de refinamento e estética. Um exemplo disso é uma descrição apresentada no conto publicado por Bastide em 1753, *“La Petite Maison”* em que o marquês de Frémicour impressiona uma mulher mostrando-lhe a casa que construiu às margens do Sena, em Paris. O aposento dos banhos tem especial destaque com seus mármore, porcelanas e musselinas.

O banho tinha um novo lugar. Esse conto, publicado no jornal *Econômico*, misturava os temas da técnica ao da sensibilidade, do luxo ao do progresso. Retomam-se as proposições de Voltaire: o refinamento das artes é condição para o refinamento dos sentidos. (Ibid.).

Casanova, ao descrever o apartamento que o embaixador da França lhe emprestou em Veneza, em 1754, para facilitar seus encontros amorosos, via na banheira um local especial em que se misturava erotismo e sensualidade relegando a segundo plano qualquer razão funcional (Ibid.).

Em 1759 um texto sobre a arte da beleza introduzia um longo elogio ao banho pleno de elementos do imaginário sobre o harém oriental:

“Com o banho da odalisca, o prazer sempre prevalece um pouco sobre o útil, e o efeito sobre os sentidos prevalece sobre o asseio. O cenário do serralho, descrito pelo autor, designa a

volúpia: o nácar, as pérolas, as plantas aromáticas, a própria banheira transformada em concha, criam mais do que um efeito de ambiente. Tais objetos designam antes de tudo o meio. Cada gesto não é totalmente aplicável à lavagem. Sustentado por um imaginário das delicadezas e das preciosidades, o banho não poderia ser simples prática funcional. Esplendor das culturas refinadas, ele trabalha a sensação. Uma vez banhada, a odalisca pode “entregar-se aos braços de um sonho suave e voluptuoso”. Ela é ao mesmo tempo sereia e languidez” (CAMUS apud VIGARELLO, 1996: p. 114).

As pessoas insurgiam-se cada vez mais contra as disciplinas das coletividades e as servidões familiares, expondo sua necessidade de um tempo e de um espaço para si mesmas. Correntes anarquistas individualistas fizeram-se presentes na virada do século contemplando a liberdade do corpo, gosto pela natureza, pelo esporte, pelo amor livre. Tais audácias, porém, esbarravam nos comportamentos convencionais. Por exemplo, nas classes abastadas, o código de boas maneiras proibía uma moça de se admirar nua, mesmo através dos reflexos de sua banheira. Havia pós especiais para turvar a água do banho, de forma a prevenir essa vergonha. Havia o temor de se despertar o desejo sexual suscitado pela água quente. O pudor estava diretamente relacionado ao desnudamento dos corpos e às apalpações que ele provoca. Havia a suspeita do olhar e dos gestos. Esfregar os órgãos genitais constituía um problema e a recomendação era para que se fechasse os olhos até terminar a higiene. As reservas eram evocadas utilizando-se uma linguagem que não nomeava os perigos³¹.

Alguns médicos exploravam o assunto considerando a banheira perigosa por sugerir “maus” pensamentos e o banho uma ofensa ao pudor constituindo-se um perigo para os costumes permanecer uma hora nua dentro de uma banheira (LÉONARD apud VIGARELLO, 1996).

O uso da banheira de metal, móvel, antecede a instalação dos sistemas modernos, fixos devido ao encanamento. Aos poucos, cria-se um novo espaço de

³¹ Cf. FOIX apud VIGARELLO, Georges. *O Limpo e o Sujo: uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 193. “Essas abluções aplicadas todos os dias em certas partes do corpo são feitas apenas uma vez, de manhã, ao se levantar, algumas no entanto, sobretudo na mulher, repetem-se várias vezes por dia. Não as indicaremos. Queremos respeitar o mistério da limpeza. Nós nos

intimidade onde, ao abrigo de qualquer intromissão que ameace seu pudor, a mulher pode pavonear-se, ler, sonhar. No quadro *A Banheira*, Alfred Stevens (figura 15), o uso de uma leve camisola, a postura e o enfiado sugeridos pela mulher evocam aqui mais o arcaico álbi terapêutico do banho que a sensualidade. Única nota de erotismo: o pescoço do cisne de Leda esculpido na torneira.

Os riscos do excesso de abandono dos corpos imersos na água estavam presentes também nos internatos. Os banhos quentes, nos colégios, só eram permitidos para doentes que não eram deixadas sozinhas (COURTEILLE apud VIGARELLO, 1996).

As religiosas ofereciam camisas às pensionistas para que estas pudessem banhar-se. Com tantos perigos envolvendo a imersão na água, as famílias da elite, até finais do século XIX, resistiam à prática dos banhos:

“Ninguém da minha família tomava banho! Nós nos lavávamos numa tina com 5 centímetros de água, ou nos esfregávamos com esponja em grandes bacias, mas a idéia de mergulhar na água até o pescoço parecia pagã, quase culposa”. (PANGE apud VIGARELLO, 1996: p. 194).

O mesmo autor relata que, em 1900, a menina Pauline de Broglie teve febre alta e o médico prescreveu um banho. A casa era riquíssima mas não tinha banheira, que foi alugada. Surgiu, então, uma nova questão: a menina deveria ficar nua nas águas do banho? Optou-se por banhá-la com a sua camisa de noite.

Mesmo no banho o corpo permanecia oculto e a mulher evitava olhar para o tornozelo nu (figura 16 – Paris, Biblioteca Nacional). Outras prescrições antigas diziam respeito a lavagem da cabeça. Os pentes e pós secativos continuavam tendo a preferência.

A água chegou nas casas parisienses em 1865. O banheiro tinha vasos e bacias e sua função não era de uso cotidiano. A água adquiriu valor depois das descobertas de Pasteur: a lavagem das mãos tornou-se uma obrigação social.

contentaremos em fazer observar que tudo o que ultrapassa os limites de uma higiene sadia e necessária conduz, sem se perceber, a resultados danosos”



Figura 15 – A Banheira – Alfred Stevens



Figura 16 – Mulher no banho (Paris. Biblioteca Nacional)

Na primeira metade do século XIX havia, portanto, uma diversidade de banhos dos mais ricos: água morna facilitando as energizações orgânicas, água quente servindo para a distensão íntima e a água utilizada nas hidroterapias.

Habitações modernas também eram oferecidas à classe operária contendo ar, luz e água: tomadas de água em cada andar; lavanderia em uma construção especial, provida de secadoras; casas de banho e piscina coberta.

Em torno de 1900, difunde-se, então, o sanitário e o banheiro. A porta tinha um ferrolho e o corpo nu experimentava sua mobilidade longe de qualquer intromissão. A difusão da prática do banho entretanto, implicava também no convencimento das pessoas de que ela não ofendia o pudor pois enxergava-se na água um vício incipiente em que se associavam a tepidez à lascívia.

(Des)prazer dos sentidos

Do final da Idade Média até meados do século XVIII a limpeza dispensava a água e ignorava o corpo, excetuando-se o rosto e as mãos, únicas partes expostas. A água era rejeitada como um agente perigoso, que penetrava por toda parte. A água era capaz de se infiltrar no corpo e, especialmente a água quente, fragilizava os órgãos, abrindo os poros para os ares malsãos. O corpo banhado tornava-se permeável aos ares infectos que ameaçavam entranhar-se nele por todos os lados. A luta contra a peste, no final da Idade Média e na época clássica fez com que as coletividades tivessem pavor do contato: era preciso restringir os intercâmbios. Dessa forma vários regulamentos internos foram elaborados e os "conselhos" referiam-se também à higiene individual e, necessariamente, aos banhos.

Os médicos, em tempos de peste, denunciavam as casas de banho onde conviviam os corpos nus e indicavam que as pessoas fugissem das estufas e dos banhos.

Um número cada vez maior de cidades impunha o fechamento das casas de banhos e estufas³².

Imagens confusas da pele infiltrada pela pestilência, ares malsãos, males indefinidos fazem pensar também na possibilidade da gravidez na estufa decorrente de algum espermatozóide que permaneceria na tepidez da água (GRAFF apud VIGARELLO, 1996).

Todas essas imagens tiveram sucesso suficiente e superaram os discursos médicos sendo adotadas pelas mentalidades até se banalizarem. O banho foi cercado de regras imperativas sugerindo-se repouso, acamamento, proteção dos corpos com roupas. Com tanta recomendação, a prática do banho tornava-se complexa e rara.

O banho trazia “resultados” como bem ilustra o ocorrido com Sully, ministro do rei Henrique IV, numa certa manhã de maio de 1610:

“O emissário do Louvre encontra Sully tomando banho em sua residência do Arsenal, tudo se complica: uma série de obstáculos impede este último, contra a sua vontade, de ir ter com o rei, que no entanto o solicita. Os que o cercam, e o próprio emissário, insistem para que ele não se exponha ao ar de fora: “Encontrando-vos no banho e vendo que querieis sair para fazer o que o rei vos ordenava, ele vos disse (pois estávamos junto de vós): Senhor, não deveis sair do banho, pois temo que o rei tenha cuidado com vossa saúde e precise tanto dela que, se soubesse que era esse vosso estado, teria ele mesmo vindo até aqui”. O enviado de Henrique IV propõe-se a retornar ao Louvre para informar o soberano e voltar trazendo suas ordens. Entre as testemunhas, ninguém se surpreende por ver tal situação perturbar as relações entre um rei e seu ministro. Ao contrário, todos insistem para que Sully não se exponha. A resposta de Henrique IV vem, aliás, confirmar as precauções adotadas: “Senhor, o rei vos ordena que termineis vosso banho e proíbe-vos de sair hoje, pois o sr. Du Laurens assegurou-lhe que isso prejudicaria vossa saúde.” Houve, portanto, um conselho. Opiniões foram solicitadas e dadas. O recurso a Du Laurens, médico real, já especifica as preocupações. O episódio assume, sobretudo, a aparência de

³² Cf. VIGARELLO. Op. Cit., 1996, p. 9 “Essas decisões serão, de início, hesitantes. Des Pars, por ocasião da peste de 1450, reclama em vão dos escabinos de Paris a interdição das estufas, obtendo apenas a cólera dos donos desses estabelecimentos (...) O fechamento temporário e repetido, a cada epidemia, impor-se-á, no entanto, na lógica dos isolamentos. No século XVI esse fechamento torna-se oficial e sistemático”

um “caso”. Este mobiliza, logo de início, vários personagens. Também tem prolongamentos, uma vez que os “riscos” permanecem durante vários dias: “Ordena-vos que o espereis amanhã, com roupão, botinas, chinelos e touca de noite, a fim de não vos indispordeis por causa de vosso último banho”. (SULLY apud VIGARELLO, 1996: p. 12/13).

As práticas privadas dos banhos também vão lentamente sendo eliminadas nos séculos XVI e XVII. As banheiras transformaram-se em tanques dos jardins e integraram-se a outro circuito da água – a água era apenas para olhar, para seduzir a visão; um espetáculo das naturezas disciplinadas privilegiando-se as teatralizações dos jogos aquáticos (TEYSSÈDRE apud VIGARELLO, 1996).

A toalete então, na maioria das vezes, era “seca”, consistindo no friccionar-se e perfumar-se. Várias disposições constavam das “Civildades” do século XVII para que se esfregasse e não se lavasse. As crianças deveriam limpar as faces e os olhos utilizando tecido branco. A lavagem com água prejudicaria a vista além de provocar dores de dentes, catarros e empalidecer o rosto.

Os higienistas do século XVII, dentre eles Jean du Chesne, descreviam e prescreviam a maneira de se fazer a toalete. A rejeição à água não eliminava a prática da limpeza. O seu uso restringia-se apenas à lavagem das mãos e da boca³³.

Nos tratados de civildade os temas se aprofundam com o tempo. No manual de Jean-Baptiste de La Salle, datado de 1736, as normas são mais rigorosas do que as de Erasmo, datadas de 1530 indicando como desengordurar os cabelos com pó e farelo sem utilizar a ablução.

Dentre essas atitudes em relação aos corpos, a água quente e depois a fria eram indícios de novas distinções sociais:

“Porém ao mesmo tempo insere-se numa nova imagem do corpo que ultrapassa o savoir-vivre: a higiene reabilita a intimidade corporal e legitima a procura de uma melhor utilização dos recursos orgânicos. Enfocada pela medicina e

³³ Cf CHESNE, apud VIGARELLO. Op. Cit., 1996, p. 19. “Depois de ter soltado seu assim chamado ventre, deve como primeiro exercício pentear-se e friccionar a cabeça, e sempre da frente para trás, até o pescoço, com panos e esponjas adequadas, e isso demoradamente e até que sua cabeça esteja bem limpa de qualquer sujeira; durante essa fricção da cabeça, ele poderá até mesmo caminhar, para que as pernas e os braços aos poucos se exercitem”

depois levada às escolas, logo se tornará, aliás, o dispositivo inédito de uma nova forma de controle coletivo dos comportamentos” (REVEL, 1991: p.191).

A história do asseio não é isolada e implica uma nova sensibilidade que, em meados do século XVIII permitiu novas idéias sobre a água e a higiene. Reconheceu-se no mundo dos gestos reprovados a silenciosa evolução de outra forma de intimidade.

Enfim, o texto de La Salle que, inicialmente foi destinado aos alunos das Escolas Cristãs, foi alvo de imensa difusão nos séculos XVIII e XIX e levou ao extremo o controle corporal exigido tanto pela moral cristã quanto pela polidez. O modelo cortesão se opunha à civilidade erasmiana e a seu sonho de transparência social. A arte social – a civilidade – fez o século XVII esquecer a existência de um corpo próprio para impor uma auto-representação que satisfizesse as normas do grupo.

Ao mesmo tempo em que se impunha, por toda a parte a aparência, a crença no gesto justo e a fé na existência de uma semiologia geral dos comportamentos, unívoca e válida para todos, como fundamento do trato social, foram questionadas e denunciadas por serem construídas. Problematiza-se a civilidade: mentira, engano, vaidade ou simplesmente ridículo? A verdadeira civilidade traduziria as disposições caridosas da alma cristã e, a falsa, seria repleta de afetação e calculismo e objetivaria enganar as pessoas.

Rousseau, no século seguinte, apela ao coração e à razão contra a tirania dos costumes requerendo no *Émile* as virtudes reencontradas de uma natureza moral e boa. Ele será educado à margem da sociedade a fim de estar mais bem preparado para a mesma. Com Rousseau foi estabelecido um novo modo de enfocar a infância e a educação: no seio das relações naturais e privadas.

Nos anos da Revolução Francesa, civilidades republicanas tentaram o impossível casamento da educação proposta por Rousseau com as fórmulas de Erasmo, revistas e corrigidas.

O conflito entre o que relaxa e o que comprime; entre o que amolece e o que endurece fez com que o banho frio, no século XVIII, fosse alvo de estudos dos terapeutas para utilização em tratamentos atribuindo-se a ele vantagens consideráveis: o

frio no corpo comprime as partes exteriores e as vibrações das fibras tornam-se mais tensas, o sangue e os espíritos circulam com maior velocidade. A água fria serve também para atenuar o sangue, torná-lo mais fluido, despertar os espíritos animais e fazê-los circular mais rapidamente; facilitam a digestão, abrem o apetite e tornam o corpo mais ágil e vigoroso (JACQUIN apud VIGARELLO, 1996).

Além do funcionamento orgânico, da mecânica das fibras no contato com a água fria, outra pretensão existia: o ascetismo na prática do banho frio. O endurecimento seria tanto moral quanto físico:

“Enquanto os romanos, ao sair do Campo de Marte, iam lançar-se no Tibre, foram os donos do mundo. Porém os banhos quentes de Agripa e de Nero pouco a pouco fizeram deles escravos [...]. Os padres conscritos, portanto, bem tiveram razão em se opor às termas, mas a tropa dourada, infetada pelo luxo asiático, triunfou sobre a resistência e a virtude dos padres conscritos”

[...] “Roma não se perdeu através de uma juventude que desdenhava se banhar na água fria, abandonada à moleza, tornando-se quase semelhante a nossos janotas, por ter deixado de lado os exercícios físicos que constituíam sua força e sua virtude?” (TRONCHIN apud VIGARELLO, 1996: p. 132/133).

Muitos exemplos de práticas em água fria foram evidenciados por esse médico enciclopedista e seus amigos, citando os habitantes do istmo da América, os índios da América, os de La Hontan e os de Le Beau. Todos esses exemplos idealizavam o vigor e visavam promover a Antiguidade como modelo de lutas, jogos, exercícios, corridas, movimento. Seu sentido era social e opunha-se ao banho quente, tomado nos palacetes pela burguesia e que amolecia.

A austeridade do frio era considerada superior aos prazeres julgados fáceis demais. As práticas quentes inclinavam às fraquezas e as práticas frias ao vigor. A isso juntava-se a crítica também ao que era natural e ao que era artificial: aos corpetes, às roupas sufocantes, aos besuntados nos cabelos, dentre outros.

Um primeiro estabelecimento para frequência pública foi construído sobre o Sena em 1761. Era um projeto terapêutico e higiênico destinado aos ricos. O estabelecimento foi o precursor dos banhos do século XIX.

Certas práticas transformaram-se como, por exemplo, o banho de rio que era reservado aos jogos ou a tratamentos isolados e indicado como saudável, como exercício reforçador, como técnica revigorante.

A transformação no banho das crianças também foi reveladora. Em prática anterior ao século XVIII, nos momentos que se seguiam ao nascimento, a criança era lavada com um líquido quente e protetor e, em seguida, vedava-se os poros com uma substância viscosa. O corpo era passivo e submisso à mão que o manipulava. Com o banho frio considerava-se que o corpo era dotado de um poder prévio, não mais matéria inerte. Mergulhar a criança na água fria era confiar que o fortalecimento vem do interior: as contrações fortificam mais do que as manipulações externas. Rousseau fez poucas referências ao banho frio na infância, mas a sua tônica da transparência encontrava-se no contexto do artificial e do natural.

Também a maneira de se arrumar as crianças considerou a oposição entre vigor e moleza, simplicidade e afetação, naturalidade e artificialismo.

Capítulo III

ÁGUA: CÚMPLICE NO APRENDIZADO ERÓTICO DO CORPO

*Reconhecerá na água,
na substância da água, um tipo de intimidade,
intimidade bem diferente das que as
"profundezas" do fogo ou da pedra sugerem.
Bachelard, 1998*

Muitas crenças fizeram com que as pessoas encarassem com prudência os efeitos da água sobre o físico e o moral. As normas regularam a prática do banho conforme o sexo, a idade, o temperamento e a profissão. A preocupação consistia em evitar o olhar para si, o tocar em si, ou seja, a masturbação (CORBIN, 1991).

Homens e mulheres do século XIX valorizavam um certo modo de escuta do corpo – cenestesia – escutavam a mensagem de suas vísceras incitados pelos fisiologistas; davam um grande valor aos efeitos da água, do sol, da altitude e da temperatura sobre o corpo humano. A relação estabelecida entre a água e a esterilidade dificultava o avanço da higiene íntima da mulher.

O ritmo menstrual regulava o calendário do banho. As toalhinhas higiênicas e o bidê só aparecerão entre a burguesia de Nevers, por exemplo, no final do século XIX.

O efeito esperado da limpeza popular era o da ordem e da saúde. Havia que se transmitir a norma e lutar contra o mefitismo dos operários, soldados, estudantes, todo o público que os banhos populares de 1850 objetivavam sem o conseguir. Visava-se lavar o maior número possível de corpos limitando-se o tempo e o consumo de água. Isso evitaria grandes investimentos e limitaria o banho ao asseio. Inventou-se o esguicho de água utilizado, principalmente, no exército e na prisão considerando-se o banho de

banheira muito longo e caro para os operários o que consistia em perda de tempo e de dinheiro (ARNOULD apud VIGARELLO, 1996).

Os militares, então, foram os primeiros a se utilizarem das duchas da hidroterapia e, com isso, economizavam água. O sistema era ideal pois permitia filas, disciplina, movimentos coletivos e regrados. Uma pessoa segurava o esguicho e comandava os banhos³⁴.

O sistema foi se modificando e, em pouco tempo, a cada fileira de homens correspondia uma fileira de aparelhos. O dispositivo tornou, com algumas modificações, o dos chuveiros populares: cabines estreitas, esguichos contíguos, água e tempo contados.

Mas a água impõe manipulações próprias; ela resiste e capta o imaginário. O banheiro autorizou os cuidados do indivíduo consigo mesmo.

Outro fato histórico renovou a conduta privada: o uso da camisola que antes era tolerado fora do quarto, tornou-se símbolo de uma intimidade erótica. A lingerie obteve extrema sofisticação e o corpo feminino jamais foi tão escondido como entre 1830 e 1914. Deu-se, então, um neurótico encontro: o desejo de conservação, o cuidado de proteger-se, o medo da castração, a permanente lembrança da ameaça do desejo.

Binet e Krafft-Ebing, no final do século, descreveram e codificaram a ascensão do fetichismo cujos sintomas já tinham sido analisados por Zola, Huysmans e Maupassant:

“A mística do talhe e das curvas, a fixação do desejo nos sedosos arredondados do colo, o valor erótico do pé e do couro das botinas, o desejo de cortar a cabelereira feminina para respirar à vontade tornaram-se fatos históricos, assim como o fetichismo do avental, símbolo de intimidade que parece autorizar todos os atrevimentos. A lingerie, onde vão inscrever-se os traços da sexualidade, da enfermidade, até do

³⁴ Cf. DUNAL apud VIGARELLO, 1996, p. 243. “Os homens se despem no primeiro recinto e, munidos de um pedaço de sabão, vão se colocar, três de cada vez, sob o cano do esguicho; três minutos bastam para se limparem da cabeça aos pés. Assim que a primeira série se retira, ela dá lugar a três outros, previamente preparados, e assim por diante”.

crime, adota um discurso comprometedor; nele se apóia o rumor elaborado pelos criados e logo amplificado pelas lavadeiras. A lavadeira do castelo sabe de muita coisa; desfruta na aldeia do prestígio da mulher que conhece os segredos das belas roupas íntimas” (CORBIN, 1991: p. 447).

O século XIX, através do pudor e da vergonha, ocultou, então, um duplo sentimento: por um lado o medo de ver o corpo – exprimir-se, de permitir que o animal se manifestasse, o que gerava a preocupação de evitar qualquer manifestação corporal. Por outro lado, o medo de que o segredo íntimo fosse violado pela indiscrição.

Essas preocupações inspiraram a pedagogia das congregações femininas que objetivavam reduzir a vivacidade das crianças, estancar as fontes de emoção e restringir as manifestações da sensualidade. Se os sentidos são como portas abertas para o demônio, fazia-se necessário ensinar a prudência, ocupar constantemente as mãos das crianças, ensinar-lhes a recluir o próprio olhar, a falar em voz baixa, a compenetrar-se das virtudes do silêncio. Todos esses comportamentos redundavam na exaltação à virgindade e à castidade.

As mãos das crianças eram, também, motivo de preocupação por causa da possibilidade de contaminação e os pequeninos eram alvo de histórias em que os micróbios se transformavam em lobos e leões. VIGARELLO (1996) afirma que é a ciência colaborando com o bestiário da infância. Outros autores elaboravam suas prescrições:

“Você sabe por onde suas mãos perambularam o dia todo? Quem sabe o que você tocou e através de que focos de epidemia elas andaram chapinhando? E você as leva à boca, toca seus alimentos inconscientemente e com descuido, mas ficaria apavorado se lhe mostrassem o que fervilha sobre elas” (DAVID apud VIGARELLO, 1996: p. 227).

Também à púbere eram destinados vários manuais de fisiologia e higiene que enchiam a vida da moça de proibições. Os médicos prescreviam que se evitasse estimular a curiosidade das moças pelos assuntos relacionados ao sexo. A vida urbana impedia o contato com a copulação entre animais e facilitava, então, as teorias errôneas

sobre o nascimento dos bebês. Na realidade, porém, muitas vezes os comportamentos eram bem diferentes dos prescritos.

O fascínio da transgressão, as delícias da desculpa e da falta geraram práticas sexuais solitárias. O discurso médico e o clero juntavam-se no combate a tais práticas. Em 1760, com reedições até 1905, *Onania* do Dr. Tissot é um exemplo da produção médica sobre o assunto.

O discurso médico alertava para o fato de que o prazer solitário masculino conduzia a uma rápida decadência: definhamento, senilidade precoce e emagrecimentos prejudicando a capacidade de trabalho. Ocultava, no entanto, a recusa do aprendizado do prazer (CORBIN, 1991).

Em relação às mulheres o gozo sem a presença masculina era particularmente intolerável. O clitóris tinha grande hostilidade dos médicos do século XIX que consideravam-no simples instrumento de prazer, inútil na procriação.

A vigilância provinha dos médicos, dos padres e dos pais – vigilância nos dormitórios, em casa e nos colégios. As crianças não podiam ficar sozinhas por muito tempo e as moças deveriam permanecer sempre à vista de numerosas colegas. A prática da equitação e a máquina de costura despertavam desconfiança (Ibid.).

Em 1878 os especialistas prescrevem sanitários tendo orifícios na parte superior e inferior para facilitar o controle. Até 1914 os médicos prescrevem, também, bandagens sob medida para evitar o onanismo rebelde. As moças chegaram a usar cintos de contenção. Nos hospícios usavam-se contra os ninfômanos, algemas, correias, aparelhos instalados entre as coxas para impedir o toque. A cauterização da uretra era praticada frequentemente. Um rapaz de dezoito anos, citado por Théodore Zeldin, sofreu essa cauterização por sete vezes:

“Semelhante terapêutica, destinada, a princípio, a curá-lo de perdas seminais involuntárias. Porém são ainda mais eloqüentes os pavores de Amiel, minuciosamente retratados pela própria vítima. O infeliz “sucumbe” regularmente às “perdas seminais”. “Cada poluição é uma punhalada para vossos olhos”, declarou um especialista ao rapaz de dezenove anos. Este, aterrorizado, anota cuidadosamente desde então cada uma de suas ejaculações noturnas; consigna seus arrependimentos, escreve suas resoluções; à noite, toma

banhos de água fria, come gelo picado, lava as virilhas com vinagre. Nada adianta; em 12 de junho de 1841 ele decide não dormir mais que quatro ou cinco horas por noite, sentado em uma poltrona” (Ibid., p. 455).

A cauterização do clitóris e do orifício da vulva eram raros.

A vigilância gerava a transgressão; formavam-se grupos para rir e falar de sexo. O nu, que era profundamente ocultado, era um fantasma a espreitar os homens. No romance *Nana* os convidados da condessa Sabine falavam da forma de suas coxas. Zola sugere, em alguns romances do final do século, o roseamento da pele, quando longamente banhada ou o vapor de um banheiro superaquecido:

“Detém-se nos perfumes abafados das banheiras, nas gotas orvalhando os membros. Surpreende gestos, prolonga contatos, registra cores e ruídos, transmitindo até os movimentos e os marulhos abafados da água. Suas banhistas burguesas conservam a pele sempre um pouco úmida sob a camisa ou o penhoar: é Nana, sumariamente vestida, recebendo Filipe ao sair de seu banho, ou ainda Nana “visitando e lavando” seu corpo, antes de o examinar interminavelmente diante de um espelho” (ZOLA apud VIGARELLO, 1996: p. 241).

A emoção literária contribuiu para a difusão dessa prática do banho entre os privilegiados. Dentre outros textos que trazem esses cuidados secretos encontra-se *La Venus de Rachilde* (1884): a água escorrendo ou secando sobre a pele; um corpo ainda úmido, recém-saído da água.

Com todas essas contradições, o imaginário da época redundava em um sentimento de vulnerabilidade que acompanhava os progressos da individualização; o fracasso da relação, que, no seio das classes dominantes, convidava a um temeroso recuo para os prazeres solitários e a interiorização dos imperativos de uma moral sexual cada vez mais exigente, gerando o sentimento de culpa. Tudo isso fez do século XIX a idade de ouro da confissão e da penitência.

Em 1822 o conde de Brancas fundou o primeiro estabelecimento de banhos de mar conseguindo levar até o local a duquesa Berry. A partir de então a corte se desloca para beira-mar. As águas minerais também entram na moda desde o começo do século.

Depois de 1830-1840 os médicos exploraram as afirmações dos higienistas do século XVIII considerando a água do mar como “prova”, meio de choque e de solidificação. A água deveria ser enfrentada fazendo com que os corpos recebessem o impacto das ondas. Vários banhistas são treinados para segurar os corpos dos “curistas” e jogá-los nas ondas, repetindo a operação. Esses banhos não tinham então relação com a limpeza e nem com a natação e sim com a hidroterapia e as discussões sobre os efeitos da água fria no organismo.

Segundo um artigo de 1915, publicado na Revista da Semana, no. 46, intitulado “Banhos de Mar”:

“ele é um “excellente recurso therapeutico” a ser recomendado aos anêmicos, aos “escrofulosos” e aos convalescentes em geral. Mas “os tuberculosos, os cardíacos, os gottosos e as histéricas devem, ao contrário, evitá-lo. Desse modo, “os banhos de mar só devem ser usados sob prescrição médica”. (OLINTO apud SANT’ANNA, 1995)

O banho de mar constituiu-se numa possibilidade para desnudar os corpos. Na primeira metade do século elaborou-se uma nova experiência com o espaço: proximidade com a praia, longas caminhadas, solitários devaneios em meio aos bosques.

No decorrer da Segunda metade do século instaurou-se a noção de férias. A praia distendia os gestos, aliviava as roupas, tornava as brincadeiras e as posturas mais espontâneas. Calor e beleza violenta transtornaram a carne e a alma, permitindo a irrupção do prazer. Ainda que aliviasse as roupas, estas eram generosas, fabricadas com tecido de flanela ou baeta grossa de cor escura, sem forros.

ELIAS (1994) discute as diferenças nos trajes de banho no decorrer do processo civilizador. O autor considera que, só numa sociedade com um padrão elevado de controle dos impulsos como a atual é que os trajes de banho têm esse grau de liberdade:

“As emoções de fato têm, em forma “refinada”, racionalizada, seu lugar legítimo e precisamente definido na vida cotidiana da chamada sociedade civilizada. E isto é muito característico do tipo de transformação através do qual se civilizam as emoções (...) essa transformação do que, inicialmente, se exprimia em uma manifestação ativa e freqüentemente agressiva, no prazer

passivo e mais controlado de assistir (isto é, em mero prazer do olho), já é iniciada na educação e nas regras de condicionamento dos jovens (...) o olho assume importância muito específica na sociedade civilizada” (p. 200).

Um novo jogo amoroso surgiu no seio das famílias burguesas no final do século: o flerte. As estações de águas e os balneários eram os locais privilegiados para tal e conciliavam a virgindade, o pudor e os imperativos do desejo; constituíam-se numa conversação muda do apetite sexual.

A prática do banho liberou, pouco a pouco, as proibições que pesavam sobre a contemplação, a exibição e o aprendizado erótico do corpo.

A mulher casada começou, então, a reivindicar o direito ao prazer degradando o modelo da esposa virtuosa. A permanência em estâncias hidrominerais e os banhos de mar favoreciam as aventuras.

A contracepção desenvolveu-se passo a passo com a higiene íntima. Dr. Forel indicava injeções de água morna acidulada com vinagre, esponjas embebidas em um desinfetante e colocadas no fundo da vagina, cânula inglesa³⁵ e o bidê.

No final do século XIX as cinco décadas que se estenderam do Segundo Império até a Primeira Guerra Mundial remodelaram a fisionomia do casal e prepararam a explosão da nova ética sexual, apesar de uma moral vitoriana, intransigente e monolítica. Delinearam-se as sensibilidades modernas com a contribuição de autores do teatro de revista; políticos da esquerda radical; burguesas feministas; propagandistas neomalthusianos; militantes que teorizavam a união livre e estudiosos que edificaram a sexologia.

O nascimento deixava de ser, paulatinamente, um critério social claro e decisivo e cada um deveria definir e expressar sua posição. O indivíduo, formado desde a infância na intimidade com os testes, crescia no temor do fracasso e com um sentimento de insuficiência que geravam a paralisia da vontade. O dever de ser feliz modificava a relação entre desejo e sofrimento.

³⁵ Tubo de plástico, borracha ou metal para introduzir no corpo, aberto em ambas extremidades.

A ciência médica, além de regulamentar exercícios corporais, a prática da equitação, também regulamentava a frequência aos bailes, a leitura de romances e as relações conjugais regulando os discursos da paixão, os devaneios da alma e o uso dos sentidos. Os médicos recomendavam as “curas de ar” encorajando o termalismo e o turismo marítimo.

A medicina da alma também é estimulada e a hidroterapia é um dos tratamentos da alienação. À época, o corpo – sua imagem e seu uso - vivia tanto a modelagem dos comportamentos quanto um movimento de liberação. O banho de mar, então, consistia numa manifestação do novo cuidado com o corpo e gerava um prazer que era desfrutado em meio à alegria juvenil e à promiscuidade entre os sexos. Os jovens misturavam-se, mesclavam-se, confundiam-se rumo ao desabrochar do corpo liberado que, paulatinamente vai deixando a esfera médica.

Marcel Proust fala das ciclistas na praia e Paul Valéry analisa os prazeres do corpo nu em meio à fluidez de um banho de mar.

Um novo sistema de relações se esboçava antes da guerra. Uma outra modernidade se esboçava no alvorecer do século XX devido a expansão do mercado e ao aumento da produção que impulsionaram o consumo. A publicidade excitava o desejo incitando a mobilidade através de trens, automóveis e bicicletas; de cartões-postais e telefonemas. A moda diversificava a aparência e a foto possibilitava multiplicar a imagem de si (PERROT, 1991).

A nova estética trazia um corpo mais bem tratado, uma sexualidade liberada da reprodução, até mesmo do casamento e do credo heterossexual que atingia em maior ou menor grau a todas as camadas da sociedade. Essas transformações eram mais ensaiadas do que efetivadas e contavam com a resistência religiosa, moral e política. A Guerra bloqueou, proibiu, desviou, suscitou essas transformações.

A tradição cristã continuava envolvendo o corpo em suspeitas e censuras. O corpo, prisão da alma, não passava de um trapo que impedia as pessoas de atingirem a plenitude de seu ser. O corpo merecia respeito, mas dedicar-lhe excesso de atenção era expô-lo ao pecado da carne.



Figura 17: *La Grenouillère* – Claude Monet

Imagens como esta inscrevem-se numa longa tradição que conheceu o seu apogeu na época galante de Antoine Watteau. No entanto, já não se trata de uma intimidade idílica que os impressionistas descrevem, mas sim de reuniões turbulentas. As cenas de banho ou as regatas de Monet testemunham esta nova indústria de lazer, que vai permitir aos cidadãos “consumir” a natureza.



Figura 18 – La Grenouillère – Miranda

La Grenouillère é um café ao ar livre que deve o seu nome às “ras”,
jovens cidadinas muitas venais.



Figura 19 – La Grenouillère – Antony Morlon, 1880-90.

A gravura traduz bem a alegre atmosfera destas saídas para o campo que, antes do caminho-de-ferro, eram privilégio dos nobres e dos ricos burgueses, que possuíam viatura.

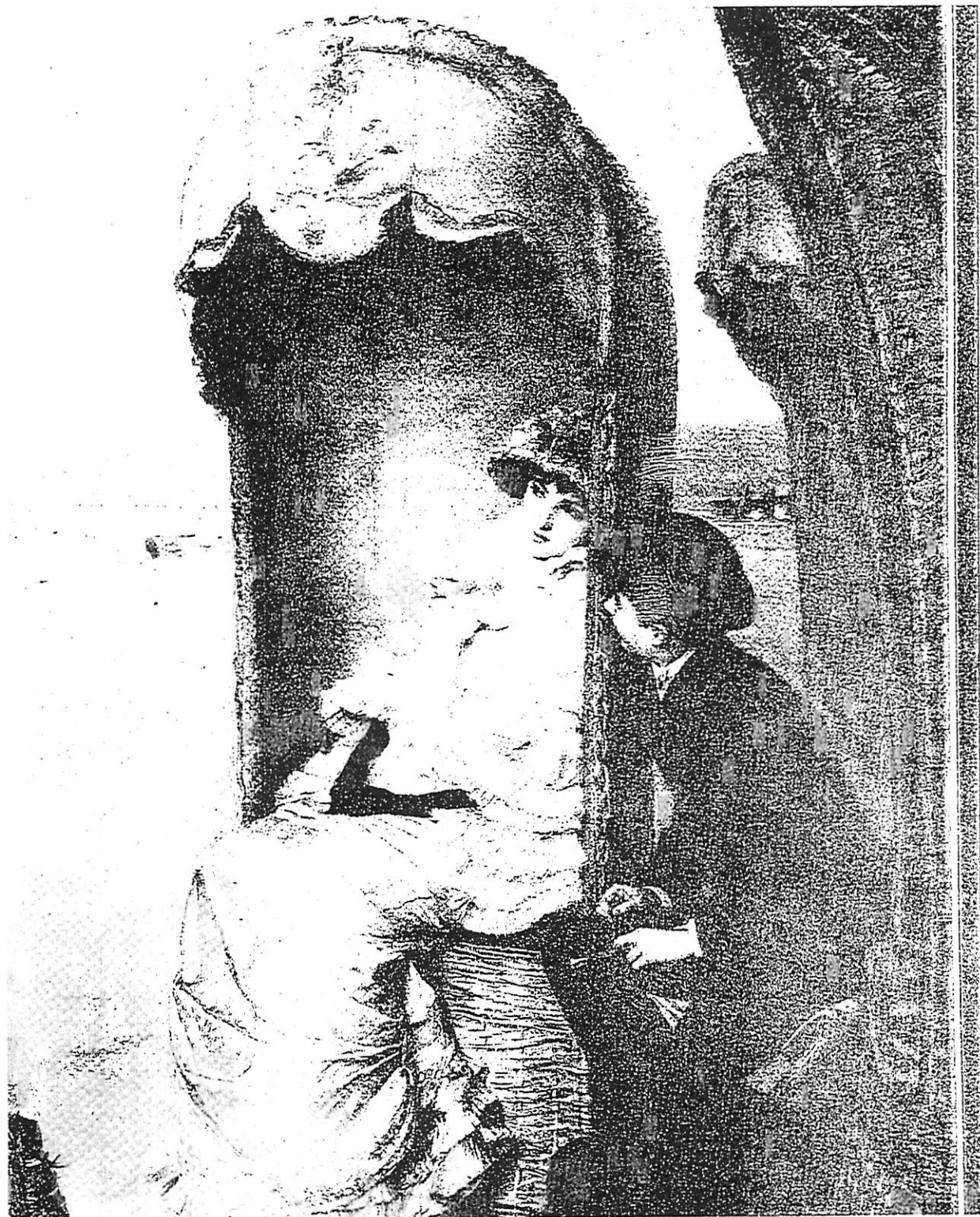


Figura 20 – A Confissão – Vicente Palmaroli.

A jovem escuta a confissão do apaixonado com ar de padre, nesse estranho abrigo balneário.



Figura 21 – Vamos Alegrementemente – Jules Scalbert

O banho de mar – cuja moda não parou de avançar na França desde a Restauração – perde na Belle Époque o valor terapêutico. Já não é tanto uma obrigação sanitária, mas sobretudo um prazer desfrutado em meio à alegria juvenil e à promiscuidade entre os sexos.

Dessa forma a higiene era restrita existindo a idéia generalizada de que a água amolecia o corpo; apenas mãos e rostos eram lavados e, ainda, a água era coisa rara e difícil de ser buscada. THULLIER (apud PROST, 1992: p. 96) atribuiu à escola primária a difusão da higiene e do asseio:

“Em Dijon, vésperas da guerra de 1914, quatro liceus masculinos dispõem de chuveiros, os quais inexistem num quinto liceu de rapazes, nos dois liceus femininos, em quinze colégios masculinos e mais treze colégios femininos. Os internos faziam lavapés semanais. A instalação de chuveiros constituía na época uma medida administrativa progressista da Prefeitura. Mas os tabus não se viam fortemente abalados. Ainda nas vésperas da guerra de 1940, uma mulher do povo respondia indignada: “Tenho cinquenta anos, minha senhora, e nunca me lavei nessa parte!”, a uma diretora de escola de Chartres que lhe chamara a atenção para o fato de que sua filha tinha ficado menstruada”.

Nas residências da burguesia e pequena burguesia havia banheiros com banheira, bacias grandes, pias e bidês. Dessa forma os burgueses se lavavam com maior frequência. Os bebês de peito eram lavados diariamente. Os hábitos higiênicos eram diferenciados conforme a classe social.

O crescimento imobiliário após a Segunda Guerra Mundial possibilitou aos operários o contato com o uso do banheiro. A princípio eles guardavam carvão ou criavam coelhos nas banheiras. Os novos hábitos de higiene foram aos poucos incorporados.

O trabalho emigrou da esfera privada e ingressou na esfera pública. O ideal para a jovem mulher burguesa era ficar na casa dos pais sem trabalhar e, nas camadas mais baixas a jovem trabalhava fora: na fábrica, na oficina, como doméstica.

A polivalência do espaço da empresa não resultava apenas de sua progressiva constituição ao sabor das circunstâncias. Ela fazia parte de uma concepção global que definia o homem – ou a mulher – antes de tudo pelo seu trabalho. Dessa forma, a totalidade da organização da existência era em função do trabalho.

O trabalho das mulheres implicava em paternalismo e os trabalhadores viam na empresa uma espécie de grande família cujo pai seria o patrão. As greves foram

um importante instrumento para a ruptura de uma relação pessoal, da contestação da autoridade do “pai da fábrica”. Aos ganhos materiais acrescia-se a superioridade moral. Dessa forma o trabalho assalariado saiu do privado pois não era um trabalho na casa de outrem mas um serviço impessoal regido por normas formais, submetido a arbitragens coletivas, que se dava num espaço despersonalizado, onde não só o patrão mas também instâncias representativas possuíam direitos próprios. Assim a separação estabelecida e intensificada entre o trabalho e a família provocaram profundas modificações no quadro familiar.

Além das modificações no quadro familiar e no interior da vida privada da família, também dentro da família os indivíduos conquistaram o direito a uma vida privada autônoma.

A rua era um prolongamento da casa e as crianças brincavam nela como se estivessem no próprio lar.

O abastecimento de água, em 1939, era precário. Em 1949 em Rouen, França, mais da metade dos imóveis não tinha água encanada. As fontes públicas nas ruas ainda eram muito freqüentadas para pegar água e enxaguar a roupa. Isso dava-se também na beira de rio.

Depois de 1954 há um salto para a modernidade quanto ao abastecimento de água e implementação do uso dos banheiros.

Anteriormente não havia como o indivíduo da classe operária se isolar. O espaço privado era o espaço público do grupo doméstico:

“A toalete se fazia necessariamente sob as vistas dos próximos, que desviariam o olhar quando a ocasião pudesse chocar o pudor. Entre os mineiros, por exemplo, antes que as empresas instalassem chuveiros, o mineiro, ao voltar para casa, encontrava na sala uma tina de madeira e água no fogão, que a esposa tinha posto para esquentar. Ele se lavava ali mesmo, com a ajuda de sua mulher. No campo era a mesma coisa: as pessoas se lavavam na sala, ou fora de casa; aliás, lavavam-se raríssimas vezes, e nunca tomavam banho completo. (PROST, 1992: p. 72).

A ausência de privacidade acontecia também na hora de dormir. Dormiam pais e filhos no mesmo aposento e, muitas vezes, os filhos dormiam na cama dos pais. A

noção de intimidade não era a mesma da classe burguesa. O exercício da sexualidade também. A menstruação das moças era marcada no calendário de serviço da casa; as relações sexuais, muitas vezes, aconteciam no escurinho fora dos bailes, atrás das moitas e nos próprios leitos, com a presença ou não dos filhos.

Os pais tinham plenos poderes sobre os filhos tanto na burguesia, quanto nas classes populares. O controle dos pais era exercido sobre o tempo livre, as correspondências, as relações dos filhos, seus estudos e profissões. O casamento também era, na burguesia, assunto de família, principalmente porque envolvia patrimônios. Isso não ocorria nas camadas populares. Em ambas, entretanto, o casamento possibilitava a emancipação dos filhos.

Na segunda metade do século XX, a educação dos filhos foi socializada com a instituição escolar. A família foi transferindo, aos poucos, para a escola, o aprendizado da vida em sociedade. Isso não apenas em relação à adolescência mas ao “Jardim de Infância”. Se antes a norma era conservar as crianças o maior número de anos possível no seio da família e até alfabetizá-las em casa, agora o jardim de Infância tornava-se uma alternativa para as mães que trabalhavam fora. A escolarização no Jardim de Infância se generalizou mesmo quando as mães não trabalhavam fora. Proliferaram também as colônias de férias, a princípio com preocupações higiênicas.

Os costumes se modificaram também em relação ao casamento. O amor passou a ocupar um lugar central no casamento. Portanto, não bastava a instituição matrimonial para legitimar a sexualidade: era preciso o amor. O feminismo encontrou nova repercussão amplificado pelos acontecimentos de 1968.

Com a evolução educacional e dos costumes os jovens já não precisavam casar-se para escapar ao poder dos pais e nem precisavam casar-se para manter relações sexuais; era um estilo de vida que recusava as convenções. Multiplicavam-se as coabitações juvenis que surgem como uma tentativa de síntese entre o laço conjugal tradicional e os amores extraconjugais, evitando-se a gravidez. São suas especificidades: uma relação mais duradoura, mas, nem por isso, definitiva; semi-consagrada socialmente; protege os cônjuges provisórios da solidão e do tédio; o entendimento sexual, facultativo no casamento, torna-se obrigatório; os antigos papéis do marido e da

mulher são rejeitados em nome do princípio da igualdade. (BÉJIN apud VINCENT, 1992).

O símbolo do casal igualitário, no qual alter é ego e vice-versa, é o hermafrodita:

“É a história - bastante rara - de um homem violentado por uma mulher. Filho de Hermes e de Afrodite, Hermafrodita era tão belo que despertou um desejo incontrolável na Ninfa Salmacis. Mas ele a repeliu. Aproveitando-se de uma ocasião em que o adolescente de quinze anos se banhava nas águas do lago, ela o abraçou e conseguiu que os deuses juntassem para sempre seu corpo ao do seu amado. Chateaubriand, que não era destituído de narcisismo, descrevia a si mesmo como um “andrógino bizarro, modelado com os sangues distintos de minha mãe e meu pai” (VINCENT, 1992: p. 285).

Em apenas meio século o indivíduo passava à frente da família sendo que, anteriormente, a família passava à frente do indivíduo.

O modelo de modernidade que se difundia entre a burguesia parisiense, preferencialmente mundana, e que freqüentava as praias e estações de águas fazia que os comerciantes, mais do que os higienistas, difundissem novos hábitos do corpo. Revistas como *Marie Claire* e outras revistas femininas, além de explicar às leitoras como se lavar, se maquiar, cuidar da casa, seduzir o marido, educar os filhos, foram responsáveis por transpor para o cotidiano as práticas próprias das férias. A ginástica também passou a fazer parte dos preceitos das revistas femininas. Imaginou-se, desenvolveu-se e democratizou-se esportes novos: esforço, jogo e prazer do corpo. O Méditerranée difundiu o culto dos 3S: “*Sea, Sun and Sex*”. Mas não foi só isso. O Clube soube usar a recusa do indivíduo de ser classificado, definido por sua posição, o que constituiu-se numa vontade de ser tratado como pessoa privada dentro da própria vida coletiva. O Clube neutralizou as imposições formais do público.

A reabilitação do corpo modificou a relação dos indivíduos consigo mesmos e com os outros. O corpo era reivindicado e exposto à visão de todos. O prazer do banho, da toalete, do esforço físico torna-se, então, uma satisfação narcísica e autocontemplativa percorridas por sonhos e lembranças. Cuidar do corpo é prepará-lo para ser mostrado. No entreguerras o avanço do nu era o avanço da indecência e da

provação. Na nova norma uma coisa natural. Havia (há) a possibilidade dos pais irem e voltarem nus do banheiro para o quarto sem se esconderem dos filhos.

O corpo tornou-se lugar da identidade pessoal portanto sentir vergonha do próprio corpo seria sentir vergonha de si mesmo.

O banheiro conquistou um valor novo, desde o final dos anos 40, com a constante aparição das banheiras repletas de espuma, das belas mulheres sob as duchas, cuidando do próprio corpo. As propagandas de xampus e sabonetes convidam a penetrar na intimidade do banho alheio.

O privado desabrocha-se entre o coletivo:

“A antiga organização da vida pública atribuía a cada indivíduo uma posição e uma série de funções que, por sua vez, comandavam os papéis a serem desempenhados. Os comportamentos das pessoas se tornavam previsíveis, mas os contatos e as relações se restringiam, e a espontaneidade ficava reprimida. A atual evolução dos costumes tende a apagar as diferenças de posição, mostrando que a vida coletiva põe em contato pessoas iguais em sua singularidade, ou seja, totalmente diferentes umas das outras, que devem ser aceitas em suas particularidades. Essa recusa de ser classificado, definido por sua posição, constitui fundamentalmente uma vontade de ser tratado como pessoa privada dentro da própria vida coletiva. Ela leva à diluição dos papéis sociais” (PROST, 1992: p. 136).

Dentre todos os papéis sociais, o papel tradicionalmente atribuído às mulheres é o que sofre ataques mais intensos. Através dos meios de comunicação e da propaganda a vida pública penetrou, infiltrou e modelou os lugares mais secretos e íntimos da vida privada. Os jovens adquiriram radinhos de pilha para escutar no quarto, no banheiro, na praia, na rua. A publicidade contribuiu para desfazer antigas regras da vida privada e incitar o desempenho dos papéis sugeridos pela opinião pública.

Às margens do século XX, convivendo com todas essas alterações das mentalidades, o corpo torna-se objeto de amor e reflete-se no espelho. O espelho apareceu na França no século XVI, importado de Veneza, Itália. Era caro e raro no entreguerras. Nas casas operárias tinha um pequeno para se fazer a barba. O espelho de corpo inteiro era encontrado apenas nas classes abastadas. Aos poucos a pessoa deixou

de perceber sua identidade física no olhar do outro e passou a contemplá-la no espelho grande do banheiro – local secreto – onde podia ver-se despida de sua aparência social – das cintas, espartilhos, perucas, dentadura...

Tanta limpeza fez com que a Igreja desconfiasse. A descoberta do próprio corpo poderia estimular toques suspeitos ou despertar o desejo de conhecer o corpo do outro. Nos anos 30 a regra era o banho semanal. As crianças mudavam a roupa de baixo também uma vez por semana.

As regras de higiene se transformam, assim como os cuidados com o corpo: ginásticas, alimentação, etc. Por exemplo, o chuveirinho é raro nos Estados Unidos por permitir apenas lavagens localizadas. Ele é contrário aos imperativos de higiene e, ao mesmo tempo às normas éticas. O chuveiro americano é uma tromba d'água que assegura o asseio e a purificação.

No bojo dessas transformações há o questionamento do que era tido como as coisas mais “normais” do mundo: maneiras de comer, de procriar, de tratar os outros, de respeitar pai e mãe, de criar os filhos e, as relações entre homens e mulheres.

A velhice, também culturalmente construída, reivindica o prazer que não conhece limites de idade. A criança é reconhecida como um ser sexual desde o seu nascimento.

Enfim, grandes acontecimentos na vida dos ocidentais nessas últimas décadas, fazem eclodir um erotismo totalmente estranho ao sistema cultural judaico-cristão: a caçada ao orgasmo masculino e feminino, a anticoncepção, o sexo virtual, a sexualidade na velhice e... na infância.

Capítulo IV

CRIANCERIA

*Crianceria se constitui de multiplicidades em processo,
diferença enquanto o que experimenta a vida.
Infância é encontro do que se transmuta permanentemente,
impossível na permanência, co-possível na multiplicidade*
KATZ, 1996

A religião, sob os aspectos das duas Reformas, desempenhou um papel primordial no governo da espontaneidade da sensualidade da criança. Não cessava de repetir que não existia intimidade suscetível de escapar ao olhar de Deus. Erasmo lembrava a presença constante do anjo da guarda e La Salle prescrevia uma vigilância acirrada que redundava na proibição de toda relação com o próprio corpo, negando todo tipo de intimidade³⁶. Durante muito tempo freiras e padres educaram corpos:

“Tenho muito forte e clara até a sensação que me provocavam aqueles banhos na banheira da casa da minha tia. Tudo começou quando eu estava tomando banho e soltei alguns punzinhos na água. Aqueles gases saíram do meu ânus e foram em direção à minha vagina e eu senti algo que nunca tinha sentido antes. Uma cócega muito gostosa naquela região do meu corpo. Aquilo me deixou com um desejo enorme de tomar banho de novo naquela banheira. Tentei outras vezes, forçava o punzinho que não acontecia mas, foi acontecendo o toque naquele lugar que me fazia sentir algo de bom mas ao mesmo tempo de assustador. Quando começava a sentir de novo parava mas no dia seguinte, apesar de relutar, tentava tomar banho de novo. Minha tia era minha vizinha e isso facilitava o acesso àquela banheira. Na minha cabeça passava tudo o que as freiras diziam. (Eu estudava em colégio de freiras. Tinha 10 prá 11 anos). Não pode pensar bobagem. Tudo o que vocês pensarem vai aparecer como se fosse um filme, no dia do juízo

³⁶ Cf. REVEL, Jacques. *Os Usos da Civilidade*. In: *História da Vida Privada*. Vol III: *Da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991, p. 190. “O decoro exige também que, ao deitar-nos, escondamos de nós mesmos o próprio corpo e evitemos lançar-lhe até os menores olhares”

final; quando for tomar banho, enxugar bem depressa e colocar rapidamente a calcinha senão o capeta entra no corpo. Lembro-me muito bem como as freiras e os padres venceram em minha cabeça. As descobertas na banheira foram reprimidas”.



(M) – 47 anos – Belo Horizonte - MG

Tratados foram elaborados com esse objetivo – cultivar sentimentos de vergonha e culpa despertando a ansiedade das crianças, forçando-as a reprimir o prazer.

As idéias contidas nesses Tratados persistiram anos a fio:

“A minha primeira masturbação aconteceu no cômodo do banheiro. E as outras também. Pronto! Porque aí sempre a primeira você descobre... quando tinha vontade de fazê sempre procurava o banheiro. Era o principal. No banheiro, aí sempre a mãe.... foi tumá banho; o pai... foi tumá banho. Nunca associava que a pessoa podia tá se masturbando. Aí sempre procurava o banheiro. Eu sempre fazia e me arrependia porque a gente recebe, quando pequeno, a carga de experiência dos pais, que passam que é pecado. Que a pessoa fazendo isso tá pecando; que é uma coisa muito feia. Você fica até com nojo dos seus órgãos. Quem faz isso é uma pessoa que não presta; sempre vai pro lado do pecado. Aí sempre eu fazia e eu me arrependia, num sabe? Às vezes eu rezava. Algumas revistas pornográficas que eu tinha... teve uma época que eu me arrependi tanto que queimei um tanto de revista. Me arrependia, depois rezava e dizia que num ia fazê mais. Aí, como o corpo sempre pede, fazia de novo e me arrependia de novo. Aí pronto! Ficava nessa bola de neve”.



(T) – 30 a – Serra Redonda - PB

Um tratado didático intitulado *A Civilidade Pueril*, publicado pela primeira vez em Basileia, em 1530, de autoria de Erasmo, reuniu observações e conselhos para uso das crianças abordando as principais circunstâncias da vida em sociedade: a postura e os comportamentos na igreja, à mesa, por ocasião de um encontro, nas brincadeiras, ao deitar-se.

Erasmo proclamava as manifestações do corpo: os gestos, as mímicas, as atitudes, que constituem expressões do homem interior e revelam as disposições da alma.

O texto de Erasmo baseado em vasta literatura clássica, em tratados de educação e fisiognomias percorre de Aristóteles a Cícero, de Plutarco a Quintiliano e toda a produção medieval a partir do século XII, mas inova em três pontos essenciais:

- Dirige-se às crianças. Os textos anteriores ensinavam a jovens e adultos. Segundo Erasmo a criança é símbolo da simplicidade e da inocência evangélicas e ainda não foi pervertida pela vida social; está aberta aos aprendizados e é transparente;
- *A Civilidade Pueril* dirige-se a todas as crianças;
- *A Civilidade Pueril* pretende ensinar a todos um código válido para todos.

Erasmo baseou-se em material acumulado pela tradição, mas, às vezes, no decorrer de seu texto, ironiza-o e utiliza-o diferentemente. Os textos anteriores elaboravam práticas particulares a determinados grupos e Erasmo quis fundamentar uma aprendizagem gestual comum denunciando tudo o que nas manifestações do corpo e das linguagens pudesse tornar a sociedade opaca a si mesmo.

O livro da civilidade transformou-se num texto de grande tiragem e seus efeitos se fizeram sentir por muito tempo, até meados do século XIX, entrando, também, na esfera das reformas protestantes, luterana e calvinista. Se seus efeitos se fizeram sentir até meados do século XIX, permaneceu muito mais tempo no imaginário dos adultos educadores e educadoras de crianças e jovens:

“Quando eu tomava banho, se eu queria me masturbar, o estado de cultura aparecia, sabe? Eu pensava assim: Nossa Senhora! Se eu masturbar eu vou ficar perdida, então assim, se eu atijar o meu desejo agora, eu não posso atijar o meu desejo, porque se eu atijar eu não vou segurar o meu desejo. Porque isso era coisa que a gente escutava, menina que transa cedo ou que fica solteira quando novinha depois não segura o corpo. Num tem nada a ver, né. Então ficava aquele receio de tocar. Num era nem o receio de tocar, o receio de sentir, que é pior do que o receio de tocar. Tá misturado num tá? Eu quero tocar mas se eu me tocar eu vou sentir, e eu não posso sentir. Mulher não pode sentir prazer, desejo. Porque quem sente prazer e desejo é puta, é... era essas coisas.”



(S) - 50 anos – Goiás

Severos dispositivos didáticos baseados na repetição e na obediência visavam sensibilizar as crianças para a necessidade de um código geral de sociabilidade. Erasmo confiava na educação doméstica e depois também na escolar transformando a civilidade em exercício escolar destinado a dispensar uma instrução religiosa e cívica.

Em 1679, os irmãos da comunidade cristã Jean-Baptiste de La Salle utilizando-se do modelo de Erasmo na educação de crianças pobres francesas, transformaram-no num dos instrumentos de uma disciplina sistemática e autoritária, adestrando corpos numa vigilância policialesca do tempo e do espaço das crianças. La Salle publicou então, em 1703, *As Regras do Decoro e da Civilidade Cristã* contendo regras pesadas e minuciosamente expostas para uma pedagogia dos comportamentos. Esse texto teve um sucesso imenso e até 1875 contava com, no mínimo, 126 edições.

Erasmo prescrevia para as crianças um rosto sorridente e calmo, olhar tranqüilo e franco, voz firme e discrição geral. Quase dois séculos depois, nas Regras de La Salle:

“o que mais contribui para dar a uma pessoa uma aparência distinta e fazer com que seja considerada por sua modéstia como uma pessoa sábia e bem regrada é quando mantém todas as partes de seu corpo na situação que a natureza ou o costume lhes prescreveram. (...) Nada no exterior deve parecer estudado, porém é preciso saber compassar todas as atitudes e bem regar o porte de todas as partes do corpo” (REVEL, 1991: p. 185).

Assim, já não se esperava da criança a alegria sugerida por Erasmo mas um ar grave e majestoso, de grandeza, de gravidade e sabedoria. No começo do século XVIII La Salle criticava todo o comportamento que manifestasse um relaxamento da atenção devida ao espetáculo social. Todas as expressões da intimidade se tornavam suspeitas a seus olhos. A referência cristã era fundamental. As crianças e os homens deveriam auto-controlar os seus corpos evidenciando em seus gestos um decoro que era, ao mesmo tempo, civil e cristão. Era, então, sobre o corpo que as normas de civilidade se exerciam com maior rigor pois ele é, ao mesmo tempo a base das paixões mais vergonhosas e o templo animado do Espírito Santo. No espírito do cristianismo, a pessoa virtuosa é aquela que domestica suas paixões.

Erasmus insistia na decência determinando as partes do corpo que o pudor natural levava a esconder, distinguindo as funções excretoras e recomendando que se respeitasse a intimidade dos que satisfazem tais necessidades³⁷. Trinta anos depois CALVIAC apud REVEL, 1991 é mais severo:

“É muito honesto para uma criança pequena não manusear suas partes pudendas, mesmo quando a necessidade o exigir e quando estiver sozinha, a não ser com vergonha e pudor: pois isso denota grande pudicícia e honestidade” (p. 188).

Em 1613, meio século depois, Claude Hardy, que se apresentava como um parisiense de 9 anos de idade, fazendo uma adaptação da *Civilidade* recomendava que abster-se de urinar era prejudicial à saúde porém, afastar-se para fazê-lo era vergonhoso.

O julgamento moral estava totalmente integrado à experiência corporal no governo da ameaçadora espontaneidade da sensualidade o que ocorria desde o ritual da mesa até o leito da criança³⁸. Nem as cobertas poderiam sugerir a forma do corpo, quando as crianças estivessem na cama.

³⁷ Cf. ERASMO. *De Civilitate morum puerilium*, 1530. In: ELIAS, Norbert, 1994. “É indelicado cumprimentar alguém que esteja urinando ou defecando... A pessoa bem educada sempre deve evitar expor, sem necessidade, as partes às quais a natureza atribuiu pudor. Se a necessidade a compele, isto deve ser feito com decência e reserva, mesmo que ninguém mais esteja presente. Isto porque os anjos estão sempre presentes e nada mais lhes agrada em um menino do que pudor, o companheiro e guardião da decência. Se produz vergonha mostrá-las aos olhos dos demais, ainda menos devem ser elas expostas pelo toque” (p. 136).

³⁸ LA SALLE, 1729. *Les Règles de la bienséance et de la civilité chrétienne*. In: ELIAS, Norbert. 1994. “Faz parte do decoro e do pudor cobrir todas as partes do corpo, com exceção da cabeça e das mãos. Deve-se tomar cuidado para não tocar com as mãos nuas qualquer parte do corpo que não é habitualmente deixada descoberta. E se for obrigado a assim proceder, isto deve ser feito com grande cautela. Você precisa acostumar-se ao sofrimento e ao desconforto sem se contorcer, esfregar-se ou coçar-se... É muito mais contrário à decência e à propriedade tocar ou ver em outra pessoa, principalmente do sexo oposto, aquilo que os Céus proibem que você olhe em si mesmo” (p. 138).

As crianças e as brincadeiras sexuais dos adultos

Os assuntos sexuais não eram proibidos diante das crianças em outras épocas históricas. Era prática familiar associar as crianças às brincadeiras sexuais dos adultos e isso não chocava o senso comum.

O médico Heroard anotava, nos últimos anos do século XVI e século XVII, fatos corriqueiros da vida de Luís XIII mostrando com que liberdade se tratavam as crianças, suas brincadeiras e os seus gestos. Isso não chocava ninguém e eram tidos como naturais:

“Luis XIII ainda não tem um ano: “Ele dá gargalhadas quando sua ama lhe sacode o pênis com a ponta dos dedos”. Brincadeira encantadora que a criança não demora a dominar. Ele chama um pajem “com um Ei!, e levanta a túnica, mostrando-lhe o pênis” (...) Luis XIII tem um ano: “Muito alegre”, anota Heroard, “ele manda que todos lhe beijem o pênis”. Ele tem certeza de que todos se divertem com isso. Todos se divertem também com sua brincadeira diante de duas visitas, o Senhor de Bonnières e sua filha: “Ele riu muito para (o visitante), levantou a roupa e mostrou-lhe o pênis e rindo com seu risinho, sacudiu o corpo todo”. As pessoas achavam tanta graça que a criança não se cansava de repetir um gesto que lhe valia tanto sucesso. Diante de “uma pequena senhorita” “levantou a túnica, e mostrou-lhe o pênis com um tal ardor que ficou fora de si. Ele se deitou de costas para mostrá-lo melhor” (ARIÈS, 1981: p. 125/26).

Esse tipo de brincadeira continuava até por volta dos sete anos, idade em que era preciso ensinar modos e linguagem “decentes”.

No século XVI, Erasmo publicou os seus famosos Colóquios destinados a aprimorar a língua dos jovens e a educá-los para a vida. Foi o livro-texto mais famoso, o mais lido de sua época e o mais criticado posteriormente. Tinha a intenção de apresentar ao menino a vida adulta. Dessa forma apresentava os diálogos de um jovem fazendo corte a uma moça; mostrava uma mulher queixando-se do mau comportamento do marido e uma conversa entre um rapaz e uma prostituta. ELIAS (1994) considera que as

críticas feitas a essa obra ainda no século XIX fazem refletir sobre a mudança ocorrida na sociedade ocidental no processo civilizador.

Os padrões de vergonha e sigilo nas relações entre os sexos eram muito diferentes. Erasmo considerava natural que as crianças soubessem sobre a temática de seu livro. A franqueza com que as funções naturais eram comentadas entre adultos era acompanhada por maior liberdade de fala e ação na presença de crianças. Um fato acontecido numa Corte do século XVII ilustra como os adultos não levavam a mal as brincadeiras realizadas com as crianças. Nesta Corte vivia uma menina de seis anos de idade:

“As senhoras das cortes conversam muito com ela e, certo dia, fazem uma brincadeira: tentam convencer a menina que ela está grávida. A menininha nega isso. Defende-se. É absolutamente impossível, diz e discutem muito. Certo dia, porém, ao acordar, descobre um recém-nascido na cama ao seu lado. Espantada, diz ela em toda sua inocência: “De modo que isto só aconteceu com a Virgem Maria e comigo porque não senti nenhuma dor”. Essas palavras passam de boca em boca e o pequeno caso torna-se a diversão de toda a corte” (Ibid., p.178).

Nos padrões da época esse tipo de brincadeira era totalmente aceitável. Só aos poucos a associação entre sexualidade, vergonha e embaraço, se torna predominante nos séculos XIX e XX. Isto se dá quando cresce a distância entre adultos e crianças correspondendo à consciência da particularidade infantil que inexistia. No processo civilizador, a sexualidade é cada vez mais transferida para trás da cena da vida social e isolada na família.

* *

*

O sentimento de infância não existia na sociedade medieval mas isso não significa dizer que as crianças eram negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. A criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça, se tornava fonte de distração e de relaxamento para o adulto. Um sentimento de “paparicação”.

Um sentimento negativo à papariação afluou no fim do século XVI e no século XVII gerando irritação e hostilidade em Montaigne que não admitia a idéia de se amar as crianças como passatempo, como se fossem macacos e nem achar graça em seus sapateados, brincadeiras e bobagens pueris:

“Não posso conceber essa paixão que faz com que as pessoas beijem as crianças recém-nascidas, que não têm ainda nem movimento na alma, nem forma reconhecível no corpo pela qual se possam tornar amáveis, e nunca permiti de boa vontade que elas fossem alimentadas na minha frente” (MONTAIGNE apud ARIÈS, 1981: p. 159).

Moralistas e educadores do século XVII partilhavam a repugnância de Montaigne, inspirando outro sentimento de infância, tanto na cidade quanto no campo, na burguesia ou entre o povo: o interesse psicológico e a preocupação moral, origem do sentimento moderno de infância.

A criança era considerada parte do corpo coletivo; pertencia à linhagem tanto quanto aos pais. Público e privado se interpenetravam na vida da criança dependendo tanto de um quanto de outro. No final do século XIV havia uma nova relação com a criança não só de afetividade mas uma vontade cada vez maior de preservar sua vida. A demanda para os médicos crescia e, em 1693, John Locke publicou em Londres e foi logo traduzido para o francês um dos clássicos da pedagogia européia do século XVIII: *Da Educação das Crianças*. Nessa obra o autor chama a atenção para a prevenção da saúde das crianças; o que os pais deveriam fazer para aumentar e conservar a saúde dos filhos (GÉLIS, 1991).

A passagem do amor à criança ao sentimento de infância manifestou-se de maneira não linear. Para a mulher cabia a reprodução; a criação dos filhos, o uso de faixas, de toucas, o aleitamento, muitas vezes era entregue às nutrizas. Outros encontravam divertimento e alegria junto às crianças. Os textos dos séculos XVI e XVII enaltecem a “nova criança”. A princípio não se condenava a privatização da educação mas temia-se que muito mimo e demonstrações de afeto, trouxessem conseqüências indesejáveis para as crianças. Dessa forma, ao longo do século XVII, impõem-se regras de comportamento numa atitude repressiva à educação privada. O poder religioso e o

poder político retomam o encargo do sistema educativo. Igreja e Estado tiveram seu papel na afirmação do sentimento de infância, difundindo modelos ideológicos e fortalecendo a emergência da criança, como indivíduo, na sociedade ocidental.

ELIAS (1994) ao analisar os tratados de civilidade desde a época de Erasmo diz que a privatização é consubstancial à civilização. O refinamento das sensibilidades chamado de “pudor” fez com que assoar, defecar, fazer amor, comer, se lavar, que antes eram realizados em público, se modificassem de acordo com uma autoconsciência que passa pela intimidade dos corpos. O autor cita críticas dirigidas aos textos produzidos por Erasmo em seus Colóquios, que os considera inadequados, pois falavam às crianças de prostitutas e das casas em que elas viviam.

Von Raumer publicou, em 1857, uma obra intitulada *A Educação das Meninas* prescrevendo a maneira como as mães deveriam responder às perguntas de natureza sexual feitas pelas crianças:

“Algumas mães são de opinião, fundamentalmente incorreta a meu ver, de que às filhas deve ser dado conhecimento profundo de todas as circunstâncias da família, mesmo de relação entre os sexos, e de que devem ser iniciadas nas coisas que serão seu destino se jamais vierem a casar. Seguindo o exemplo de Rousseau, esta opinião degenerou e se transformou na caricatura mais grosseira e mais repulsiva do Seminário Filantrópico de Dessau. Outras mães exageram na direção contrária, dizendo às filhas aquilo que, logo que se tornam mais velhas, tem que se revelar como total falsidade. Como em todos os outros casos, isto é condenável. Estas coisas não devem ser comentadas absolutamente na presença de crianças, e ainda menos em tom de mistério, que provavelmente só lhes aguçará a curiosidade. As crianças devem ser deixadas por tanto tempo quanto for possível na crença de que um anjo traz para a mãe os bebês. Esta lenda, costumeira em algumas regiões, é muito melhor do que a história da cegonha, comum em outros lugares. As crianças, se realmente crescem sob os olhos da mãe, raramente fazem perguntas a esse respeito... nem mesmo se a mãe é impedida pelo parto de tê-las em volta de si... Se meninas perguntarem mais tarde como bebês chegam ao mundo, deve-se responder que o bom Deus dá à mãe o bebê, que tem um anjo da guarda no céu que certamente desempenhou um papel invisível na concretização dessa alegria. “Você não precisa saber nem poderia compreender

como Deus dá as crianças”. As meninas devem se contentar com essas respostas em cem casos, e constitui dever da mãe ocupar os pensamentos das filhas de modo tão completo, com o belo e o bom, que elas não tenham tempo para pensar nesses assuntos... A mãe... deve dizer apenas uma vez, com toda seriedade: “não seria bom para você conhecer essas coisas e deve tomar cuidado para não escutar nada que se diga a esse respeito”. Uma moça realmente bem educada sentirá daí em diante vergonha ao ouvir coisas desse teor”. (VON RAUMER apud ELIAS, 1994: p. 179, 180).

As mulheres eram responsáveis pela administração da casa e educação dos filhos. Os homens ampliavam e diversificavam suas profissões e atividades públicas. A esfera do público era tida como perigosa e amoral e a do privado, da casa, era o local dos prazeres amenos, refúgio do homem cansado e preocupado, responsável pela manutenção material do lar. O ideal burguês era de um marido que atendia às necessidades materiais da família e de uma mulher que se consagrava ao lar. Os homens eram cidadãos trabalhadores e responsáveis e as mulheres, reduzidas ao silêncio; eram esposas e mães. A classe operária não adotou inteiramente o ideal de vida da burguesia mas integrou certos aspectos do discurso religioso ou laico. A moralização dos pobres, através da família, recebeu dos utilitaristas e evangélicos grande atenção. Instituições de ensino, escolas dominicais, além de alfabetizar os pobres, pregavam valores burgueses de separação entre os sexos.

À família foi conferido o estatuto de célula de base do social, garantindo a moralidade natural. O doméstico desempenhava o papel de deus oculto e regulador na figura do pai de família, senhor logo abaixo de Deus. A família era o templo da sexualidade comum, elaborando normas e desqualificando as sexualidades periféricas. Educação, higiene, nutrição passaram, então, a ser responsabilidade da mãe, sob orientação médica. A mulher/mãe assumiu, assim, um lugar de destaque na “nova família”:

“Essa ligação orgânica entre o médico e a família irá repercutir profundamente na vida familiar e introduzir sua reorganização em pelo menos três direções: 1. O fechamento da família contra as influências negativas do antigo meio educativo, contra os métodos e os preconceitos serviais,

contra todos os efeitos das promiscuidades sociais; 2. A constituição de uma aliança privilegiada com a mãe, portadora de uma promoção da mulher por causa deste reconhecimento de sua utilidade educativa; 3. A utilização da família pelo médico contra as antigas estruturas de ensino, a disciplina religiosa, o hábito do internato” (DONZELOT, 1986: p. 23, 24).

A consciência crescente do lugar ocupado pela família, demográfica e socialmente, leva filantropos, médicos e Estado a penetrarem em seus mistérios e sua fortaleza. Tal intervenção acontece, também, nas famílias pobres, tidas como incapazes de desempenhar o seu papel, principalmente em relação aos filhos, dirigindo-se à criança como ser social. O discurso/poder médico, especialmente a partir do século XIX, instaura-se no interior das famílias, estabelecendo uma aliança da qual dependeria o sucesso nos cuidados e na educação física, intelectual e moral dos filhos.

No mesmo século XIX, no entanto, há o record de amas-de-leite e abandono de filhos. Apesar disso nasceu uma nova ciência: a puericultura – foram, então, elaborados inúmeros manuais de cuidados com as crianças, dirigidos às famílias burguesas, questionando e condenando a presença dos serviçais que poderiam marcar negativamente a educação das crianças:

“Conservar as crianças significará por fim aos malefícios da criadagem, promover novas condições de educação que, por um lado, possam fazer frente à nocividade de seus efeitos sobre as crianças que lhes são confiadas e, por outro lado, fazer com que todos os indivíduos que têm tendência a entregar seus filhos à solicitude do Estado ou à indústria mortífera das nutrizas voltem a educá-los” (Ibid., p.21).

A pedagogização do sexo da criança

Em meio a todas essas contradições a infância se torna a idade fundadora da vida e a criança transforma-se em pessoa, alvo de métodos intervencionistas e normatizadores da medicina européia que não se limitou à família, mas alastrou-se pelas

instituições educacionais e correcionais, com o discurso da infância em perigo e da infância perigosa:

“Em torno da criança a família burguesa traça um cordão sanitário que delimita seu campo de desenvolvimento: no interior desse perímetro o desenvolvimento de seu corpo e de seu espírito será encorajado por todas as contribuições da psicopedagogia postas a seu serviço e controlado por uma vigilância discreta” (Ibid., p. 48).

As crianças, então, passaram a ocupar espaços de maior vigilância: a casa ou a escola, sob a medicalização da sexualidade.

O século XIX deu à sexualidade o estatuto de ciência. A tolerância sexual acontecia em consonância com o meio, a idade, os atos e o gênero: a diferença e desigualdade entre homens e mulheres era enorme. No entanto, já a partir do século XVIII, quatro grandes conjuntos estratégicos desenvolveram dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo: histerização do corpo da mulher, pedagogização do sexo da criança, socialização das condutas de procriação e psiquiatrização do prazer perverso. Dessa forma tornaram-se objetos privilegiados de saber: a mulher histórica, a criança masturbadora, o casal malthusiano e o adulto perverso:

“através da pedagogia, da medicina e da economia, fazia-se do sexo não somente uma questão leiga, mas negócio de Estado; ainda melhor, uma questão em que, todo o corpo social e quase cada um de seus indivíduos eram convocados a porem-se em vigilância (...) se desenvolvia ao longo de três eixos: o da pedagogia, tendo como objetivo a sexualidade específica da criança; o da medicina, com a fisiologia sexual própria das mulheres como objetivo; e, enfim, o da demografia, com o objetivo da regulação espontânea ou planejada dos nascimentos” (FOUCAULT, 1985).

Essa cientificação do sexo retomou os métodos do cristianismo. Em relação à sexualidade das crianças, esta já era tema da pedagogia espiritual do cristianismo: primeiro o Tratado consagrado ao pecado de *Mollities*³⁹, escrito por

³⁹ Cf. ARIÈS, Philippe. *São Paulo e a Carne*. In: ARIÈS, Philippe & BÉJIN, André. *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense. 1987. “O que é a *mollities*? É digno de nota que as expressões usadas para designar finalmente atividades sexuais como a fornicação e o adultério não se referem nem a órgãos nem a gestos. Não é realmente por pudor, pois nem o grego nem o latino tinham medo das palavras – e,

Gerson, educador e místico do século XV. Também a coletânea sobre a *Onania* redigida por Dekker no século XVIII, retomou exemplos apresentados pela pastoral anglicana. A história da sexualidade ilustra como a organização da linguagem estrutura, disciplina, o pensamento e as práticas corporais.

Tais técnicas foram aplicadas com maior intensidade nas classes economicamente privilegiadas. A direção espiritual, o exame de si mesmo, os pecados da carne, a detecção da concupiscência foram processos sutis acessíveis a grupos restritos, incluindo a família burguesa, onde se problematizou primeiro a sexualidade da criança:

“a criança onanista que tanto preocupou médicos e educadores, desde o fim do século XVIII até o fim do século XIX, não era o filho do povo, o futuro operário a quem se deveria ensinar as disciplinas do corpo; era o colegial, a criança cercada de serviçais, de preceptores e de governantas, e que corria o risco de comprometer menos uma força física do que capacidades intelectuais, que tinha o dever moral e a obrigação de conservar, para sua família e sua classe, uma descendência sadia” (Ibid.).

O movimento de individualização animou o século e, decorrente das descobertas de Pasteur, o modelo biológico foi aplicado ao campo social, estabelecendo-se que o controle do indivíduo era essencial à sobrevivência do grupo. Em contrapartida,

um pouco mais adiante, São Paulo se permite uma espécie de piada sobre o prepúcio dos circuncidados. Eu veria, antes, nessa reserva, a sobrevivência de uma época da linguagem em que a sexualidade não era enquanto tal objeto de análise nem de regulamentação, e em que, por conseguinte, as únicas categorias mantidas pelo uso eram as da prostituição e do casamento em geral, e não do que precisamente se fazia no antro (*fornix*) da prostituta ou no leito conjugal – subentendendo-se que jamais se tinha direito de dormir com a mulher de um *outro*. No momento em que nossa cultura atribui às coisas sexuais um amplo espaço na linguagem, não podemos deixar de nos surpreender com a aparente discrição dos latinos. A escolha dos significantes era feita de acordo com outros critérios que não os da biologia – ou mesmo os do prazer. Com a aparição da *mollities*, intervém uma mudança. O termo é pejorativo, e aproxima-se do de “passividade”, na qual, segundo Dover e Paul Veyne, os romanos viam um aviltamento do homem, uma desonra, uma prática indigna, condenável. Era importante para o homem romano – e também para o homem japonês, acrescenta Paul Veyne – não desempenhar no amor um papel passivo, quer esse amor fosse homossexual ou heterossexual. A reprovação era extensiva a determinados comportamentos sexuais pelo fato de serem passivos. Michel Foucault nos deve esclarecer quanto às variações da *mollities* – que acabará por designar a masturbação em neolatim. Sob a palavra *mollities*, equívoca e que não é, não mais que as outras, de natureza sexual (existe uma outra lassidão além da sexual), ocultava-se o erotismo, isto é, um conjunto de práticas que retardam o coito, quando não o evitam, com a finalidade de gozar melhor e por mais tempo: exclusivamente o prazer. É evidente, São Paulo não admite tal coisa, e vê aí o pecado

o medo da violação do eu e seu segredo aumentou o desejo de decifrar a personalidade que se ocultava e de intrometer-se na intimidade dos outros.

A vontade de saber relativa ao sexo, característica da sociedade Ocidental, colocou, em funcionamento, os rituais da confissão, nos esquemas da regularidade científica, através: de uma codificação clínica do “fazer falar”⁴⁰; do postulado de uma causalidade geral e difusa⁴¹; do princípio de uma latência intrínseca à sexualidade⁴²; do método da interpretação⁴³ e da medicalização dos efeitos da confissão⁴⁴.

A sociedade constituiu a *Scientia Sexualis* que produziu “discursos verdadeiros” sobre o sexo: o que seria normal e o que seria patológico. A linguagem da sexualidade delimitava os sonhos, ordenava as condutas. A própria palavra sexualidade, que segundo Bronislaw Baczko, apareceu por volta de 1859, designando os caracteres

contra o corpo: *in corpus suum peccat*. Talvez a *mollities* seja uma grande invenção da época estoíco-cristã. (p. 51, 52).

⁴⁰ Cf FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. “Combinar a confissão com o exame, a narração de si mesmo com o desenrolar de um conjunto de sinais e de sintomas decifráveis; o interrogatório cerrado, a hipnose com a evocação das lembranças, as associações livres: eis alguns meios para reinscrever o procedimento da confissão num campo de observações cientificamente aceitáveis” (p. 64).

⁴¹ Cf FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade I. A vontade de Saber, op. cit.* p. 64-65. “o dever de dizer tudo e o poder de interrogar sobre tudo encontrarão sua justificação no princípio de que o sexo é dotado de um poder causal inesgotável e polimorfo. O acontecimento mais discreto na conduta sexual – acidente ou desvio, déficit ou excesso – é, supostamente, capaz de provocar as consequências mais variadas, ao longo de toda a existência; não há doença ou distúrbio para os quais o século XIX não tenha imaginado pelo menos uma parte de etiologia sexual. Dos maus hábitos das crianças às tísicas dos adultos, às apoplexias dos velhos, às doenças nervosas e as degenerescências da raça, a medicina de então teceu toda uma rede de causalidade sexual”.

⁴² Cf FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade I. A vontade de Saber, op. cit.* p. 65 “se é preciso arrancar a verdade do sexo por meio da técnica da confissão, não é, simplesmente, porque ela seja difícil de dizer, ou porque esteja submetida às interdições da decência. E sim, porque o funcionamento do sexo é obscuro; porque escapar faz parte de sua natureza e sua energia, assim como seus mecanismos se esquivam; porque seu poder causal é, em parte, clandestino (...) O princípio de uma latência essencial à sexualidade permite articular a coerção de uma confissão difícil a uma prática científica. É bem preciso arrancá-la, e à força, já que ela se esconde.

⁴³ Cf FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade I. A vontade de Saber, op. cit.* p. 65-66 “não é somente porque aquele que ouve tem o poder de perdoar, de consolar e de dirigir que é necessário confessar. É que o trabalho da verdade a ser produzida, caso se queira validá-lo cientificamente, deve passar por essa relação (...) O século XIX tornou possível fazer funcionar os procedimentos de confissão na formação regular de um discurso científico, fazendo dela não mais uma prova, mas um sinal e, da sexualidade, algo a ser interpretado”.

⁴⁴ Cf FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade I. A vontade de Saber, op. cit.* p. 66 “a obtenção da confissão e seus efeitos são recodificados na forma de operações terapêuticas”.

do que é sexuado. Até então falava-se de amor, paixões amorosas, desejos, atos carnisais, atos venéreos, copulação e coito (CORBIN, 1991).

A *Scientia Sexualis* renovou as táticas de contenção. A primeira onda de sexólogos fragmentou o campo erótico codificando, interditando. A pedagogização do sexo da criança, dispositivo específico de saber e poder, transformou a criança masturbadora em objeto privilegiado da mesma vontade de saber.

A infância passou a ser objeto de intervenção higiênica e disciplinar. O poder do pai foi questionado e a importância da mulher/mãe na proteção à criança foi exaltada criando-se uma nova organização doméstica em que o pai dava a proteção material e a mãe a iniciação na educação. Os filhos eram educados não mais para servos da família, mas para servir e amar à “humanidade”.

Em nome da proteção à infância, concebendo a criança como entidade físico-moral amorfa, com o trunfo da mortalidade infantil nas mãos e da nocividade familiar, os médicos esboçaram trabalhos sobre amamentação, regras de conservação da saúde e desenvolvimento das forças físicas e intelectuais. A técnica de uma educação higiênica era a da criação de hábitos para prevenir as “más inclinações”, implantadas no ambiente dos colégios. No micro-universo dos colégios, isoladas das influências do ambiente, a higiene idealizava um corpo adulto, de homens rijos que, desde crianças, sendo acompanhados pelos médicos, estariam prontos para oferecer docilmente suas vidas ao país que construía ali seu novo homem e sua nova sociedade formando uma consciência nacionalista. Nessa medida o colégio não era apenas o lugar de afastamento da família, ditando as normas de saúde e equilíbrio, mas também o lugar da manipulação político-econômica por uma determinada classe social: a burguesia. Sua ética infiltrava-se na educação da criança travestida de educação física, intelectual e moral (COSTA, 1989).

Também, com a mesma idéia de sanar a inconseqüência das famílias, a organização do dispositivo antimasturbação, nos colégios, foi amplamente utilizada para educar as crianças com o objetivo social. A preocupação com a sexualidade infantil e o perigo que representava para a saúde física, moral e intelectual dos jovens fez com que os médicos exercessem o seu controle especialmente em relação à masturbação, que era

tratada como um crime e o masturbador, como culpado. Até o século XIX a masturbação era uma conduta isolada, solitária, que pouco importava à mentalidade antiga. O aparato médico-disciplinar em torno da masturbação teve importância decisiva na organização social. O aburguesamento da sociedade uniu sexo, amor, matrimônio e procriação. A sexualidade fora do casamento, sem amor e sem procriação era encarada como ilícita.

Nas últimas décadas do século XIX o ambiente familiar recuperou a educação dos filhos, inclusive a educação sexual que passava pelo não-dito, pelo falar o mínimo possível. A mulher estava pronta para desempenhar a tarefa da mãe higiênica, papel outrora desenvolvido pelos professores medicalizados. A pedagogia higienizada aplicada às elites burguesas e racistas produziu um indivíduo sexualmente obcecado pelo seu corpo, moral e sentimentalmente, centrado em sua dor e em seu prazer e de cuja disciplina dependia a grandeza do Estado.

Devir-criança⁴⁵

As idéias sobre a infância dependem, então, de quem as formula. As crianças vão subsidiando estudos, novos conceitos e novos modos de ser da infância, que é dita pela voz do adulto:

“enquanto objeto de estudo, a infância é sempre um outro em relação àquele que a nomeia e estuda. As palavras infante, infância e demais cognatos, em sua origem latina e nas línguas daí derivadas, recobrem um campo semântico estreitamente ligado à idéia de ausência de fala. Esta noção de infância como qualidade ou estado do infante, isto é, d’aquela que não fala, constrói-se a partir dos prefixos e radicais lingüísticos que compõem a palavra: in = prefixo que indica negação; fante = participio presente do verbo latino fari, que significa falar, dizer (LAJOLO, 225 p., in: FREITAS, 1997).

⁴⁵ Cf. KATZ, 1996, op. cit. p. 90, 93. "é devir e não vir-a-ser; o vir-a-ser já é determinado antes de ser, inscrito num sistema determinista. Enquanto o devir não é necessidade, mas produto de encontros e acasos"

Nessa medida a infância é definida de fora e, por não falar, não ocupa a primeira pessoa nos discursos que dela falam. O que vigora é a perspectiva adulta, que desconsiderava (ou desconsidera?) as especificidades da criança, procurando nela o adulto e submetendo-a às suas necessidades:

“No interior desse crescimento esquizofrênico da importância e do valor da infância, permanece a rejeição de sua alteridade – isto é, da sua diversidade-diferença, do seu anarquismo e da sua libido perverso-polimorfa, do escândalo que provoca pela sua ligação muito forte com a natureza e a sua distância-estranheza em relação à cultura” (CAMBI E ULIVIERI apud KUHLMANN JR, 1998: p. 21).

Algumas áreas do conhecimento tais como a psicologia, a biologia, a psicanálise e a pedagogia ocuparam-se e ocupam da infância, buscando formular concepções e imagens que circularam e circulam nas sociedades, prevalecendo, na maioria das vezes, até hoje, a visão da criança como

“tábula rasa onde se pode inscrever qualquer coisa, ou que seu modo de ser adulto é predeterminado pela sua carga genética, ou ainda que as crianças do sexo feminino já nascem carentes do pênis que não têm, ou então tudo isso, ou nada disso, ou então ou então ou então”. (LAJOLO, p. 226 in: FREITAS, 1997).

A infância é uma categoria que existe no espaço social em que é estabelecida, negociada, desestabilizada e reconstruída no decorrer da história da humanidade e, o poder, sob várias formas, coagiu corpos e mentes infantis mediante um mecanismo próprio que é a disciplina⁴⁶. O poder disciplinar produziu corpos dóceis e eficientes mediante mecanismos que conformam o espírito: regularidade, autoridade, limite, penalidade, culpa e recompensa.

⁴⁶ Cf. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987: p. 153 “a disciplina “fábrica” indivíduos: ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante (...); é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente. Humildes modalidades, procedimentos menores, se os compararmos aos rituais majestosos da soberania ou aos grandes aparelhos do Estado”

Será a criança apenas obediência aos poderes, um pré-adulto normatizado pelo desejo instituído e constituído ou tenta produzir modos de subjetividade originais e singulares, escapando das estruturas sociais organizadas? A criança escapa, “esperneia”?

As crianças estão mergulhadas nas relações de poder-saber da sociedade disciplinar e de regimes de verdade⁴⁷. Que tipos de discurso sobre a sexualidade infantil a sociedade ocidental aceita e faz funcionar como verdadeiros? Quem diz o que conta como verdadeiro: o adulto? A criança tenta exercer a sua especificidade infantil?

Os discursos que circulam no campo social se ligam tanto a estratégias de dominação, quanto a estratégias de resistência:

“não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado; mas, ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes... Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo... Não existe um discurso do poder de um lado e, em face dele, um outro, contraposto” (FOUCAULT, 1985: p.95-96).

Será que a criança cria espaços de resistência, transformando discursos dominadores que agiram sobre os seus corpos? Sobre seus olhos, suas mãos, suas bocas, seus movimentos...

Será que:

“Neste mundo social – real ou imaginário, presente ou futuro – não há lugar para uma infância entendida como “alteridade” e

⁴⁷ Cf. FOUCAULT, M. *Truth and power*. In: C. Gordon (Ed.) *Power and knowledge: Select interviews and other writings 1972-1977*. Nova York, Pantheon Books, 1980: 109-133. “Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e instâncias que permitem distinguir entre sentenças verdadeiras e falsas, os meios pelos quais cada um deles é sancionado; as técnicas e procedimentos valorizados na aquisição da verdade; o *status* daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro (p. 131)

para o papel dramático que esta acaba jogando num contexto rígido e previsto, pela ameaça que ela pode lançar às regras e modelos existentes.” (CAMBI & ULIVIERI; In: FARIA, 1999: p. 77).



Figura 23 – Hendrickje Banhando-se num Rio - Rembrandt

Capítulo VI

INICIAÇÃO

*Trago-te uma água perdida
em tua memória
– segue-me até a fonte e
encontre seu segredo.*

Patrice de La Tour du Pin,
Le second jeu
Gallimard, p. 106

A imaginação material da água – uma imaginação dinâmica das águas – vem possibilitando problematizar o erotismo da criança. Essa dinamização da água propiciou-nos mergulhar nos devaneios da intimidade de interlocutores e interlocutoras que recordam sua proximidade com esse elemento na infância⁴⁸. Os devaneios voltados para a infância constituem-se em passado que tem um futuro (BACHELARD, 1988). Também em filmes, encharcados de metáforas líquidas borbulha o erotismo das crianças, que emergem com seus desejos sensuais.

A água nos permitirá evocar devaneios que clareiam a síntese do imemorial e da lembrança:

“nessa região longínqua, memória e imaginação não se deixam dissociar. Uma e outra trabalham para seu aprofundamento mútuo. Uma e outra constituem, na ordem dos valores, a comunhão da lembrança e da imagem (...) as grandes imagens têm ao mesmo tempo uma história e uma pré-história. São sempre lembrança e lenda ao mesmo tempo (...) Qualquer grande imagem tem um fundo onírico insondável e é sobre esse fundo onírico que o passado pessoal põe cores particulares (...) a imagem se estabelece numa cooperação do real com o irreal,

⁴⁸ Cf. BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1988. “Imaginação e memória aparecem em um complexo indissolúvel. Analisamo-las mal quando as ligamos à percepção. O passado rememorado não é simplesmente um passado da percepção. Já num devaneio, uma vez que nos lembramos, o passado é designado como valor de imagem. A imaginação matiza desde a origem os quadros que gostará de rever. Para ir aos arquivos da memória, importa reencontrar, para além dos fatos, valores. Não se analisa a familiaridade contando repetições (...) Para reviver os valores do passado, é preciso sonhar, aceitar essa grande dilatação psíquica que é o devaneio, na paz de um grande repouso. Então a Memória e a Imaginação rivalizam para nos devolver as imagens que se ligam à nossa vida” (p. 99)

*pelo concurso da função do real e da função do irreal
(BACHELARD, 1978: p. 201, 218 e 235).*

BACHELARD (1998) relembra as suas imagens da água, reencontrando a mesma melancolia, sem opressão, sonhadora, calma, diante das águas dormentes, que têm a cor de um charco numa floresta úmida:

“Um detalhe ínfimo da vida das águas converte-se freqüentemente, para mim, em símbolo psicológico essencial. Assim o cheiro da menta aquática acorda em mim uma espécie de correspondência ontológica que me faz acreditar que a vida é um simples aroma, que a vida emana do ser como um cheiro emana da substância, que a planta do riacho deve ressumar a alma da água... (...) o indivíduo não é a soma de suas impressões gerais, é a soma de suas impressões singulares. Assim se criam em nós mistérios familiares, que se designam em raros símbolos. Foi perto da água e de suas flores que melhor compreendi ser o devaneio um universo em emanação, um alento odorante que se evola das coisas pela mediação de um sonhador (...) Nasci numa região de riachos e rios, num canto da Champagne povoado de várzeas, no Vallage, assim chamado por causa do grande número de seus vales. A mais bela das moradas estaria para mim na concavidade de um pequeno vale, às margens da água corrente, à sombra curta dos salgueiros e dos vimeiros. E, quando outubro chegasse, com suas brumas sobre o rio... Meu prazer é ainda acompanhar o riacho, caminhar ao longo das margens, no sentido certo, no sentido da água que corre, da água que leva a vida alhures, à povoação vizinha (...) Sonhando perto do rio consagrei minha imaginação à água, à água verde e clara, à água que enverdece os prados. Não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo, sem rever a minha ventura... Não é preciso que seja o riacho da nossa casa, a água da nossa casa. A água anônima sabe todos os segredos. A mesma lembrança sai de todas as fontes” (BACHELARD, 1998: p. 8, 9)

A criança necessita de matéria abundante, oportuna e variada para alimentar a sensibilidade e a intuição. Nossa civilização, dominada por um intelectualismo refinado, violentou, muitas vezes, a natureza e menosprezou o valor e a existência das experiências sensíveis com os seus elementos, principalmente na infância:

“Tenho uma recordação... uma saudade muito grande da minha infância no Rio Grande do Sul. Eu morava numa cidade

chamada Canoas. Eu tinha uma verdadeira paixão por sapos e minha relação era com o riozinho que passava ali. A pedra... o sapo... eu tinha uma adoração! Eu conhecia todos os sapos do rio, dava a mão pra todos eles. Eu acho que era São Francisco dos sapos. Na observação dos habitantes da água, eu tinha um amigo. Eu dava o nome à ele de Tuli. Tuli, era um habitante do rio, uma criatura do rio. E realmente a relação com rios e cachoeiras sempre foi muito mais forte pra mim, do que o próprio mar. Nós moramos próximo do mar, lá pras tantas da minha adolescência adiante. Mas, na verdade, aonde eu encontro um lugar, um espaço mesmo de encontro, é no rio. A cachoeira é sempre onde eu me refugio. E tem essa coisa do Tuli, é sempre uma criaturinha que eu sei que tá ali. Até uma vez eu fiz uma música: as criaturas do rio. Eu não sou assim uma pessoa que tem como elemento forte a água. Eu gosto de ouvir o barulho... de tá meditando, de tá fazendo alguma coisa próximo ao mar, ao rio, principalmente ao rio, mas não de tomar banho. Essas coisas todas de ficar enlouquecido pra entrar na água. A água pra mim é uma entidade e o meio pelo qual eu tomo banho.

A sensação que talvez tenha me aproximado muito dos rios, mais até do que do mar, é essa sensação primeira mesmo. Eu convivi mais com o riozinho, talvez tenha sido assim, no contato mais íntimo com a água, talvez tenha feito essa conexão. Foi uma experiência que eu vivi, de uma regressão e foi através de sonhos esotéricos, gravação feita especialmente pra essas experiências e eu resgatei... Era uma sensação muito forte de ter tido uma memória muito, muito confortável. A sensação que eu tinha era a de estar dentro de minha mãe com aquela umidade. Uma sensação muito prazerosa. Eu acho que eu tenho em minhas lembranças, nessa relação com meu imaginário, essa questão interior de novo. Acho que a água é isso, ela me faz voltar para dentro, ela não me exterioriza, ela me põe para dentro”.



(D) - 43 a – Rio de Janeiro - RJ

A água remete-nos a uma outra dimensão, ultrapassando a racionalidade, envolvendo imaginação e fantasia. No domínio dos sonhos, da fantasia e da metáfora, o nascimento e a água são associados. ILLICH (apud ODENT, 1991) em seu livro H2O e as Águas do Esquecimento aponta como nas sociedades industrializadas, na era dos canos de esgoto e dos banheiros, a água foi reduzida a uma substância utilitária que pode

destruir a água dos sonhos. O mesmo autor distingue a água de limpeza, que é uma necessidade doméstica e a água purificadora, que é força religiosa e espiritual. A amiga de Tuli – uma criaturinha da água – considera ambas as possibilidades: a água é uma entidade e o meio no qual se banha. O contato com o rio, com a cachoeira, provoca-lha uma sensação muito confortável de estar dentro de sua mãe, no ambiente líquido; junto à água, a cumplicidade na busca de sua interioridade⁴⁹.

FERENCZI (1967), estudando as origens da vida sexual, considerou o ato sexual como uma regressão ao período pré-natal, à vida no líquido amniótico. Psicanalista, discípulo de Freud, seu projeto não era apenas descrever, mas precisar o significado de um acontecimento:

“É impressionante constatar a constância com que as idealizações psíquicas (sonho, neurose, mito, folclore, etc) utilizam um mesmo símbolo para representar o coito e o nascimento: ser salvo de um perigo, principalmente da água (líquido amniótico); e, a uniformidade com que exprimem, pelas sensações de nadar, flutuar, voar, as sensações experimentadas durante o coito e no decorrer da existência intra-uterina; e, finalmente, como é freqüente a identificação simbólica que elas fazem entre o órgão genital e a criança”. (p. 82)

A regressão Thalassal contempla a idéia de um desejo de retorno ao oceano ancestral de todas as mães. O material psicanalítico cotidiano traz exemplos do simbolismo materno da terra e da água:

“Em muitos contos de crianças encontramos o fato de que o amor pela mãe, proibido por causa do complexo de Édipo, transfere-se para a terra; a criança faz tentativas de coito com a ajuda de buracos cavados na terra ou tenta a regressão completa escondendo-se nos buracos. Um caso que jamais esqueci, de um rapaz homossexual, ligado de modo indissolúvel à mãe que, mesmo adulto, ficava horas estendido no fundo de uma banheira cheia de água, e, para se manter na situação

⁴⁹ Cf. BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1988. Bachelard cita Franz Hellens: “A infância não é uma coisa que morre em nós e seca uma vez cumprido o seu ciclo. Não é uma lembrança. É o mais vivo dos tesouros, e continua a nos enriquecer sem que o saibamos... Ai de quem não pode se lembrar de sua infância, reabsorvê-la em si mesmo, como um corpo no seu próprio corpo, um sangue novo no sangue velho: está morto desde que ela o deixou” (p. 130)

primitiva que lembrasse a existência aquática, respirava por um canudo preso à boca que saía para fora da água”. (p. 89, 90)

BACHELARD (1998), ao estudar a composição do elemento água com outros elementos da imaginação material, dá especial atenção à combinação da água com a terra⁵⁰. Esse autor fala da importância de se realizar um estudo da amassadura e da modelagem. A água tempera os outros elementos:

“Nunca será demais insistir, para a compreensão da psicologia do inconsciente criador, nas experiências da fluidez, da maleabilidade. Na experiência das massas, a água surgirá claramente como a matéria dominadora. É nela que pensaremos quando desfrutarmos, graças a ela, da docilidade da argila” (p. 14, 15)

As crianças adoram “amassar barro”:

“Eu adorava ir para o Sítio porque era uma coisa diferente do que eu fazia em Campinas. A gente saía no meio do pasto, íamos nos riachos, no meio do canavial, era muito divertido. Quando chovia a gente ia até o canavial e ficava amassando lama com os pés. Isso era fantástico, porque eu não tinha essa realidade”.



(G) – 27 anos – Campinas – SP

Muitas vezes os adultos querem uma criança limpa. Mas as crianças reclamam essa façanha de amassar lama com os pés, fazer buracos na areia; isso corresponde a uma necessidade delas:

“Proibições a esse respeito podem ser nocivas. É interessante ver um Ruskin, cuja juventude foi rigorosamente vigiada, escrever: “O que eu gostava acima de tudo era cavar buracos, forma de jardinagem que, infelizmente, não contava com a aprovação materna”. Ruskin parece racionalizar num tom de

⁵⁰ Cf. BACHELARD, Gaston. *A Terra e os Devaneios da Vontade. Ensaio sobre a imaginação das forças*. Tradução: Paulo Neves da Silva. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda. 1991. “Essas imagens da matéria terrestre oferecem-se a nós em profusão num mundo de metal e de pedra, de madeira e de gomas; são estáveis e tranqüilas; temo-las sob os olhos; sentimo-las nas mãos, despertam em nós alegrias musculares assim que tomamos o gosto de trabalhá-las. Portanto, parece ser fácil a tarefa que nos resta fazer para ilustrar, através de imagens, a filosofia dos quatro elementos. Parece que podemos, passando pelas experiências positivas às experiências estéticas, mostrar com mil exemplos o interesse apaixonado do devaneio pelos *belos sólidos* que “posam” infinitamente diante de nossos olhos, pelas *belas matérias* que obedecem fielmente ao esforço criador de nossos dedos” (p. 1)

brincadeira a proibição materna (...) as tendências da criança para a natureza são tão naturais que é preciso muito pouco espaço, muito pouca terra para que a imaginação crie raízes. Num jardim de subúrbio, algumas crianças imaginadas por Philippe Soupault têm todas as atividades dos quatro elementos materiais, de modo que o escritor condensa numa única frase a tetravalência da imaginação material: “O jardim ficava encantado. Para suas brincadeiras, eles subjugaram os quatro elementos: canais, fornos de selvagens, moinhos, túneis” (BACHELARD, 1991: 38 p.)

BACHELARD (1991) valoriza a lama e afirma que as escolas só oferecem um tipo de terra para modelar:

“A plasticidade da imagem material necessitaria de mais variedade de moleza. As idades materiais poderiam ter determinações mais acuradas se se multiplicassem os estudos sobre a imaginação material” (p. 87)

O despertar sexual no encontro das crianças

*Um devaneio de intimidade
– de uma intimidade sempre humana –
abre-se para quem penetra nos mistérios da matéria”
Bachelard, 1988: p. 68*

A “*Ostra e o Vento*”, um filme de Walter Lima Jr.⁵¹, acumula uma enchente de significados ao contar a história da menina Marcela que vive em uma ilha,

⁵¹ Ficha técnica:

Diretor: Walter Lima Jr.; produtor: Flávio R. Tambellini; produtora: Ravina Produções; direção de arte: Clóvis Bueno; cenografia: Vera Hamburger; figurinos: Rita Murinho. A história é a seguinte: “uma ilha, um farol, uns marujos, um louco shakespeariano, um faroleiro violento e sua filha adolescente querendo viver e amar, que enlouquece gradativamente de solidão, apaixonada pelo vento, que a possui como um amante invisível. Só isso. Quase nada acontece; o filme é sobre essa tragédia das coisas que não acontecem. A ilha é como se fosse um cinema ao avesso. Um grande cinema ao ar livre na noite, um cinema sem paredes. Uma ilha, uma sala infinita do mar, personagens perdidos na borda do oceano, aves, vento, estrelas, areia e um farol girando sem parar como um fecho de projetor de cinema que buscasse desesperadamente um filme a projetar. O farol é um olho ansioso como nós, girando sem entender nada, tentando ver, ver, mas só vendo por intervalos de escuridão” (Arnaldo Jabor, In: Seção Coluna de Arnaldo Jabor, Jornal O Globo – RJ, 23/09/1997)

na companhia apenas de adultos: um pai repressor, o faroleiro José e um velho marinheiro, Daniel, trazido pelo mar. Companheiro, confidente, amigo e iniciador de Marcela na escrita. As águas do mar – presença constante no filme – insistem no leva e traz dinâmico da vida. O diretor faz o mesmo movimento cinematográfico, nas idas e vindas do tempo, entretecendo passado, presente e futuro. Tudo que chega à ilha vem através do mar e retorna a ele; menos a menina Marcela que é proibida pelo pai castrador de conhecer o continente, de relacionar-se com outras pessoas.

O isolamento de Marcela, descobrindo seu corpo, sentimentos e emoções, contrapõe-se aos personagens reais⁵² que, nas relações interpessoais, enriquecem sobremaneira suas descobertas. O despertar erótico ou sócio-sexual erótico, ou seja, o despertar sexual no encontro com outra criança ocorre, durante as brincadeiras, muitas vezes, de forma acidental:

“Eu lembro uma vez que, olha... era engraçado, minha mãe quando ela ia trabalhar ela me deixava na casa de uma vizinha e tinha uma espécie de uma babá lá. Então sempre a gente foi muito amigo e tal. Sempre, sempre foi uma coisa muito, muito natural. Então quando eu tinha lá meus 9 a 10 anos era mais ou menos nessa idade que eu ainda estudava à tarde minha mãe trabalhava de manhã então eu ia pra casa dessa minha amiga. A gente nadava de manhã né? Nessa coisa de natação cê começa a descobrir. Por quê que ela usa 2 partes do biquini ou seja 2 partes do maiô e eu só 1? Sabe... aí começava aquela coisa eu ficava olhando e tal. Quê que é que tem aí? Sabe? Aí ficava aquele negócio - ah se eu mostrar cê mostra? Aí foi na piscina assim que começou, acho que minha primeira descoberta diferente de mim e que eu tinha curiosidade de saber o que era; às vezes dava vontade de vê, sabe? Eu olhava. Nó! É diferente do meu - sabe, eu falava. Eu, eu lembro que às vezes a gente tava na piscina e aí, às vezes ela nadava sem biquini eu ficava olhando, falava- nó! Quê que é isso, e tal. Aí às vezes eu nadava também. Eu te garanto que minha primeira experiência na descoberta da sexualidade foi dentro d'água por causa dessa brincadeira que eu tinha com essa minha vizinha. E depois começamos a brincar de médico e tal, num sei que, mas sempre, sempre uma coisa muito natural”.



(A) – 16 anos – Uberlândia – MG

⁵² Adolescentes e adultos recordando, em suas brincadeiras de criança, a proximidade com a água.

LANGFELDT (apud CONSTANTINE & MARTINSON, 1984) considera que experiências sexuais entre meninos e meninas como masturbações mútuas, relacionamento sexual oral, interfemural ou anal parecem não interferir com o comportamento sexual posterior da vida adulta. As crianças têm necessidade de vivenciar os seus sentimentos e curiosidades sexuais e elas o fazem através dos jogos que incluem a exploração do corpo e a manipulação dos genitais.

A expressão sexual infantil, seus interesses e descobertas processar-se-iam de forma contínua e natural se oportunidades fossem dadas às crianças para o desenvolvimento de suas capacidades sexuais. As brincadeiras na água são momentos especiais para o encontro dos corpos, para a vivência do toque. As experiências, os jogos e as explorações secretas das crianças acontecem. Na água o contato é permitido:

“Eu tinha um tio que às vezes levava a gente, enquanto criança, pra um local que tinha um córrego. E a gente andava pelo córrego cerca de 2 km, 3 km e era totalmente desabitado. Aí ia eu, minhas primas, os meus primos. Aquele grupo de garotada, né. Então a gente brincava no córrego, a gente nadava, a gente se empurrava, se tocava muito. Isso do empurrar, do toque, dessa sensação. Na água tudo é permitido, cê pode abraçar, pegar no colo, cê pode se envolver mais, passar a mão. Quando criança a gente lembra que, se essas coisas fossem feitas a seco, no vamo vê das relações, isso fica muito evidente. Usando a água como um disfarce é possível que você pegue as pessoas, e geralmente as pessoas estão um pouco mais despidas, de biquini, de sunga etc, etc. Então o toque é mais permitido porque tem o disfarce da água. Ai... eu vou cá... ai... eu num sei nadar, me segura porque eu num sei nadar. É... essas coisas, né. Então digamos que ela é permite mascarar um pouco essas coisas e aí libera um pouco mais”.

♂ (S) – 29 anos – São José dos Campos – SP

As atividades em grupos são fonte de informações e aumentam as habilidades sexuais, permeadas pela cumplicidade da água. Os momentos do banho, com outras crianças, possibilitam descobertas:

“Quando pequenos, assim, até 10 anos, tomava banho em série. A minha mãe mandava os maiores, assim, eu era maior, e

mesmo os meus irmãos ia pro banheiro aí ensaboava todo mundo 3, 4 aí um ia ajudar a esfregar pé, mãos aí ficando todos ensaboados. Ai... meu olho tá ardendo! Mas depois que chegava a adolescência que vai ficando mais independente, aí ninguém tomava”.

♀ (S) - 50 anos - Goiás

“Sempre que minha prima ia em casa nós três (eu, minha irmã e minha prima) a gente tomava banho junto, uma esfregava as costas das outras. Minha irmã sempre foi a mais gordinha, né? Eu e minha prima era dois paus secos. Então a gente ficava zoando! Olha a bolinha... (e os seios começando a crescer...) são duas azeitonas... Então a gente tava tomando banho e ficava sempre essa farra.”

♀ (M) - 16 anos – Campinas – SP

“Nas férias a gente juntava com os primos, que eram uns quarenta e, na hora do banho um olha o pinto de um, outro olha o pinto do outro, outro ria”...

♂ (T) – 16 anos – Mococa – SP

“Minha curiosidade não era só com pessoa de sexo diferente mas os meninos... eu ficava olhando pro outro assim. É... mas o seu é pequenininho, o meu é um pouquinho maior que o seu. Ah bobão! eu tenho um maior. Aí o pessoal, às vezes ia pro banheiro assim e ficava medindo; aí um falava: ah! o meu tem 10 cm e o seu? Ah! o meu tem 8. Ah... pequenininho e tá, num sei que”.

♂ (A) – 16 anos – Uberlândia - MG

Esses agrupamentos de crianças constituem-se numa forma de dar e receber informações a respeito de sexo. LANGFELDT (apud CONSTANTINE & MARTINSON, 1984) em estudos sobre os aspectos fisiológicos, comportamentais e cognitivos da masturbação infantil considera que palavras, piadas, canções e duelos verbais sobre sexo tornam-se parte integrante da vida. Os meninos costumam se excitar ao ver que outros meninos estão em ereção. O olhar é um caminho freqüente no despertar da excitação. O olho corresponde a uma zona erógena. Tanto a exibição dos

órgãos sexuais e a comparação de seus tamanhos são importantes nos aprendizados quanto o olhar a si mesmos:

“No banho... quando cê começa a vê que já tá tendo transformação do seu corpo. Cê tá vendo que tá desenvolvendo...”

♀ (M) – 18 a – Belo Horizonte - MG

“Quando eu era pequenininho a gente tomava todo mundo junto. Então aquele monte de crianças, tava todo mundo no banheiro tomano banho. Meus irmãos, meu primo. A gente ficava observando né um ao outro. Mas só como aquela brincadeirinha de criança mesmo.

Na hora do banho, eu acho que nem acontecia nada não. Sei lá, eu acho que é pelo respeito que a gente tinha desde pequenininho assim. Irmão, irmã, primo e prima, essas coisas assim. Era tudo criancinha dos seis pra baixo. Tomava todo mundo junto. Era tudo criancinha.

(...)

Uma menininha, ela tem 2 anos. De vez enquanto com meus primos mais novos, eu sou muito de tomar banho de porta aberta né. Ela passando assim, ela parou... que ela só fala besteira... tudo que você fala vai repetindo. Aí ela olhou no banheiro e disse: olha lá mamãe, ele num tem perereca não. Aí ficava aquilo lá, perguntava o que era aquilo, essas coisas assim. Uma menininha de 2 anos de idade. Então aquilo é uma curiosidade nela, porque ela tinha de um jeito, ela olhava de outro jeito, ela queria saber porque né?”

♂ (W) – 17 a – Lavras – MG

“Eu sou escoteiro então, geralmente, tinha uns banhos também que era com a galera, vários chuveiros. Mas eu nunca tive problema não, sempre foi pra mim muito normal, muito tranqüilo.

No rio, todo mundo tava lá, mas não era banho. Todo mundo tomando junto; todos curtindo o rio, tomando banho. O escotismo acho que dá, assim como os movimentos Juvenis, acho que o adolescente começa se respeitar, diferente de muitos outros adolescentes que não têm essa fase, essa oportunidade de tá junto, de tá perto.”

♂ (E) - 17 anos – Salvador – Ba

À menina de “*A Ostra e o Vento*” não era dada essa oportunidade de descobrir no contato com outras crianças; descobre, sozinha, seu corpo e, recorre à imaginação, fazendo do vento, seu amante. As experiências sexuais infantis podem ser reflexas e eróticas:

“A sexualidade erótica se refere à experiência sexual em que a pessoa se encontra conscientemente envolvida. Geralmente o ato pré-natal de chupar o dedo pode ser considerado como reflexo, mas é considerado como um comportamento determinado por um reflexo condicionado quando ele se repete com uma frequência maior do que a admitida como apenas accidental. Em outras palavras, o feto pode ser capaz de um aprendizado sensitivo em um nível ainda primitivo (Liley, 1972). Este comportamento poderia ser qualificado como um tipo de despertar sexual, mas eu prefiro reservar o termo despertar para o comportamento que envolve autoconsciência, e autoconsciência não é uma característica do período pré-natal”
(CONSTANTINE & MARTINSON, 1984: p. 23)

KINSEY (1953) apud CONSTANTINE & MARTINSON (1984) relatou casos de crianças com menos de 12 meses de idade que foram observadas se masturbando.

FREUD (1977), nos Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, no esforço de rastrear as origens da pulsão sexual descobriu que a excitação sexual nasce⁵³

(a) *como a reprodução de uma satisfação vivenciada em relação a outros processos orgânicos,*

(b) *pela estimulação periférica apropriada das zonas erógenas, e*

⁵³ FREUD, Sigmund, 1856-1939. *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997. “A excitação sexual da criança provém de uma multiplicidade de fontes. A satisfação surge, acima de tudo, mediante a excitação sensorial apropriada das chamadas zonas erógenas, e provavelmente podem funcionar como tais, qualquer ponto da pele e qualquer órgão dos sentidos – provavelmente qualquer órgão -, embora existam certas zonas erógenas destacadas cuja excitação estaria assegurada, desde o começo, por certos dispositivos orgânicos. Além disso, a excitação sexual parece surgir como um subproduto, por assim dizer, de um grande número de processos que ocorrem no organismo, tão logo eles alcançam certa intensidade, e muito especialmente, de todas as comoções mais fortes, ainda que de natureza penosa. As excitações de todas essas fontes ainda não estão conjugadas, cada qual seguindo separadamente seu alvo, que é meramente a obtenção de certo prazer. Na infância, portanto, a pulsão sexual não está centrada e é, a princípio, desprovida de objeto, ou seja, auto-erótica” (p. 109-110).

- (c) *como expressão de algumas “pulsões” que ainda não nos são inteiramente compreensíveis em sua origem, como a pulsão de ver e a pulsão para a crueldade.*
(p. 78)

Ainda na investigação das zonas erógenas o autor diz ser possível atribuir efeitos erógenos a certos tipos de estimulação geral da pele destacando dentre eles os estímulos térmicos, facilitando nossa compreensão do efeito dos banhos quentes:

“Ah... eu amo me tocá, sabe. Então as costas... eu faço o máximo pra conseguir sabe? E assim, às vezes eu posso ficar debaixo do chuveiro só sentindo a água escorrer pelo corpo assim, sabe? Ficar parada assim na água, assim. Eu acho que relaxa muito mais, eu tá..., sabe, eu e a água. Sabe aquela água quente na nuca, assim... você quieta... Eu acho que é o momento meu; eu comigo mesma. Então a maioria das pessoas acham que você sentir prazer é tocar na genitália, sabe, dá assim prazer sexual, entendeu? Mas eu acho que tem muitas outras coisas que te dão prazer. O simples fato de você entrar na água, assim exemplo, no chuveiro, poxa já é muito prazeroso! Porque a água não fala mas ela tá te ouvindo, entendeu? É uma coisa que ela não fala, mas ela tá ali presente e quem nunca cantou no chuveiro, entendeu? Num tá sozinho, sabe? Tem a água lá entendeu? Então é um momento assim que te estimula, entendeu? A água é uma coisa assim, parece que é uma fonte de energia que te estimula de alguma forma, ou pro relaxamento, ou pra você cantar, sabe? Pra diversas coisas”.

♀ (M) – 16 anos – Campinas – SP

“No momento que eu estava no banho ficava mais fácil prá mim explorar o corpo. A água me ajudava nesse sentido. Eu sentia que ficava mais próxima de mim mesma; um momento mais íntimo”.

♀ (G) – 27 anos – Campinas – SP

“Nosso banho, por exemplo, a água tá lá caindo, é um dos poucos momentos que você tá completamente nu. A água escorrendo no seu corpo, tocando seu corpo inteiro, cai em todos os lugares. Acho que cê vai aprendendo a conhecer o teu corpo e conseqüentemente a sua sexualidade. Cê vê a água caindo aqui, passa no seu corpo. Cê se olha... O quê que eu faço, será que isso é normal? Ai cê começa aquele monte de dúvida, sabe? Será que eu tenho pêlo demais pra minha idade?”

Será que eu tenho pouco? Será que ele tá crescendo? Será que ele num tá? O quê que eu faço? Então acho que essa água assim, ela é... acho que ela é um presente pra gente, sabe? Por exemplo, eu acho que se eu num tomasse banho assim, eu acho que era muito raro eu conhecer meu corpo”.

♂ (A) – 16 anos – Uberlândia – MG

Os jogos sexuais na água, que também toca o corpo, escorre pelo corpo, constituem-se em fontes de descobertas. BACHELARD (1998), problematiza a relação do ser humano com a água afirmando que os primeiros interesses psíquicos que marcam nossos sonhos são interesses orgânicos⁵⁴.

Um grupo de crianças e um rio dão à vida um impulso inesgotável:

“A minha infância foi uma coisa muito engraçada. Foi no estado de Goiás, hoje Tocantins. E a gente fugia pra tomar banho num rio, e lá tomava banho todo mundo pelado: as meninas e os meninos. Menina... é que eu sou de uma família de 17 irmãos! Nós somos 17. Então a gente fugia e tomava banho naquela água todos juntos. A gente só tomava banho nu se estivéssemos sozinhos. Só meninada. Quando os adultos aproximavam era uma luta pra vestir a calcinha; enfiava as pernas, as 2 pernas num buraco só da calcinha, caía, lameava... Aí quando a pessoa passava, a gente tomava o estado de natureza de novo, entendeu? Foi numa faixa etária de 6 a 10 anos por aí. E era assim: os maiores, os menores, menininho de 10 até 1 ano e aí tinha aquela coisa dos maiores cuidarem dos menores; só tinha preconceito quando o adulto aproximava. Num tinha nem brincadeira de médico, num tinha. Num tinha toque. Tinha toque lá na água; um esfregava o outro, lavava a cabeça do outro. No rio um ensaboava o outro, menina ensaboava menino. Sabe o que é ensaboar? Ensaboar é tomar banho, passa o sabonete, faz espuma no corpo todinho.

⁵⁴ BACHELARD, Gaston. 1998 Op. cit. “É na carne, nos órgãos, que nascem as imagens materiais primordiais. Essas primeiras imagens materiais são dinâmicas, ativas; estão ligadas a vontades simples, espantosamente rudimentares. A psicanálise provocou muitas revoltas quando falou da libido infantil. Talvez se compreendesse melhor a ação dessa libido se lhe devolvêssemos sua forma confusa e geral, se a ligássemos a todas as funções orgânicas. A libido surgiria então como solidária com todos os desejos, todas as necessidades. Seria considerada como uma dinâmica do apetite e encontraria seu apaziguamento em todas as impressões de bem-estar. Uma coisa é certa, em todo caso: o devaneio na criança é um devaneio materialista. A criança é um materialista nato. Seus primeiros sonhos são os sonhos das substâncias orgânicas”. (p. 9)

Mergulhava junto. Se encontrava no fundo do rio. A gente fazia uma topagem, nem sei se você conhece essa expressão.

O meu pai mandava tampar o rio. Aí o rio ficava grande né. E aí a gente mergulhava ali naquela parte, fazia uma piscina enorme. Porque interrompia o rio, cortava o rio, o ribeirão né. E ali a gente tomava banho. A única coisa que tinha era cuidado com cobra e o horário de chegar em casa. Quando chegava adulto, homem, essas coisas, a gente se vestia. Mas os meninos e meninas na faixa etária de 5 né, de novinho, de um aninho que a gente levava e cuidava, até 8 anos tomava banho todo mundo junto, eu então só de calcinha.

A gente era curioso também, porque eles não contavam certas coisas prá gente. Minha mãe, por exemplo, teve 17 filhos. E a gente não sabia. Cada filho que chegava ela contava de um jeito. Um era do lampeão, o outro era da cegonha, o outro foi Deus que trouxe. Era uma confusão. Então, a gente via que minha mãe dormiu com meu pai, e eu tinha muita vontade de casar, morria vontade de casar. Porque que eu tinha vontade de casar? Porque o meu pai ele dormia com minha mãe, eles dormiam abraçados. E a gente via isso entendeu! E a gente num via transa, nem via nada. Mas a gente via, eles dormindo abraçados, eles dormiam na cama ou na rede, mas dormiam abraçados. Eu pensava assim, dormir abraçado é tão bom. Eu quero casar.

Eu sou a décima filha e primeira mulher. Cercada de preconceito que tinha que ser pura, que tinha que ser um monte de coisa. E aí a gente ficava vendo se os homens tomavam banho com as mulheres. E o meu pai ele ia pra frente tomar banho com minha mãe, os dois lá. Mas engraçado, eles não saíam juntos. E nem chegavam juntos. Assim, ele chegava primeiro, ela chegava depois.

Lá no rio Tocantins a água é muito transparente; então os namorados iam pra lá. Eles entravam, mergulhavam. E lá eles se afogavam, se pegavam debaixo da água e depois se desgrudavam e cada um aparecia num lugar. E a gente ficava olhando, olhando pra vê se a gente, através da transparência da água, via o que eles tavam fazendo; se eles tavam transando, se eles tavam beijando. Então a gente ficava com o olho assim na água.”



(S) - 50 anos – Goiás

Os jogos sexuais são negados pelos adultos, bem como a informação sobre os temas de interesse das crianças. A curiosidade sexual infantil é grande, mas, às vezes, as crianças não têm oportunidade de falar sobre suas dúvidas, principalmente em relação à gravidez, nascimento, casamento e diferença entre os sexos. As crianças na água se tocam, tocam o outro, vêem e são vistas. Vêem os adultos através da transparência das águas. Nadam nuas na ausência dos adultos; brincam com todas as idades. As crianças, nesse rio de Goiás, se ocupavam com uma grande variedade de comportamentos sexuais que tornaram-se importantes para que elas se familiarizassem com a anatomia e as funções dos seus próprios corpos e dos outros pois são múltiplas as combinações de fatores que podem levar às transformações. Ainda bem que o devir-criança é uma resistência permanente, uma potencialidade de processos de transformação. As crianças sentem prazer de nadarem nuas, fazem isso na ausência dos adultos, fogem ao controle:

“a idéia de devir está ligada à possibilidade ou não de um processo se singularizar. Singularidades femininas, poéticas, homossexuais, negras, etc., podem entrar em ruptura com as estratificações dominantes. Para mim esta é a mola-mestra da problemática da multiplicidade e da pluralidade, e não uma questão de identidade cultural, de retorno ao idêntico, de retorno ao arcaico (...) eu oporia à idéia de reconhecimento de identidade uma idéia de processos transversais, de devires subjetivos que se instauram através dos indivíduos e dos grupos sociais” (GUATTARRI, in: GUATTARRI & ROLNIK, 1993: p. 72)

Esse processo de singularização recusa os modos de codificação pré-estabelecidos, os modos de manipulação e telecomando, para construir modos de sensibilidade, de relação com o outro, de criatividade que produzam uma subjetividade singular. As crianças são capazes de habitar os mistérios do mundo:

“A minha infância? Nossa... em vários lugares porque meus pais eram hippies. Então a gente viajava muito... Eu nasci em Campinas, uma semana depois mudei pra São Paulo. Daí a gente ficou uns anos em São Paulo; uns 5 anos. Daí a gente saiu de São Paulo foi pra São Tomé das Letras - MG que é um lugar lindo! Cê conhece? E a gente ficou lá uns 6 meses morando numa barraca no quintal na casa de uma família de lá. Então o

tempo que eu fiquei lá foram 4 meses mas que parecia muito tempo porque pruma criança, num sei, São Tomé é muito bonito.

Tem muita... muita natureza. Muita pedra, né? Cidade de pedra é muito bonito. Tem muitas crianças também. Depois de São Tomé eu fui, voltei pra São Paulo, fui pra Trindade. Fui pro Rio morar lá também. Daí quando eu voltei pra São Paulo eu tinha 9 anos. Morei em São Paulo desde então. E num foi muito legal porque eu me acostumei com mato, meu... no mato!

Eu sempre fui muito sozinha porque eu era filha única e eu queria porque queria irmão. Tinha amigos, sabe, mas como eu vivia mudando muito de galho em galho, cidade em cidade eu num tinha tempo, né de criá aquele laço.

Eu sempre gostei muito de nadar. Em São Tomé era uma maravilha, tinha muita cachoeira. Quando eu num tava estudando, num freqüentava a escola ainda mas meus pais me ensinavam a lê, a fazê conta. Então quando eu num tava estudando eu tava na água, tava junto com o pessoal nadando assim. E é muito gostoso cê fica leve, né?

Tinha uma brincadeira que chamava pega-peixe mas que era meio que beijoqueiro, sabe? Quando as crianças saem uma correndo atrás da outra e fica dando beijo? Então... a gente fazia isso embaixo da água. A gente mergulhava e tinha que correr atrás, tipo nadar atrás de alguém, pegá e passar o ar pra boca da pessoa e tentar ficar debaixo da água respirando um pela boca do outro, até num conseguir mais. Era muito gostoso! Mas às vezes a gente engolia água. Inclusive aconteceu uma vez um acidente de um menininho que ele desmaiou porque engoliu muita água, muita água... E ele quase morreu afogado e num tinha nem um adulto. Quando a gente saía pra ir pra cachoeira num ia adulto com a gente, ia só criança e era muito engraçado porque a gente num sabia o que fazê, entendeu? A gente tirou ele da água e foi todo mundo correndo chamar o pessoal da vila pra vim ajudar. E a gente pegou ele, virou ele de lado, ficou dando tapa nas costas dele aí ele ficou bem. Mas era muito gostoso essa parte da água que a gente passa o ar pra outra pessoa. A gente conseguia ficar assim uns cinco minutos debaixo da água, sabe assim?

E eu lembrei dessa brincadeira e a gente ficou fazendo já um bando de adolescentes. A gente fez isso na cachoeira. Mas num foi tão legal assim, sabe? Eu acho que era mais legal quando eu era pequena. A gente achava que só a gente sabia aquilo! Só a gente! Que era o nosso segredo! Que a gente, só a gente podia respirar debaixo da água, ninguém mais assim, sabe? A gente e os peixes... Por isso que chamava pega - peixe."

♀ (I) - 18 anos – São Paulo

As crianças e os peixes: esse era o segredo! Gerando encantamento e algumas vezes medos e apuros.

As brincadeiras infantis constituem-se numa maneira da criança organizar o seu mundo, de apropriar-se das relações com outras crianças e adultos. A riqueza de sua sensibilidade e de sua expressão fazem-na inventar jogos que possibilitam descobertas de si mesma e do outro. A criança é um ser sexualizado e seus interesses e desenvolvimento sexuais se processariam de forma contínua se os adultos não proibissem os jogos sexuais: nos rios, nos quintais, nos banhos e... nas banheiras. A sensação de imersão do corpo em água tépida é fonte de relaxamento, de brincadeiras e de prazer sensual; o prazer de flutuar, o movimento de rodar, de ser transportado de um lado para outro:

“Tinha uma velha banheira em casa então era muito gostoso, ficava dentro da banheira tocando no corpo, sentindo... e sentindo a água mesmo, né. O tocar da água. Era um banho sozinha.”

♀ (Y) – 53 anos – Campinas – SP

Os lugares onde se viveu, as lembranças das antigas moradias são revividas no devaneio e, são imperecíveis⁵⁵.

“Eu nasci em São Paulo mas aí com 8 anos eu fui pra Recife, e aí morei mais de 20 anos em Recife. Em São Paulo eu morava na casa verde alta que é era um bairro distante, era na periferia de São Paulo que hoje em dia tá muito próximo. Mas eu morava numa casa que era uma casa de granja, então é uma casa grande. Eu, a minha maneira de criança achava que a casa era imensa, né? Tinha um banheiro, que tinha uma banheira imensa. Só que aí, depois de um tempo, eu voltei lá e vi que a casa não era tão grande assim, que a banheira não era uma piscina como eu imaginava”.

⁵⁵ Cf. BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. In: *Os Pensadores. Vida e Obra*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. “A casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz. Somente os pensamentos e as experiências sancionam os valores humanos. Ao devaneio pertencem os valores que marcam o homem em sua profundidade. O devaneio tem mesmo um privilégio de autovalorização. Ele desfruta diretamente seu ser. Então, os lugares onde se viveu o devaneio se reconstituem por si mesmos num novo devaneio” (p. 201)

♂ (J) - 31 anos – Recife - PE

A casa, a água, as banheiras, estão presentes na região longínqua da memória e da imaginação e permitem evocar luzes fugidias do devaneio que clareiam a síntese do imemorial e da lembrança:

“Eu tenho uma memória muito forte da minha infância de 3 anos sabe?!? Não é de 5, 6 é de 3 anos, de 2 anos... Eu me lembro de coisas... A gente tomando banho peladinhos, no quintal, todos nus. O máximo que tinha era uma mangueira. A gente nunca teve piscina, nada disso, nem de plástico, nem piscina. Era um tanquinho que tinha. Às vezes a gente encontrava na casa que a gente ia morá. Mas... a bacia... Essa bacia, ela foi muito presente; tomar banho com ela, aquela bacia que eu nunca mais vi, de alumínio. Ou então no tanque. Essa coisa realmente do prazer. Essa sensação da água no corpo... essa alegria de criança que parece passarinho!”

♀ (D) - 43 a – Rio de Janeiro – RJ

Essa alegria, esse prazer das crianças no contato com o banho de banheira também é sentida pela adulto; muitos casais gostam do prazer erótico de fazer amor na água morna; a pele molhada e os movimentos flutuantes dos corpos.

Apesar disso, as estruturas sociais, organizadas justamente pelos adultos – família, escola, igreja – se esforçam para controlar, limitar e proibir a expressão sensual infantil.

Mas, se o nosso cotidiano está impregnado das relações de poder está impregnado, também, de movimentos de resistência. A micropolítica da criança envolve pessoas que se encontram em posição de modelização em relação a ela. Existe o controle das crianças no exercício da sexualidade, mas também existem linhas de fuga. A criança escapa, “esperneia”. A criança tenta produzir modos de subjetividade, originais e singulares, resistindo à serialização, à modelização e expressa sua sensibilidade:

“Nasci no Rio. Numa casa maravilhosa, imensa. Minha mãe tinha galinha, pombo, abóbora, milho, goiaba, manga, cana, abacate e mandioca no quintal. Tinha um pé de goiabeira que eu adorava e sempre que eu tinha algum problema eu subia nesse pé de goiabeira que me dava acesso ao telhado da casa e do telhado da casa eu via ao longe uma linha de trem. E minha

mãe dizia, que eu sempre dizia: - mãe qualquer dia eu vou pegar aquele trem e vou conhecer o mundo.

Tinha um irmão. Só um irmão, mais novo e bastante, bastante primos, bastante amigos. Sempre brincando com muita criança. Brincadeira com água era o tempo todo. O tempo todo. Era banho de esguicho... Meu pai construiu uma casa em cima da goiabeira. Acabei ganhando essa casa em cima da goiabeira, e, embaixo de uma corda que caía num pequeno círculo que meu pai fez, de mais ou menos, acho que de 30cm pro alto, de tijolo com cimento queimado aonde enchia de água e a gente saía da casa da árvore escorregando na corda e caía na água. Meu pai construiu isso.

Eu ficava muito nua nesse quintal né, brincando. O Rio é muito quente. Então, mais tarde, meus pais falavam: - Põe uma calcinha, põe uma calcinha. Mas, no máximo uma calcinha.. E sempre que dava eu tirava a calcinha.

De uma certa forma nós fomos criados muito livres. Então, os adultos apareciam em alguns momentos mas não com muita freqüência. A gente tinha um pouco de liberdade, mas eu me lembro de uma cena, uma vez, que eu tava nesse redondo - que a gente chamava de "redondo". Estava na água com um amigo e eu tirei a calcinha e ele tava olhando a minha vagina quando a minha mãe apareceu. E aí a minha mãe colocou ele pra fora, falou que ele não ia podê mais entrar; que nunca mais ele ia podê tomá banho lá. Eu chorei a beça, falei que eu queria, que eu gostava que ele tomasse banho; que eu quis tirar a calcinha. Foi mais confusão. Minha mãe tinha falado com a mãe dele. Nós ficamos um tempo sem ele podê entrá na minha casa. Mas teve uma porção de outros lances que ninguém pegou. Esse foi o dia do stress, que pegaram, entendeu?

Nesse quintal brincava muito primo, amigas, amigos. Tinha brincadeira tanto com menina e também com menino. Ah... eu lembro sempre de entrar na água e imediatamente de tirar a roupa. Eu, por exemplo, eu ia pro mar com meu pai, meu pai adorava o mar, minha mãe num gostava muito. Meu pai sempre levava a gente. Eu começava com biquini, depois quando eu tava sem biquini aí meu pai corria atrás de mim pra eu colocar biquini. Então eu me lembro que a água pra mim é sempre o lugar de eu ficar sem roupa, entendeu? Num era um lugar que cabia roupa. Eu chegava no mar com um shortinho com biquini. Eu tirava o shortinho e ficava com biquini; quando eu ia entrando lá "no redondo" do meu quintal eu já ia tirando a roupa. Disso eu me lembro. E aí tinha coisa de pegá, tocá mesmo, de brincar com o corpo. Isso rolava. Eu me lembro de várias situações interessantes, sem ser o stress. É que o stress

acaba marcando muito, né? Porque eu fiquei um tempão sem vê esse amigo, e eu gostava muito dele, e a gente brincava muito junto. E minha mãe não deixava mais ele entra em casa, sobretudo pra tomar banho”.

♀ (S) - 39 anos – Rio de Janeiro - RJ

As crianças experimentam a vida testando os seus limites, entretanto, muitas vezes, a transgressão é descoberta e impedida pelo adulto.

SENTIMENTO DE VERGONHA

A nudez possibilita aprendizados. Geralmente, as atitudes dos adultos são de vergonha, embaraço e mistério. O momento do banho é também um momento privilegiado para um contato amoroso desde que os pais saibam responsabilizar-se em definir e manter limites apropriados a esta intimidade:

“Quando era menor tomava banho com meu pai. Eu era pequenininho e queria logo ficar do tamanho dele. Sabia que era o que ia acontecer comigo depois que eu ficasse mais adulto.

Com meus 9 a 10 anos eu parei de tomar banho com meu pai”.

♂ (D) – 18 a – Salvador – Ba

Não só os adultos demonstram vergonha:

“Dava banho nos meus primos. Porque na casa da vizinha, nossa senhora! Dia de final de semana ia aquela meninada toda. Aí juntava todo mundo pra brincá. Quando eu era pequenininha a gente tomava banho todo mundo junto. Então era aquele monte de crianças, tava todo mundo no banheiro tomando banho. Meus irmãos, meus primos. A gente ficava observando né, um ao outro. Era brincadeira de criança. A gente via a diferença e ria; olha ele tem um pinto! Oh... e ela não tem, por quê? Ah, porque ele é menininho e ela é menininha.

Quando a gente cresceu podia mais não. Aí cada um já tinha vergonha. Aí eu sei que num tomava mais. Depois cada um foi

vendo... *Eu acho que a sociedade passa que é proibido. Aí você é careta também. Quando é pequeno tudo bem. Agora depois, vai ficando com vergonha, aí pronto”.*



(C) - 16 anos – Fortaleza – Ce

“Eu tomava banho... muito... com meus irmãos. A gente sempre tomava banho junto. No banheiro lá de casa o box era grande e era um tal de escorregar mesmo. A gente sujava tudo. Então um fica escorregando de um lado para o outro. E uma mania que meus irmãos tinham também, acho que eu não tinha tanto, mas que eu lembro até hoje, lá em casa tem marca, era de pegar o papel higiênico molhava e jogava no teto, aí ficava grudado lá. Uma coisa que, que marca, que eu lembro é que eu tomava, eu sempre tomei banho com meus irmãos, aí, quando eu comecei a entrar na adolescência, talvez até isso, descobre também que se não tinha, não tinha muito problema, não tinha problema nenhum, aí que eu era mais velha, também comecei a mudar primeiro meu corpo. Aí eu fechava o banheiro.”



(A) – 20 a – Uberlândia – MG

“Lá em casa não tem banheira, só tem chuveiro, e assim, com meus parentes, quando eu era menor, já tomei muito banho. Às vezes banho com prima... mas, mesmo assim, que eu me lembro, foi bem novinha que eu já não quis mais tomar banho com primo. Com amigas sim, até hoje, tudo bem mas, com prima, deve ter um tempo que parei. Quando eu tinha uns 9 anos, oito anos, não sei... uns dez, eu não lembro exatamente qual foi a fase, mas, eu tinha um primo mais novo, que cheguei a tomar banho com ele. Colega até que não, é mais parentada mesmo. Mas também tive um momento assim que não senti bem, eu fui já não me sentindo bem com eles. Mais em tomar banho com primos porque com amiga, eu sempre tomei. Tomo até hoje.”



(N) – 20 a – Uberlândia – MG

“Uma coisa engraçada é a gente tomando banho; eu nunca tinha tomado banho pelado com outras pessoas. Tomei, assim né, depois que a gente... que eu entrei nesse grupo de sexualidade⁵⁶. Antes de a gente conversar sobre sexualidade a gente ficava sem noção alguma, sem noção alguma. Eu num

⁵⁶ Os adolescentes, as adolescentes e os adultos pertencentes ao MAB – Movimento de Adolescentes Brasileiros participam de Programas e Projetos de Educação Sexual em suas comunidades.

conhecia meu corpo, sinceramente num parava prá pensá. Sabia que período de polução noturna eu fiquei totalmente alheio, fiquei totalmente alheio, sabe? Aí depois foi que eu fui conhecendo... entrei no grupo. O meu professor ensinava... no banho você lava o genital; cê tem que arregaçá direitinho e tal, cê tem que lavá, tem que passá sabão, sabonete, pra lavá direitinho. Lava a parte do ânus, lava parte do encosto do ânus. Eu acho que a água é importante porque é a única hora que você tá pelado sem constrangimento algum é no banheiro sozinho, às vezes cê descobre sua sexualidade sozinho também, cê sente, entende?

Sempre tomei banho, eu acho que até aos dez anos, num lembro bem... tomei banho eu, minha irmã, minha irmã mais nova, no caso, não! foi menos, até oito anos. Eu, minha irmã, meu pai. Sempre a gente tomava banho juntos. Num sei porque parô, num sei. Meu pai sempre ensaboava a gente. Ele sempre ensaboava a gente, e tal. Dava banho. Sempre foi meu pai. Minha mãe nunca teve contato, meu pai tumava banho pelado com a gente.”

♂ (A) – 17 anos – Natal – RN

Algumas pessoas tomam banho até certa idade depois surge o sentimento de vergonha que exerce um papel regulador nas relações interpessoais e intrapessoais, constituindo-se um dos sentimentos mais relevantes para a nossa experiência com o mundo (ARAÚJO, 1998). Ou, ao contrário:

“Eu fui tomar banho junto com alguém quando eu fiz 17 anos, que foi em Uberlândia no sétimo ENA⁵⁷. Foi a primeira vez que eu tomei banho junto com alguém. Até 17 anos eu só tomava banho sozinho, nunca tomava com ninguém, nem minha mãe deixava. Minha mãe me dava banho quando eu era pequeno. Depois nem minha mãe forçava, nem tão pouco a gente deixava... nem mãe, nem irmão... até irmão a gente ficava desconfiado. Assim, só com 17 anos é que eu fui tomar banho junto com alguém.”

♂ (L) – 20 a – Salvador – Ba

⁵⁷ Cf. SIRONI, Cleuza Luiza R. *O Movimento Ena (Encontro Nacional de Adolescentes) sob o olhar de um de seus idealizadores*. Campinas, SP: UNICAMP/Faculdade de Educação/Grupo de Estudo Interdisciplinar em Sexualidade Humana-GEISH; Lavras: Universidade Federal de Lavras/UFLA, 1997.

DE LA TAILLE (1996) considera que “o sentimento de vergonha tem origem no fato de eu me fazer objeto do olhar, da escuta, do pensamento dos outros” (p. 11) o que envolve a elaboração de processos cognitivos complexos, a noção de si mesmo e a avaliação que o sujeito faz de si. Sendo assim, para sentir vergonha, a pessoa tem que estabelecer comparações entre a sua ação e seu referencial próprio ou de outras pessoas.

LEWIS (1992) considera que a vergonha é um sentimento básico para a constituição de si mesmo. Ela envolve uma auto-reflexão, baseada em valores pessoais e no de outras pessoas, e o fracasso em atingi-los levará o sujeito a um estado que poderá fazê-lo experienciar ou não o sentimento, dependendo da objetivação de sua reflexão.

A psicologia, geralmente, atrela a vergonha à culpa. DE LA TAILLE (1997) diferencia esses dois sentimentos:

“Na culpa, o lugar do outro é de vítima: sinto culpa perante a ou as pessoas que foram alvo do meu comportamento condenável. Tanto que serão essas vítimas que, com seu perdão, aliviarão meu sentimento de culpa. No caso da vergonha, o lugar do outro é o de juiz: sinto vergonha diante dos olhos que me avaliam e julgam... este público juiz nunca poderá retirar-me o sentimento de vergonha. Para ele, não há nenhum equivalente ao perdão (p. 236).

ARAÚJO (1998), estudando a gênese do sentimento de vergonha considera que este sentimento parece estar relacionado ao processo de socialização vivido pela criança em suas relações com os adultos e surge no momento em que a criança toma consciência de que é objeto para os outros. À medida em que os sistemas de valores vão sendo construídos pelo sujeito, a vergonha vinculada a padrões, regras e normas vai se tornando mais comum. As crianças, prazerosamente tomavam banho com as outras crianças e com adultos e depois referem-se à vergonha de fazê-lo: *quando a gente cresceu não podia mais não; vai ficando com vergonha; aí eu fechava o banheiro; num sei porque parou...*

Segredo

As múltiplas relações presentes na vida dos entrevistados e entrevistadas foram roubadas da solitária menina do filme “*A Ostra e o Vento*”. Se Marcela não ia até as pessoas, fisicamente, o vai/vem acontecia, através da imaginação e da fantasia. Ela foi alfabetizada pelo marinheiro – homem do mar – das águas em movimento, das imagens de vida e de morte.

Em meio a relação de poder: pai/filha estava o marinheiro – o estrangeiro, rival em potencial de um pai possessivo e autoritário – que semeava incertezas, dúvidas, indecisão e... a escrita. No passado o marinheiro fora responsável pelo naufrágio de um barco tendo encontrado na amizade da menina um porto seguro contra a borrasca.

As suas lições instigavam a imaginação fértil de Marcela em meio às aves-viuvinhas na praia, catraios de asas escuras, gaivotas e mumbebos. Os pássaros, dentre muitos outros significados, simbolizam a relação entre o céu e a terra; a leveza na liberação do peso terrestre. Simbolizam, também, as funções intelectuais. O Rig-Veda diz que a inteligência é o mais rápido dos pássaros. Nos seus voos, Marcela cria Saulo – o vento – e cria também relações sexuais com ele; é capaz de senti-lo em si. Esse era seu segredo.

A sociedade hierárquica dos adultos reserva para si o direito da expressão sexual em detrimento do reconhecimento da capacidade erótica da criança. A sexualidade infantil, desconhecida, torna-se alvo de muitos preconceitos, principalmente em relação à região genital da criança. Comumente acredita-se que as experiências sexuais precoces despertam a sexualidade da criança e isto, frequentemente, torna-se um problema para os adultos em sociedades que negam a sexualidade infantil ou que colocam limitações:

“Quando a sociedade muda rapidamente, o indivíduo não dispõe de tempo suficiente para adquirir as novas atitudes que lhe permitiriam se adaptar às mudanças de seu meio, em função de sua personalidade própria. Isso o desorienta e o torna inseguro. Quanto mais aumenta sua confusão, mais ele é levado a observar as reações dos outros e a tentar imitar seus comportamentos. Mas como esse comportamento imitado não

está de acordo com sua própria personalidade, segue-se um enfraquecimento de sua integração, e ele se torna cada vez menos capaz de reagir de maneira autônoma a novas mudanças” (BETTELHEIM apud VINCENT, p. 226).

Algumas culturas são permissivas e algumas cultivam e corroboram as manifestações das crianças⁵⁸. Os encontros íntimos entre as crianças, numa sociedade sexualmente restritiva são eventuais, episódicos e acidentais. Mesmo nas sociedades onde o comportamento sexual do bebê e da criança são proibidos essa capacidade de experimentar sentimentos e satisfações sexuais está presente antes da puberdade. Muitas vezes, as reações dos adultos, em decorrência das descobertas das crianças, podem contribuir para despertar sentimentos de ansiedade, vergonha e culpa ao mesmo tempo em que se constituem no segredo⁵⁹ das crianças. Um saber oculto que pode gerar poder sobre o adulto.

⁵⁸ Cf. CONSTANTINE, Larry L. & MARTINSON, Floyd M. *Sexualidade Infantil. Novos Conceitos, Novas Perspectivas*. São Paulo: Roca. 1984. As culturas humanas variam quanto ao grau de aceitação em relação ao sexo. Os autores diferem as abordagens possíveis dividindo-as em quatro categorias: repressivas, restritivas, permissivas e corroboradoras. “Cada uma delas representa uma abordagem característica da sexualidade apresentando uma abordagem distinta quanto a sexualidade emergente dos jovens. As culturas sexualmente repressivas estão mais inclinadas a negar a sexualidade (...) As culturas sexualmente restritivas são mais inclinadas a colocar limitações em relação à sexualidade. Os jogos sexuais da infância são veementemente desencorajados e a segregação sexual pode ocorrer precocemente (...) As culturas sexualmente permissivas tendem a tolerar a sexualidade. As proibições convencionais existem, embora sejam muito pouco obedecidas. Geralmente elas são mais conhecidas pelas violações do que pelo seu cumprimento. Os jogos sexuais da infância são teoricamente proibidos, mas podem ser feitos longe dos olhos dos adultos (...) As culturas corroboradoras quanto ao sexo tendem a cultivar a sexualidade. O sexo é considerado indispensável à felicidade humana e a experiência sexual precoce é tida como necessária ao amadurecimento social e biológico. Um conjunto de costumes e instituições, legitimado por crenças tradicionais, proporciona informação e oportunidades sexuais aos jovens de todas as idades, que são incentivados pelos pais, a desenvolverem as suas capacidades sexuais” (p. 11 – 12)

⁵⁹ VINCENT, Gerard. *Uma História do Segredo. In: História da Vida Privada. Vol. V: Da Primeira Guerra a Nossos Dias*. SP: Cia. Das Letras, 1992. “A palavra “segredo” aparece no século XV, oriunda do latim *secretus*, participio passado do verbo irregular *secerno*, que significa separar, por de parte. *Secerno* é composto pelo verbo *cerno*, joeirar, peneirar, e pelo prefixo *se*, indicando separação. De *cerno* derivam *discerno*, que resultou em *discernir* (tanto o cinza do negro, quanto o verdadeiro do falso ou o bem do mal), *excerno*, de onde provém excremento, e *secerno*, que em francês resultou em *secrétion* e *secret*, e em português em *secreção* e *segredo/secreto*. A. Lévy conclui que, então, “na origem da palavra *segredo* encontra-se a operação de joeira do cereal, cujo objetivo é separar o comestível do não comestível, o bom do ruim. O elemento separador é um buraco, um orifício cuja função é deixar passar ou reter de acordo com a conformação ou não conformação do objeto ao orifício”. O peneiramento constituiria assim “uma representação metafórica da função anal. O *segredo*, definido como um saber oculto a outrem, envolveria, sempre segundo o mesmo autor, três temas principais: o saber (que pode incluir elementos do psiquismo – pensamentos, desejos, sentimentos -, elementos do comportamento – trama, receita de fabricação -,

Essa abordagem faz-nos problematizar o “penetrar” no segredo da sexualidade infantil. Se a idéia de segredo é insuportável para quem está excluído dele, torna-se insuportável para o adulto a sexualidade infantil: o segredo da criança, nos gestos, no vaguear da imaginação, nas ações, nas brincadeiras nos quintais, nos rios... Seu conteúdo é ignorado. Pertence às crianças em suas manifestações da sexualidade, nas suas relações intersubjetivas.

Abusos sexuais, medo, vergonha e humilhação perpassam também a manutenção do segredo. O adulto que abusa sexualmente de crianças pode argumentar em favor da manutenção do segredo. A criança que sofre o abuso torna-se cativa daquele que abusa – têm um segredo "juntos".

Não só essas contradições envolvem a idéia de segredo mas, também, o exibicionismo sexual na atualidade, que mascara as dimensões do não-dito e força saberes, dizeres e policiamentos do adulto em relação às crianças.

A sexualidade infantil ainda é um tema melindroso mas, as crianças não têm medo de experimentar a vida, driblando a censura do adulto; o contato com a água, a pouca roupa, o nadar nu, têm favorecido o olhar a si mesmo e ao outro – de ambos os sexos, de todas as idades.

Abundância/escassez de sentimentos e de água

A abundância de possibilidades de expressão da sexualidade infantil esbarra na economia imposta pelos adultos. Também no filme “*A Ostra e o Vento*” a abundância de sentimentos de Marcela esbarrava na economia da manifestação de sentimentos do pai. A abundância da água no mar esbarrava na economia da água doce.

As águas imaginantes, às margens do novo milênio, esbarram na escassez e no fator econômico, no mercado das águas e nas disputas e conflitos entre seus usuários, com interesses diferentes. A água, recurso coletivo, superexplorada por uma

objetos materiais como gavetas, portas, escadas, etc); a dissimulação desse saber (recusa da comunicação, silêncio, mentira); a relação com o outro que se organiza a partir dessa dissimulação (o que pode gerar uma função de poder sobre o outro: exército secreto, papéis secretos, agente secreto, dossiê secreto etc) (p. 179/180).

humanidade numerosa, consumista e poluidora, tem sua qualidade e quantidade comprometidas:

“o modelo não conservativo de exploração é o principal responsável pelo comprometimento de sua qualidade, que interfere na utilização e finalmente, na quantidade disponível. Este modelo encontra-se alicerçado sobre um conceito profundamente enraizado na cultura ocidental: “a água é grátis”⁶⁰. Na verdade, “a chuva é grátis”⁶¹, pelo menos no estágio atual de desenvolvimento da tecnologia e das formas de organização sociais, pois não requer despesas para sua obtenção. Uma visão de futuro aponta a necessidade em garantir reservas utilizáveis deste recurso. Para tal, estratégias baseadas em um modelo conservativo e ao mesmo tempo sustentável de exploração dos recursos hídricos, exigem que a água seja considerada como um bem de valor econômico, tanto pelos governos nacionais como pelos fóruns internacionais” (SANTOS, 1999)

Mundialmente, os sinais de alarme são nítidos: grave escassez de água em várias regiões do mundo, lençóis freáticos em baixa, rios e lagos que secam, poluição e desertificação crescentes com reflexos na desnutrição, gerando contaminações, provocando êxodo rural e conseqüente superpovoamento urbano e acréscimo de tarefas para as mulheres nas regiões carentes de recursos hídricos.

A disponibilidade de mananciais para suprir a humanidade de água, em quantidade e qualidade, é cada vez menor. Especificamente no que se refere ao Brasil, ARAÚJO (1999), elabora o panorama dos recursos hídricos por região:

“Na região Norte do Brasil a água ainda é um bem abundante, bem distribuída e de boa qualidade, embora a falta de uma política ambiental sustentável para a região possa comprometer a água disponível com o passar do tempo: não se pode dissociar as políticas hídrica e ambiental. Nas regiões Sul e Sudeste a água pode ser encontrada em quantidade e disponibilidade adequadas, porém sua qualidade está frequentemente comprometida pelo lançamento de efluentes domésticos e industriais. O Centro-Oeste apresenta água em boa quantidade através de uma rica rede de drenagem natural, porém esta se

⁶⁰ GRANZIERA, M.L.M. *Direito das Águas e Meio Ambiente*. Ícone Editora Ltda., 1993. p. 32.

⁶¹ Id

encontra em parte comprometida principalmente devido a atividade mineradora, com problema do assoreamento e de metais pesados. No Nordeste o quadro é mais crítico: a água é escassa, sua oferta mal distribuída espacialmente e muitos reservatórios superficiais já se encontram contaminados ou em processo de eutrofização, salinização e/ou assoreamento acelerados”.

A diversidade na qualidade e quantidade de água, na escassez e na abundância faz-nos evidenciar o depoimento de moradores de um mesmo Estado brasileiro, a Paraíba:

“Água... é o que lá mais tem. Tem o mar e tem o rio. Inclusive eles fazem contato um com o outro.

Tenho 2 irmãs. Uma mais velha do que eu e uma mais nova. A gente brincava lá na maré tomando banho e até ainda hoje eu brinco tomando banho.

Água salgada e água doce!

Mais prá baixo de onde eu moro tem a aldeia indígena. Sou descendente de índio, inclusive o meu pai já foi cacique da Aldeia. Não faz muito tempo, tem só um mês que ele saiu porque todo ano tem que mudar.

Lá a gente sempre brincava homem com mulher. Não tem esse preconceito não. Nem nunca aconteceu algo. Também é porque é um pessoal tudo amigo, tudo conhecido, tudo brinca ali em conjunto. É bem tranqüilo.

O pessoal lá anda com menos roupa. Quando alguém bota roupa comprida estranha. O pessoal lá já tá acostumado. Tem pirralho de 2, 3 anos que anda nu mesmo. Porque gosta”.

♀ (M) – 21 a – Marcação - PB

“Lá nós temos água em abundância inclusive nossa água da cidade é de um poço artesiano. Ele é considerado 97% da água, mineral mesmo”.

♂ (J) – 38 a – Mataraca – PB

“Hoje em Serra Redonda tem pouca água mesmo. Antigamente tinha rios, cachoeiras, tinha um açude prá tumá banho mas agora tá quase tudo seco.

Quando chove os meninos tomam banho na rua mesmo, tomam banho de cueca, tomam banho nus, os guris. Os rapazes de bermuda. E quando chove e enche algum açude, eles tomam banho de cueca”.

♂ (E) – 30 a – Serra Redonda – PB

Mesmo nos Estados da Federação em que a quantidade de água é adequada, o seu uso, muitas vezes, é indevido:

“Uma coisa que me chama atenção, mesmo Recife tendo essa coisa da ligação com a água, tem racionamento por conta da má exploração da água, do mau uso da água e aí se pega Recife tendo racionamento. Apesar que no meu caso particular, lá em casa não me falta água, mas tem gente que passa uma semana inteira sem água em casa, o que é uma loucura e quando a bomba quebra, que passa um dia sem água eu já fico enlouquecido. Nesse ano vai ter um encontro em novembro, um encontro sobre desertificação e seca. Vai ser em 7 dias. Num sei se é da ONU... Essa questão aí me chamou a atenção; quer dizer, o que significa um mundo sem água. Um mundo com problema de água. Eu num sei, me deu curiosidade de participar dessa reunião. Vai ter gente do mundo inteiro pensando nessa questão. Pensando no que significa não ter água”.

♂ (J) – 31 anos – Recife - PE

“Eu adoro água; água pra mim é tudo... Adoro tomar banho. É assim... contrário de todas as regras porque sou daquelas que ficam horas embaixo do chuveiro deixando a água cair”.

♀ (G) – 27 a – Campinas – SP

“Meus banhos eram sempre prolongados pra eu ficar brincando com a água. Ela faz assim... ela percorre seu corpo por um tempo desviando do trajeto dela pra seguir seu corpo até cair. Então eu ficava horas e horas brincando com ela, deixando água passar pelo braço e cair. No banho também sempre brincava de guerrinha, com bolhas com o shampoo, um monte de coisas. E tem sempre aqueles mosquitinhos passando também. Ótimo! acerto eles. Sabe, aqueles bem pequenininhos que ficam no banheiro”.

♂ (L) – 20 anos – Uberlândia – MG

Em torno da água encontram-se os mais diversos interesses e se sua oferta está escasseando e as previsões são sombrias, MAYOR (1999) aborda três condições para se evitar a crise: recolocar a tecnologia em seu lugar, medir as possibilidades, mas

também os limites do mercado e, sobretudo, dar prioridade a uma “ética da água” nos planos de ação nacionais e internacionais de desenvolvimento de suas fontes. Os objetivos do desenvolvimento sócio-econômico deveriam ser fixados em função da solução dos problemas ligados à escassez. A planificação e a gestão integradas das bacias fluviais e das linhas de divisão das águas, regional e internacionalmente são fundamentais para uma revalorização do espaço e para a organização das atividades instaladas no mesmo espaço e no repensar das atitudes dos atores sociais/usuários, estabelecendo-se um processo de planejamento e gestão descentralizada das águas.

No Brasil esse ideário redundou na aprovação da Política Nacional de Recursos Hídricos – Lei Federal 9433, de janeiro de 1997 – que compreende a água como um bem público, limitado, dotado de valor econômico, cujo uso prioritário é o consumo humano. Essa lei começa a ter seus desdobramentos nos Estados da Federação com a preparação das Leis Estaduais de Recursos Hídricos, o que permitirá a formação de agências e comitês de bacias hidrográficas; o aperfeiçoamento dos Sistemas Estaduais de Licenciamento de Atividades e Monitoramento Ambiental; a busca de participação da sociedade para ocupar seu lugar nestas novas discussões; a acentuação da mobilização pelo acesso à água por populações necessitadas desses serviços e recursos (SANTOS, 1999).

Essa lei traz a proposta de um modelo participativo⁶² na gestão das águas. Implementá-la torna-se fundamental para que este recurso natural esteja disponível em quantidade suficiente, com boa qualidade e bem distribuído espacialmente.

No filme “*A Ostra e o Vento*”, entre a escassez e abundância de água, de sentimentos, de descobertas, de possibilidades de interlocução, Marcela também não tinha contato com mulheres pois sua mãe, prostituta tirada “da vida” pelo pai foi

⁶² Cf FOLHES, Ricardo Theophilo. *Sistematização de Informações sobre Recursos Hídricos no Estado de Minas Gerais* (apostilado) 1999. Elaborou um levantamento e a sistematização de informações em torno dos Recursos Hídricos no Estado de Minas Gerais; mostrou como é organizada a gestão ambiental no Estado; faz um retorno a alguns acontecimentos internacionais e nacionais que influenciaram a elaboração da recente política estadual de recursos hídricos e apresenta alguns estudos e experiências de gestão de recursos hídricos. Os anexos trazem uma coletânea de números e dados acerca da situação planetária das águas; matérias de jornais de algumas capitais brasileiras que mostram a complexidade das discussões e, em alguns casos, a simplicidade de algumas ações e traz a íntegra da Lei no. 13.199 que dispõe sobre a Política Estadual de Recursos Hídricos.

queimada na fogueira, quando a menina era quase um bebê⁶³. Havia também abundância de medos. O pai tinha pavor que a menina crescesse. Mas, entre a realidade e a fantasia, entre o aprendizado das histórias ensinadas pelo marinheiro, ela cultivava o seu segredo: Saulo, como as ostras que se abrem ao sol e acumulam riquezas interiores e depois se fecham para não serem profanadas. A simbologia da concha⁶⁴ bivalve é a da feminilidade; sua forma e sua profundidade lembram o órgão sexual feminino – Marcela se transformava em mulher. Presa em meio ao mar, como um peixe em um aquário, a menina ostra/concha, evocando as águas onde se formou, participa do simbolismo da fecundidade própria da água. A pérola, o conteúdo da concha, suscita o nascimento de Afrodite, saída de uma, misto de erotismo e fecundidade (figura 24 – *O Nascimento de Vênus* – Sandro Botticelli)⁶⁵.

⁶³ Cf. DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário. Introdução à Arquetipologia Geral*. Tradução Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997. O elemento fogo é utilizado nos ritos de purificação. “A palavra *puro*, raiz de todas as purificações, significa ela própria fogo em sânscrito(...) O fogo purificador é psicologicamente parente da flecha ígnea, do golpe celeste e flamejante que o relâmpago é” (p. 173).

⁶⁴ Cf. ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos. Ensaio sobre o Simbolismo Mágico Religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. “Desde os tempos pré-helênicos, as conchas estiveram em estreita relação com as Grandes Deusas. Consagraram-se conchas a Afrodite em Chipre, para onde a deusa havia sido conduzida após seu nascimento da espuma do mar (Plínio, Hist. Nat., IX, 30; XXXII, 5). O mito de Afrodite nascida de uma concha foi provavelmente propagado no mundo mediterrâneo [...] A assimilação da concha marinha ao órgão genital feminino era, sem dúvida, conhecida dos gregos. O nascimento de Afrodite em uma concha ilustrava esse laço místico entre a deusa e seu princípio”. (p. 129, 130).

⁶⁵ Segundo a mitologia antiga, Vênus teria nascido da espuma dos mares. Botticelli representou-a aqui numa concha que flutua na água. Ela é empurrada em direção à margem por duas divindades dos ventos, enquanto uma das Horas, as deusas das estações, tem nas mãos uma peça de roupa aberta, pronta a envolver Vênus. O Deus do vento, Zéfiro, e a doce brisa Aura, nos braços um do outro, impelem em direção à margem a concha em que viaja Vênus.

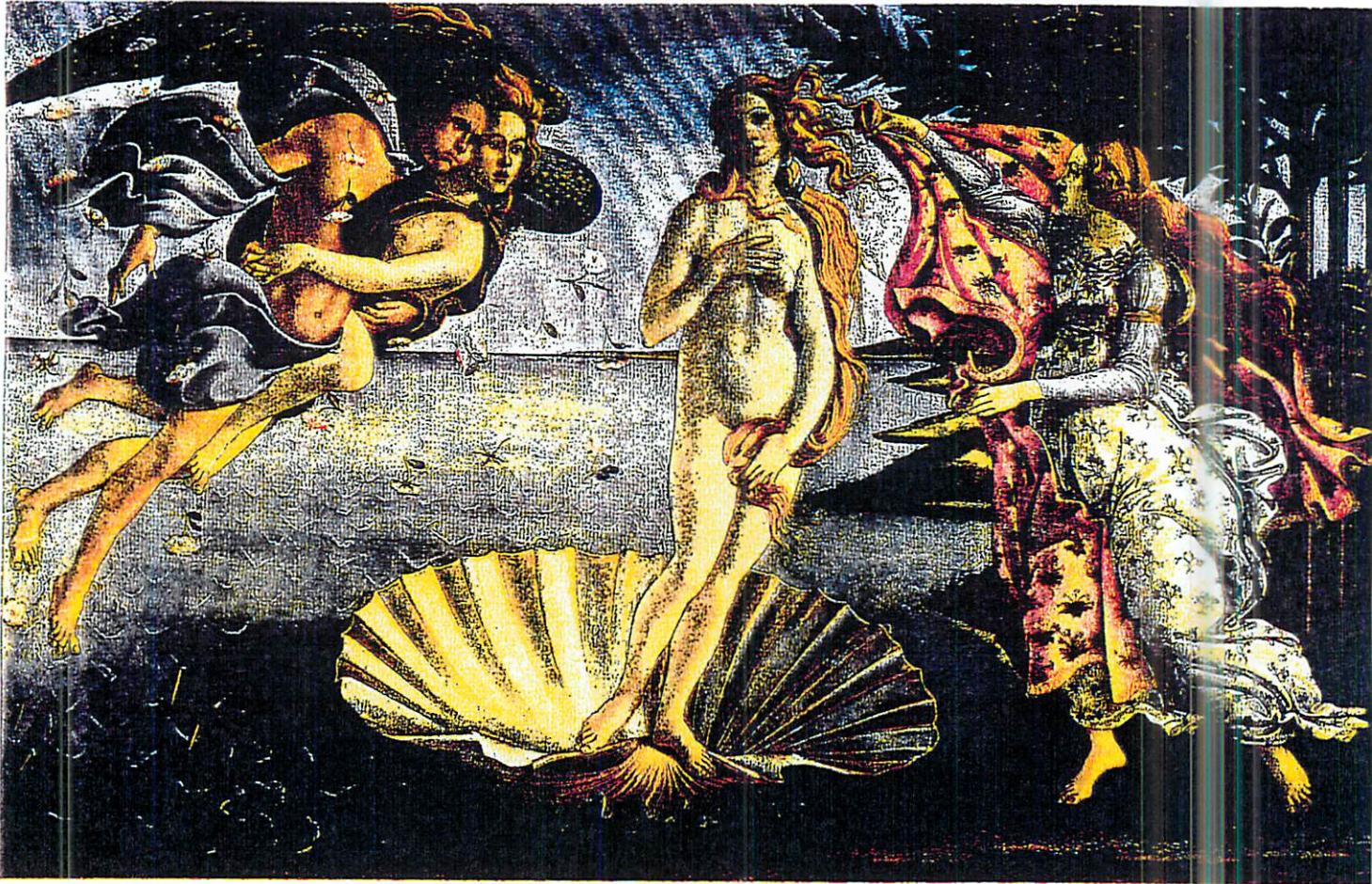


Figura 24 - Nascimento de Vênus - Sandro Botticelli (1485)

Marcela menstrua; “*essa é a maneira pela qual as meninas se transformam em moças*” diz Daniel. “*Isso é sinal de vida, não de morte*”. Mas a concha também está ligada à idéia de morte pois o seu habitante primitivo, a pérola⁶⁶, morre. Marcela chora quando segura apenas a casca da ostra: “*prá que a casca?*” A pérola escondida na ostra, tal qual o conhecimento, exige esforço para a sua aquisição. A pérola evoca a pureza, o que é oculto, o que é enfiado nas profundezas. Nas profundezas de Marcela estava o seu segredo – o vento – agitado, vaidoso, instável, inconstante, violento.

No filme *A Ostra e o Vento* havia abundância de medos do pai de Marcela em relação ao seu crescimento. Os medos de nossos entrevistados eram outros; relacionavam-se à água destruidora. Ao lado do riso da água clara, alegre há também a água mortífera:

“A gente nadava muito, atravessava o rio; às vezes era perigoso. Nunca teve casos de morrer porque atravessou o rio, mas era sempre a recomendação - cuidado que a água pode carregar vocês, levar, etc. Essa repressão com a água, tinha muito. As pessoas mais velhas tinham muito medo de que pudesse acontecer algum acidente conosco”.

♂ (H) – 50 anos – Bahia

“Tinha muita proximidade com a água porque tinha o rio, a praia. Eu tenho lembrança que, com 3 anos de idade, fiquei com medo do mar – e o mar lá é um pouco violento – e a gente brincando na areia, com três anos fiquei com aquele trauma porque quase morri afogado. Ai me salvaram lá – eu e minha irmã. Mas nossa brincadeira na praia era também fazer aquela escultura de areia. Ainda hoje eu sei fazer escultura de areia. Treinei muito na beira do mar”.

♂ (J) – 38 a – Mataraca – PB

⁶⁶ Cf. ELIADE, Mircea. Op. Cit. “O papel da pérola na medicina em tantas civilizações diferentes apenas sucedeu a importância que ela teve anteriormente na religião e na magia. Por ter sido emblema da força aquática e geradora, a pérola tornou-se – numa época posterior – tônico geral, afrodisíaco e ao mesmo tempo remédio contra a loucura e a melancolia, duas doenças de influência lunar, logo sensíveis à ação de todo emblema da Mulher, da Água, do Erotismo [...] O valor sagrado simbólico da concha e da pérola tornou-se, aos poucos, profano”. P. 144 e 146.

“O primeiro contato com água que eu tive foi triste porque... foi assim... a minha madrasta ganhou neném e faltou água em casa e eu inventei de pegar água na lagoa. Aí quando cheguei lá me deu vontade de entrar na água também prá tomar um banho. E quando eu entrei na água fiquei procurando a terra e não encontrava. Fiquei só querendo afundá. E aí uma senhora lá que tava também lavando roupa ao redor que me salvou. Puxou pelo meu cabelo e eu consegui me salvá”.

♂ (JC) – 38 a – Caiçara – PB

“Minha infância teve muita água, muita... Era de frente pro mar a casa que eu moro. E tinha um primo meu chamado Nem, que ele forçava a gente nadar, nadava à força, até sem a gente querer ele forçava pra nadar. Quando a gente tinha 5 uns 6 anos, ele pedia minha mãe pra levar eu e meus primos pra praia. Ele era mais velho, levava a gente. A gente tava distraído, ele pegava a gente à força, levava pro fundo e jogava no fundo e largava a gente lá. Ficava se debatendo como quem tá morrendo, aí fui aprendendo a nadar, aprendendo a nadar”...

♂ (L) - 20 anos – Salvador - Ba

“Eu me lembro que quando pequeno tinha uma reserva de água e, uma água que foi empoçada através de chuva e, nessa água, fui tomá um banho e aí eu peguei uma febre que parecia ser febre amarela. E eu tenho uma micose até hoje. Eu sempre gostei de água e eu respeito muito a água porque, inclusive, aqui no Rio Vermelho eu quase morri afogado. Se não fosse alguém que me socorre... Eu gosto muito de água mas eu tenho medo e eu fui insisti, eu já morando no Rio de Janeiro, lá no Leblon, também aconteceu a mesma coisa, então eu procurei não mais insistir”.

♂ (A) – 60 a – Salvador – Ba

BACHELARD (apud DURAND⁶⁷, 1997) considera, na obra de Poe, a água superlativamente mortuária, substância simbólica da morte. A água torna-se um convite a morrer: afogamentos, inundações, lodaçais, pântanos, atoleiros...

⁶⁷ Cf. DURAND, Gilbert. Op. Cit. O autor discute o símbolo da água hostil, da água negra, ao discutir os símbolos nictomórficos (p. 95, 96, 97).

Transgressão

O poder exercido pelo pai de “*A Ostra e o Vento*” impunha verdades que negavam a sexualidade, não só da mãe de Marcela, mas também da própria menina. Em dois momentos do filme há um vestido amarelo. Quando aparece a mãe/prostituta e quando Marcela é presenteada para ir a primeira vez ao continente. O amarelo está ligado ao adultério:

“quando se desfazem os laços sagrados rompidos por Lúcifer, com a nuance de que a linguagem comum acabou por inverter o símbolo, atribuindo a cor amarela ao enganado, quando ela cabe, originariamente ao enganador, como o atestam em muitos costumes. A porta dos traidores era pintada de amarelo a fim de atrair para ela a atenção dos transeuntes, nos séculos XVI e XVII. Desde o Concílio de Latrão IV (1215) os judeus foram obrigados a levar uma rodela amarela costurada à roupa. O Dictionnaire de Trevous (1771) garante que é costume açafroar, i.e. pintar de amarelo açafroado, as casas dos falidos. Onde se conclui que quando os sindicalistas chamam de “amarelo” o operário que se dessolidariza da sua classe, estão, sem saber, recorrendo às mesmas fontes simbólicas em que os nazistas foram buscar a idéia de aplicar a estrela amarela aos judeus. Mas é possível que os judeus, invertendo a valorização do símbolo, vejam nessa estrela (de seis pontas), não um sinal de infâmia, mas a gloriosa luz de Jeová (CHEVALIER & GHERBRANT, 1998: p. 41, 42).

A civilização ocidental, dominada por uma tradição religiosa e pela imagem da infância ingênua, nega a sexualidade infantil. Os desejos sexuais infantis continuam representando um perigo em nossa sociedade e a importância das experiências sexuais na infância são subestimadas. Em geral, ainda se nega a singularidade da criança esquecendo-se de que a sexualidade é uma dimensão da existência que não tem idade; que a criança elabora suas próprias teorias sexuais de acordo com suas vivências num estilo pessoal, individual, único, de acordo, também, com sua inteligência⁶⁸, manifestando sua sexualidade diferentemente do adulto. Por isso

⁶⁸ Cf. JAGSTAIDT, Véronique. *A Sexualidade e a Criança*. São Paulo: Manole, 1987. Pesquisa das representações sexuais infantis envolvendo 160 crianças de 4 a 11 anos residentes na França e na Suíça. Concluiu-se que o que a criança pode assimilar dos temas da sexualidade depende de sua maturidade

a sexualidade deve ser compreendida na temporalidade, no devir que caracteriza o ser humano. Muitas vezes, ainda hoje, a fala da sexualidade é ocultada ou tratada como forma de disciplina, tabu e submissão. As crianças são impedidas de falar de seu corpo, de suas inquietações, de seus medos e alegrias na descoberta da sexualidade.

Muitas vezes a liberdade para a criança ser ela mesma, sua abertura para a vida e para outras dimensões do ser humano, além da razão, são tolhidas desde a tenra idade. O poder continua sendo inscrito nos corpos das crianças, mudando apenas a sua forma e os mecanismos por ele acionados. Mas, nesse movimento que enfatiza o emocional e o subjetivo, a água é cúmplice das transgressões.

Não só as crianças mas, em qualquer idade, a educação como uma ação pela contradição e pela resistência, navega em direção à reelaboração de padrões culturais que muitas vezes proíbem o toque:

“Às vezes a professora fala prá nós nos tocarmos, na hora do banho, prá conhecer mais o corpo, né? E em outra hora num faço isso. Tô sentado vendo televisão e eu não fico me tocando. No banho a gente vai se lavar daí se toca, se conhece.”



(J) - 15 a – Porto Alegre - RS

O pensar diferente é uma ousadia que ultrapassa as serializações subjetivas que são a linha de montagem do desejo, a sua padronização. A cultura de massa produz exatamente indivíduos normalizados e normatizados, articulados uns aos outros, segundo sistemas hierárquicos, sistema de valores, de submissão a idéias que são contrárias ao que se deseja⁶⁹:

afetiva e também de uma inteligência que segue patamares distintos. A cada idade correspondem teorias originais e possibilidades de assimilação que refletem a constituição psicoafetiva da criança.

Cf. RIBEIRO, Cláudia. *A fala da criança sobre sexualidade humana. O dito, o explícito e o oculto*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996. Investigou-se as idéias infantis sobre sexualidade humana fazendo emergir a fala de meninos e meninas que freqüentam a pré-escola e as primeiras séries do ensino fundamental utilizando-se músicas, histórias e poesias.

⁶⁹ Cf. GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. *Micropolítica. Cartografias do Desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. “Por medo da marginalização na qual corremos o risco de ser confinados quando ousamos criar qualquer território singular, isto é, independente de serializações subjetivas; por medo de essa marginalização chegar a comprometer até a própria possibilidade de sobrevivência (o que é plenamente possível), acabamos reivindicando um território no edifício das identidades reconhecidas. Tornamo-nos assim – muitas vezes em dissonância com a nossa consciência – produtores de algumas seqüências da linha de montagem do desejo”. P. 12.

“A minha empregada já tem 65 anos e eu agora trabalho com sexualidade e, em conversa, ela falou que o marido teve derrame e ela ficou impossibilitada de transar com ele. Eu disse a ela que não precisa ter parceiro pra ter prazer e que ela podia, ao tomar banho, tocar o corpo, aí ela falou assim que ela não masturbava. Depois de um tempo conversamos de novo e ela disse que usou o chuveirinho e começou a massagear o clitóris com aguinha do chuveiro. Aí ela falou que foi gostando, foi gostando, foi gostando e quando menos esperou ela sentiu prazer.”

♀ (S) - 50 anos – Goiás

Mecanismos circulares e complexos de assujeitamento, exploração e dominação exerceram, na vida cotidiana, forte poder de massificação, impondo verdades que negavam o contato das pessoas com os seus corpos.

A dinâmica da construção dos sujeitos sociais sexuados implica relações de poder que refletem concepções internalizadas por homens, mulheres e crianças, mergulhados no contexto de um redemoinho de transformações políticas, econômicas e sociais em que padrões de tempo, de velocidade, de espaço sofreram e sofrem intensas e aceleradas modificações. Mas, o movimento que produz dominação pode também produzir resistência. Essa perspectiva foucaultiana abre espaço para a resistência:

“o problema ao mesmo tempo político, ético, social e filosófico que se nos coloca hoje em dia não é o de tentar libertar o indivíduo do Estado e de suas instituições, mas de nos libertarmos do Estado e do tipo de individualização decorrente. Devemos promover as novas formas de subjetividade que recusam o tipo de individualização que nos é imposta há muitos séculos (FOUCAULT, 1984: p. 300 e 308; in: SINGER, 1997).

O poder é visto por ele como feito de práticas produtoras de sujeição e exclusão, aparentemente ocultas no cotidiano controlado:

“a minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo darão em breve, no quadro da escola, do quartel, do hospital ou da oficina, um contínuo laicizado, uma racionalidade econômica ou técnica a esse cálculo místico do ínfimo e do infinito (FOUCAULT, 1977: p. 129; in: SINGER, 1997).

A resistência à padronização implica no desejo como fonte de criação. O desejo é revolucionário, porque sempre quer mais conexões, mais atividade criadora:

“o desejo é o sistema de signos a-significantes com os quais se produz fluxos de inconsciente no campo social. Não há eclosão de desejo, seja qual for o lugar em que aconteça, pequena família ou escolinha de bairro, que não coloque em xeque as estruturas estabelecidas. O desejo é revolucionário, porque sempre quer mais conexões, mais agenciamentos” (DELEUZE & PARNET, in ROLNIK, 1989).

A criança, portanto, não é apenas obediência aos poderes, mas é o exercício imanente de potências. Não é apenas um pré-adulto normatizado pelo desejo instituído e constituído por ele mesmo, seu saber e suas técnicas de captura mas a criança é devir, produto de encontros e acasos, e não vir-a-ser, que já é determinado antes de ser.

As relações entre pais e filhos, adultos e crianças mudaram muito desde os anos 20. Na burguesia a disciplina era rigorosa; os brinquedos raros e oferecidos em datas fixas; as queixas eram proibidas; os gemidos proscritos. O sentimento de culpa inculcado desde cedo: fazer xixi na cama era pecado. Cocô, nem se fale!

Também a capacidade da criança se relacionar intimamente e de forma erótica com outra criança, experimentando sentimentos e satisfações sexuais, que pode acontecer desde pequena, ainda, muitas vezes, é negado. Os adultos coíbem essa possibilidade e as crianças não têm oportunidade - ou se sentem culpadas por criá-las - de aprender e experimentar os prazeres do sexo:

“A gente tinha lá os banhos de rio que até a gente tirava a roupa. Mas tirava a roupa pra não molhar o short. Pra não chegar com o short molhado em casa. Não era pura questão de curiosidade de coisa nenhuma.

No meu grupo nunca chegou a acontecer brincadeiras sexuais. Era masculino com masculino e feminino com feminino. E entre os masculinos não surgia naquela época nenhuma aproximação até por causa da repressão mesmo que tinha, né? Brincadeira de menino, brincadeira de menina. Isso era muito discriminado”.



(H) – 50 anos – Salvador - Ba

Diferentes desejos

Outro filme no qual mergulhamos “*A Teta e a Lua*”⁷⁰ possibilita-nos problematizar a sexualidade infantil ao abordar os desejos diferentes de três homens apaixonados por uma mulher – Estrelita: uma criança, um adolescente e um adulto.

Transformação, movimento, desenvolvimento, múltiplos desejos são os temas de “*A Teta e a Lua*”. Encontramos nas cenas iniciais o menino Tete escalando uma pirâmide humana, sendo incitado pelo pai a provar que é homem: “*mostre que tem colhões*”. Pirâmide e escada indicam ascensão gradual: lugar onde o alto e o baixo, o céu e a terra, a fantasia e a realidade podem juntar-se. A escalada gera medo, temor, angústia, perdas mas também, alegrias, conquistas. Subidas e descidas, ritmo. O símbolo da escada, da pirâmide humana composta só de homens, contém uma significação erótica, sendo que a ascensão é a do desejo.

Tete perde e ganha em sua progressão para o saber, em sua ascensão para o conhecimento. Perdeu a sensação de flutuar no líquido amniótico, quentinho e acolhedor e perdeu o seio da mãe para o irmãozinho que nasce. O seio está ligado à proteção, à fertilidade e ao leite, símbolos da doçura e da segurança; pequenas almofadas de amor que o menino resolve buscar em outra mulher, encontrando-os em Estrelita, a dançarina. Ao seio associam-se imagens de intimidade, de oferenda, de dádiva e de refúgio; ao leite as imagens de crescimento; o leite é um símbolo lunar, feminino por excelência.

O menino Tete, ao perder o seio da mãe para o seu irmãozinho que acabara de nascer⁷¹, recebeu um impulso novo para a vida. O mundo da água, que

⁷⁰ Ficha técnica:

Diretor: Bigas Lunas; produtor: Andrés Vicente Gómez; roteiro: Cecilia Moliné; fotografia: José Luis Alcaine; atores: Mathilda May, Gerard Darmon, Miguel Poveda, Biel Duran, Abel Folk. *A Teta e a Lua* conta a história de dois homens e um garoto apaixonados pela mesma mulher: Estrelita – Maurice, o marido, Miquel, um adolescente que sente eletricidade cada vez que a toca e Tete, um garoto que está louco por sua teta, pois a teta de sua mãe foi roubada por seu irmão menor.

⁷¹ Cf. JAGSTADT, Veronique. Op. Cit. “o interesse sexual da criança dirige-se, antes de mais nada, para o problema de saber de onde vêm as crianças, isto é, para o problema que constitui o fundo da pergunta feita pela esfinge de tebas, e esse interesse é, na maioria das vezes, despertado pelo medo egoísta que a vinda de outra criança suscita” (Introducción à la psychanalyse, Freud)

operou em sua vida desde o meio intra-uterino ao ambiente exterior⁷² era cúmplice de suas descobertas, pois, no desenrolar de “*A Teta e a Lua*”, esse elemento escorre por entre as cenas do filme.

Com o nascimento do irmão, Tete resolve procurar uma teta só para si; a cena desenrola-se numa fonte. A sacralização das fontes é universal, símbolo da maternidade. Tete e seu amigo conversam sobre tetas: “*as mulheres estão cheias de leite e as guardam na teta*”; “*toda noite meu pai enche minha mãe de leite*”; “*ela diz: dê-me teu leite, encha-me de teu leite*” e o menino diz que isso era culpa do irmãozinho que a esvaziava durante o dia e o pai – que tinha muito leite – tinha que enchê-la à noite.

Para o pai de Tete, a preocupação com o filho era com a demonstração de sua masculinidade – com os seus colhões e os seus dentes:

“o dente é um instrumento de tomada de posse, tendendo à assimilação: é a mó que esmaga para fornecer um alimento ao desejo. Os dentes simbolizam a força da mastigação, a agressividade devida aos apetites dos desejos materiais. Os dentes do dragão representam a agressividade da perversão dominadora: a mastigação devorante. Da sementeira dos dentes do Dragão nascem os homens de ferro, os homens de alma endurecida, os quais, julgando-se predestinados ao poder, não cessam de combater-se uns aos outros a fim de satisfazerem as suas ambições” (DIEL; In: CHEVALIER & GHEERBRANT, 1998: p.330).

Dessa forma a criança de “*A Teta e a Lua*” sentia-se livre para manifestar sua sexualidade, para buscar o seu desejo: a sua teta; para fantasiar, para sonhar o seu sonho. O que importava para sua família era a identidade de gênero.

A sexualidade infantil inclui, além da identidade de gênero, a identidade sexual e a atividade sexual. Esses componentes da sexualidade, muitas vezes, são negligenciados no desenvolvimento infantil. LANGFELDT (apud CONSTANTINE & MARTINSON, 1984) aborda os seguintes aspectos a serem desvendados no desenvolvimento psicosexual da criança:

“1. A identidade de gênero, seus aspectos dimorfos e os períodos críticos.

⁷² Cf. ODENT, Michel. *Água e Sexualidade*. 1991. Elabora um estudo sobre o uso, influência e terapia com a água no nascimento dos bebês. Ao discorrer sobre o seu trabalho em partos dentro da água explica

2. *A interação sexual com os aspectos etológicos e dimórficos das atitudes sexuais de “dar” e “receber” e acariciamento mútuo e os jogos sexuais que também se constituem em um meio de mudança social*
3. *O desenvolvimento do padrão masturbatório e o seu significado para a sexualidade e estruturação social desde a infância até a idade adulta.*
4. *As fantasias eróticas e sua relação com a função sexual inadequada e os sentimentos de culpa.*
5. *O excitação sexual e a sua relação com o ato de acariciar e com o aprendizado sexual; a tensão muscular e o rompimento total das sensações corporais e as disfunções sexuais daí decorrentes.*
6. *A formação de conceitos com a integração da comunicação sexual” (p. 39).*

A capacidade sexual das crianças têm-se desenvolvido furtivamente e, muitas vezes, com muita culpa, ansiedade e vergonha. LANGFELDT (apud CONSTANTINE & MARTINSON, 1984) investigou as atitudes que aparecem nas crianças em relação à masturbação:

1. *Falta de conhecimento sobre o próprio corpo e sobre as funções sexuais.*
2. *Desagrado pelo contato com o próprio corpo e com os genitais.*
3. *Medo de um castigo que receberá como desforra por sentir prazer.*
4. *O medo exagerado de ser descoberto pelos pais durante a masturbação provoca um sentimento de culpa e inibição da atividade masturbatória.*
5. *Falta de parâmetros a respeito das fantasias, posturas e atividades sexuais normais ou não. (p. 61).*

Tais atitudes também apareceram nos depoimentos dos entrevistados(as), principalmente em relação ao medo de serem descobertos e do castigo que advirá. Tanta vigilância objetivava cultivar sentimentos de vergonha e culpa, despertando a ansiedade das crianças:

os extraordinários poderes da água e mostra como os humanos são atraídos por ela.

“Eu me masturbava mas acontecia com um pouco de culpa. A minha educação foi meio reprimida. E eu me rebelava porque eu queria fazer as coisas de menino. A questão na minha infância era questão de gênero. Eu num tinha irmão. Eu sempre quis ter um irmão pra ele sê companheiro, meu parceiro de brincadeira. Eu não gostava das brincadeiras monótonas das meninas, eu gostava de me aventurar fazendo as brincadeiras de menino. E naquela época era bem diferenciado. Era brincadeira de meninas e brincadeira de meninos. Eu gostava das brincadeiras consideradas de menino que é subir em árvores, né? mexer com a terra, brincar de bola, andar de patinete, que era um skate com um guidão, né? E eu gostava dessas coisas, então nas brincadeiras eu era sempre o irmão, nas brincadeiras de casinha das meninas eu era o irmão, eu era o pai que saía pra trabalhar porque eu, num aceitava ficar em casa fazendo comidinha, ali bem quietinha naquele lugarzinho com a bonequinha no colo. Eu queria me aventurar mesmo. E ser o homem, né? Ter o papel masculino na brincadeira era ir pra rua, ir mexer com outros brinquedos, construir brinquedos. Pra mim era interessante me masturbar. Eu notava falta... agora eu sei que eu notava falta... notava falta... falta de um órgão masculino em mim. Eu buscava órgão masculino em mim. Interessante isso. Então foi um processo de tentar me escutar como mulher. E depois me firmar, firmar a personalidade que eu gostava de outro tipo de coisa, de outro tipo de brincadeira, de outro tipo de ação como mulher, diferente daquela padronizada, entende? De dona de casa de namorar, noivar, casar. Foi uma busca diferente. Então uma busca através do meio, de me masturbar. Eu já sentia prazer na água, estando na água porque eu me sentia nua na água, na água eu ficava nua. E a água pra mim era muito gostosa, muito gostoso ficar nua na água. Me lembro que eu me tocava procurando, é, um órgão que os meninos, que eu via dizer que os meninos tinham. Porque eu não tinha visto ainda e que eu num tinha. E que eu descobri, foi assim que eu descobri o clitóris.”



(Y) – 53 anos – Campinas – SP

Quantas dúvidas em nossos entrevistados! A proximidade com a água desperta sensações, descobertas:

“Cê tá tomano banho de chuveiro e cê levanta a cabeça e todo membro, todo membro de nosso corpo, da unha que é por exemplo insignificante pra muitos mas é muito importante no nosso corpo até a ponta do pé, vamo dizê. E você tá tomano

banho, a água cai no seu rosto você relaxa, você chega, pode chegá até a ereção só com água tocano no seu rosto, sabe? A coisa do toque, pra mim, é importante o toque. E a água, quando você tá sozinho, ela faz essa função. Faz a função do toque, de você colocá só o braço embaixo do chuveiro, tá entendendo? Cê coloca só o braço debaixo do chuveiro e deixa ela cai, fica olhando e pensando. Eu adoro o negócio do toque. E é a coisa que acontece num sei porque, porque uma criança num tem um entendimento. Gente porque acontece a ereção numa criança? Acho que você toca, cê toca no pênis da criança, ele endurece às vezes. A água toca, a água faz função também disso. Quando a água, cê pega a água e coloca no órgão genital do menino, ou então em algum outro lugar, e você vai vê que ele sente ereção também. Num sei como mas é coisa de natureza, coisa de Deus, mas é assim”.

♂ (A) – 17 anos – Natal - RN

“As minhas primeiras masturbações foram dentro d’água. Eu lembro que com 9, 10 anos comecei a sentir esse prazer da água com o corpo, o toque – dentro do rio”.

♂ (J) – 38 a – Mataraca – PB

“... até que se toma conhecimento de que você fazia isso... é a masturbação! Uma coisa que se já fazia... já brincava! Ah então isso é masturbação?!?! Isso aí... se começa a praticar sabendo que aquilo é masturbação. Aí já passa a ser com uma idade mais ou menos de 10 anos pra cima. Se já começa ter noção... a água escorrendo pelo braço... também escorrendo pelo pênis... É a imaginação que vem. Você tem um poder sobre a água... você controla a água! Joga ela pra lá e ela acompanha e eu tenho poder, e eu controlo a água, pra ela ir praquela direção, e praquela outra então tenho esse poder das águas, o poder que eu tenho seria o poder da água.”

♂ (L) – 20 a – Uberlândia - MG

“Eu comecei a descobrir alguns pontos que são excitantes no corpo, no banheiro. Eu comecei descobrir que tinha pontos que excitavam, até que eu descobri a masturbação, que também foi uma coisa nova pra mim. De inicio eu me assustei, claro, porque nunca imaginava que isso podia proporcionar um prazer. E depois me assustei mais ainda quando eu ejaculei pela primeira vez.

Isso, no início da puberdade, porque na infância – e eu tenho uma memória bem interessante - dos quatro anos até os 12 anos, eu lavava, eu tomava banho tranquilamente, lavava os órgãos genitais, não me preocupava com isso de jeito nenhum. Só realmente no início da puberdade é que eu comecei. Aí eu achava diferente”.

♂ (F) - 20 a – Natal RN

“No final de semana passado, conversando informalmente sobre a sexualidade, no meio de piadas, meu amigo contou que ele tava iniciando a descoberta da masturbação, e a mãe percebeu o que estava acontecendo. Um dia ela abriu a porta do banheiro e abriu a cortina no momento que ele tava masturbando, e que aquilo pra ele foi horrível. Eu perguntei: - o quê que você fez na hora? Ele disse que não fez nada; que ele tentou esconder com a mão, o pênis e aí a mãe saiu, num tocou no assunto mais e que isso ficou muito marcado pra ele porque no momento justamente, no momento que ele tava tomando banho e ele sentiu isso; ele relatou que ele sentiu como uma falta total de respeito; e... sentiu a mãe como uma pessoa que não pensou no ato que ela fez. Foi uma agressão”.

♀ (G) – 27 anos - Campinas – SP

Às vezes as crianças têm interlocutores para dissipar as suas dúvidas; às vezes o controle se dá, através da culpa e, às vezes, a criança esperneia e realiza seus desejos.

Esse medo de ser descoberto pelo adulto, presente na fala dos entrevistados e a falta de parâmetros a respeito das fantasias, posturas e atividades sexuais não representava problema para o menino de “*A Teta e a Lua*”. Seu desenvolvimento seguia o próprio curso – diferente das outras idades dos homens que se apaixonaram pela mesma mulher: três desejos diferentes. Por isso a lua é elemento fundamental no filme. Ela é o símbolo dos ritmos biológicos, por suas fases sucessivas e regulares:

“astro que cresce, decresce e desaparece, cuja vida depende da lei universal do vir-a-ser, do nascimento e da morte... a lua conhece uma história poética, semelhante à do homem... mas sua morte nunca é definitiva... Este eterno retorno às suas formas iniciais, esta periodicidade sem fim fazem com que a lua

seja por excelência o astro dos ritmos da vida... Ela controla todos os planos cósmicos regidos pela lei do vir-a-ser cíclico: águas, chuva, vegetação, fertilidade..." (ELIADE. In: CHEVALIER & GHEERBRANT, 1998: p.561).

As fantasias e os desejos de três homens – criança, adolescente e adulto – e uma mulher, trazem, portanto, no transcorrer do filme, a diferença. “*A Teta e a Lua*” inicia-se com a dançarina saindo de uma caixa. A dançarina anuncia as diferentes linguagens, os diferentes desejos dos homens do filme. Ao dançar anunciava a libertação no êxtase.

No decorrer do filme, nos labirintos das significações, a água é um elemento presente, nos encontros de Tete com seu avô – amigo e confidente – que aconteciam na praia, com o leva e traz das ondas do mar, presenciando as infundáveis conversas sobre as dúvidas do menino; o colchão de água de Estrelita; nas lágrimas guardadas em um vidrinho; na rã – animalzinho de estimação de Tete – relacionada com água e com as metamorfoses.

O desejo adolescente era o coito: “*não consegue tirar a xoxota dela da cabeça?*” dizia Tete, referindo-se à calcinha que Miquel havia roubado da dançarina. O desejo adulto, que não tinha mais ereção, era viver suas fantasias com a dançarina e o desejo da criança era ter a sua teta: ele queria ver. Seguia-a por toda a parte e fantasiava suas tetas: “*Ela me mostrou sua teta. Nunca pensei que havia teta mais bonita que a da minha mãe. Eu estava apaixonado!*”.

As crianças desejam olhar. L., F. e D. recordam-se de suas idas à praia:

“Era só pra olhar o sexo oposto, no caso, as meninas de biquini, de maiô. Aqui em Salvador muitas pessoas fazem isso, vai pra praia, pra poder namorar. Quando era criança pra poder vê, a pessoa de biquini, de maiô, olhar como era o corpo diferente, porque só via com roupa, e na praia era o único lugar que eu via só com a parte de baixo e de cima curta, e o resto do corpo exposto então na praia, na piscina, que vê isso.”



(L) – 20 anos – Salvador - Ba

“Eu tive a minha primeira excitação na praia. Foi realmente uma relação direta com o mar. Eu via as meninas, assim... tinha as jeitozinhas, bonitinhas, aí eu começava a me excita..., até

que depois disso eu diminui até com uma certa, uma certa vergonha. Um pouquinho depois eu vi que era natural; quer dizer, eu vi que todo mundo - na conversa com os amigos - eu percebia que isso também acontecia com eles, então eu vi que era natural; então era comum. Só tinha uma única coisa, que eu tinha: era só não pensar no assunto... pra não me sentir excitado somente.”

♂ (F) – 20 a – Natal – RN

‘Eu via as mulheres de biquini... aquele negócio que não cabe dentro de casa. Quando você andava na rua, via todo mundo vestido, aí, quando você chegava na praia que via o pessoal de biquini, sei lá... rolava, rolava aquele clima, aquela sensação assim, não sei, poxa! O que é que eu tô sentindo, é isso aí!’

♂ (D) – 18 anos – Salvador - Ba

A criança de “A Teta e a Lua” buscava realizar suas fantasias. Não havia o limite do permitido/proibido – seu pai e sua mãe preocupavam-se com os seus dentes; o que havia era a competição com os seus rivais: o adolescente e o adulto. Isso não impedia o acesso a Estrelita: “*quero sua teta e seu leite. Dê-me um pouco de seu leite por favor*”.

Viver essa experiência, com suas possibilidades de criança, fê-lo enfrentar os outros desafios da vida: escalar a pirâmide. No momento da empreitada aparece Estrelita e dá-lhe de seu leite: “*tinha as tetas mais doces do mundo!*” Aparece a mãe e lhe dá, também, de seu leite: “*era muito mais gostoso que o de Estrelita*”. E, com todas essas almofadas de amor, Tete consegue escalar a pirâmide: agora tinha colhões de touro!

Intensidade

O contato das pessoas com a água pode constituir-se em acontecimento⁷³ e encarnar o lado fulgurante do humor, do riso, do toque, da sensualidade e revelar brilho, fulgor, intensidade. Se o desejo é a força que conecta os corpos ele envolve sexualidade:

“A água escorrendo pelo corpo... você tá vendo também... você tá percebendo também! A água... o corpo... a água tem interação com o corpo. Numa piscina você percebe muito seu corpo. O ambiente muda e você não é mais o mesmo. Seu corpo já não se comporta como era lá, no ar. Então você tem que arrumar outras formas, e você percebe seu pé... você percebe o murchar dos dedos... Você percebe tudo! até teu órgão sexual que muda. Entra na piscina, toma banho. O teu cabelo... o cloro... o cabelo muda todo!

A gente tá viajando pra Salvador. E vai tomar banho de mar... brincar com as ondas... aquele negócio de vai e volta, vai e volta... E tem o sal que fica melando todo o corpo. Então eu já não fico mais feliz, fica melando! Só essa coisa de melar que me magoa mais. O resto adoro muito, legal mesmo”.



(L) – 20 anos – Uberlândia – MG

“A água te dá essa permissão de você tá livre e solto. É muito gostoso você se tocando na água... é muito bom. Você se lavando, molhando sua cabeça...pois isso lhe proporciona liberdade. Você se descobrindo nesse toque... descobrindo sua estética, seu corpo... é muito sexy e estimula muito também.”



(E) – 17 anos – Salvador - Ba

“A água te liga, faz essa ligação com outra pessoa. Então, poxa isso é muito bacana. A água, sei lá cara. A água tem um poder, uma sedução com as pessoas que eu vou te falar, é muito forte. E no processo do descobrimento sempre você vai relacionar à água. Eu acho que assim, muito legal.

⁷³ Cf NAFFAH NETO, Alfredo. *O inconsciente. Um estudo crítico*. São Paulo: Editora Ática, 1988. “irromper da pura diferença no seio da uniformidade. Esse irromper é o que Gilles Deleuze denomina *acontecimento*. É no seu livro *Lógica do Sentido* que vamos buscar algumas idéias possíveis, que nos permitam descrever o que é o *acontecimento*. Podemos dizer, num primeiro momento, que o *acontecimento* é impessoal e pré-individual, que está além do geral e do particular, do coletivo e do privado” p. 42.

Eu acho assim que, por exemplo o contato que eu tenho com a água acho que eu não posso transmitir assim, eu num posso falar com uma maneira comunicável. Eu acho que cada um tem o seu contato com a água né”.

♂ (JA) – 17 a – Belo Horizonte - MG

“Eu passei minha infância no Rio. Num dá pra falar uma região específica porque sempre vivi de aluguel, então sempre troquei de casa com muita facilidade, então morei em várias partes do Rio de Janeiro.

Ah... eu sempre gostei muito de água, sempre gostei muito de tá em contato com a água, sentir a natureza... no meu corpo ou por perto porque é uma coisa que nós precisamos pra sobreviver né. Então é como se fosse ... fizesse parte de nós.

Sempre gostava muito de brincar na água. A gente ia sempre pra praia, tava sempre curtindo aquele mar, aproveitando aquele sol maravilhoso, sempre na praia, curtindo o máximo que a gente pode curtir da praia.

Sempre tive muito amigo. Sempre fui uma pessoa assim bem comunicativa, bem extrovertida. Então sempre tive muito contato com meus primos, com amigos. Ah! o lance de praia... ia todo mundo pra praia junto, tomava banho, tava sempre em contato, em contato um com o outro.

Acho que tudo está ligado a nosso corpo, tudo! Esse contato com a água, você sentir a água no seu corpo também é forma de descobrir um pouco a nossa sexualidade”.

♂ (R) – 16 anos – Rio de Janeiro - RJ

“Eu sempre gostei muito de água. E aí em Recife, como é uma praia, uma cidade costeira, né então o contato com a cidade funciona muito em função da água, ou seja, do rio, do mar. Tem muitos rios entrecortando a cidade e a própria praia também, né próximo . Então quando eu cheguei em Recife, que eu tava com 8 anos, né, então o resto da minha infância com a adolescência foi sempre em contato com uma cidade que se definia pelo contato com a água. E pra mim mesmo, assim eu nunca fui muito esportista, mas um dos esportes, mas nem fazia como esporte, é natação né. Eu gosto muito de nadar, e adoro esse contato com a água né assim, essa coisa, a mesma sensação na água, na piscina ou no mar. é a sensação de não ter os limites, né, então quando eu tô na água, eu perco a sensação da linha, do retinho, assim da coisa do limite do corpo né com o espaço físico. Porque eu tô tocando no solo e tô

tocando na grade e tô sentindo, a grade. Na hora que eu tô na água não, eu perco essa coisa. Então, eu gosto muito disso, dessa sensação e sinto muito bem e aí gosto muito de nadar, gosto muito de piscina, de praia, de mar. Então esse contato com a água é muito legal.

Tenho um prazer muito grande quando eu tô em contato com a água. É quando eu tô relaxando, tranqüilo, sentindo a água... a água quente num dia frio ou a água fria num dia quente. Então tem prazer grande que a água dá. E aí pensando naquela questão mais diversa de sexualidade, não só em relação sexual propriamente dita, que dizer, do prazer, que se dá aí, o prazer pensando com uma expressão da sexualidade”.



(J) – 31 anos – Recife – PE

“Eu adoro o mar. Eu adoro tomar banho. Eu ando nua hoje. Minha mãe falava que eu não vivia com roupa, e até hoje, por exemplo, eu adoro limpá casa sem roupa. Eu adoro limpá casa nua. Então, todas as vezes que eu tô limpando casa, fazendo faxina, lavando banheiro, eu tô sem roupa nenhuma, eu tô com água pelo corpo inteiro. Mas é uma coisa que acho que é da infância. A água é uma coisa muito importante até hoje. Eu adoro fazer amor na água, eu adoro tomar banho, eu adoro fazer faxina. Eu vou mexer com água na parte externa e não dá pra ser sem roupa; eu ponho um biquini.

E o Rio é uma cidade banhada por mar; quer dizer, as pessoas do Rio eu acho que têm uma relação maior com a água. Eu percebo isso que agora eu moro no estado de São Paulo, e eu vejo diferença, né? Os meus filhos, no estado de São Paulo, também eu criei dessa maneira. De andar de pé no chão, tomar banho de esguicho, de chuva. Por exemplo eu adoro tomar banho de chuva... É comum quando começa a chover, os meus filhos, que hoje são grandes, falam assim:- Se mamãe tivesse em casa ela estaria no quintal tomando banho - entendeu? E é verdade. Se eu tô em casa vou pro quintal tomar banho de chuva. Eu acho que essa é uma coisa, acho que é uma diferença, eu acho. Você sentir a água como fonte de prazer e não só pra tua higiene”.



(S) – Rio de Janeiro - 39 anos

“Passei minha infância no bairro Bom Pastor em Natal, no Rio Grande do Norte. Eu fui de família muito conservadora, Evangélica e minha mãe num deixava eu sai na rua. Só jogar bola, às vezes. Brincar com os meninos nunca. Só no período de

dez à treze anos foi que eu brinquei mais na rua. Logo também meu bairro era de periferia e muito perigoso até de carro mesmo. Criança gosta muito de corrê e na rua lá passava muito carro. Minha mãe num deixava eu sair.

No mar a gente sempre passava férias na casa de praia; e eu adorava o mar, vivia no mar. Quando dava seis horas da manhã eu passava a manhã toda lá, nem café eu tumava, brincando. Também piscina eu adoro, fiz natação três anos.”

♂ (A) – 17 anos – Natal – RN

As brincadeiras com esguicho, “mangueirada”, provocam também riso, toque, sensualidade:

“E mangueira... Jogava água, sabe? Jogava água, se lavava bastante. Tomar banho de mangueira era bem comum”.

♂ (S) – 29 anos – São José dos Campos - SP

“A gente podia brincar de tumá banho de mangueira na calçada. Sempre a gente fazia isso. Ah! era engraçado a gente, todo mundo... os priminhos... corria e ia tumá banho de mangueira. Aí saía todo mundo na calçada. Aquele tanto de gente! O pessoal do mesmo quarteirão. Aí ia brincar de mangueira. Ficava me molhando. Jogando assim pra cima e todo mundo embaixo tumano banho na mangueira. Era legal! Menino... menina... Aí tinha hora. Porque tinha vez que minha mãe num deixava muito não. Cê já brincou muito na rua! Agora, na casa da vizinha não. Na casa da vizinha tinha aquele quintalão; aí a gente podia chamar todo mundo lá. Aí ela deixava”.

♀ (C) - 16 anos – Fortaleza – Ce

“A gente brincava sempre de tomá banho de mangueirada na casa da minha vó”.

♂ (W) – 17 a – Lavras – MG

“Eu lembro de ter várias situações de brincar lá na água. Eu me lembro, no quintal, é dos banhos de esguicho. As vezes lembro dos adultos estarem conversando e ligarem o esguicho e ficarem jogando na gente. E corre pro lado e corre pro outro. Então eu me lembro que era uma coisa de ficar horas brincando. Também, tem todo um clima que favorecia. O Rio é uma cidade muito quente”.

♀ (S) – Rio de Janeiro - 39 anos

“Eu brincava com a água, às vezes meu pai regando o quintal de casa, eu pegava a mangueira começava a me molhar, com a mangueira. Esse contato com a água acho que é uma coisa que ficou muito, sei lá, marcado, marcou muito”.

♀ (A) – 16 anos – Uberlândia - MG

“A gente tomava banho de mangueira. Era todo mundo junto... passando sabão e a mangueira jogava a água. Aí, ia se lavando. Eu tinha uns 6 a 9 anos, por aí. Era muito gostoso, muito gostoso, muito bom e até hoje eu tenho uma afinidade muito grande com praia, com água. Porque eu me sinto bem, eu... um espaço que te deixa solto, leve, alegre. Se eu tô chateado, tenho algum problema assim, eu saio de casa e vou à praia. O meu stress eu descarrego tudo no mar e, me acalma, me dá paz, é muito bom, é muito gostoso”.

♂ (E) – 17 a – Salvador – Ba

Também o contato das pessoas com a chuva é um acontecimento:

“Passei em várias localidades. Eu sou do Espírito Santo; passei a maior parte da minha infância lá. Logo após fui pro Rio e fiquei Rio/Espírito Santo. Há três anos eu me mudei prá Paraíba onde estou atualmente casada.

Sempre fui muito solicitada prá tudo. A chefe da bagunça era eu: voley, peteca, futebol, amarelinha, pião, pique, bambolê, pular elástico, pular corda.

Muita... muita proximidade com a água na infância. O meu pai, graças a Deus, sempre pode dar prá mim e minhas irmãs essa oportunidade de estar saindo todos os finais de semana quando não era prá praia, era prá algum ponto turístico. No Espírito Santo mesmo tem o Convento da Penha, onde é muito visitado. A gente sempre participava.

A princípio prá mim foi um choque grande porque no Rio você lava roupa com água abundante. Toma banho quantas vezes você quer e o primeiro ano que eu passei em Serra Redonda ainda existia água na torneira, sendo dia sim, dia não mas você podia fazer o que quisesse com aquela água. Há uns dois anos está na escassez. Há um ano que a gente está sendo abastecido com carro pipa e você está sendo controlado por ficha. Conforme o número de pessoas na sua residência você tem x

quantidade de água. Como no meu caso sou só eu e meu esposo nós temos direito a duas latas d'água: prá tomar banho, prá lavar a roupa, prá lavar a louça, prá passar pano na casa. A coisa tá muito crítica, tá muito séria lá.

A hora que chove é festa. Todas as mulheres põe o biquini e vai para as suas calçadas para tomar banho e aproveitar e lavar o cabelo. Parece uma festa; os homens ficam todos doidos. É uma festa! Os homens só ficam observando. Põe um topezinho, um shortizinho mais curto, pegam o shampoo e vão lavar os cabelos porque dizem que a água de chuva é muito bom para o cabelo e elas aproveitam a chance.

Acho que os homens ficam com pena porque isso só acontece poucas vezes, poucas ocasiões.”



(A) – 27 a – Serra Redonda – Paraíba

“Chuva... quando chovia a gente entrava debaixo da bica. Na casa tem aqueles canos pra cair água da laje. Até hoje, se der vontade, ainda entro pra lembrar o tempo de criança. A gente brincava debaixo da bica e todo mundo na água... Aquela algazarra. Menino... menina... tudo entrava!

A gente esperava a chuva caí pra limpar a rua, depois a gente deitava no chão... todo mundo deitava, ia pra bica e aí... brincadeirinha de criança!”



(D) – 18 a – Salvador – Ba

“A gente fazia lago na poça de água, quando chovia. Eu não tinha proximidade de piscina, de rio. Isso eu não tinha. Mas tinha a chuva... Sempre que chovia a gente ia fazer as nossas represas. A gente fazia abastecimento de água, fazia rio, aproveitava os poços de água pra gente construir alguma coisa”.



(S) – 29 anos – São José dos Campos – SP

No filme “*A Teta e a Lua*”, a chuva⁷⁴ fertilizadora, cai, copiosamente, no momento em que Estrelita encontra o adolescente Miquel, havendo a concretização do desejo de ambos numa relação que é sexual.

⁷⁴ Cf. OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado. *Chuva de Cinema. Natureza e Cultura Urbanas*. Tese de Doutorado. Departamento de Metodologia da Faculdade de Educação da UNICAMP. 1999. “Espero persuadir o leitor de que a chuva pode ser tida como única e singular dentro da cena tal do filme que assistimos, ou poderá ser também, e ao mesmo tempo, A Chuva, fenômeno singular, formado de gotas d'água precipitando-se do alto em direção ao solo, que povoa as imagens e imaginações humanas desde

As descobertas na dinâmica interativa

O filme sueco *Hin Helgu Vé*⁷⁵ – “*The Sacred Mound*” – referindo-se ao túmulo sagrado dos Vikings, existente numa ilha, é cenário de muitas descobertas para o menino Gestur. A tradução do título para o português “Inocente Malícia”, reforça a imagem da infância inocente e reduz ao apelo sexual, a fértil imaginação de um menino de 7 anos, às voltas com os heróis dos jogos de vídeo-games, os ciúmes da mãe e de uma moça de 20 anos, os embates com uma menina da mesma idade que ele e que geram muitas descobertas. No filme “*The sacred Mound*”, três mulheres de diferentes idades possibilitam ao menino Gestur a vivência de diferentes sentimentos e emoções. Na vida cotidiana, nossos entrevistados também relatam as mais diferentes descobertas, na dinâmica interativa:

“Teve uma vez eu estava no clube “Guarani” de Campinas, eu e a minha irmã e chegaram meus primos. Ai aquela mania tal de puxá... meu primo arrancou meu biquini e saiu correndo. E eu não... me devolve... eu era pequena, num tinha seio e tal. Acho que eu tinha uns onze anos, doze anos, né. Mas já sentia vergonha. E sempre foi assim né? Assim essas brincadeiras.

seu florescimento, sabe-se lá quando... [...] o cair da chuva traz em si a união do divino e do humano, da vida e da morte, do horizontal e do vertical; traz, em resumo, a queda (de deus nos homens, da alma na matéria, dos homens na terra) que também é a única possibilidade de fecundação, de destino, de perenidade; o cair da chuva está na memória do homem como total possibilidade, momento de crise e resolução, de devoção e temor animal. É um momento no qual abandonamos muito do que nossa história cultural e muito do que nossa potência técnica nos deram e nos deixamos levar por instintos primitivos de proteção, abrigo, segurança, calor, voltamos à caverna (ou ao útero aquoso) onde éramos indivíduos apenas, preocupados com a sobrevivência de nós mesmos”

⁷⁵ Ficha técnica:

Direção: Hrafn Gunnlaugsson. Atores: Helgi Skúlason. Edda Bjorgvinsdóttir.

Gestur é um menino de 7 anos acostumado com a tecnologia das grandes cidades: vídeo-games e Super-heróis da televisão povoam o seu universo. Certo dia sua mãe decide fazer uma viagem para o exterior e Gestur tem que trocar a cidade por uma bucólica ilha, onde o ritmo de vida é completamente diferente. Lá convive com uma garota de 20 anos de idade chamada Helga, seu pai, o velho faroleiro, seu namorado e uma menina da idade de Gestur. Entra também em contato com a história de um chefe Vicking enterrado na ilha.

Teve uma vez quando eu era mais nova, na piscina do “Guarani” também, eu conheci um menininho. A gente ficou lá na água, na piscina nadando junto. Ele me ensinou a boiá, essas coisas assim. Segurava assim e tal.”

♀ (M) – 16 anos – Campinas – SP

“Eu tô bem a vontade fazeno xixi, eu em pé e aí a minha irmã ia fazer xixi em pé também. Aí eu dizia: cê num pode fazê xixi em pé. Ela disse por quê? Porque cê é mulher. E o que tem? Eu disse num sei, mas só sei que cê num pode. Essas coisas. Eu lembro muito dessa frase que eu disse, marcou bastante. Aí falei isso e ela continuava fazeno, e tal. Aí a gente se encontrava no banheiro. Depois ela se acocava no banheiro, me acocava às vezes também sem saber porque. Acho que pra acompanhar, né. A gente tem 1 ano de diferença”.

♂ (A) – 17 anos – Natal – RN

“Tinha uma menina que a gente brincava de namoro, de casamento, entrava debaixo da cama. A gente não gostava de ficar em cima da cama, sempre debaixo da cama e escondidinho. A gente brincava muito de namorar e eu acho que é porque minha mãe e meu pai faz. Aí eu tinha vontade de fazer também, aí pronto.

A gente brincava muito e depois disso tomava banho. Fazia uma piscina assim: pegava a bacia e a gente brincava muito com isso. A gente só tomava banho junto; não tinha condição de tomar banho separado, só junto, só junto, só junto. Nessa época eu era reprimido. Quem cuidava de mim muito, era minhas irmãs né, então minha mãe trabalhava. Meu pai ia lá, mas foi a época que ele tava se afastando, não tava mais com a gente. Era proibido sair de casa, tinha que brincar dentro de casa, aí a gente começava brincar dentro de casa. Depois, quando dava quatro horas que era hora do banho, a gente aproveitava e unia o útil ao agradável e tomava junto, brincando de piscina. Uma das lembranças mais fortes da infância era isso”.

♂ (R) – 21 a – Salvador - BA

A proximidade com a água facilita descobertas:

“Passei minha infância na cidade de Mataraca – PB e, aos 11 anos de idade já estava morando na cidade de Rio Tinto – PB.

Nossa brincadeira era “Tica”, carrinho de brinquedo, cavalo de pau. Tica era o seguinte: todos corriam e o que tocava ficava na incumbência de tocar o próximo. Tocava no outro e aquele já tava “ticado”. Tinha obrigação de correr atrás do outro. Aquele era o “tica”. E todos corriam, se escondiam pré ele não ticar. Então girava em torno disso.

Essa brincadeira, justamente, “tica”, era com meninos e meninas e dentro da água. Naquilo começava a tocar nas meninas e começou a despertar isso. As meninas a gente “ticava” de outra forma diferente e aquilo a nossa curiosidade começou a querer fazer isso com as meninas, as meninas ficavam sem querer brincar e tal e... foi desse jeito. Às vezes brincava tudo nu, pelado mesmo. Brincava de tica e tinha também a brincadeira da “Galinha Gorda”. A gente jogava uma pedra no rio e todos mergulhavam para pegar a pedra. Era meninas e meninos, tudo! Chamava: galinha gorda, gorda é ela, cadê o sal, tá na panela! E aí jogava-se a pedra e todo mundo corria atrás. Naquilo existia sempre aquela menina que a gente tinha aquele olho maior nela, prá tocar... Ah! Tá aqui... Mas não era a pedra...e tocava na menina.

Essa brincadeira passou de pai para filho; sempre tem isso lá. Ainda tem.

As crianças com pouca roupa, calçãozinho, as meninas só de calcinha. Roupinha de banho mesmo. Os maiores, a gente crescendo mais, já ficava com aquela tendência mais de correr atrás das meninas.

Lá tem um remanso do rio que chama Boca da Barra onde o rio deságua no mar e fica uma área rasa e a molecada fica lá direto brincando”.

♂ (J) – 38 a – Mataraca - PB.

“Passei a minha infância na minha cidade mesmo, em Caiçara – PB. Não nasci lá, nasci em Campina Grande e com um ano de idade, meus pais adotivos – fui criado com pais adotivos – me levaram prá lá –e lá eu vivi até hoje.

A gente brincava de “tica preso”. Era uma brincadeira com os colegas que nem o “toca”. A gente tocava num assim e tá preso. Aí aquele só saía se chegava outra pessoa que tocava novamente.

Brincava de futebol... apesar de que eu não tinha muita liberdade prá brincar com os colegas porque a minha madraستا não deixava. Jogar pião...

Tinha um rio que passa perto da minha cidade, que não é perene, né? Só em época de chuvas que ele enche... de vez

enquanto eu dava uns pulos prá tumá banho escondido dos velhos.

No rio eu brincava com outras crianças da minha idade. Sempre brinquei com meninos. A gente nunca brincava com meninas. Tinha aquela coisa assim: menino brinca com menino, menina brinca com menina. Então era desse jeito.

A gente nadava, jogava uma pedra prá procurá no fundo e quem encontrasse a pedra...chamava: "Galinha Gorda". Era só entre os meninos".

♂ (J C) – 38 a – Caiçara – PB

"Cheguei em Lucena com 3 anos de idade. Morava num município perto Forte Velho - PB.

A minha terra é praia. Então tinha um trapiche lá onde os barcos atracavam prá pegá os passageiros. Tem a travessia fluvial. Aí nós ficávamos lá tumano banho. Bem gostoso!

Meu distrito é Costinha, é uma praia do município. O próprio nome já diz: uma costa pequena. Nós tínhamos o oceano na frente, a desembocadura do Rio Paraíba que encontra com o oceano e atrás, era o manguezal. Então a água era uma coisa abundante.

A gente quando criança brincava lá com as meninas e as meninas iam tumá banho, a gente pulava do trapiche; elas estavam a uma certa distância do local, desse trapiche, 30/40 m. A gente saía por debaixo dágua parecendo um peixe. Aí já subia intencionalmente em direção às perninhas delas e aí tinha intenção. Isso na casa dos 9 prá 10 anos. Aprendi a nadá com 6 anos; quando a gente tava ficando aprimorado no nadar a gente ia prá esse trapiche. As meninas também iam prá lá, no meio da semana, no Domingo, propositalmente a gente saía por debaixo da água e subia nas perninhas delas".

♂ (R) – 32 a – Lucena – PB

"No rio eu me lembro que brincava muito de jogar água um no outro; ficava mesmo sentado, deitado numa pedra, porque o rio era muito raziinho; enquanto a água corria. Aí junto brincava as brincadeiras de esconde e pega - pega no meio desse contato com a natureza"

♀ (G) – 27 a – Campinas – SP

Ora meninos, ora meninas, são ensinantes e aprendentes. No filme *"The Sacred Mound"* o menino era muito estimulado pela televisão, pelos vídeo-games e

heróis. Adorava e assistia freqüentemente as histórias sobre os Vikings; tinha chapéu, espada, colete... Quando precisa viajar para uma ilha, entra em contato com uma lenda local: ali havia um chefe Viking enterrado; se o monte fosse violado, a ilha pegaria fogo. Essa história impressionou o menino que buscava, cada vez mais, elementos para entendê-la. A jovem Helga, e seu pai, o velho que cuidava do farol, conversavam com Gestur sempre que solicitados: sobre a ilha, sobre a história e sobre a nova companheira do menino. O velho sempre advertia: *“ela é uma Valquíria e valquírias são perigosas”*. As valquírias são, freqüentemente, comparadas às amazonas – guerreiras que governam a si próprias:

“mensageiras dos deuses, guias dos combates, conduziam os heróis à morte e, uma vez no Paraíso, serviam-lhes cerveja e hidromel. Elas excitam os combatentes, pelo amor que o seu charme inspira em seus corações, pelo exemplo de sua bravura à frente das batalhas, montadas em corcéis rápidos como as nuvens e como as ondas empurradas pela tempestade. Simbolizam ao mesmo tempo a embriaguez dos arrebatamentos e a ternura das recompensas, a morte e a vida, o heroísmo e o descanso do guerreiro. Talvez menos selvagens e cruéis do que as amazonas, mas igualmente ambíguas. Representam a aventura do amor, concebido como uma luta, com suas alternâncias de êxtase e de queda, de vida e de morte”.
(CHEVALIER & GHEERBRANT, 1998: p. 929, 930).

A menina mostrava a Gestur os segredos da vida: *“Cuidado, nunca se sabe o que essas Valquírias podem aprontar”* dizia o velho faroleiro. A menina leva-o ao galinheiro, solta o galo no meio das galinhas e estabelece-se o seguinte diálogo:

Menina: *“O galo botará ovo em cima da galinha”*

Menino: *“Ele põe o ovo na galinha?”*

Menina: *“Sim, colocando o negócio nela.”*

Menino: *“Mas o ovo sai da galinha.”*

Menina: *“É como no homem; põe o negócio na mulher e nasce um bebê.”*

Já viu a xoxota de uma menina? Eu te mostro se me der o seu emblema. Tem coragem de mostrar o seu pinto? Vi quando fazia xixi, é deste tamaninho.

Segredos, descobertas, embates... não pararam por aí. A menina convidou Gestur para subir no teto do celeiro para espionar os namorados:

Menina: *“Estão praticando para quando casarem”*.

Menino: *“É nojento”*.

Menina: *“O que houve? É só o começo, nem chegou a parte boa!”*

Agora sim, você viu uma xoxota! Viu ou não?

Menino: *“Ela não gostava”*.

Menina: *Puxa! Santo Deus! Não é que ela não gosta. Ela sente cócegas. Depois fica com mais cócegas ainda!”*.

A menina imita Helga sentindo um orgasmo:

“Mais, mais... não pare! Não pare!. É tão bom!, estou morrendo...Não pare... como é bom! É tão bom! Mais.... Mais...”

Toda essa avalanche de informações, entretecidas pelas histórias e emoções desencadeadas na ilha, as saudades e os ciúmes da mãe, que viajava com seu companheiro, suscitavam sonhos e desenhos que povoavam a vida do menino.

O mar, que levava e trazia as pessoas à ilha, trazia também o namorado de Helga: fonte de competição para o menino desde que o viu pela primeira vez na parada do ônibus que o levava em direção ao acesso à ilha e ambos descem para fazer xixi: *“Consegue mijar na pedra lá em cima? Não poderá fazer nada com as meninas se não conseguir”*.

Dias depois descobre que o moço era o namorado e ia casar-se com Helga: a mulher/moça que o colocava na cama para dormir, massageava-lhe os pés, convidava-o para ajudá-la nos afazeres diários e se banhava nua em sua companhia. O menino olha-a (que palavras poderia usar para dizer desse olhar!), ajuda-a a pegar o sabão, enxuga-lhe as costas. Para a jovem Helga a sua nudez era natural. Não havia vergonha, embaraço, mistério. Era um contato amoroso, tanto quanto os outros momentos que os dois viviam.

Gestur representava todas essas cenas através de desenhos. O namorado de Helga era representado por um monstro que deveria ser combatido e abatido.

Os sonhos eram freqüentes e um deles resulta em poluição noturna. Sonha com monstros e ele, um Viking, salva Helga que o abraça e o beija. Assustado vai ao

banheiro trocar-se e o farol⁷⁶, nessa cena, controla tudo: ilumina e escurece as dúvidas, os anseios, os sentimentos conturbados do menino.

O menino do filme “The Sacred Mound” arquiteta violar o túmulo dos Vikings com a cumplicidade da menina/Valquíria. Sua relação com ela, quase da mesma idade, era de competição, de troca de interesses, dos aprendizados nos segredos da vida. Quando resolve violar o túmulo, impelido pelo ciúme, no dia do casamento de Helga, ganha a admiração da menina que, deita-se na cama a seu lado e beija-o na boca: o menino descobre quem é sua parceira para os jogos sexuais.

⁷⁶ Cf FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir. Nascimento da Prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Rio de Janeiro, Petrópolis, Vozes, 1994. 11ª ed. O farol traz a figura arquitetural do Panóptico de Bentham. O poder se exerce tornando-se invisível. O princípio do panóptico é o seguinte: “na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar (...) o dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente” (p. 177).

(In)conclusão

O IMAGINÁRIO DAS ÁGUAS E O ENIGMA DA SEXUALIDADE DA CRIANÇA

*A criança tem seu drama,
tem seu mistério
impenetrável*
Mário de Andrade

Enfim..

Mergulhei no imaginário das águas – nas representações, nas crenças e nos desejos, jorrados em algumas culturas, buscando respostas para o enigma que se constitui o desejo erótico da criança.

Se eu pudesse, como no Mito de Proteu – que também se manifesta sob milhares de formas – decifrar o enigma, teria que pegá-lo numa emboscada e desvendaria o caminho.

Sócrates (apud FONTES, 1991) sonhou que era o príncipe Menelau, descobrindo o segredo de Proteu: *“o número de formas e, portanto, das metamorfoses, é finito e pode ser contado e controlado! Para vencer o monstro, basta surpreendê-lo e segurá-lo com força entre os braços, até o momento em que, terminado o ciclo, ele volte ao aspecto original: preso na armadilha das essências.*

Mergulhando num sono cada vez mais profundo, o filósofo contempla, curioso e expectante, as vertiginosas mudanças daquele ser dos abismos: árvore copada, nuvem, minotauro, serpente, aranha, fogo, pássaro, água corrente entre os dedos, vento, princesa encantada... O mestre ainda estaria aguardando o reaparecimento do Velho do Mar, se não tivesse acordado: *teria esquecido, no calor da luta, os traços do primitivo rosto de Proteu? A série completa das metamorfoses ultrapassaria a duração da vida de um simples mortal? Ou aconteceria, pelo contrário, numa rapidez excessiva para o olhar que não é divino? Existiria realmente um “ponto de partida” para as transformações, e ao qual seria possível voltar? Ou, então”... (p. 288, 289).*

Tantos olhares para tantos caminhos na tentativa de decifrar o enigma do desejo erótico da criança mergulhada também no imaginário das águas; um abrir de olhos para esse imaginário, deparando com o mundo que quer ver: a si mesmo e ao Outro. Quer ver e mostrar-se! O mundo tocado por Narciso¹.

A água foi cúmplice nesse itinerário. Não a água ornamento de paisagens mas a água substância de devaneios, poetizada por Bachelard: *“A imaginação inventa mais que coisas e dramas; inventa vida nova, inventa mente nova; abre olhos que têm novos tipos de visão. Verá se tiver “visões”.* (p. 18).

Abrir os olhos e problematizar o imaginário das águas e a sexualidade da criança não com um olhar cartesiano, frio, imóvel, mas o olhar bachelardiano, da imaginação criadora, que busca aproveitar todas as profundidades, sendo solidária de uma dinâmica do olho:

“Pretende-se sempre que a imaginação seja a faculdade de formar imagens. Ora, ela é antes a faculdade de deformar as imagens fornecidas pela percepção, é sobretudo a faculdade de libertar-nos das imagens primeiras, de mudar as imagens. Se não há mudança de imagens, união inesperada das imagens, não há imaginação, não há ação imaginante. Se uma imagem presente não faz pensar numa imagem ausente, se uma imagem ocasional não determina uma prodigalidade de imagens aberrantes, uma explosão de imagens, não há imaginação. Há percepção, lembrança de uma percepção, memória familiar, hábito das cores e das formas. O vocábulo fundamental que corresponde à imaginação não é imagem, mas imaginário. O valor de uma imagem mede-se pela extensão de sua auréola imaginária. Graças ao imaginário, a imaginação é essencialmente aberta, evasiva. É ela, no psiquismo humano, a

¹ Cf. BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Volume II. Petrópolis, RJ: Vozes. 1988. “Narciso estava inteiramente agregado à água: aliás, ele nasce e morre junto à água, “perdido numa reflexão passional, fitando introvertidamente as profundidades. Seu itinerário leva ao ctônio, à desilusão e à morte”. (p. 185).

Cf. BACHELARD, Gaston. *A Água e os Sonhos. Ensaio sobre a Imaginação da Matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. “Narciso vai, pois, à fonte secreta, no fundo dos bosques. Só ali ele sente que é naturalmente duplo; estende os braços, mergulha as mãos em direção de sua própria imagem, fala à sua própria voz. Eco não é uma ninfa distante. Ela vive na cavidade da fonte. Eco está incessantemente com Narciso. Ela é ele. Tem a voz dele. Tem seu rosto. Ele não a ouve num grande grito. Ouve-a num murmúrio de sua voz sedutora, de sua voz de sedutor. Diante das águas, Narciso tem a revelação de sua identidade e de sua dualidade, a revelação de seus duplos poderes viris e femininos, a revelação, sobretudo, de sua realidade e de sua idealidade” (p. 25).

própria experiência da abertura, a própria experiência da novidade". (BACHELARD, 1990: p.1).

Navegando pelo imaginário das águas, com quantos olhares deparei! Olhar poderoso, olhar esmiuçante, olhar imoral, olhar moralizante, olhar concupiscente... Olhar! Caminho freqüente no despertar da excitação; o olho correspondendo a uma zona erógena: ver já é agir.

Olhar moralizante da sociedade moderna que ainda considera como verdade sexual a heterossexualidade vista no filme *Ma vie en rose*. O farol, insistentemente presente nos filmes *A Ostra e o Vento* e *Inocente Malícia* correspondendo a um olho ansioso como o do adulto em direção às crianças: querendo ver... tentando ver...

Olhar de violação do caçador Actéon ao profanar o Banho de Diana, penetrando-a, ferindo-a, tolhendo a sua liberdade no momento em que a deusa purificava-se nas águas.

O olhar de Deus e dos anjos da tradição judaico-cristã que insistia (insiste?) em que nada se fazia em segredo. Tudo era visível ao olhar divino!

O olhar de domésticos, servidores e criados, nos momentos íntimos dos banhos, sendo desconsiderados como pessoa pelos patrões. A intrusão do olhar masculino violando os banhos femininos, tema freqüente na iconografia ocidental. Os olhares eróticos dos pintores que se dedicavam a representar as atividades da esfera do íntimo.

O olhar moralizante para as estufas, considerando-as como a serviço da desordem e da promiscuidade sexual. O olhar devorador/voyeur de estrangeiros para os banhos públicos, considerando o espetáculo pitoresco e admirando-se da inocência de velhas e jovens nuas sob os olhos dos homens.

A proibição dos olhares para si mesmo, através dos reflexos na água da banheira e a tentativa de voltar os olhares para a água na natureza: um espetáculo das naturezas disciplinadas. A transgressão autorizando os cuidados do indivíduo consigo

mesmo apesar do duplo sentimento: o medo de ver o Outro e o medo de que o segredo da intimidade fosse violado.

Olhares para os banhos frios, onde não havia a tepidez da água ligada à lascívia, ao aprendizado erótico do corpo, gerando prazeres solitários.

O olhar para o banho de mar desnudando corpos. As propagandas também convidando o olhar ao banho alheio. Os corpos vivendo tanto a modelagem dos comportamentos quanto um movimento de liberação.

O olhar da modernidade para a escassez e a economia no mercado das águas. Será a água reduzida a uma substância utilitária que pode destruir a água dos sonhos? BACHELARD (1998) considera que, para uma mente moderna, a diferença entre uma água pura e uma água impura é inteiramente racionalizada². As prescrições de higiene pública, desenvolvendo-se numa atmosfera de racionalidade, não podem substituir os contos³.

O olhar para a água destruidora, mortífera, das enchentes, dos afogamentos, da poluição.

Tais olhares “para” e “do” imaginário das águas refletem-se na educação das crianças e no governo da espontaneidade da sua sensualidade.

O olhar para a sexualidade infantil, a pedagogização do sexo das crianças, dispositivo específico de saber e poder, transformou a criança em objeto privilegiado da vontade de saber constituindo a infância em objeto de intervenção higiênica e

² Cf. BACHELARD, Gaston. *A Água e os Sonhos. Ensaio sobre a Imaginação da Matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. “Os químicos e os higienistas passaram por aí: um letreiro em cima de uma torneira designa uma água potável. E tudo está dito, todos os escrúpulos terminaram. Uma mente racionalista – de magros conhecimentos psicológicos, como tantos fabricados pela cultura clássica –, meditando sobre um texto antigo, transporta então, como uma luz recorrente, seu conhecimento preciso sobre os dados do texto. Sem dúvida ele se dá conta de que os conhecimentos sobre a pureza das águas eram outrora deficientes” (p. 141).

³ Id. “Quem não sente, por exemplo, uma repugnância especial, irracional, inconsciente, direta pelo rio sujo? Pelo rio enxovalhado pelos esgotos e pelas fábricas? Essa grande beleza natural poluída pelos homens provoca rancor. Huysmans jogou com essa repugnância, com esse rancor, para erguer o tom de certos períodos imprecatórios, para tornar demoníacos alguns de seus quadros. Por exemplo, ele mostrou a atitude desesperada do Bièvre moderno, do Bièvre poluído pela Cidade: “Esse rio em andrajos”, “esse estranho rio, esse exutório de todas as escórias, essa sentina cor de ardósia e de chumbo fundido, borbulhando aqui e ali em remoinhos esverdeados, estrelado de catarros turvos, que gorgoleja sobre a comporta e se perde, soluçante, nos buracos de um muro. Em alguns lugares a água parece paralisada e roída de lepra; ela estagna, depois remexe sua fuligem corredia e retorna seu caminho amortecida pelos lodos”. (p. 143, 144).

disciplinar: as intimidades não escapavam (ou não escapam?) ao olhar de Deus e do anjo da guarda; tocar ou ver o sexo oposto sendo contrário à decência.

O adulto ainda exercita a violência de um poderoso olhar diante do desejo erótico da criança – do qual não pode se apropriar – mas tenta normatizar o que ela fala e sobre o que deve silenciar; o que mostrar e o que esconder:

“a infância como um outro não se reduz ao que já fomos capazes de submeter à lógica cada vez mais refinada de nossas práticas e de nossas instituições, mas tampouco pode se confundir com o que ainda não podemos submeter. Aquilo que ainda nos resiste justifica nosso poder e de forma alguma o questiona. Os que já sabem continuam investigando, os políticos continuam fazendo planos e projetos, as grandes lojas continuam atualizando seus catálogos, os produtores de espetáculos continuam fabricando novos produtos, os profissionais continuam melhorando suas práticas e os lugares nos quais acolhemos as crianças continuam aumentando e se adaptando cada vez mais aos seus usuários” (LARROSA, 1999: p.185).

Dessa forma a criança é apropriada sem enigma algum, objeto da vontade de dominação do adulto. O contrário exigiria renúncia da vontade de saber e poder; de toda vontade de domínio: um encontro com o enigma que se constitui a criança e o seu desejo erótico, que não pode ser apropriado nem decifrado. Constitui-se o segredo das crianças – um saber oculto que pode gerar poder sobre o adulto.

E as crianças experimentam a vida driblando o poder do adulto; a proximidade com a água tem favorecido o olhar a si mesmo e ao outro. O olhar de adolescentes e adultos para a sua proximidade com a água na infância trouxe as descobertas das crianças na dinâmica interativa; trouxe, também, suas linhas de fuga. Os jogos sexuais na água constituíram-se em fonte de atividades sexuais.

BACHELARD (1998) aproximou água e libido infantil:

“É na carne, nos órgãos, que nascem as imagens materiais primordiais. Essas primeiras imagens materiais são dinâmicas, ativas; estão ligadas a vontades simples, espantosamente rudimentares. A psicanálise provocou muitas revoltas quando falou da libido infantil. Talvez se compreendesse melhor a ação dessa libido se lhe devolvêssemos sua forma confusa e geral, se

a ligássemos a todas as funções orgânicas. A libido surgiria então como solidária com todos os desejos, todas as necessidades. Seria considerada como uma dinâmica do apetite e encontraria seu apaziguamento em todas as impressões de bem-estar. Uma coisa é certa, em todo caso: o devaneio na criança é um devaneio materialista. A criança é um materialista nato. Seus primeiros sonhos são os sonhos das substâncias orgânicas”. (p.9).

A proximidade com a água propiciou brincadeiras e prazer sensual; a matéria se revelou um convite para experienciar o erotismo causando efeitos erógenos na estimulação da pele, prazer de flutuar, de rodar, de ser transportado de um lado para outro. Prazer de ver e ser visto. Ou... de não querer fazer-se objeto do olhar, da escuta e do pensamento dos outros. Prazer na escolha de interlocutores e interlocutoras, parceiros e parceiras nas brincadeiras, no compartilhar das fantasias!

As crianças são portadoras de uma verdade para a qual devemos nos colocar à disposição para escutar e isso requer nossa iniciativa:

“Trata-se de devolver à infância a sua presença enigmática e de encontrar a medida da nossa responsabilidade pela resposta, ante a exigência que esse enigma leva consigo” (LARROSA, 1999: p.186).

O olhar para os filmes *Minha Vida em Cor de Rosa*, *A Ostra e o Vento*, *A Teta e a Lua* e *Inocente Malícia* – que trazem personagens/crianças desvendando a sua sexualidade – são um convite para outros mergulhos. Se se permitirem molhar, outros significados emergirão. Também o olhar para a bibliografia, a iconografia, os depoimentos inseridos nessa tese...

O ciclo não se fecha! O enigma não é decifrado!

BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução: J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Coleção Pensamento Humano. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- ALMEIDA, Milton José de. *Cinema. Arte da Memória*. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.
- ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. *O Sentimento de Vergonha como um Regulador Moral*. São Paulo, SP, 1998. Tese (Doutorado) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento Humano e da Personalidade. Universidade de São Paulo, USP.
- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Tradução: Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.
- _____. *São Paulo e a Carne*. In: ARIÈS, Philippe & BÉJIN, André. *Sexualidades Ocidentais. Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. Tradução Lygia Araújo Watanabe e Thereza Christina Ferreira Stummer. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. *Por uma História Da Vida Privada*. In: *História da Vida Privada. Vol.III: Da Renascença ao Século das Luzes*. Organização: Roger Chartier; tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ARAÚJO, José Carlos. *Panorama dos Recursos Hídricos no Brasil*. In: Seminário Temático Raimundo nas Águas do Sudeste. Instituto Brasil de Educação Ambiental. Rio de Janeiro. 4 e 5/03/1999.
- BACHELARD, Gaston. *Os Pensadores. Vida e Obra. A Filosofia do Não; O Novo Espírito Científico; A Poética do Espaço*. Seleção de textos: José Américo Motta

Pessanha. Traduções de Joaquim José Moura Ramos et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção: Os Pensadores.

_____. *O Direito de Sonhar*. Tradução: José Américo Motta Pessanha, Jacqueline Raas, Maria Isabel Raposo, Maria Lúcia de Carvalho Monteiro. São Paulo: DIFEL, 1985.

_____. *A Poética do Devaneio*. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *O Ar e os Sonhos. Ensaio sobre a Imaginação do Movimento*. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. *A Terra e os Devaneios da Vontade. Ensaio sobre a Imaginação das Forças*. Tradução: Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *A Dialética da Duração*. 2ª edição. Tradução: Marcelo Coelho. São Paulo: Editora Ática S.A., 1994.

_____. *A Formação do Espírito Científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

_____. *O Novo Espírito Científico*. Tradução: Antonio José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70 Ltda., 1996.

_____. *A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Coleção Tópicos.

_____. *A Psicanálise do Fogo*. 2ª edição. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Coleção Tópicos.

- BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. 3ª edição. Tradução João Bénard da Costa. Lisboa: Edições Antígona, 1988.
- BENTO, Inês de França. *Água, Mito e Mistério: um estudo de filosofia da religião*. Campinas, SP. 1998. Dissertação de Mestrado. IFCH/UNICAMP.
- BOSING, Walter. *Hieronymus Bosch. Entre o Céu e o Inferno*. Tradução Casa das Línguas Ltda. 1991.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. 2ª edição. Volume II. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.
- BRAUNSTEIN, Philippe. *Abordagens da Intimidade nos séculos XIV-XV*. In: *História da Vida Privada. Vol.II: Da Europa Feudal à Renascença*. Organização: George Duby; tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- BROWN, Peter. *Antiguidade Tardia*. In: *História da Vida Privada. Vol. I: Do Império Romano ao Ano Mil*. Organização: Paul Veyne; tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- BRUNEL, Pierre (org.) *Dicionário de Mitos Literários*. 3ª edição. Tradução Carlos Sussekind et al.; prefácio à edição brasileira Nicolau Sevcenko; capa e ilustrações Victor Burton. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- CHARTIER, Roger. *Figuras da Modernidade*. In: *História da Vida Privada. Vol.III: Da Renascença ao Século das Luzes*. Organização: Roger Chartier; tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 12ª ed. Colaboração: André Barbault et al.; coordenação Carlos Sussekind; tradução: Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CONSTANTINE, Larry & MARTINSON, Floyd M. *Sexualidade Infantil Novos Conceitos. Novas Perspectivas*. São Paulo: Roca. 1984.

CORBIN, Alain. *Bastidores*. In: *História da Vida Privada. Vol. IV: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Sob a direção de Michelle Perrot et al.; tradução Denise Bottman, partes 1 e 2; Bernardo Joffily, partes 3 e 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1989.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia. Ser, Saber e Fazer*. 12ª edição. São Paulo: Editora Saraiva, 1996.

DE LA TAILLE, Yves. *A Indisciplina e o Sentimento de Vergonha*. In: AQUINO, J. (org.) *Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.

_____. *Para um Estudo Psicológico da Honra*. In: BANKS-LEITE, L. (org.) *Percursos Piagetianos*. São Paulo: Cortez, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DIAS, Sousa. *Lógica do Acontecimento. Deleuze e a Filosofia*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 1995.

DONZELOT, Jacques. *A Polícia das Famílias*. 2ª ed. Tradução: M.T. da Costa Albuquerque; revisão técnica : J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

DUBY, Georges. *A Solidão nos séculos XI-XIII*. In: *História da Vida Privada. Vol.II: Da Europa Feudal à Renascença*. Organização: George Duby; tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DURAND, Gilbert. *A Imaginação Simbólica*. Tradução Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

_____. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário. Introdução à Arquetipologia Geral*. Tradução: Helder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Ensino Superior).

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos. Ensaio sobre o Simbolismo Mágico-religioso*. Prefácio Georges Dumézil; tradução Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *O Sagrado e o Profano*. Tradução: Rogerio Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador. Vol. 1: Uma História dos Costumes*. 2a. ed. Tradução: Ruy Jungman; revisão e apresentação Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. *Educação Pré-escolar e Cultura: para uma pedagogia da educação infantil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. São Paulo: Cortez, 1999. (Coleção Teses).

FERENCZI, Sandor. *Thalassa. Psicanálise das Origens da Vida Sexual*. Tradução: Wagner Martins Lopes. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular S.A., 1967.

FOUCAULT, Michel. *Truth and power*. In: C. Gordon (Ed.) *Power and knowledge: Select interviews and other writings 1972-1977*. Nova York, Pantheon Books, 1980.

_____. *Vigiar e Punir*. 7a. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*; 7ª edição. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. *História da Sexualidade 2. O Uso dos Prazeres*. 6a. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.

_____. *História da Sexualidade 3. O Cuidado de Si*. 5a. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOLHES, Ricardo Theophilo. (apostilado) *Sistematização de Informações sobre Recursos Hídricos no estado de Minas Gerais*. Integrante do Projeto aprovado pela ABEAS: "Raimundo nas Águas do Sudeste". Coordenação: Instituto Brasil de Educação Ambiental, 1999.

FONTES, Joaquim Brasil. *Eros, Tecelão de Mitos. A Poesia de Safo de Lesbos*. São Paulo: Estação Liberdade, 1991.

_____. *A Musa Adolescente*. São Paulo: Iluminuras, 1998.

FREUD, Sigmund. *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. Tradução: Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.

FRANGIOTTI, Roque. Justino de Roma. *O batismo: iluminação e regeneração*. São Paulo: Paulus, 1995.

FREITAS, Marcos Cezar (org.) *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

- GÉLIS, Jacques. *A Individualização da Criança*. In: *História da Vida Privada. Vol.III: Da Renascença ao Século das Luzes*. Organização: Roger Chartier; tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- GIBIN, Maucyr. *A Nova Liturgia da Semana Santa*. 2ª. edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1971.
- GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade. Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais*. Cia. das Letras, [s.d.].
- GRANZIERA, M.L.M. *Direito das Águas e Meio Ambiente*. Ícone Editora Ltda. 1993.
- GUATARRI, Félix. *As Três Ecologias*. 4a. ed. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; revisão da tradução Suely Rolnik. Campinas, SP: Papyrus, 1993.
- GUATARRI, Félix & ROLNIK, Suely. *Micropolítica. Cartografia do Desejo*. 3a. ed., Rio de Janeiro, Vozes, 1993.
- HIGHWATER, Jamake. *Mito e Sexualidade*. Tradução: João Alves dos Santos. São Paulo: Saraiva, 1992.
- JAGSTAIDT, Vèronique. *A Sexualidade e a Criança*. São Paulo: Manole, 1987.
- JAPIASSÚ, Hilton & MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1996.
- JUNG, Carl Gustav. *Aion. Estudos sobre o Simbolismo do Si-mesmo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

_____. *O Homem e seus Símbolos*. 12ª edição. Tradução: Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. [s.d.]

KATZ, Chaim Samuel. *Crianceria. O que é a Criança*. In: *Cadernos de Subjetividade*. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade - PUC-SP. jun. 1996.

KLOSSOWSKI, Pierre. *O Banho de Diana*. Tradução: Fernando Luís. Lisboa, Portugal: Edições Cotovia, 1989.

KUHLMANN JR., Moysés. *Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1988.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. (org.) *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MAYOR, Federico. *A Água e a Civilização*. In: Revista Correio da UNESCO. Dezembro de 1997.

NAFFAH NETO, Alfredo. *O inconsciente. Um Estudo Crítico*. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1988.

ODENT, Michel. *Água e Sexualidade*. Tradução: Fátima Marques. São Paulo: Siciliano, 1991.

- OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado. *Chuva de Cinema. Natureza e Cultura Urbanas*. Campinas: SP. 1999. Tese de Doutorado. Departamento de Metodologia. Faculdade de Educação, UNICAMP.
- PERROT, Michel. *Figuras e Papéis*. In: *História da Vida Privada. Vol.IV: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Sob a direção de Michelle Perrot et al.; tradução Denise Bottman, partes 1 e 2; Bernardo Joffily, partes 3 e 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- PESSANHA, José Américo Motta. *Bachelard e Monet: o olho e a mão*. In: *O Olhar*. Adauto Novaes et al. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- PROST, Antoine. *Fronteiras e Espaços do Privado*. In: *Vol.V: História da Vida Privada. Da Primeira Guerra à nossos dias*. Organização: Antoine Prost e Gérard Vicent; tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a Utopia da Cidade Disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção: Estudos Brasileiros: v-90)
- RANUM, Orest. *Os Refúgios da Intimidade*. In: *História da Vida Privada. Vol.III: Da Renascença ao Século das Luzes*. Organização: Roger Chartier; tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- RÉGNIER-BOHLER, Danielle. *Exploração de uma Literatura*. In: *História da Vida Privada. Vol.II: Da Europa Feudal à Renascença*. Organização: George Duby; tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- REVEL, Jacques. *Os Usos da Civilidade*. In: *História da Vida Privada. Vol.III: Da Renascença ao Século das Luzes*. Organização: Roger Chartier; tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO, Cláudia. *A Fala da Criança sobre Sexualidade Humana. O Dito, o Explícito e o Oculto*. Campinas, SP: Editora Mercado de Letras, 1996.

ROCHE, Daniel. *História das Coisas Banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX*. Tradução: Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental. Transformações Contemporâneas do Desejo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

RONCIÈRE, Charles de la. *A Vida Privada dos Notáveis Toscanos no Limiar da Renascença*. In: *História da Vida Privada. Vol.II: Da Europa Feudal à Renascença*. Organização: George Duby; tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ROUCHE, Michel. *Alta Idade Média Ocidental*. In: *História da Vida Privada. Vol. I: Do Império Romano ao Ano Mil*. Organização: Paul Veyne; tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ROUSSELLE, Aline. *"Pornéia": Sexualidade e Amor no Mundo Antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Políticas do Corpo. Elementos para uma história das práticas corporais*. Organização: Denise Bernuzzi de Sant'Anna; tradução dos textos em francês: Mariluce Moura. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANTOS, Alexandre Antônio de Mello. (apostilado) *Panorama dos Recursos Hídricos no Sudeste*. In: Seminário Temático Raimundo nas Águas do Sudeste. Coordenação: Instituto Brasil de Educação Ambiental. Rio de Janeiro. 4 e 5/03/1999.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra. O Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental*. Tradução: Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.) *O Sujeito da Educação: Estudos Foucaultianos*. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SINGER, Helena. *República de Crianças: uma investigação sobre experiências escolares de resistência*. São Paulo: Hucitec, 1997.

SIRONI, Cleuza Luiza R. *O Movimento ENA (Encontro Nacional de Adolescentes sob o olhar de um de seus idealizadores)*. Campinas, SP: UNICAMP/Faculdade de Educação/Grupo de Estudo Interdisciplinar em Sexualidade Humana-GEISH; Lavras: Universidade Federal de Lavras/UFLA, 1997.

THÈBERT, Yvon. *Vida Privada e Arquitetura Doméstica na África Romana*. In: *História da Vida Privada. Vol. I: Do Império Romano ao Ano Mil*. Organização: Paul Veyne; tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

VEYNE, Paul. *O Império Romano*. In: *História da Vida Privada. Vol. I: Do Império Romano ao Ano Mil*. Organização: Paul Veyne; tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

VIGARELLO, Georges. *O Limpo e o Sujo: uma história da higiene corporal*. Tradução: Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VINCENT, Gérard. *Uma História do Segredo*. In: *História da Vida Privada. Vol. V: Da Primeira Guerra a nossos dias*. Organização: Antoine Prost e Gérard Vicent; tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.